



# SERVIÇO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO

5º CONGRESSO NACIONAL  
DE SERVIÇO SOCIAL

25/26 OUTUBRO 2018



APSS

ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS  
DE SERVIÇO SOCIAL



Instituto Superior de Serviço Social do Porto  
Cooperativa de Ensino Superior de Serviço Social, C.R.L.

PATROCINADORES



COM O ALTO PATROCÍNIO  
DE SUA EXCELÊNCIA



ISBN 978-972-95805-6-7



9 789729 580567

**TÍTULO**

Ebook APSS 5º Congresso Nacional  
de Serviço Social 2018  
- Comunicações aos Painéis Temáticos:  
25 e 26 de outubro

**ORGANIZADORES**

Regina Ferreira Vieira  
Inácia Sezões  
Marta Borges

**EDIÇÃO**

APSS – Associação dos Profissionais de  
Serviço Social  
Lisboa // outubro, 2020

**DESIGN**

Carneiro Comunicação



# ÍNDICE

PREFÁCIO 06

PROGRAMA GERAL 08

NOTA INTRODUTÓRIA 10

## **PAINEL 01** **SERVIÇO SOCIAL E A PROTEÇÃO DA INFÂNCIA E JUVENTUDE**

**01 Da Esperança à Realidade**  
A intervenção do Serviço Social na promoção dos direitos humanos com a população pediátrica evacuada dos PALOP  
Cristina Lomba, Maria Dulce Pitarma,  
Maria Filomena Freitas e Maria Gabriela Zagalo **16**

**02 Responsabilidade Social nas Universidades**  
A percepção dos estudantes da UTAD sobre o programa designado Fundo de Apoio Social  
Elsa Justino e Sofia Sequeira **21**

**03 Uma Massagem para o Bullying**  
Intervenção do Serviço Social com crianças e jovens em CAT  
Micaela Florêncio, Margarida Faria e Carla Ribeirinho **28**

**04 O Serviço Social com as Famílias de Afeto no Sistema de Acolhimento**  
Sónia Santos, Cristóvão Margarido e Rui Duarte Santos **32**

## **PAINEL 02** **SERVIÇO SOCIAL E IGUALDADE DE GÉNERO**

**01 Igualdade de Género. Paridade na Esfera Sombra e na Esfera Pública.**  
O conhecimento da desigualdade social vivida pela mulher para a intervenção e investigação em Serviço Social  
Aida Ferreira **38**

## **PAINEL 03** **SERVIÇO SOCIAL INTERCULTURALIDADE E MIGRANTES**

**01 A Interculturalidade sob o olhar dos estudantes**  
Hélia Bracons **44**

**02 Redes e Migrações**  
O uso do facebook nos processos de integração socio-comunitária  
Joaquim Fialho e Ana Paula Cordeiro **48**

**03 Fatores facilitadores para o desenvolvimento das relações em rede no terceiro setor**  
Carla Costa, João Proença e Teresa Proença **56**

## **PAINEL 04** **SERVIÇO SOCIAL E CUIDADOS DE SAÚDE**

**01 Reabilitação Psicossocial e Qualidade de Vida**  
Contributos dos Programas desenvolvidos por uma organização comunitária, para a qualidade de vida de pessoas com doença mental  
Carla Santos e Sandra Pedrosa **64**

**02 Espiritualidade em Cuidados Paliativos**  
O olhar do Serviço Social sobre a Família  
Maria Colimão e Cristina Duarte **69**

**03 Treino e Reforço de Competências em doentes renais crónicos em programa regular de hemodialise**  
O Projeto Acredita + e Segue - Resultados Preliminares  
Marta Freitas Olim, Luis Carrasco, Joana Pimenta, Filipa Silva, Susana Torres e Joana Dantas **76**

## **PAINEL 05** **SERVIÇO SOCIAL A QUALIDADE DE VIDA NO ENVELHECIMENTO**

**01 Envelhe(Ser) num Espaço Sénior**  
Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades?  
Margarida Lourenço, Isabel Santos e Carla Ribeirinho **82**

**02 Uma Intervenção Social e Comunitária com Idosos Isolados em Contexto Rural**  
Estudo de Caso - Projeto Coração de Sicó  
Rui Santos e Cristóvão Margarido **87**

## **PAINEL 06** **SERVIÇO SOCIAL: A ARTE E A CULTURA**

**01 Intervenções artísticas como elementos promotores da paz e da inclusão social**  
Flashmob enquanto agente de cidadania ativa  
Helena Maria da Silva Santana e Maria do Rosário da Silva Santana **93**

**02 Estudo de Avaliação do Projeto socio desportivo 'Bola Pr'a Frente E6G' no Bairro Padre Cruz em Lisboa**  
Salomé Marivoet e Vanda Sofia Braz Ramalho **97**

**03 A mentoria de parceiros na implementação de uma comunidade de práticas sociodesportivas de futebol de rua na Quinta do Cabrinha**  
Vanda Sofia Braz Ramalho e Joana Isabel Gouveia da Cruz Dias **103**

**PAINEL 07****SERVIÇO SOCIAL ÉTICA E DIREITOS HUMANOS**

**01 Serviço Social e Deficiência** **111**

Uma abordagem de Direitos Humanos

Ana Luísa Esteves D'Almeida Gomes

**02 Espiritualidade, inteligência emocional e inteligência espiritual** **120**

Olhar a formação e a prática do assistente social

Cristina Duarte

**03 Desafios éticos do serviço social no contexto atual de mudanças sociais e das políticas sociais** **125**

Berta Granja

**PAINEL 08****SERVIÇO SOCIAL COESÃO TERRITORIAL**

**01 Contributo para avaliação do impacto social, económico e ambiental dos Circuitos curtos agroalimentares (CCA) no desenvolvimento sustentável das comunidades da Beira Interior** **132**

O papel do Serviço Social no Projeto STAI.Bin

Regina Ferreira Vieira, Marco Domingues, Alexandre Fonte, Ana Cruz, João Leitão, Carlos Brigas, Deolinda Alberto e Paulo Gomes

**02 Desenvolvimento Local** **137**

A Economia Social e Solidária na promoção da Inovação Societal

Marco Domingues

**03 A intervenção do AS na atribuição de prestações sociais com recurso a plataformas eletrónicas** **141**

Daniel Borges e Elsa Justino

**PAINEL 09****DESAFIO PARA A FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**01 Contributos e desafios das Neurociências para o serviço Social em Portugal** **148**

M<sup>o</sup> João Sacadura e Helena Neves de Almeida

**02 A investigação na formação em Serviço Social** **152**

Estratégias de ensino adotadas

Francisco Branco e Daniela Monteiro

**PAINEL 10****SERVIÇO SOCIAL, EMPREGABILIDADE, CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS ASSISTENTES SOCIAIS**

**01 A Empregabilidade no Serviço Social Português** **158**

Rui Duarte Santos, Maria Inês Amaro e Cristóvão Margarido

**PAINEL 11****SERVIÇO SOCIAL E METODOLOGIAS DE INTERVENÇÃO**

**01 O que é o caso social?** **165**

Inês Guerra

**02 Planear a Intervenção Social em Rede** **170**

Perplexidades no planeamento inter e intra organizacional

Joaquim Fialho e José Saragoça

**03 Redes, Parcerias e Outras Estratégias de (In)Ação Coletiva da intervenção Social** **176**

Joaquim Fialho e José Saragoça

**PAINEL 12****SERVIÇO SOCIAL E METODOLOGIAS DE INTERVENÇÃO EM COMPORTAMENTOS ADITIVOS**

**01 Intervenção do Assistente Social em comunidade terapêutica** **184**

José Duque Vicente e Cristóvão Margarido

**02 Comportamentos Aditivos e Dependências em Contexto Recreativo** **189**

Inquérito ao Público Jovem Presente no "Vila 2016"

– Fest. Juv. Lousada

Jorge Barbosa, Sónia Faro e Isabel Vila Nova

**03 A redemocratização da rede de apoio às pessoas que usam drogas** **204**

A redução de danos no Brasil e em Portugal

num período de austeridade económica

Rita de Cássia Cavalcante Lima, Adriana Pereira da Fonseca, Marta Dias Baptista de Leiria e Borges e Marta R. Matias da Luz

**PAINEL 13****CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DO SERVIÇO SOCIAL**

**01 O SS e as carreiras profissionais na área da justiça juvenil em Portugal** **214**

Maria Rosa Tomé, Alcina Martins e Jorge Ferreira



---

**Maria Joaquina Madeira**  
Presidente da Direção Nacional da APSS

---

*“Os valores de que precisamos  
São os valores do conhecimento  
De como viver com a natureza  
De como cuidar e compartilhar.  
Essas são as necessidades  
que mais precisamos, para o  
futuro”*

(Vandana Shiva, ativista e líder  
do Fórum Internacional sobre Globalização)

**e**ste pequeno texto, de 6 frases apenas condensa um conjunto de ideias essenciais para a (re)construção de um mundo que proporcione paz, liberdade, dignidade e respeito mútuo, enfim um conjunto de valores que podemos denominar de cultura de humanidade.

Ora é neste “caldo” de valores e direitos que o Serviço Social encontra os seus fundamentos e que se constrói o desígnio da profissão de assistente social.

Para confirmar o que referimos basta ler atentamente a publicação em formato de e-books do 5º Congresso da APSS sobre o tema “Serviço Social e o Desenvolvimento Humano”, no que se refere aos 13 painéis temáticos apresentados à discussão, a partir dos trabalhos elaborados e apresentados por um grupo significativo de profissionais.

Sublinho a diversidade dos temas abordado, o que reflete os diferenciados campos onde o Serviço Social atua e onde a sua intervenção é não só distinta e específica, mas cheia de sentido e de importância.

*É possível evidenciar que o conhecimento da realidade e a compreensão dos contextos de atuação constituem parte essencial dos processos de ação configurando o que denominamos de ação-pesquisa, mas não só, pois sabemos que o conhecimento científico e a investigação têm valor em si mesmo pelo seu valioso contributo para a inovação e para a transformação social e cultural.*

*Ressalta ainda destes trabalhos a importância da elaboração de instrumentos de avaliação e acompanhamento dos processos de intervenção, pois constituem as “bússolas” que orientam para os objetivos e para as metas estabelecidas.*

*É ainda relevante o conhecimento da história do Serviço Social e como nos pode ajudar a compreender aspetos essenciais da profissão face a contexto diferentes no tempo e das próprias metodologias de intervenção.*

*Na verdade, e no fundo o Serviço Social e a prática profissional sempre se centraram no “cuidar”, evoluindo, no entanto do eventual sentido mais paternalista ou assistencialista do termo, para uma relação de partilha e de cooperação com o cidadão/utente não esquecendo que “fazer por mim sem mim, é contra mim” e colocando ao serviço os*

*seus saberes técnico-científicos e a sua inteligência emocional.*

*Este 5º Congresso valeu também pela pertinência dos conteúdos e intervenções e para compreender como o trabalho dos assistentes sociais se inscreve e contribui quotidianamente para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)*

*Convidamos-vos assim a ler com atenção o documento, pois certamente darão como bem empregue o vosso tempo, na medida em que estamos certos irão aprender ou visitar os vossos conhecimentos.*

*Ressalta claro que o campo de intervenção do Serviço Social tem vindo a expandir-se e assim irá continuar pelas mudanças profundas da sociedade que vimos a assistir, exigindo dos profissionais saibam afirmar os seus conhecimentos científicos e técnicos e as especificidades dos atos profissionais e o façam de forma individual e coletiva.*

*A OAS aí está como entidade capaz de reforçar, qualificar e guindar a profissão a um novo patamar de legitimidade e de credibilização pública, mas que exige unidade de esforços e de ação quer dos profissionais individualmente, quer da classe como um todo.*

# SERVIÇO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO

5º CONGRESSO NACIONAL  
DE SERVIÇO SOCIAL

25/26 OUTUBRO 2018

## COMISSÃO ORGANIZADORA

Berta Granja  
Inácia Sezões  
José Alberto Reis  
Maria Eugénia Duarte  
Maria Joaquina Madeira  
Sara Melo

## COMISSÃO CIENTÍFICA

Aida Ferreira  
Ana Isabel Fernandes  
Berta Granja  
Carla Ribeirinho  
Cristina Albuquerque  
Elsa Montenegro Marques  
Fernanda Rodrigues  
Francisco Branco  
Graça André  
Helena Neves  
Helena Rocha  
Helena Teles  
Hélia Bracons  
Inácia Moisés  
Isabel Passarinho  
Isabel Sousa  
Joana Guedes  
Jorge Lopes da Costa  
Julia Cardoso  
Maria Irene Carvalho  
Paula Vieira  
Regina Vieira  
Sidalina Almeida  
Sónia Guadalupe  
Sónia Ribeiro

## PROGRAMA GERAL

# 25 DE OUTUBRO

09:00 — 10:00

Receção / Secretariado  
Café e Acolhimento

10:00 — 10:30

Boas vindas

José Alberto Reis  
Presidente do Conselho Diretivo do ISSSP

Teresa Fernandes  
Secretária Geral do SNAS

Maria Joaquina Madeira  
Presidente da Direção da APSS

10:30 — 11:15

## CONFERÊNCIA

### DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E INCLUSIVO

Walter Lorenz  
Docente de Serviço Social da Universidade de Bolzano - Itália

## MODERADORA/COMENTADORA

Cristina Louro  
Ex-Presidente da Direção da APSS

11:15 — 12:30

### O PAPEL DO SERVIÇO SOCIAL NUMA SOCIEDADE DESIGUAL

DESIGUALDADES E JUSTIÇA SOCIAL, QUE  
DESAFIOS PARA O SERVIÇO SOCIAL

Eduardo Paz Ferreira  
Professor Catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa e Presidente do IDEFF



## SERVIÇO SOCIAL E RISCO(S) COMO CONTEXTO DE AÇÃO

Fernanda Rodrigues  
Docente convidada da Universidade Católica Portuguesa e membro da  
Direção da APSS)

### MODERADOR/COMENTADOR

Francisco Branco  
Docente da Universidade Católica Portuguesa e Presidente da  
Assembleia Geral da APSS

**12:30 — 13:00**

*Sessão Oficial de Abertura*

Luísa Salgueiro  
Presidente da Câmara de Matosinhos

Marta Temido  
Ministra da Saúde  
(convite a aguardar confirmação)

**13:00 — 14:30**

*Almoço livre*

**14:30 — 17:30**

*Painéis Temáticos em simultâneo*

**20:00**

*Jantar  
(Sujeito a confirmação)*

# 26 DE OUTUBRO

**09:30 — 12:30**

*Painéis Temáticos em simultâneo*

**12:30 — 14:00**

*Almoço livre*

**14:00 — 14:45**

## CONFERÊNCIA DESENVOLVIMENTO E DIREITOS HUMANOS

José Gomes Canotilho  
Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Coimbra

### MODERADORA/COMENTADORA

Cristina Albuquerque  
Docente e Provedora do Estudante da Universidade de Coimbra

**14:45 — 16:30**

## UMA PROFISSÃO COMPROMETIDA COM OS DIREITOS HUMANOS E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

### OS ASSISTENTES SOCIAIS E A AGENDA 20/30 DA ONU

Marta Mascarenhas  
Doutoranda em Serviço Social

### COMO INTERVIR PARA AS MUDANÇAS NECESSÁRIAS

Agostinho Rodrigues Silvestre  
Assistente Social. Doutorando em Psicologia. Diretor Executivo da  
Agência de Desenvolvimento Integrado do Lordelo do Ouro

### A FORMAÇÃO INICIAL E OS DESAFIOS DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Maria Luísa Salazar  
Aluna 3º ano de Serviço Social do ISCTE, IUL Membro do MESS

### MODERADORA /COMENTADORA

Graça André  
Docente, Representante da FIAS Europa  
junto da Agência Europeia dos Direitos Fundamentais  
— FRA/FRP

**16:30 — 17:00**

*Conclusões e Propostas*

Paula Vieira  
Docente do ISSSP

Regina Vieira  
Coordenadora e Docente da Licenciatura de Serviço Social  
— IPCB e membro da Direção da APSS

**17:00**

*Encerramento*

Rui Moreira  
Presidente da Câmara Municipal do Porto  
(convite a aguardar confirmação)

Prof. Marcelo Rebelo de Sousa  
Presidente da República (convite a aguardar confirmação)



---

**Maria Júlia Cardoso**

*Presidente da Direção Nacional da APSS*

---

*“Palavras não mudam a realidade  
mas ajudam a mudar consciências,  
e essa sim, é que muda  
a realidade”*

Fernanda Rodrigues, 2018

*a*

presente publicação, em formato ebook, é um produto científico do 5º Congresso Nacional de Serviço Social, realizado nos dias 25 e 26 de outubro de 2018, em Matosinhos, sob o tema “Serviço Social e Desenvolvimento Humano”.

Promovido pela APSS, Associação dos Profissionais de Serviço Social, em colaboração com o Instituto Superior de Serviço Social do Porto, CRL, o Congresso respondeu aos desafios das Nações Unidas que, em Assembleia Geral realizada em 25 de setembro de 2015, aprovou a Resolução “Transformar o nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” (A/RES/70/1), integrando a Agenda 17 ambiciosos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas.

O Desenvolvimento Humano constitui-se como componente estrutural do compromisso público do Serviço Social com a Sociedade, enquanto disciplina académica e profissão.

Por isso, nada poderá ser mais relevante para o Serviço Social do que apostar numa visão transversal no combate à pobreza, às desigualdades e a todas as formas de discriminação, visando a promoção da dignidade do ser social e os Direitos Humanos. Na relação com os desafios da Agenda 2030, o 5º congresso de Serviço Social da APSS definiu-se em torno dos seguintes objetivos:

- ▶ Refletir sobre a missão e papel do Serviço Social, face aos objetivos da Agenda 2030;
- ▶ Debater a formação dos Assistentes Sociais, as metodologias e “praxis” profissionais, no contributo para os Objetivos do Milénio, tendo em conta as transformações necessárias numa sociedade desigual e de risco, marcada por profundas incertezas e rápidas mudanças;
- ▶ Vivenciar um tempo de encontro/debate e reflexão sobre o Serviço Social, no contexto nacional e afirmar a unidade necessária para a defesa e regulação da profissão em Portugal;
- ▶ Refletir sobre as formas de participação da classe profissional no espaço público, face ao papel do Serviço Social na sociedade e aos compromissos assumidos com os Objetivos do Milénio.

No decurso dos dois dias de trabalho participaram mais de 150 conferencistas, em torno de um programa que incluiu a realização de duas conferências (conferência internacional e nacional), três mesas redondas, 1 workshop, exposição de posters, e ainda 69 comunicações, organizadas em torno de 21 painéis temáticos, resultantes das cinco áreas estratégicas prioritárias definidas para Portugal pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Portuguesa: Pessoas, Prosperidade, Planeta e Ambiente urbano, Paz e Parcerias. Foi acrescentado um terceiro “P” à equação: os Profissionais, na medida em que os Assistentes Sociais estão implicados na defesa das pessoas e dos seus direitos, no combate às desigualdades, na defesa da justiça social, do planeta e das cidades e comunidades inclusivas, na defesa da paz e na construção de parcerias para enfrentar os problemas por forma a encontrar soluções que dignifiquem a vida humana, cujo processo exige uma abordagem assente na sustentabilidade entre os eixos económicos, sociais e ambientais.

Este Ebook reúne um conjunto de 32 comunicações escritas, decorrentes das comunicações

orais apresentadas nos painéis temáticos. Constituinte parte importante do programa do Congresso, as comunicações resultam de trabalhos de investigação realizados por ou com a participação de assistentes sociais, traduzindo a diversidade e multiplicidade de públicos, de setores da política social, de organizações sociais e de respostas sociais que constituem e definem, na atualidade, o campo profissional dos Assistentes Sociais na sociedade portuguesa. Nestes contextos, o agir dos assistentes sociais orienta-se por uma abordagem reflexiva construída no trabalho direto e/ou indireto focado na Pessoa-Cidadão e desenvolvido com a Pessoa-Cidadão, na relação com os seus contextos (locais e globais) e na relação interdisciplinar com outras áreas profissionais.

O documento organiza-se em torno do conjunto de 13 painéis temáticos do 5º Congresso Nacional, traduzindo o conhecimento do Serviço Social na sua relação com os diversos campos e domínios de intervenção, apresentando-se, sumariamente, a diversidade de comunicações e a forte participação na partilha de conhecimento oriundo quer da prática, quer da investigação:

► **Serviço Social e a proteção da infância e juventude**, reúne quatro comunicações, envolvendo 12 profissionais, que dão conta dos resultados da intervenção social realizada com crianças e jovens e suas famílias em contextos de cuidados pediátricos com crianças oriundas dos PALOP e em acolhimento residencial e, ainda, do trabalho desenvolvido com estudantes do ensino superior no programa Fundo de Apoio Social.

► **Serviço Social e Igualdade de Género**, integra uma comunicação realizada por uma profissional, que explora a questão da paridade e a importância, para a intervenção e investigação em Serviço Social, do conhecimento da desigualdade social vivida pela mulher.

► **Serviço Social Interculturalidade e Migrantes**, conta com um conjunto de três comunicações, envolvendo um total de seis profissionais: primeira apresenta as perceções dos estudantes da licenciatura em Serviço Social sobre a interculturalidade e sua relevância no Serviço Social, seguindo-se a abordagem à utilização da rede social Facebook nos processos de interação sociocomunitária e, por fim, a apresentação do estudo sobre os fatores facilitadores da construção e desenvolvimento de relacionamentos fortes entre instituições públicas e instituições sociais no trabalho efetuado no programa Redes Sociais.

► **Serviço Social e Cuidados de Saúde**, com três comunicações apresentadas por um total de 10 autores, inicia-se a exploração do tema com a questão da reabilitação psicossocial dirigida a pessoas com doença mental, realizada no quadro de programas desenvolvidos numa organização comunitária, seguindo-se a incursão ao tema da Espiritualidade em Cuidados Paliativos, explorando o trabalho realizado pelos assistentes sociais com famílias; o painel finalizou com a apresentação dos resultados preliminares de um projeto social de treino e reforço de competências em doentes renais crónicos, em programa regular de hemodiálise.

► **Serviço Social e Qualidade de vida no Envelhecimento**, apresenta duas comunicações, de cinco profissionais, refletindo a primeira sobre as conclusões de um estudo exploratório para a compreensão da forma como os espaços sénior de uma Junta de Freguesia promovem o desenvolvimento e manutenção da qualidade de vida e bem-estar dos utentes, analisando os novos perfis de necessidades e interesses/expectativas das pessoas idosas; a segunda apresenta um estudo sobre os modos de atuação de um projeto social promovido num Centro Social Paroquial situado numa freguesia rural, numa região de baixa densidade do distrito de

Leiria, visando minimizar os efeitos negativos do isolamento e solidão na velhice, através de atividades intergeracionais.

► **Serviço Social: a arte e a cultura**, integra três comunicações da autoria de seis profissionais: a primeira analisa a utilização do *Flash-mob* como forma de expressão e intervenção artística para fomentar uma educação inclusiva e o combate à violência, inserido num projeto académico de Animação Sociocultural; as restantes apresentam as conclusões do estudo de avaliação de um projeto socio-desportivo e o trabalho de mentoria de parceiros na implementação de práticas sociodesportivas de futebol de rua.

► **Serviço Social Ética e Direitos Humanos**, reúne três comunicações de três autores: a primeira explora a perspetiva do Serviço Social sobre a deficiência, numa abordagem de Direitos Humanos; na segunda comunicação a autora expõe o resultado de um trabalho de investigação doutoral em Serviço Social envolvendo alunos de Serviço Social de universidades do país, aferindo o valor que os mesmos atribuem à espiritualidade, inteligência emocional e inteligência espiritual no Serviço Social, enquanto modelo de desenvolvimento pessoal; a última apresenta uma reflexão sobre os desafios éticos na prática e na formação do Serviço Social, tendo por base quatro dos valores fundamentais que orientam a ação profissional dos Assistentes Sociais, definidos pela IFSW em Julho de 2008 e pela Associação de Profissionais de Serviço Social de Portugal em 2018.

► **Serviço Social e Coesão Territorial**, conta com três comunicações, da autoria de um conjunto de 11 profissionais: uma sobre o papel do Serviço Social no quadro de um projeto de investigação e desenvolvimento tecnológico de cariz interdisciplinar, direcionado à promoção de processos de avaliação do impacto

social, económico e ambiental do sistema de circuitos curtos agroalimentares, no desenvolvimento sustentável do território nacional da Beira Interior, outra sobre os conceitos de Desenvolvimento local e da Economia social e solidária na promoção da inovação societal e, por último, as conclusões de um estudo exploratório realizado no âmbito da ação social no ensino superior aos processos de atribuição de bolsas aos estudantes candidatos, cujo processo é realizado numa plataforma eletrónica de gestão centralizada, explorando as situações onde o Assistente Social pode interferir e qual o impacto dessa intervenção na aplicação da prestação social.

► **Desafio para a formação em Serviço Social**, apresentadas duas comunicações de quatro autores: uma sobre os contributos das neurociências para o Serviço Social em Portugal a partir do que tem vindo a ser produzido neste domínio por assistentes sociais investigadores/as; outra, sobre a importância da investigação e da sua preparação no quadro de formação inicial em Serviço Social, enquanto elemento fundamental da competência e da identidade profissional, discutindo a acessibilidade dos estudantes às etapas de um projeto de investigação e sua importância para a prática profissional.

**Serviço Social, empregabilidade e condições de trabalho dos Assistentes Sociais**, integra uma comunicação da responsabilidade de três autores. São identificados os resultados de uma pesquisa cujo propósito é compreender a inserção profissional dos recém-diplomados em Serviço Social, propondo orientações para potenciar a inserção dos mesmos no mercado de trabalho.

► **Serviço Social e Metodologias de Intervenção**, reúne três comunicações de um conjunto de cinco autores: na primeira, a autora reflete a investigação sobre a construção do «caso

social» na prática profissional dos assistentes sociais na área da saúde, contexto hospitalar, identificando critérios ou parâmetros que lhe estão subjacentes; segue-se uma reflexão sobre o planejamento inter e intra organizacional, no quadro da intervenção social em rede e, por último, são apresentados os resultados obtidos através da metodologia de análise de redes sociais na descodificação das interações sociais, realizada no âmbito de um trabalho de diagnóstico social sobre as dinâmicas de interação social de vinte e cinco Misericórdias de um distrito do sul de Portugal.

► **Serviço Social e metodologias de intervenção em comportamentos aditivos**, com a participação de um conjunto de nove autores, num total de três comunicações: inicia-se com a sistematização do trabalho do assistente social em comunidade terapêutica, ao longo das diferentes fases do projeto socio terapêutico, desde a entrevista de admissão, tratamento e reinserção social e profissional; são apresentados os resultados do estudo sobre comportamentos aditivos e dependências em contexto recreativo de “festivais de verão”, enquanto contexto de intervenção das equipas dos pro-

fissionais de saúde do CRI; por último, o estudo realizado em parceria entre Assistentes Sociais da área da Saúde em Portugal e integrantes da Pós-Graduação em Serviço Social do Brasil, que discute a redução de danos na política de drogas no Brasil e em Portugal.

► **Contributos para a História do Serviço Social**, conta com a apresentação de uma comunicação que explora o contributo da análise histórica para compreender a expressão e configuração das carreiras profissionais da área da justiça juvenil em Portugal.

O teor das comunicações que agora se publicam respeita integralmente os textos enviados pelos respetivos autores, a quem agradecemos a participação no 5º Congresso, tendo sido apenas sido submetidos a um trabalho de formatação gráfica, de forma a uniformizar a apresentação final do Ebook.

Não foi dada orientação aos autores sobre a utilização do acordo ortográfico, pelo que a opção pela utilização ou não do acordo vigente foi da responsabilidade de cada autor/a.

# 01

SERVIÇO SOCIAL E A PROTEÇÃO  
DA INFÂNCIA E JUVENTUDE

---

## Da Esperança à Realidade

---

A intervenção do Serviço Social na promoção dos direitos humanos com a população pediátrica evacuada dos PALOP

---

**CRISTINA LOMBA**

Assistente Social no CHUC, Hospital Pediátrico

**MARIA DULCE PITARMA**

Assistente Social no CHUC, Hospital Pediátrico

**MARIA FILOMENA FREITAS**

Assistente Social no CHUC, Hospital Pediátrico

**MARIA GABRIELA ZAGALO**

Assistente Social no CHUC, Hospital Pediátrico



## RESUMO

---

Este trabalho surge como uma reflexão no decurso da prática profissional do Serviço Social sobre a problemática dos doentes evacuados, ao abrigo dos acordos de cooperação dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, no âmbito da saúde.

Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa, do tipo descritivo/exploratório. A amostra é constituída por 234 doentes, acompanhados pelo Serviço Social de 2009 a 2017.

O Assistente Social avalia a situação sociofamiliar, a existência de respostas sociais, a capacidade da família para fazer face às despesas de saúde e de primeira necessidade, assim como a sua situação legal de permanência em Portugal. Assegura ainda a articulação com as redes formais e informais.

Conclui-se que os Acordos de Cooperação não são totalmente concretizados, originando situações graves de precariedade. É importante dar a conhecer as dificuldades destes doentes evacuados, evidenciando-se a ausência de apoios efetivos das respetivas embaixadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** intervenção social, doentes evacuados, PALOP

## ABSTRACT

---

This article leads to a reflection about the course of the professional practice of the Social Service on the issue that evacuated patients under the cooperation agreements of the African Countries of Portuguese Official Language (PALOP) in the health's field.

This is a quantitative, descriptive/exploratory approach. The sample is built from 234 patients, follow-up by Social Work from 2009 to 2017.

The Social Worker assesses the socio-familiar situation, the existence of social responses, the family's ability to pay for health and basic expenses, as well as their legal status of residence in Portugal. It also

ensures articulation with formal and informal networks.

Therefore, the Cooperation Agreements are not fully implemented, allowing serious situations of precariousness. It is important to expose the difficulties of these evacuated patients, making clear the absence of effective support from the respective embassies.

**KEY WORDS:** social intervention, evacuated patients, PALOP

## INTRODUÇÃO

---

Neste estudo pretende-se evidenciar a intervenção do Serviço Social do Hospital Pediátrico (HP) em Coimbra junto da população deslocada por motivos de saúde, de forma a facilitar a sua integração no hospital e no país. O interesse pelo tema surge, naturalmente, do contacto diário com imigrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) que acompanham os seus filhos em tratamento no HP.

Os Acordos de Cooperação no âmbito da saúde entre Portugal e os PALOP, que foram celebrados entre 1977 e 1992, têm levado a algumas reflexões, procurando identificar as melhores respostas às reais necessidades dos doentes. Segundo Vaz (2012), a avaliação realizada tem vindo a demonstrar que a ajuda prestada, nem sempre é bem direcionada e eficaz, face às reais necessidades da população que beneficia destes acordos.

O excesso de burocracia no processo de triagem e decisão leva a que muitos doentes tenham um longo período de espera para obterem a autorização da evacuação e alguns chegam a Portugal fora dos acordos de saúde. Estas situações ocorrem porque o hiato entre a identificação da necessidade de tratamento e o processo de evacuação é genericamente excessivo (Henriques, 2009).

Os Acordos de Cooperação internacional no domínio da saúde visam assegurar a assistência médica de doentes evacuados dos PALOP que se deslo-

cam a Portugal, com o propósito de lhes serem prestados cuidados de saúde hospitalares e em regime de ambulatório no Serviço Nacional de Saúde (SNS), para os quais o sistema de saúde do país de origem não tem capacidade técnica.

A Direção Geral de Saúde (DGS) publicou o Manual de Acolhimento no acesso ao sistema de saúde de cidadãos estrangeiros onde estão englobados os doentes abrangidos pelos acordos de cooperação no domínio da saúde, celebrados entre Portugal e os PALOP.

## **APRESENTAÇÃO E RESULTADOS DO ESTUDO**

Este trabalho tem como objetivo geral descrever a Intervenção Social com as famílias dos doentes evacuados dos PALOP e identificar as dificuldades com que se depara esta população, a ausência de respostas e refletir sobre as necessárias mudanças nestes processos de evacuação.

Constituem objetivos específicos do estudo descrever as dificuldades e analisar os apoios formais e informais dos acompanhantes, durante a sua estada em Portugal, e promover a discussão e a reflexão sobre as lacunas no cumprimento dos acordos de cooperação por parte dos países de origem e ainda apresentar propostas de eventuais ajustes.

A população alvo é constituída por 234 doentes em idade pediátrica, evacuados ao abrigo dos acordos de saúde celebrados entre Portugal e PALOP, acompanhados pelo Serviço Social no HP.

Os dados provêm da análise dos registos dos processos sociais de 2009 a 2017, obtidos na Entrevista de Acolhimento, assim como na análise da intervenção social.

Assim, o país de proveniência com maior incidência de doentes evacuados para o HP é Cabo-Verde, seguido de S. Tomé e Príncipe e Angola.

No que concerne aos serviços clínicos do HP que receberam estes doentes, 65% da nossa população

alvo foram encaminhados para o Serviço de Cardiologia cujo Projeto de Telemedicina tem dado um contributo importante, 35% para os outros Serviços.

Quanto à faixa etária, distribuída entre os 0 e os 18 anos a maior expressão corresponde a crianças até aos 5 anos, cerca de 67%.

Relativamente à situação escolar dos doentes, constatamos que, no seu país de origem, 65% não frequentam qualquer instituição escolar, mantendo-se no domicílio com os pais e/ou família alargada.

## **A INTERVENÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL**

O Assistente Social apresenta-se como um mediador privilegiado entre a organização/doente/família e a equipa de saúde, valorizando a relação humana e técnica. Também Martinelli (2003) vem situar o Serviço Social no campo dos direitos e da proteção social.

No HP, o Serviço Social privilegia na sua atuação a área da doença crónica, por ser nesta que se verifica uma maior incidência de problemáticas familiares e sociais, bem como um agravamento das já existentes. Neste âmbito, desenvolve a sua intervenção numa dimensão individual e familiar através do atendimento, orientação e seguimento sistemático de todas as situações.

Tendo em conta que uma das funções do Assistente Social, cada vez mais importante, é a gestão do caso, compete-lhe acolher, caracterizar as famílias, identificar as necessidades e problemas sociais, informar sobre os direitos, mobilizar recursos, promover a qualidade de vida, reabilitar e reintegrar a criança/jovem e sua família, assumindo o seu papel como agente de mudança.

Esta intervenção social, tem como base um conjunto de procedimentos inerentes à sua especificidade: a entrevista de acolhimento, definição do diagnóstico social, a elaboração de um plano individual de acompanhamento psicossocial à família e a garantia da continuidade de cuidados.

A população utente do HP, crianças/jovens dos 0 aos 18 anos é caracterizada pela diversidade de culturas e etnias, reflexo da população imigrante que o nosso país acolhe. Entre esta, incluem-se os doentes evacuados ao abrigo dos Acordos de Cooperação com os PALOP, aos quais esta unidade hospitalar dá resposta.

É de referir a importância da articulação entre a equipa terapêutica e o Serviço Social, para que haja uma complementaridade dos cuidados prestados no apoio aos doentes evacuados.

Mas a demora na avaliação e tratamento clínico por vezes contribui para um prolongamento da sua permanência em Portugal. A este facto, acrescem ainda os escassos apoios, as situações de carência económica, o desconhecimento de direitos e deveres, intervindo assim o Serviço Social no sentido de colmatar estas dificuldades.

Uma das preocupações centra-se na integração da criança/jovem e seu acompanhante no serviço, considerando as necessidades específicas de âmbito cultural, étnico e linguístico, respeitando o seu *modus vivendi*. Verificamos que, sendo famílias com escassos recursos, muitas são as dificuldades sociais e económicas com que os doentes e familiares evacuados se deparam quando chegam a Portugal.

Após a alta e/ou durante o seguimento em ambulatório é premente garantir um apoio efetivo na continuidade de cuidados, nomeadamente na aquisição de medicação suportando o seu valor total, transportes para deslocações aos serviços de saúde e assegurar a satisfação das suas necessidades básicas que, segundo o estipulado nos acordos, é da responsabilidade das respetivas embaixadas. No entanto, nem sempre é o que se constata e, pelos escassos recursos que as mesmas disponibilizam, estas famílias ficam sem meios de satisfazerem estas necessidades. Os acompanhantes relatam ainda as fracas condições de habitabilidade, seja em pensões ou outra e alimentação deficitária.

Para colmatar estas falhas, são muitas vezes os familiares residentes em Portugal que se disponibilizam para os apoiarem, e apesar de serem famílias com escassos recursos, são o seu suporte económico, emocional e cultural.

Constatamos ainda, que os próprios acompanhantes, com o desejo de verem os filhos bem, desenvolvem de forma natural estratégias para ultrapassar as suas dificuldades, recorrendo por vezes ao trabalho ilegal de forma a minorar as suas carências o que origina o protelamento do regresso ao país de origem.

Há também crianças/jovens que, no decurso do seu tratamento médico, não têm indicação clínica para regressar ao seu país de origem, situação que pode prolongar a sua permanência em Portugal sem limite de tempo. Nestes casos, a saúde serve de motivo para ativar o estatuto de residente e tem enquadramento legal no D.L. 23/2007, para a obtenção de autorização de residência, desde que comprovado, através de relatório clínico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil do nosso universo, tal como no estudo de Henriques (2012), também se enquadra no perfil geral dos imigrantes oriundos dos PALOP que se encontram em Portugal.

Estas famílias são de um modo geral, um grupo vulnerável no que concerne à saúde, à falta de conhecimentos sobre os seus direitos, às dificuldades económicas, às deficitárias condições habitacionais ou a situações de ilegalidade. Esta vulnerabilidade é agravada pelas barreiras linguísticas, culturais e estilos de vida.

O Serviço Social hospitalar tem em conta todas estas vulnerabilidades que implicam um acompanhamento sistemático destas famílias.

Estas fragilidades são geralmente minimizadas pela solidariedade da família que se encontra em Portugal.

A DGS nos últimos anos tem feito um esforço para definir procedimentos no sentido de pôr em prática os direitos e obrigações estipulados nos acordos de saúde efetuados após 1977. Apesar disso, os PALOP continuam a enviar os doentes sem assegurar alguns apoios a que estão obriga-

dos, descurando desta forma os Direitos Humanos fundamentais.

Apesar das dificuldades e das ruturas culturais ou familiares com que estes indivíduos se deparam, aliadas às escassas condições do país de origem, muitos optam por ficar a residir em Portugal. Esta decisão implica que no país de origem permaneçam os outros filhos e restante família que, à *posteriori* usufruem de reagrupamento familiar permitido pela Lei de Estrangeiros (Lei n.º 23/2007).

Concluimos que o incumprimento dos países de origem quanto às suas obrigações estabelecidas nos Acordos de Cooperação induz a situações de precariedade que muitas das vezes são colmatadas não só pelo apoio de familiares mas também de amigos, movimentos associativos e até mesmo de beneméritos que se disponibilizam para os apoia-rem.

A intervenção do Serviço Social “com estas famílias, implica encontrar alternativas que possam amenizar o impacto de todo o processo de mudança a que estão sujeitas de forma a usufruírem de direitos sociais em prol do seu bem-estar.” (Pitarma, 2014).

É imprescindível adequar estes acordos à realidade atual e às necessidades efetivas desta população utente, melhorando também os circuitos de referenciação ao Serviço Social, permitindo uma intervenção eficaz e em tempo útil.

Parece-nos essencial a monitorização da permanência destes doentes em todo o processo de evacuação, assegurando a equidade das condições de acesso e permanência, bem como assegurar o regresso do doente e acompanhante assim que reúnem condições de alta clínica.

São famílias que trazem consigo a esperança da cura da doença dos seus filhos ou da melhoria do seu estado de saúde, mas que muitas vezes se deparam com uma realidade desafiante e difícil. No entanto, de forma paradigmática, esta realidade volta a sugerir-lhes novas esperanças... de melhor saúde para a criança ou até de melhor qualidade de vida para elas e suas famílias fora do país de origem.

É neste momento que reavivamos a esperança de poder contribuir para uma melhor resposta social a esta população, uma vez que a principal questão se prende com direitos fundamentais para os seres humanos, sendo um deles o direito à saúde e uma vida digna.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

Caetano, S. (ACSS), Correia, C., Silveira, E. (DGS) (2013). *Manual de Acolhimento no Acesso ao Sistema de Saúde de Cidadãos Estrangeiros*. PORTUGAL: Ministério da Saúde.

DGS - Circular Normativa da DGS, n.º 4, 2004: “**Normas gerais de encaminhamento e assistência a doentes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) ao abrigo dos Acordos de Cooperação no domínio da saúde.**”

DGS - Orientação da DGS, n.º 6/2011: “**Clarificação de procedimentos relativos a doentes que recebem assistência médica no Serviço Nacional de Saúde, ao abrigo dos acordos de cooperação no domínio da saúde entre Portugal e os PALOP**”

Gouveia, J. (1993), *Acordos de Cooperação entre Portugal e os Estados Africanos Lusófonos*, Lisboa: Cooperação Portuguesa e Revista de Cooperação.

Henriques, M. Adelina, “**Argumentos para uma viagem sem regresso. A imigração PALOP por via da saúde. Um estudo de caso**”. Lisboa: ISCTE, 2009, tese de Mestrado

Henriques, M. Adelina, «**A imigração PALOP em Portugal. O caso dos doentes evacuados**», Fórum Sociológico [Online], 22 | 2012, posto online no dia 26 Fevereiro 2013, consultado a 02 Abril 2013. URL : <http://sociologico.revues.org/573>

Martinelli, M. (2003). “**Serviço Social na área da saúde: uma relação histórica**”. *Intervenção Social*, 28: 9-18.

Pitarma, D. (2014). “**O Serviço Social na Unidade de Transplantação Hepática Pediátrica e a criação da Associação de Crianças e Jovens Transplantados ou com Doenças Hepáticas – HEPATURIX, pelo Direito à Saúde**”, tese de Mestrado, Coimbra: ISMT. URL:

<http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/410/1/Servi%C3%A7o%20Social%20UTHP%20HEPATURIX-Dulce%20Pitarma.pdf> (Consultado em 12/10/2016)

Vaz, O. R. Florência, (2012) “**Estudo sobre a evacuação de doentes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa para Portugal**”, tese de Mestrado, Lisboa. Disponível em [http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3148/1/DM\\_21815.pdf](http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3148/1/DM_21815.pdf) (Consultado em 06/09/2016)

---

---

# Responsabilidade Social nas Universidades

---

A perceção dos estudantes da UTAD  
sobre o programa designado Fundo de Apoio Social

---

## **ELSA JUSTINO**

Administradora e Professora Auxiliar Convidada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Investigadora Associada do Centro de Administração e Políticas Públicas da Universidade de Lisboa (CAPP/UL). Doutorada em Serviço Social

## **SOFIA SEQUEIRA**

Assistente Social nos Serviços de Ação Social da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Mestre em Serviço Social.

02

## RESUMO

---

Portugal viveu, ou ainda vive, uma crise económica e consequentemente o empobrecimento da população. A adaptação e o reajustamento aos condicionaisismos de redução da despesa do Estado, e a necessidade de continuar a responder às expectativas das populações, colocaram sob forte pressão os sistemas de proteção social, nomeadamente, o sistema de apoio social aos estudantes do ensino superior.

A redução das despesas do Estado implicou a redução dos benefícios sociais disponíveis, bem como, uma severa fiscalização das condições de elegibilidade. Neste contexto, renasceram fenómenos de programas setoriais nas Universidades, com recurso a verbas próprias ou verbas resultantes de doações de empresas e particulares.

Procuraram-se meios alternativos aos apoios sociais estatais, ensaiando-se outros apoios, para suprimir necessidades prementes, e que incentivassem os estudantes que viram os apoios retirados ou reduzidos, a permanecer no ensino superior.

A maioria das Universidades criaram mecanismos de apoio social complementar a que chamaram *Fundo de Apoio Social*, nas lógicas que subjazem ao ideário da responsabilidade social universitária (RSU). O FAS da UTAD, pode ser considerado como uma prática de RSU, tendo em conta que envolve os estudantes numa participação ativa permitindo-lhes inclusão social, de maneira significativa para o sucesso do seu percurso académico.

Para avaliar os resultados deste programa, realizou-se um estudo exploratório de natureza qualitativa, através da análise de 22 entrevistas semi-diretivas, a estudantes beneficiários matriculados na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro com a finalidade de verificar o impacto desta medida. Dos resultados, verificou-se uma aceitação positiva da medida pelos beneficiários estudantes, nomeadamente, pela não desistência do curso frequentado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Políticas sociais, bolsas de estudo, ação social, responsabilidade social.

## ABSTRACT

---

Portugal has lived, or still lives, an economic crisis and consequently the impoverishment of the population. The adaptation and the adjustment to the constraints of reducing State expenditure, and the need to continue to meet the expectations of the population, have placed social protection systems under heavy pressure, particularly the social support system for students in graduate school.

The reduction of the state's expenditure has entailed a reduction in the social benefits available and a severe taxation of eligibility conditions. In this context, there have been phenomenal sectoral programs in universities using own funds or funds resulting from donations from companies and individuals.

Alternative means to state social aid were sought and other support was tested to eliminate pressing needs, and to encourage students who have seen the aid withdrawn or reduced to remain in graduate school.

Most universities have created complementary social support mechanisms that they call the Social Support Fund, in the logic that underlies the idealism of university social responsibility (RSU). The UTAD FAS can be considered as an RSU practice, taking into account the fact that it involves students in active participation by allowing them social inclusion significantly for the success of their academic path.

In order to evaluate the results of this program, a qualitative study was carried out, through the analysis of 22 semi-directives interviews, to students registered at the University of Trás-os-Montes and Alto Douro to verify the impact of this measure. The result was a

positive acceptance of the measure by students, in particular by not giving up the course attended.

**KEY-WORDS:** Social policies, scholarships, social action, social responsibility.



## INTRODUÇÃO

---

Portugal viveu anos agudos de crise económica e financeira com especial incidência entre 2010 e 2014, havendo sinais evidentes de empobrecimento das famílias e de todos os que viviam dos rendimentos do trabalho. Assim, as universidades viram a sua população estudantil em risco, ou porque os estudantes estavam com dificuldade em ingressar, ou porque desistiam por motivos económicos.

No âmbito do Programa de Estabilidade e Crescimento (PEC) 2010-2013, foram aprovadas um conjunto de políticas e medidas para a promoção do crescimento económico, crescimento do emprego e consolidação orçamental, assim como, a redefinição das condições de acesso aos apoios sociais para conter o crescimento da despesa pública. Essas medidas tiveram reflexo negativo na atribuição de bolsas de estudo no ensino superior (ES).

Neste sentido, uma das principais consequências introduzidas pelas medidas do PEC, resultaram em alterações na forma de apuramento de rendimentos e quantificação do número de elementos que constituíam o agregado familiar. Muitos foram os estudantes que deixaram de ter bolsa de estudo por ultrapassarem o limite do rendimento *per capita*. Saliente-se, que só na UTAD, no ano de 2011/2012, a aplicação das novas regras determinaram a perda de bolsa a 363 estudantes. Refira-se que em 2010/2011 os Serviços de Ação Social da UTAD (SASUTAD) tinham 2443 estudantes com bolsas de estudo e em 2011/2012 apenas foram atribuídas 2080 bolsas de estudo.

Assim, para combater a redução do investimento público em ação social, e perante o risco de verem os estudantes economicamente carenciados desistir dos seus estudos, as universidades procuraram meios alternativos aos apoios estatais, ensaiando outros apoios, para suprir dificuldades imediatas, e que incentivassem os estudantes a não abandonar o ES, resolvendo situações de crise emergente.

É neste âmbito que surge o Fundo de Apoio Social (FAS), na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), fundado como uma nova e complementar abordagem à ação social, consubstan-

ciado nas lógicas de responsabilidade social (RS), tentando dar resposta ao estudantes em risco de desistência.

Esta reflexão remete a recolha dos testemunhos dos beneficiários com o objetivo de analisar o papel do programa FAS/UTAD, aferir as motivações, a pertinência e o contributo do programa para a permanência dos estudantes no ES. Para a concretização e sistematização desta reflexão utilizou-se uma metodologia qualitativa, através da realização de entrevistas semi-diretivas de cariz exploratório aos estudantes beneficiários, no sentido de sistematizar e construir um quadro interpretativo (Guerra, 2006).

Após a presente introdução abordam-se as condições para a criação do FAS, a caracterização dos estudantes beneficiários nas entrevistas realizadas. Por fim, apresentam-se as principais conclusões e limitações.

## CONDIÇÕES PARA A CRIAÇÃO DO FUNDO DE APOIO SOCIAL

---

O sistema de apoio social aos estudantes do ES português é constituído por um conjunto de apoios diretos e indiretos. Este sistema tem desempenhado um papel relevante na expansão do sistema de ES e na sua acessibilidade, procurando-se com ele diminuir as dificuldades financeiras dos estudantes provindos dos meios mais carenciados (Cerdeira, 2008). Saliente-se que na maioria dos casos é a atribuição de uma bolsa de estudo aos estudantes que possibilita o direito à educação e igualdade de oportunidades, consagrados na Constituição Portuguesa. Assim, a atribuição de bolsas de estudo para apoio aos estudantes mais carenciados, e que tenham aproveitamento escolar, é uma peça base no sistema de apoio social português (*Op. Cit.*).

No caso dos SASUTAD, têm sido ensaiadas outras respostas complementares para minimizar os problemas económicos dos estudantes, com o ob-

jetivo de evitar a desistência. Ribeiro et al, (2014) referem, num estudo exploratório a propósito do abandono e da desistência dos estudantes na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), que o abandono escolar constitui uma das dimensões mais preocupantes que atinge o sistema educativo nacional. Aponta ainda que os apoios sociais (bolsa de estudo) sejam complementados, com

rendimentos obtidos através da prestação do trabalho, dentro da própria universidade. Acresce que, por um lado, a situação económica e financeira portuguesa tem levado a uma deterioração das condições de subsistência de muitos estudantes.

Atendendo a estas circunstâncias a UTAD regulou uma área experimental de apoio social, no âmbito da sua responsabilidade social (RS), que designou de FAS da UTAD. De salientar que este programa surgiu do pressuposto que nem todas as situações de carência económica se enquadravam no regulamento de atribuição de bolsas, sendo em muitos casos, os requerimentos a bolsa rejeitados<sup>3</sup>, passando essas situações a poderem ser enquadradas no FAS.<sup>1</sup>

Assim, o FAS é constituído por dotações financeiras que advêm das receitas próprias da UTAD, dos SASUTAD bem como de doações de empresas. Os apoios disponibilizados pelo FAS consubstanciam-se em duas modalidades distintas, os Subsídios de Emergência (SE) e as Bolsas de Colaboração (BC). No que concerne aos SE, estes destinam-se a estudantes não bolseiros, no valor da propina. As BC são ofertas de trabalho na UTAD, na biblioteca, refeitórios, bares, serviços de informática entre outros. A candidatura é efetuada por formulário próprio nos SASUTAD, os estudantes são encaminhados para as ocupações disponíveis dos diversos departamentos, sendo realizada uma entrevista para determinar o perfil, a necessidade e a disponibilidade.

O programa desenvolvido através da modalidade de BC pretende, não só, resolver um problema de rendimentos e sustentabilidade dos estudan-

tes, mas também, capacitar o estudante para que este se torne independente, e se auto desenvolva, visando o seu bem-estar, não só económico, mas também integrador (Payne, 2002). Desta forma, é importante capacitar os estudantes economicamente carenciados na procura de repostas, desenvolvendo-lhe as suas potencialidades e promovendo a autonomia na resolução da sua situação económica. Ainda de referir, que subjaz a esta ideia uma postura dos SASUTAD e dos seus assistentes sociais, pautada por valores como o da participação das populações, do *empowerment*, da mobilização, da criatividade e da não standardização de respostas (Amaro, 2008; Menezes, 2003).

Atualmente a universidade adota um novo papel, que faz referência à tomada de decisão, ao contribuir para a sociedade através de projetos baseados na resolução de problemas sociais concretos, como o abandono escolar, situados no tempo presente e em sintonia com a realidade vivenciada. Assim, o FAS é encarado como um processo contínuo, e não apenas como uma estrutura de procedimentos burocráticos, concretizando objetivos e metas propostos para apoiar mais estudantes e evitar assim o abandono escolar.

O FAS permite promover o direito à educação bem como a sua concretização através do apoio na superação de dificuldades económicas. Desta forma, há uma urgente necessidade de repensar a política da ação social no ES e a implementação de medidas. Muitas vezes a falta de contacto com a realidade faz com que sejam implementadas medidas de política social, em lógicas de cima para baixo (top/down), sem qualquer contributo das partes interessadas e não raras vezes sujeitas a condicionalismos económicos.

Em suma, o Serviço Social não é apenas um agente executivo de políticas sociais, mas contribui igualmente no estudo, planeamento e gestão dos serviços sociais, estando esta visão ligada a projetos sociais democráticos com o propósito de transformação social (Iamamoto, 2006), sendo esta a missão dos SASUTAD.

1. por exceder o limite do rendimento *per capita* previsto na legislação.



## CARATERIZAÇÃO DOS ESTUDANTES BENEFICIÁRIOS

---

Os estudantes da UTAD são originários, na maioria, da região norte do país, nomeadamente, dos distritos de Vila Real (31,9%), Porto (22,9%), Braga (16,4%), Bragança (4,9%), Aveiro (4,6%), entre outros distritos e das regiões autónomas da Madeira e Açores. No caso em estudo, Vila Real é a origem mais elevada com 36%, seguido de Braga com 21%, Porto 19%, as regiões autónomas conseguem ter mais estudantes, 6%, que alguns distritos como Viseu com 4% e os outros distritos, Guarda, Bragança, Setúbal, Lisboa, Coimbra, Santarém, que em conjunto atingem 9%. Embora com pouco destaque, é de salientar que com esta medida conseguem-se apoiar estudantes estrangeiros 2%.

Na UTAD os estudantes frequentam licenciaturas (1.º ciclo) 61,80%, os restantes estudantes frequentam mestrados (2.º ciclo) ou mestrado integrado 31,40% , e 6,7% frequenta um doutoramento. Encontram-se ainda na UTAD, em número muito reduzido, os níveis de ensino preparatórios de mestrado integrado e diploma de estudos superiores especializados. No caso dos estudantes colaboradores 51% encontram-se a frequentar ciclos de estudos de mestrados enquanto 49% estão matriculados em licenciaturas. No ano letivo 2015/2016 numa população de 68944 estudantes matriculados na UTAD, 28415 submeteram candidatura a bolsa de estudo e 2253 obtiveram bolsa, foram, ainda, financiado mais de 100 estudantes com BC.<sup>2 3</sup>

Para avaliar a posição dos beneficiários de BC face ao programa do FAS, considerou-se uma amostra aleatória de 100 beneficiários. Procurando criar a diversidade dos entrevistados foi tido em consideração o ciclo de estudos frequentado, situação económica, faixa etária, local de colaboração e o

género. A participação foi voluntária, podendo os beneficiários chamados a entrevista optar por não serem entrevistados.

Assim, foram realizadas 22 entrevistas, sendo que as idades dos entrevistados se situa entre os 20 e os 44 anos, 9 estudantes não eram bolsiros da ação social e os restante eram bolsiros apoiados com uma bolsa da Direção Geral de Ensino Superior (DGES), com variação de valores de bolsa de estudo entre 1019€ e 4532.60€.

## CONCLUSÕES

---

Em conclusão podemos apurar através dos casos em estudo, que cada entrevistado têm vidas muito distintas, no entanto todos eles têm um ponto em comum, é permanecer e estudar na UTAD. As BC do FAS podem ser consideradas como medidas inovadoras no sentido que incentivam a proatividade, as BC são uma compensação por trabalhos realizados pelos estudante ao contrário das bolsas de estudo que são atribuídas a fundo perdido. Corroboramos a posição de Branco e Amaro (2011), que referem o conceito de “serviço social activo” em que uma ação no sentido de alterar as circunstâncias que levaram o beneficiário a recorrer ao sistema de bem-estar, pressupõe uma responsabilidade ativa, pautada por um equilíbrio entre capacidades e oportunidades.

A Responsabilidade Social (RS) tem vindo a tornar-se um conceito cada vez mais relevante, integrado no debate sobre competitividade e sustentabilidade no contexto da globalização, sendo, inclusive utilizada para defender valores comuns e aumentar o sentido de solidariedade e coesão (Vasilescu, Barna, Epure & Baicu, 2010). O paradigma da responsabilidade social universitária (RSU) supera a abordagem de “projeção social e extensão universitária” e aposta num reflexo integral da Universidade como instituição académica que influencia o meio social (Vallaey, 2013), através da divulgação e implementação de quatro processos-chave correspondentes aos respetivos impactos: ensino, investigação, extensão e gestão interna. Ainda, através da prestação de serviços educacionais e

2. Março 2016 dados fornecidos pelos Serviços Académicos.

3. Dados da plataforma da DGES em março 2016 .

transferência de conhecimento seguindo os princípios éticos de boa governança, respeito pelo meio ambiente, envolvimento social e promoção de valores, assumindo desta forma a verdadeira exigência de responsabilidade social universitária (Vallaeys, 2006; 2009).

As alterações legislativas, dos últimos 20 anos alternam entre períodos de maior abertura do sistema e períodos de maior rigidez, em que há necessidade de conter a despesa pública na área social. Os estudantes bolsistas sentiram muito as variações do sistema, com o valor da bolsa alterado ou retirado. Esta atuação e forma de gestão da política pública tem gerado incerteza no momento do ingresso. Neste contexto, tornou-se urgente refletir sobre a responsabilidade das IES e aferir os desafios da universidade frente ao seu compromisso social, no sentido de procurar outras abordagens de apoios inovadores e sustentáveis, tendo como objetivo apoiar e acompanhar os estudantes. Estes desafios impostos à universidade do século XXI, refletem-se como uma forma de compromisso a assumir perante a obrigação social, de integrar na sua missão a responsabilidade pelos estudantes que recruta.

Olhando a missão das Universidades, o conceito de RS introduz uma nova estratégia de olhar as Instituições e as suas responsabilidades, estando os estudantes e suas famílias, no centro da dimensão social, sendo necessário procurar respostas que garantam a equidade e as oportunidades de acesso à frequência bem-sucedida de um curso de ES (Justino, 2013).

A RSU chama, ainda, a atenção para a necessidade de concepção e desenho de programas de apoio a estudantes de baixos recursos, através da ligação à sociedade, colmatando, por ventura, a degradação do investimento do estado nesta área particular de apoio ao estudante (Justino, 2013).

Como forma conclusiva e avaliativa podemos referir que o FAS é um motor de desenvolvimento pessoal e profissional que permitem fortalecer a aprendizagem ao longo da vida, aproveitando as parcerias existentes na própria UTAD. Desenvolve programas de colaboração entre a instituição e os estudantes, aproveitando assim o seu potencial, permitindo o enriquecimento curricular como uma pré-aprendizagem para o mercado de trabalho. As BC enquanto atividade remunerada não têm uma função unicamente de sobrevivência material, pois também permitem colmatar as despesas básicas de frequência de um curso de ES, com um desejo de independência financeira do estudante face à família. Da experiência infere-se que se podem desenhar perfis diferenciados na relação estudo/trabalho, com repercussões que se julgam significativamente positivas, na condição do estudante e na constituição da sua autonomia e valorização como pessoas, conciliando capacidades, possibilidades e disponibilidades. O programa de BC demonstra um impacto significativo na abrangência dos estudantes, uma proatividade estudantil permitindo criar alicerces para o futuro, bem como oportunidade e competitividade num mundo globalizado.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Amaro, I.. (2008). *Os campos paradigmáticos do Serviço Social: proposta para uma categorização das teorias em presença*. Locus Social, 1, 32-47. Amaro, I. (2012). *Urgências e Emergências do Serviço Social*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Branco, F., & Amaro, I. (2011). *As práticas do "Serviço Social activo" no âmbito das novas tendências da política social*. Serviço Social & Sociedade, (108), 656-679.
- Cordeira, M. L. M. (2008). *O Financiamento do Ensino Superior Português – A partilha de Custos*. Tese de Doutoramento não publicada, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Gonçalves, H. J. D. C. F., Marta-Costa, A. A., & Cristóvão, A. (2013). *Empoderamento de comunidades rurais como prática de revitalização de aldeias*. DRd-Desenvolvimento Regional em debate, 3(2), 86-99.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e Formas de Uso*, Estoril: Príncipia.
- Iamamoto, M. V. (2006). *As dimensões ético-políticas e teórico-metodológicas no Serviço Social contemporâneo*. MOTA, AE et al, 161-196.
- Jerónimo, M. J. T. G. (2010). *O papel da Acção Social na igualdade de oportunidades de acesso e frequência de estudantes do Ensino Superior Politécnico Público português*.
- Justino, E. (2013). *Da equidade ao acesso ao ensino superior. A responsabilidade social nas universidades na dimensão dos seus valores sociais*. IN: Pompeu, R. & Marques, C.S. (Eds.) (2013). *Responsabilidade Social das Universidades*. Santa Catarina: Editora Conceito. ISBN: 978-85-7874-322-2.
- Menezes, M. (2003) *Empowerment: possível estratégia da prática profissional em direcção à cidadania activa*. Intervenção Social nº 27, Lisboa; ISSS.
- Payne, M. (2002). *Teoria do Trabalho Social Moderno*. Coimbra: Quarteto.
- Pompeu, R.M. & Marques, C. S. E. (2013). *Responsabilidade Social das Universidades*. Florianópolis: Conceito Editorial.
- Ribeiro, F. B. (coord.), Cravinho, J., Sacramento, O., Escola, J. & Justino, E. (2014), *Abandono Escolar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)*, Estudo exploratório, Vila Real, Publicação eletrónica disponível em [www.utad.pt/vPT/Area2/autad/planos\\_relatorios/Paginas/abandono.aspx](http://www.utad.pt/vPT/Area2/autad/planos_relatorios/Paginas/abandono.aspx).
- Teixeira, A. M., Vaz, A. L., Osório, A., Carvalho, J., & Gonçalves, M. P. (2003). *Acção Social no Ensino Superior*. Coimbra: AGUNP.
- Vallaes, F. (2006). *O que significa responsabilidade social universitária?*. Revista da Associação Brasileira de Mantenedores de Ensino Superior, 24(36), 35-56.
- Vallaes, F., De la Cruz, C., & Sasía, P. M. (2009). *Responsabilidad social universitária: Manual de primeros pasos*. México: Mac Graw Hill
- Vasilescu, R., Barna, C., Epure, M., & Baicu, C. (2010). *Developing university social responsibility: A model for the challenges of the new civil society*. Procedia-Social and Behavioral Sciences, 2(2), 4177-4182.
-

---

## Uma Massagem para o Bullying

---

### Intervenção do Serviço Social com crianças e jovens em CAT

---

**MICAELA FLORÊNCIO**

Licenciada em Serviço Social;  
Casa do Pombal - A Mãe - Associação de Solidariedade Social

**MARGARIDA FARIA**

Licenciada em Serviço Social;  
Casa do Pombal - A Mãe - Associação de Solidariedade Social

**CARLA RIBEIRINHO**

Licenciada, mestre e doutora em Serviço Social;  
Docente ISCSP de Lisboa

03

## RESUMO

---

A presente comunicação parte de uma experiência com gênese dum estágio de Serviço Social num Centro de Acolhimento Temporário “Casa do Pombal - A Mãe - Associação de Solidariedade Social”, concretamente apresentando o projeto “Uma Massagem para o Bullying”.

Este projeto visou trabalhar com as crianças e jovens (entre os 7 e 15 anos) através de massagens e do *jogo do dado das emoções*, o tema do bullying, das emoções e do toque. O *bullying* é um fenómeno social que ocorre em qualquer parte do mundo, em particular com crianças e adolescentes em contexto escolar. Quando é mal resolvido pode deixar sequelas nas crianças e jovens ao nível da sua autoestima, das suas relações afetivas e sociais, não só na infância e adolescência, como também na sua idade adulta. Este projeto teve como principal objetivo a redução da agressividade entre o grupo de crianças/jovens do CAT e o aumento do respeito por si e pelos outros, quer em contexto institucional, quer em contexto escolar, sob a responsabilidade do Serviço Social da instituição. Sublinha-se desta forma a importância de uma intervenção do Serviço Social promotora do bem-estar social das crianças e jovens, numa visão holística, e na construção e fortalecimento dos laços sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Serviço Social; Crianças; Jovens; Centro de Acolhimento Temporário; Bullying.

## ABSTRACT

---

This communication is part of an experience from a Social Services center called “Casa do Pombal - A Mãe - Associação de Solidariedade Social”, specifically presenting the project “Uma Massagem para o Bullying”.

This project aims to work with children (between 7 and 15 years old) through massages and the game of the emotions, the topic of bullying, emotions and touch. *Bullying* is a social phenomenon that happens in any part of the world, particularly with kids and teens in the school context. When it is badly resolved it can leave sequels in the self-esteem of children’s and teenagers, their affective and social rela-

tionships, not just in childhood and adolescence, as well as in their adult age. This project has as its main objective the reduction of aggressiveness between the group of children of RC and the increase of the respect for themselves and for others, want in the institutional context, or in the school context. There underlines in this way the importance of an intervention of the Social Service promoter of the social well-being of the children, in a holistic vision, and in the construction and strengthening of social bonds.

**KEY-WORDS:** Social Service; Children’s; Teenagers; Residential Care; Bullying.

## INTRODUÇÃO

---

Os assistentes sociais trabalham com populações muito específicas, entre as quais as crianças e jovens em perigo que se podem encontrar em situação de risco e perigo. Não obstante, estas dispõem também de diversas potencialidades e qualidades, que devem ser tomadas em conta na intervenção.

O projeto intitulado de “Uma Massagem para o Bullying” desenvolveu-se na Instituição “Casa do Pombal – A Mãe”, em abril de 2018. Teve a participação de 15 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 7 e 15 anos. O objetivo central deste projeto foi a promoção do desenvolvimento de competências pessoais e sociais das crianças e jovens, designadamente através da prevenção do bullying, numa perspetiva de educação para a cidadania. É igualmente realizar uma intervenção mais direta com as crianças e jovens em conjunto com a equipa técnica, visto que, as principais competências da assistente social no CAT são “focadas” na promoção e responsabilidade parental/familiar e reabilitação sociofamiliar.

## O BULLYING, AS EMOÇÕES E O TOQUE

---

“A «identidade» consiste na permanência da consciência do «eu», em diferentes situações, durante o decurso do tempo (...)” (Cerezo, et. al, 1997: 289).

Partindo do tema da identidade, este projeto visou levar as crianças e jovens a perceberem-se como indivíduos, a situarem-se nos diversos ambientes, a aprenderem a diferenciar os seus gostos e opiniões e progressivamente a compreender e respeitar a existência do outro.

É ainda relevante constatar que “a exposição constante da criança ou mesmo do jovem a ambientes de violência provoca a interiorização de modelos de vida deturpados que conduzem a relações perturbadas, capazes de perpetuar o ciclo geracional de violência” (Camacho, 2012: 33). As crianças e jovens vítimas de maus-tratos demonstram frequentemente dificuldades na percepção e aceitação de normas sociais e morais, dificuldades de relacionamento interpessoal, desenvolvendo, por vezes, condutas antissociais. Quando sinalizadas em situação de risco e institucionalizadas, sentem a desvalorização e “rotulagem” de que são alvos. Esta “rotulagem” conduz à criação de imagens sociais negativas por parte das crianças e jovens, e também ao desenvolvimento de preconceitos pela sociedade em geral face a estas crianças, podendo conduzir a situações de discriminação social.

Assim como, a exposição a ambientes de violência familiar pode se tornar num ciclo geracional de violência, a exposição ao *bullying* pode igualmente constituir-se como um ciclo vicioso, onde as vítimas poderão vir a ser, posteriormente agressores.

“A escola é um palco de encontros e especialmente de relações, um espaço onde muitas coisas acontecem, onde todos os que nela se envolvem aprendem, crescem e, durante esse processo, manifestam, claramente, as suas emoções” (Medeiros, 2017: 93). Estas podem estar muito intensificadas nas situações de *bullying* e é importante não ocultar a forma como se interpretam e compreendem os acontecimentos. O *bullying* pode assumir diferentes modos, pois para além de poder ter um carácter físico, é também psicológico, com uma componente de humilhação, o que pode conduzir à exclusão e isolamento. Daí a necessidade de explicar e ajudar as crianças e jovens do Centro de Acolhimento Temporário a identificar os diferentes tipos de *bullying*. Se é verdade que o meio escolar como o meio institucional podem criar, cristalizar

ou agravar conflitos, suscitando comportamentos violentos, eles podem também desempenhar um papel importante na prevenção da violência e da delinquência, pois são lugares de socialização, desenvolvimento pessoal e “evolução”.

Medo, alegria, raiva, inquietação, amor, decepção, todos os seres humanos sentem e observam esses sinais emocionais nos outros. As emoções podem produzir sintomas físicos, psíquicos ou comportamentais que se manifestam através do equilíbrio e harmonia ou do sofrimento e inquietação. O *jogo do dado das emoções* utilizado neste projeto foi uma forma criativa das crianças e jovens exteriorizarem as suas emoções, em vez de as guardarem e “anestesiarem”. Este instrumento teve como objetivo o registo das emoções, possuindo um carácter um pouco mais reflexivo.

Desta forma, cada um lançava o dado e consoante a face que saísse (medo, alegria, raiva, inquietação, amor ou decepção), partilhava com o grupo as suas emoções. Eram apresentados os motivos de se sentirem de determinado modo, identificando expressões faciais e, em consequência, o que as restantes crianças e jovens estavam a sentir. Visou-se a promoção do equilíbrio de sentimentos e emoções, e também o estímulo à capacidade de expressão emocional, de autonomia nas suas decisões e de autodisciplina.

As emoções caracterizam-se por serem “desencadeadas por acontecimentos externos, ou seja, pelos elementos do meio envolvente (...)” (Medeiros, 2017: 23-24).

Segundo Filliozat (2000 cit. in Medeiros, 2017: 24): “O papel das emoções é o de assinalar os acontecimentos que são significativos para o indivíduo e motivar os comportamentos que permitem gerilos.”

Após o *jogo do dado das emoções* foram abordados aspetos para se aprender lidar/controlar as emoções, enfatizando a importância de cultivar as emoções mais positivas como estratégia de superação e controle das emoções negativas. A sugestão destacada neste projeto foi a massagem, visto que, se utilizou a prática do “toque positivo” como forma de relaxamento e prevenção do *bullying*.



Uma das regras principais era “pedir autorização ao colega para lhe fazer a massagem”, uma vez, que o toque, independentemente do seu caráter, pode ser tido como uma fonte de estimulação para diversos sentimentos, como o ódio, o amor ou afeto. Deste modo, poderá tocar-se alguém positiva ou negativamente e dependerá de quem está a tocar, de como se toca e de quem está a ser tocado. Neste caso concreto, por se tratar de crianças e jovens que vivenciaram no seio familiar as mais diversas formas de violência que perturbaram o seu normal crescimento e desenvolvimento, estes aspetos foram tomados em consideração de forma ainda mais significativa.

Por outro lado, procurou também trabalhar-se o respeito pela diversidade cultural, o que, atendendo a uma sociedade cada vez mais global e diversa, é de capital importância para o Serviço Social. Neste sentido, ao longo deste projeto fomentou-se a inserção das crianças e jovens em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade de culturas, favorecendo assim, uma progressiva consciência como membro da sociedade. Sublinhou-se a importância de alcançar um equilíbrio nas relações sociais, de desenvolver atitudes de cooperação, diálogo não violento e aceitação de si próprio e dos outros.

## CONCLUSÃO

Com este projeto pretendeu-se trabalhar com as crianças e jovens a sua capacidade de defender os seus direitos e de respeitar os direitos dos outros, prevenindo situações de bullying. Prevenir a agressividade entre eles, promover o respeito por si e pelos outros, destacar o valor da comunicação não violenta, do diálogo e da tolerância, foram considerados como determinantes para o desenvolvimento pessoal e social de cada uma destas crianças e jovens. A utilização da massagem foi uma sugestão de uma nova ferramenta de autocontrolo/contenção, para que estes praticassem nos dias mais difíceis e igualmente como forma de solida-

riedade para com o próximo quando este estivesse nos seus momentos menos bons, numa perspetiva de tolerância, desenvolvimento pessoal e respeito pelo outro. Tendo em consideração a avaliação realizada com os destinatários deste projeto e com a equipa técnica, e observados os impactos do mesmo, podemos considerar que este tipo de projetos podem ter um efeito positivo no desenvolvimento de competências pessoais e sociais de crianças e jovens que vivem num centro de acolhimento. Por outro lado, uma vez que o Serviço Social tem uma relação implícita com os direitos humanos, este tipo de iniciativas, ainda que de carácter micro e com resultados não passíveis de serem generalizáveis, representam potencialmente um meio de defesa desses direitos e de uma sociedade mais justa e mais humana.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreiros, N. (2015). “*Serviço Social num Agrupamento de Escolas: O Olhar do Profissional de Serviço Social*” in Carvalho, M. (coord.), Serviço Social com Famílias, Lisboa, Pactor, pp. 211-224.
- Barros, N. (2010). “*Bullying – Violência nas Escolas*”. Lisboa: Bertrand Editora.
- Camacho, L. (2012). *O Desenvolvimento Psicossocial de Crianças e Jovens em Risco Institucionalizadas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações. Instituto Superior de Línguas e Administração.
- Cerezo, S. et. al (1997). “*Enciclopédia de Educação Infantil – Recursos para o Desenvolvimento do currículo escolar*”. Nova Presença, Lda. Rio de Mouro.
- Ferreira, J. (2010). “*Sistema de proteção à infância em Portugal – Uma área de intervenção e estudo do Serviço Social*.” Lisboa. ISCTE, pp. 229-239 (pdf).
- Medeiro, J. (2017). *Gestão das emoções na educação. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Escola Superior de Educação João de Deus*. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/18652/1/Joana%20Medeiro%20-%20Gest%C3%A3o%20das%20Emo%C3%A7%C3%B5es%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> a 23 de março de 2018.
- Amnistia Internacional - *Manual Stop ao Bullying*. Disponível em [https://www.amnistia.pt/wp-content/uploads/2017/10/Manual\\_-Stop\\_Bullying\\_AI\\_Portugal.pdf](https://www.amnistia.pt/wp-content/uploads/2017/10/Manual_-Stop_Bullying_AI_Portugal.pdf) a 19 de fevereiro de 2018.
- Intervenção Bullying*. Disponível em <https://sites.google.com/site/intervencaoabullying/dado-dos-sentimentos> a 19 de fevereiro de 2018.
- Programa de Massagens nas Escolas – MISA*. Disponível em <https://sites.google.com/site/massagemnasescolasportugal/misp-programamassagem-nas-escolas> a 19 de fevereiro de 2018.
-

---

## O Serviço Social com as Famílias de Afeto no Sistema de Acolhimento

---

**SÓNIA SANTOS**

CrescerSer - Casa do Canto

**CRISTÓVÃO MARGARIDO**

CICS.NOVA. IPLeiria

**RUI DUARTE SANTOS**

CICS.NOVA. IPLeiria

04



## RESUMO

---

O acolhimento residencial para crianças/jovens em situação de perigo, é uma resposta social prevista na lei para acolher crianças e jovens provenientes de famílias disfuncionais. Para aproximar estas casas de acolhimento à comunidade, têm surgido em Portugal projetos com *famílias de afeto*, que assentam no ato voluntário de famílias em acolherem estas crianças/jovens, durante os fins de semana e férias letivas. Por se tratar de uma resposta alternativa cada vez mais aplicada pelas casas de acolhimento, este estudo pretende compreender os modos de intervenção do serviço social, em diferentes casas de acolhimento, com as *famílias de afeto*.

Este estudo foi realizado em 4 casas de acolhimento. Em cada casa foi entrevistado um assistente social e aplicado um questionário sociodemográfico com o objetivo de contextualizar a realidade de cada uma das casas.

Os resultados sugerem que a intervenção do serviço social com as *famílias de afeto* divide-se em dois grandes paradigmas, perfeitamente opostos, relativamente à criação de vínculos. Que o processo de recrutamento, seleção e preparação/sensibilização está cada vez mais aprimorado, apresentando mecanismos de divulgação eficazes e discretos. A metodologia de acompanhamento e avaliação destas famílias é bastante diversificada e informal, utilizando vários instrumentos e materiais de apoio capazes de assegurar uma intervenção eficiente.

Palavras chave: Serviço Social; Acolhimento Residencial, Crianças e Jovens em Perigo, Famílias de Afeto.

## ABSTRACT

---

The residential shelter for children / young people in distress is a social response provided by law to accommodate children and young people from dysfunctional families. In order to bring these houses closer to the community, projects with families of affection have appeared in Portugal, which are based on the voluntary act of families welcoming

these children / young people, during the weekends and holidays. Because this is an alternative response that is increasingly applied by host families, this study intends to understand the ways of social work intervention in different foster homes with families of affection.

This study was carried out in 4 shelters. In each house a social worker was interviewed and a socio-demographic questionnaire was applied with the purpose of contextualizing the reality of each one of the houses.

The results suggest that the intervention of social work with the families of affection is divided in two opposed paradigms, in relation to the creation of bonds. That the recruitment, selection and preparation / awareness process is increasingly improved, presenting effective and discrete disclosure mechanisms. The methodology for monitoring and evaluation of these families is highly diversified and informal, using various instruments and support materials capable of ensuring efficient intervention.

## INTRODUÇÃO

---

Partindo do pressuposto que a família dever-se-á constituir como instância primária de acolhimento e de socialização, é expectável que a mesma possua as competências essenciais para proteger os seus elementos, promova a sua integração social, a preservação do seu equilíbrio e que assegure a sua continuidade através da preservação da identidade (Gomes, 2010). Podemos, assim, partir do pressuposto que *"O melhor local para uma criança se desenvolver e crescer é o seio familiar"* (Batista, 2013: 3).

No entanto, nem todas as famílias são suficientemente estáveis, de forma a transmitirem a segurança e confiança imprescindíveis ao desenvolvimento adequado das crianças e jovens. Há crianças e jovens maltratadas, que vivem no seio de famílias designadas como multiproblemáticas (Alarcão, 2002; Sousa et.al., 2007, e Sousa, 2005), ou multi-desafiadas, (Melo, 2010). A intervenção, junto das

mesmas resulta, em muitos casos, em acolhimento residencial.

No entanto, Bravo e Del Valle (2001) relembram que as experiências comunitárias das crianças e jovens em regime de acolhimento residencial são limitadas e diminuem as possibilidades de relacionamentos interpessoais, como também não promovem um processo de desenvolvimento “normal”. Gomes (2010), refere mesmo que a residencialização das crianças e jovens não tem como objetivo proporcionar-lhes uma forma de vida alternativa, mas um lugar de passagem, provisório, enquanto se procura uma solução definitiva.

Existem, em várias casas de acolhimento<sup>1</sup> do país, projetos com *famílias de afeto*. Estas famílias representam um recurso de elevada importância para o desenvolvimento das crianças e dos jovens, uma vez que lhes permitem beneficiar de um ambiente estruturado e de uma atenção individualizada fora do contexto residencial (Mendes, 2011). Este é um recurso social que assenta no ato voluntário de famílias que querem acolher de forma informal crianças e jovens residencializadas<sup>2</sup> aos fins de semana e férias letivas. Assim, através deste estudo, pretendemos compreender quais as formas de intervenção, nas casas de acolhimento de crianças/jovens em perigo, relativamente às *famílias de afeto* e qual o papel dos Assistentes Sociais, nesse processo. Desta forma, foi necessário analisar como são recrutadas e selecionadas as *famílias de afeto*, identificar as regras e procedimentos que as casas de acolhimento aplicam relativamente ao trabalho com as *famílias de afeto*, compreender a metodologia de acompanhamento/avaliação durante o período de permanência das crianças/jovens na família de afeto e analisar quais as consequências/transições que estas famílias têm nos projetos de vida das crianças/jovens acompanhadas.

1. Nesta pesquisa optou-se pela nomenclatura “casas de acolhimento” para nos referirmos às instituições que constituem o universo em estudo, uma vez que, com a revisão levada a cabo na LPCJP – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo - pela Lei n.º 142/2015, de 8/9, passou a utilizar-se o termo “acolhimento residencial” para definir a atuação de LJI- Lar de Infância e Juventude e CAT- Centro de Acolhimento Temporário

2. Optámos pelo termo “residencialização” em detrimento de “institucionalização” para sermos coerentes com a Lei n.º 142/2015 de 8 de setembro.

## O ESTUDO

Tendo em consideração os objetivos delineados, considerou-se a pesquisa documental, a entrevista semiestruturada e um questionário de informação sociodemográfica como técnicas adequadas para a recolha de dados.

Ao longo da pesquisa documental fomos constando que a bibliografia existente acerca do tema é escassa, no entanto, a pesquisa documental permitiu enquadrar o tema do ponto de vista teórico e analisar os documentos referentes aos projetos com *famílias de afeto*, das diferentes casas de acolhimento.

Através da entrevista pretendeu-se que cada entrevistado exprimisse as suas percepções, interpretações e experiências, o que permitiu uma recolha de informação útil e adequada, acerca dos modos de intervenção das quatro casas de acolhimento e respetivos profissionais, relativamente às *famílias de afeto*.

O questionário de informação sociodemográfica serviu para recolher informação acerca das casas de acolhimento, contribuindo para contextualizar e caracterizar estas casas. Este universo foi constituído por quatro casas de acolhimento de crianças e jovens em perigo pertencentes à zona norte e centro do país. Estas, foram selecionadas após serem contactados vários Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude, cujas crianças e jovens beneficiam do acompanhamento de uma família de afeto. O critério utilizado para a seleção destas quatro casas de acolhimento foi o facto de todas desenvolverem um projeto interno e estruturado, com *famílias de afeto*.

## CONCLUSÕES

Relativamente aos objetivos desta pesquisa, foi possível perceber que:

A divulgação é realizada de várias formas, ou seja, através das próprias *famílias de afeto*, que transmitem a sua experiência a outras famílias potencial-

mente interessadas; através das crianças/jovens, que contactam com potenciais *famílias de afeto* (por ex. na escola); através dos profissionais (quando participam em reuniões, encontros e seminários, dando visibilidade às ações desenvolvidas; e através de informações nos sites e em folhetos.

Durante o processo de seleção é recolhida toda a informação necessária sobre os candidatos (morada, registo criminal, situação económica/familiar/laboral/habitacional, competências parentais, capacidade de compromisso). Todas as casas de acolhimento dão prioridade às crianças/jovens sem retaguarda familiar e que estejam emocionalmente estáveis e compreendam bem a finalidade deste tipo de acolhimento. De um modo geral todas as casas de acolhimento mostraram preocupação em preparar/sensibilizar os vários intervenientes (*famílias de afeto*, crianças/jovens e famílias biológicas). Relativamente às *famílias de afeto*, numa primeira fase, estas apresentam as suas expectativas e motivações que são trabalhadas e esclarecidas pelos profissionais pois podem existir ideias previamente concebidas sobre este tipo de acolhimento, que não correspondam à realidade. Este trabalho também é realizado com as crianças pois é necessário prepará-las antecipadamente para desconstruírem falsas ideias que possam ter acerca do processo. Quando as crianças têm alguma retaguarda familiar é fundamental envolver os familiares no processo. As famílias biológicas devem ser trabalhadas de forma a que se diminuam desconfianças, ansiedades e conflitos. É imperativo que fique claro, para todos os intervenientes, que não se pretende, com a família de afeto, "substituir" a família biológica. Cabe aos profissionais das casas de acolhimento um papel mediador no sentido de conjugarem as características e os interesses de todas as partes envolvidas de modo a que esta experiência seja valorizada para as crianças/jovens que dela beneficiem. Todas as casas de acolhimento realçam a importância dos contactos serem efetuados de forma gradual, de modo a permitir um conhecimento progressivo do "outro". Os períodos de acolhimento são sobretudo aos fins de semana, férias escolares e festividades (aniversários, etc.). Uma das casas procede de forma diferente no que se refere a estes períodos, não permitindo que estes

sejam muito longos, para que as crianças/jovens acolhidas não se sentam "exclusivas" daquela família. Ainda a este respeito, em três das casas de acolhimento uma família de afeto acolhe sempre a mesma criança/jovem. No entanto, na outra instituição, as famílias não podem acolher sempre as mesmas crianças/jovens, de forma a não se afeiçoarem demasiado, uma vez que o projeto de vida deste não é ficarem integrados naquela família de afeto. Receia-se, assim, uma relação de vinculação a que Mota e Matos (2008: 372) apelidam de "*vinculação insegura*". Os modos de intervenção nas casas de acolhimento de crianças/jovens em perigo relativamente às *famílias de afeto* dividem-se, desta forma, em dois paradigmas de atuação distintos. Há três casas de acolhimento que apresentaram uma forma de intervenção muito semelhante. Estas atribuem grande relevância à ligação afetiva e à criação de vínculos entre as crianças/jovens e as *famílias de afeto*, assumindo que estes contactos devem criar laços para a vida, e por isso, preparam-nas, apostando numa relação próxima e de continuidade. A outra casa de acolhimento estudada assenta a sua intervenção num paradigma de intervenção diferente, visto que é referido que estas crianças/jovens e as *famílias de afeto* não devem desenvolver uma relação de proximidade. Esta postura de evitamento poderá ser explicada pelo facto de nesta casa estarem acolhidas crianças mais jovens, com idades dos 0 aos 12.

Relativamente ao acompanhamento/avaliação durante a permanência das crianças/jovens na família constatou-se que todas as casas monitorizam o acolhimento através de contactos telefónicos, reuniões/atendimentos regulares e visitas domiciliárias. Há também sempre apoio técnico disponibilizado pelas instituições, ao qual as famílias podem recorrer em caso de necessidade.

A existência das *famílias de afeto* nas casas de acolhimento constitui-se como um recurso fundamental no projeto de vida das crianças/jovens acompanhadas. Todas as casas de acolhimento são unânimes ao reconhecerem a importância destas famílias na sua intervenção com as crianças/jovens, na medida em que permitem uma retaguarda emocional estável e a vivência de experiências em ambientes familiares estruturados.

O papel dos profissionais, nomeadamente dos Assistentes Sociais, relativamente à criação e desenvolvimento dos projetos de *famílias de afeto* nas casas é também fundamental. Estes assumem-se como verdadeiros mediadores e interventores sociais nas diferentes dimensões deste trabalho. Assim, estes profissionais assumem-se como construtores de pontes entre as crianças/jovens, *famílias de afeto*, famílias biológicas, as casas de acolhimento e a comunidade em geral. É fulcral que estes mediadores estabeleçam uma relação de confiança entre as partes, pois esta será a base de todo o processo, permitindo que a comunicação flua e seja possível o entendimento e a confiança. Num contexto tão diversificado e imprevisível, como os das crianças/jovens residencializadas, os profissionais têm que ser capazes de explorar as diferenças como oportunidades de mudança.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALARCÃO, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares*. (2ª Ed.). Coimbra: Quarteto Editores.
- BRAVO, A. & Del Valle, F. (2001). Evaluación de la integración social en acogimiento residencial. *Psicothema*, 13(2), 197-204.
- DELGADO, P. (2010). *A experiência da Vinculação e o Acolhimento Familiar: reflexões, mitos e desafios*. *Temas em Psicologia* (vol. 18(2) 457 – 467). ESE do Instituto Politécnico do Porto.
- GOMES, I. (2010). *Acreditar no futuro*. 1ª edição. Alfragide: texto editores, Lda.
- MELO, A. T. (2010). *As Forças do Profissionais e da Família Multidesafiada na Protecção da Criança – Modelo de Avaliação e Intervenção Familiar Integrada para os CAFAP*. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e Ciências da educação da Universidade de Coimbra.
- MENDES, E. (2011). *Redes Sociais Pessoais e Perceção da Qualidade de Vida das Crianças e Jovens Institucionalizados – O papel das Famílias Amigas*. (Tese de Mestrado). Universidade do Minho.
- MOTA, C. & Matos, P. (2008). *Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação*. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 367-377.
- SOUSA, L.; Hespanha P.; Rodrigues S. e Grilo P. (2007). *Famílias Pobres: Desafios à Intervenção Social*. Lisboa: Climepsi Editores.
-

02

SERVIÇO SOCIAL  
E IGUALDADE DE GÉNERO

---

## **Igualdade de Género. Paridade na Esfera Sombra e na Esfera Pública.**

---

O conhecimento da desigualdade social vivida pela mulher para a intervenção e investigação em Serviço Social

---

AIDA FERREIRA

01

## RESUMO

Pretende-se com esta comunicação aprofundar as questões relativas à luta pela igualdade de gênero no respeitante à Mulher, no sentido de perceber a longa caminhada já realizada no século XX e também no presente século, e ainda, proceder a um aprofundamento das causas milenares que, segundo vários autores, explicam a desigualdade vivida fundamentalmente na esfera pública e a remissão da mulher para a designada “esfera sombra” ou “esfera privada”. Assim, as raízes da civilização ocidental, segundo as quais o mundo ocidental se formatou, influenciaram vários campos de saberes, hábitos, costumes, normas até aos dias de hoje. Foram essencialmente, no caso da desigualdade de gênero, as lutas das mulheres que conduziram a uma abertura da sociedade para uma maior igualdade realizada conquista a conquista. Contudo, persistem hoje ainda grandes diferenças de rendimento a partir do trabalho, da participação política, social e, sobretudo de maior trabalho (dupla tarefa) não remunerado na esfera sombra. A Paridade, conceito recente, não está alcançada nem na esfera pública nem na esfera sombra. A mulher apresenta um défice na primeira e uma sobrecarga na segunda. Dado que são as mulheres a maior percentagem de utentes do Serviço Social, até porque são as mesmas que historicamente têm de “colocar a comida na mesa” ou resolver problemas respeitantes aos que necessitam de apoio social no agregado familiar, o assistente social tem necessidade de aprofundar a desigualdade que a mulher vive na sociedade, para assim poder intervir com atitudes, comportamentos e projetos de intervenção e (ou) de investigação numa perspetiva de discriminação positiva.

**PALAVRAS CHAVES:** Igualdade de Género, Esfera Sombra, Esfera Pública, Paridade, Serviço Social.

## ABSTRACT

The aim of this communication is to deepen the issues related to the struggle for gender equality with regard to women, in order to understand the long

journey that has already taken place in the 20th century and also in the present century, and further, to deepen the millennial causes that, according to several authors, explain the inequality experienced fundamentally in the public sphere and the woman's reference to the so-called “shadow sphere” or “private sphere”. Thus, the roots of Western civilization, according to which the Western world was formed, influenced various fields of knowledge, habits, customs, norms until today. It was essentially, in the case of gender inequality, the struggles of women that led to the opening of society to greater equality achieved. However, today there are still large differences in income from work, political and social participation and, above all, greater unpaid work (dual tasks) in the shadow sphere. Parity, a recent concept, is not achieved either in the public sphere or in the shadow sphere. The woman has a deficit in the first and an overload in the second. Given that women are the largest percentage of Social Service users, not least because they are the same ones who historically have to “put food on the table” or solve problems regarding those who need social support in the household, the social worker needs to to deepen the inequality that women experience in society, so that they can intervene with attitudes, behaviors and intervention projects and (or) research in a perspective of positive discrimination.

**KEY WORDS:** Gender Equality, Shadow Sphere, Public Sphere, Parity, Social Work.

*O homem pensa, a mulher sonha.  
Pensar é ter, no crânio, uma larva,  
Sonhar é ter, na fonte, uma auréola.  
O homem é a aguiá que voa,  
A mulher o rouxinol que canta.  
Voar é dominar o espaço,  
Cantar é conquistar a alma.  
Enfim, o homem está colocado onde termina a  
terra,  
A mulher, onde começa o céu.  
No entanto, a mulher cansou de ser apenas o  
rouxinol que canta  
resolveu também voar e dominar o espaço.*

*Victor Hugo (1802-1885)*



## INTRODUÇÃO

A abordagem do tema: far-se-á numa perspetiva histórica e atual. Assim, num primeiro ponto definiremos os conceitos de género e sexo e a sua evolução. Num segundo ponto referiremos a influência da civilização clássica no mundo ocidental e o lugar da mulher na esfera sombra do labor doméstico. Num terceiro ponto abordaremos a entrada da mulher na esfera pública. Num quarto ponto constataremos a permanência da desigualdade de género em Portugal. Por fim, faremos uma reflexão sobre o Serviço Social ao nível da intervenção e da investigação com as mulheres.

## 1 — CONCEITOS DE GÉNERO E SEXO

Importa entender o conceito de género como uma categoria sociológica. Ele respeita ao carácter de interdependência qualitativa das posições da mulher e do homem na sociedade. As relações de género são constituídas em termos de relações de poder e dominação e derivam da estrutura da vida dos homens e mulheres em sociedade ao longo de milénios. Nesta óptica o género é culturalmente determinado através da diferença de papéis sociais existentes numa determinada sociedade. Assim sendo, o seu significado tem sido distinto do conceito biológico fundado na diferença sexual entre a mulher e o homem.

A divisão entre os géneros resulta de uma construção social cuja base assenta na divisão social do trabalho e, portanto nas condições de produção e reprodução na sociedade, reforçadas por elementos de ordem cultural, religiosa e político-ideológica de uma determinada sociedade.

Assim, atualmente e seguindo de perto Torres, et. al., (2018) os contextos históricos e sociais e os avanços científicos em cada época são condicionantes da diferenciação individual, macho ou fêmea. Essas condicionantes recentes podem transformar um corpo biológico em masculino ou feminino, contrariando deste modo o destino que

estaria determinado à nascença. Também o tempo e o lugar determinam ainda hoje desigualdades entre as sociedades quanto às oportunidades de identidade de género assumidas de acordo com o sexo genético. Há várias abordagens que tentam explicar a identificação de género e sexo. A “abordagem da socialização” por exemplo determina desde a gravidez e depois por agentes de socialização o que é próprio de ser menina ou menino em cada idade. Esta abordagem, contudo, revela um padrão de sociedade muito homogénio, ignorando factores de multiculturalidade e diferentes padrões de assunção do masculino e do feminino.

## 2 — A CIVILIZAÇÃO CLÁSSICA E AS QUESTÕES DE GÉNERO

Recorremos a Hannah Arendt e fundamentalmente à sua obra “*A Condição Humana*”. Esta autora analisando a civilização na Grécia Clássica, uma das raízes da civilização ocidental, refere que “*a família era o centro da mais severa desigualdade (...) dentro da esfera da família, a liberdade não existia, pois o chefe da família, seu dominante, só era considerado livre na medida em que tinha a faculdade de deixar o lar e ingressar na esfera política, onde todos eram iguais.*” (1991, pp.41-42). A igualdade era a própria essência da liberdade, significando ser isento de desigualdade, mas esta oportunidade só era dada aos homens através da participação na *Polis*. Era o espaço da esfera da liberdade, dos “iguais”, onde só os homens livres decidiam os assuntos comuns e conquistavam a liberdade, a “ventura” isto é a *eudaimonia*.

A força e a violência eram formas pré-políticas características do lar e da vida familiar onde o chefe da casa usava de poderes déspotas, para fazer face às necessidades de sobrevivência, competindo estas à mulher e aos escravos.

Deste modo o labor da sobrevivência da espécie, e, as necessidades primárias da transmissão da vida circunscreviam-se à penumbra da esfera sombra,



invisível a que correspondia uma total falta de liberdade «*douleia*». «*Mulher e escravos pertenciam à mesma categoria e eram mantidos fora das vistas alheias - não somente porque eram a propriedade de outrem, mas porque a sua vida era "laboriosa", dedicada a funções corporais.*»(Arendt, 1991, p. 83).

Assim, «*a passagem da sociedade (...) do sombrio intervir do lar para a luz da esfera pública não apenas diluiu a antiga divisão entre o privado e o político, mas também alterou o significado dos dois termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão,*» (Arendt, 1991, p. 47).

### 3 — A INDUSTRIALIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÃO DAS ESFERAS PRIVADA E PÚBLICA

A esfera pública está interligada à ascensão de uma «*nova classe*» - a burguesia, ligada ao fenómeno da industrialização nos séculos XVIII e XIX. A burguesia cria uma cultura de produção e consumo, recorrendo à noção de liberdade para produzir e se expandir, cujo objectivo constante é a obtenção de cada vez mais lucro.

Simultaneamente, na esfera familiar, ou esfera sombria, o que se consome já não é produzido na família, sobretudo com o trabalho da mulher, no tear, na horta e na criação de animais domésticos, mas passa a ser adquirido no mercado. Vários vectores contribuem para este facto. É a transformação do *habitat* que passa de rural a urbano, é a dimensão «tempo», dividido entre a fábrica e o curto período de descanso, e, é ainda, um pouco mais tarde, o factor «moda» que "impõe" o produzido industrialmente, para que seja aceite no mercado.

No entanto, o homem, a mulher e as crianças trabalham 16 horas por dia e vivem miseravelmente. O salário da mulher é 60% do salário do homem. Em Inglaterra, em 1819, após a polícia ter atirado

contra os trabalhadores, o horário das mulheres e crianças dos 9 aos 16 anos é reduzido para 12 horas, mas o trabalho da mulher é sempre subalterno.

As mulheres organizam-se, sobretudo a partir do século XIX, em movimentos e lutam por melhores condições de trabalho, igualdade de salário, bem como direito ao voto. Esta entrada da mulher na esfera pública, através do trabalho, não significa a cessação da esfera sombria, pois ela continua a assegurar o trabalho doméstico.. É a designada dupla tarefa que vai perdurando até à atualidade.

### 4 — DESIGUALDADE DE GÉNERO EM PORTUGAL

A desigualdade de género em Portugal apresenta várias facetas desde a económica, traduzida em salários mais baixos, à participação política e social e ainda à designada por dupla tarefa.

O período de idades da mulher, entre os 30 e 49 anos, considerado de maior pressão pela constituição de família e afirmação e progressão profissional, é a fase de *rush hour of life* pela analogia com horas de pressão e congestão de tráfico (Torres et. al., 2018), autores que seguiremos de perto. Assim, em 2015 em Portugal a taxa de atividade dos homens era de 93,8% e a das mulheres de 88,3%, superior à média europeia (93% e 80,6% respetivamente). Verificando-se também uma elevada taxa de atividade da mulher, semelhante à do norte da Europa..

De realçar que a empregabilidade no período de *rush hour of life* tem vindo a aumentar com a escolaridade tanto na Europa como em Portugal. A média da UE a 27 passa entre 2000 e 2015, de 50% para 85% e em Portugal de 70% para 84% respetivamente.

Quanto à remuneração o período que temos vindo a considerar é o mais bem pago. Em Portugal a desigualdade maior é entre os jovens e os *rush hour of life* atingindo 90% de diferença, significando que

os jovens trabalhadores ganham 6,1€/hora e os homens 11,6€/hora. A diferença entre as jovens e as mulheres é de 77,6%, respetivamente com 5,8€/hora e 10,3€/hora. As mulheres em Portugal ganham menos 11,2€/hora do que os homens, mas na UE o valor sobe para 17,4€/hora.

Defendemos que o ser humano é composto por homens e mulheres e que o género feminino não pode ser secundarizado pela sua condição de natalidade. Como afirma Arendt: *"O recém-chegado [nascido] possui a capacidade de iniciar algo de novo, isto é, de agir."* (1991, p.17).

## 5 — BREVE REFLEXÃO. SERVIÇO SOCIAL: A INTERVENÇÃO E INVESTIGAÇÃO DE GÉNERO

Perrons (1995) afirmava: os estudos mais recentes sobre a situação da mulher nos países da então Comunidade Europeia têm privilegiado a abordagem histórica, o contrato de género, e as formas e grau de patriarcado.

Importa refletir sobre a intervenção e investigação do Serviço Social com as mulheres como o público percentualmente mais significativo no âmbito da Ação Social.

Quanto à intervenção seria de intervir em grupo e em comunidade para uma consciencialização da situação da mulher.

Quanto à investigação seria de captar as vivências das mulheres na esfera privada e pública.

## CONCLUSÃO

Ao longo desta comunicação verificámos que as definições de género e sexo são mais complexas,

elas implicam o avanço da ciência e a construção da identidade. A Antiguidade Clássica, Grécia define, segundo Arendt as esferas privadas e públicas e a pertença das mesmas aos homens e mulheres. Tal análise tem reflexo nos dias de hoje onde predominam visões semelhantes. A entrada da mulher no trabalho deu-lhe acesso à esfera pública, mas em situação de desigualdade salarial relativamente ao homem.

Em Portugal e noutros países da UE 27 predominam as desigualdades do género feminino nas duas esferas.

Ao Serviço Social compete intervir e investigar as situações vividas pela mulher.

Para terminar cito José Saramago, in "L Orient le Jour (2007)

*As Mulheres São Mais Fortes Para começar, gosto das mulheres. Acho que elas são mais fortes, mais sensíveis e que têm mais bom senso que os homens. Nem todas as mulheres do mundo são assim, mas digamos que é mais fácil encontrar qualidades humanas nelas do que no género masculino. Todos os poderes políticos, económicos, militares são assunto de homens. Durante séculos, a mulher teve de pedir autorização ao seu marido ou ao seu pai para fazer fosse o que fosse. Como é que pudemos viver assim tanto tempo condenando metade da humanidade à subordinação e à humilhação?*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Amâncio, Lígia (1994), *Masculino e Feminino*, Porto: Afrontamento.
- Arendt, Hannah (1958), *A Condição Humana*, Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1991.
- Cruz, Sofia (2003), *"O (S) TRABALHO(S) FEMININO(S): a omnipresença do trabalho doméstico e das responsabilidades familiares"* in Cadernos de Ciências Sociais, Porto: Afrontamento, pp. 41-59.
- Perista, Heloísa (2000), *"Trabalho, Família e Usos do Tempo – Uma Questão de Género"* in Sociedade e Trabalho, n.º. 6, pp.67-74.
- Perrons, Diane (1995), *«Gender Inequalities»*, in Regional Development, Regional Studies, Londres: Vol.(29), (5), Ago. pp.465-476.
- Torres, Anália (Coord.) (2018). *Igualdade de Género ao Longo da Vida – Portugal no contexto europeu*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
-

# 03

SERVIÇO SOCIAL,  
INTERCULTURALIDADE  
E MIGRANTES

---

## A Interculturalidade sob o olhar dos estudantes

---

**HÉLIA BRACONS**

Instituto de Serviço Social.  
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

01

## RESUMO

---

A diversidade cultural, constitui um assunto central e relevante nas sociedades atuais e só o reconhecimento da diversidade, suas características e implicações pode permitir uma interação com base na compreensão e diálogo aberto e interativo. O principal objetivo deste trabalho é conhecer as percepções dos estudantes do 1.º ano da licenciatura em Serviço Social, sobre a interculturalidade e sua relevância no Serviço Social. Foi aplicado um guião de entrevista com o intuito de compreender se os estudantes têm presente a diversidade cultural e se a dimensão da interculturalidade é relevante enquanto característica inquestionável, cada vez mais presente nas sociedades. Participaram 32 estudantes que constituíram as duas turmas do referido curso. Os resultados permitem verificar que os estudantes têm uma visão positiva acerca do reconhecimento da diversidade cultural como uma dimensão enriquecedora e de compreensão do mundo globalizado e diversificado e, para que tal se verifique, a interculturalidade implica uma postura de abertura, curiosidade, vontade de aprender mais e disponibilidade para enfrentar e lidar com o Outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interculturalidade, formação inicial, Serviço Social

## ABSTRACT

---

Cultural diversity is undoubtedly an high visible reality and a subject of utmost importance on all societies of today. But not only the recognition of such diversity, its characteristics and implications, but a new attitude for relationship as the one proposed by the intercultural model will allow a social interaction based on mutual understanding and active cooperation. The main objective of this preliminary research is to analyse the perceptions of undergraduate students of Social Work about cultural diversity and interculturality. 32 students (total of 1st year class) were interviewed. The results confirmed that the students have a positive comprehension of the relevancy of cultural diversity and the signifi-

cance of interculturality as an attitude of openness, willing of mutual understanding, active communication and shared problem solving.

**KEY WORDS:** Diversity, interculturality, social work formation

## INTRODUÇÃO

---

A questão da interculturalidade e da diversidade cultural que lhe está subjacente tem sido muito debatida em contextos diversos e constitui um assunto central e relevante nas sociedades atuais. O reconhecimento da diversidade e as suas características e implicações é fundamental, pois permite uma interação com base na compreensão, assente num diálogo aberto e interactivo e, conseqüentemente a um trabalho mais eficaz. É neste sentido que é importante que esta questão seja reflectida nos contextos formativos, especialmente no contexto universitário junto dos futuros assistentes sociais, que têm que compreender, conhecer e gerir de uma forma eficiente os distintos contextos interculturais e fomentar práticas cívicas e responsáveis.

A universidade é um espaço privilegiado para a formação e especialmente para a formação intercultural dos futuros profissionais. Para tal, é importante criar em sala de aula um clima pedagógico onde se possa estimular e desenvolver a sensibilidade cultural dos estudantes, partindo da reflexão teórica dos conceitos chave relacionados com a interculturalidade e, possibilitar a partilha de experiências pessoais e interculturais, baseados no respeito e na aceitação da diversidade cultural.

A importância de contextualizar na formação inicial dos futuros assistentes sociais conteúdos interculturais associados às necessidades da sociedade actual, aprofundar conhecimentos, encontrando pontos de encontro e de união, fazendo com que reflectam e se possam tornar cidadãos mais atentos, críticos e proactivos face à pluralidade de situações e pessoas com orientações culturais distintas, são elementos vitais para uma formação mais crítica, consciente e responsável.

Deste modo, torna-se necessário averiguar e conhecer as percepções dos estudantes relativamente a estas temáticas.

## MÉTODO

Para este estudo exploratório, optamos por uma metodologia qualitativa. Procuramos conhecer as percepções dos estudantes de 1º ano da licenciatura em Serviço Social. Foi aplicado um guião de entrevista, no início do ano letivo 2016/2017, sobre a interculturalidade e sua relevância no Serviço Social. Participaram 32 estudantes que constituíram as duas turmas do respetivo curso. A técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada e os dados recolhidos foram analisados através da análise de conteúdo (Moreira, 2007). Procedeu-se à leitura e análise das entrevistas dos estudantes e procurámos dar voz aos entrevistados (com alguns excertos), dando sentido ao que foi referido.

## ALGUNS RESULTADOS

### DIVERSIDADE CULTURAL

A diversidade cultural é uma característica das nossas sociedades, remete-nos, inevitavelmente, para as diferenças culturais que existem num determinado território e sociedade, mas também nos apontam para as diferenças que existem e que estão presentes em cada ser humano, enquanto pessoa singular e distinta (Bracons, 2019). Viver em sociedade plural possibilita a construção de relações culturais, na perspectiva de valorização e enriquecimento pessoal e social. Para Moreira (1996:13), "viver em sociedade significa o desenvolvimento de múltiplas relações culturais que se entrecruzam incessantemente e que podem ser acentuadas ou minimizadas consoante a situação em que o indivíduo se situe".

Para a maioria dos estudantes a diversidade cultural traduz-se numa variedade de especificidades

culturais existentes nas sociedades. Num mesmo espaço, território, local estão presentes diferentes pessoas que se distinguem umas das outras através dos seus hábitos, costumes, tradições, religião, língua, formas de estar e de sentir e que convivem entre si. A diversidade cultural surge enquanto mistura de culturas distintas, peculiares e de vivências muito próprias.

*"A diversidade, para mim faz todo o sentido e é uma riqueza enorme para nós enquanto futuros profissionais". E7*

*"Entendo diversidade cultural enquanto uma variedade de culturas que se traduzem em povos diferente, origens, hábitos, formas de estar e conhecimentos diferentes". E11*

*"Considero o nosso país multicultural e enquanto futuro profissional tenho que conhecer e ganhar ferramentas para trabalhar com pessoas de outros países" E6*

*"Na minha perspectiva, existe consciência da diversidade cultural, mas não existem ainda muitos espaços de interação" E22*

*"É necessário compreender a diversidade que cada cultura tem para a respeitar". E2*

*"A diversidade permite-nos evoluir, aprender e conhecer para além da nossa área de conforto". E27*

*"Primeiro temos que reconhecer que o nosso país é diverso e plural para depois podermos criar espaços de encontro entre as diferentes pessoas" E19*

### RELEVÂNCIA DA INTERCULTURALIDADE

A interculturalidade é sinónima de reconhecimento do pluralismo cultural, isto é, da afirmação de cada cultura, considerada na sua identidade própria e na sua abertura às outras, de forma a estabelecer com elas, relações de complementaridade e de aprendizagem mútua (Bracons, 2019). Na perspectiva de Vieira (1999 in Bracons, 2019), o conceito de inter-

cultural implica reciprocidade, troca na aprendizagem, na comunicação e nas relações humanas.

Os estudantes mencionam que a diversidade cultural está presente no nosso País, considerando, esta como um elemento muito importante, pois permite o conhecimento de coisas novas, aprender novas formas de estar e sentir o mundo. A interculturalidade permitirá, por sua vez, conhecer, compreender e aceitar o outro, as suas tradições, costumes, valores e ideologias. Fundamental, ainda, é investir na criação de espaços de socialização e interacção cultural para permitir efectivamente esta troca, interacção, partilha, conhecimento e aprendizagem mútua.

*“É fundamental criar espaços de interacção com outras pessoas de culturas diferentes, pois é através deste processo que poderemos aprender e principalmente transmitir o valor da importância da diferença e do valor de respeito pelo outro”. E23*

*“A interculturalidade permitirá conhecer e compreender o outro, as suas tradições, costumes, valores e aceitá-lo da mesma forma como gostaríamos”. E5*

*“Quando se dá interculturalidade, há sempre trocas de valores, de língua, ou seja, há uma partilha. E quando existe interacção das culturas, umas com as outras, há sempre desenvolvimento para todos”. E19*

*“A interculturalidade tem como objectivo valorizar positivamente a diversidade cultural, nas distintas maneiras de pensar, de ser e de estar em sociedade”. E26*

*“A abertura e a proximidade ao outro é essencial para um conhecimento mais aprofundado” E9*

*“Confesso que nem sempre é fácil conviver com pessoas com culturas diferentes (...) mas é um processo contínuo, porque estamos todos os dias a aprender”. E4*

## NOTAS FINAIS

---

Os resultados permitem verificar que os estudantes têm uma visão positiva acerca do reconhecimento da diversidade cultural como uma dimensão enriquecedora e de compreensão do mundo globalizado e diversificado.

A interculturalidade permitirá conhecer, aproximar e interagir com pessoas com características culturais diferentes e, perceber que a diferença é boa e benéfica para todos. Mas implica, acima de tudo, uma postura de abertura, curiosidade, vontade de aprender mais e disponibilidade para enfrentar e lidar com o Outro.

Esperamos que o presente trabalho contribua para aperfeiçoar o conhecimento da presença da diversidade cultural, o seu reconhecimento e valorização nas sociedades atuais; permita consciencializar e sensibilizar os estudantes e cidadãos para a importância da criação de espaços de interacção intercultural, enquanto espaços de aprendizagem diária e, possibilite refletir para a necessária e importante formação mais específica e mais focada na interculturalidade, enquanto projeto para a sociedade.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bracons, H. (2019). *Conhecer para intervir: a competência cultural no serviço social*, Lisboa: Editorial Cáritas.

Bracons, H. & Leiva, J. (2019). *A relevância da interculturalidade para uma prática mais inclusiva em trabalho social*. In A. M. Costa e Silva, I. Macedo & S. Cunha (Eds.), Livro de atas do II Congresso Internacional de Mediação Social: a Europa como espaço de diálogo intercultural e de mediação (pp. 82-91). Braga: CECS.

Cohen-Emerique, M. (2011). *Pour une approche interculturelle en Travail Social*. Rennes. Presses de L'EHESP.

Jovelin, E. (2003). *Le travail social face à l'interculturalité*. Paris: L'Harmattan

Legault, G. ; Rachedi, L. (2009). *L'Intervention interculturelle*. Québec. Gaétan Morin.

Moreira, C. D. (2007). *Teorias e práticas de investigação*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, ISCSP, Lisboa: UTL.

Moreira, C. D. (1996). *Identidade e diferença. Os desafios do pluralismo cultural*, ISCSP, Lisboa: UTL.

Verbrunt, G. (2009). *La question interculturelle dans le travail social*. Paris: La Découverte.

---

---

## Redes e Migrações

---

O uso do Facebook nos processos  
de integração sociocomunitária

---

**JOAQUIM FIALHO**  
CICS NOVA

**ANA PAULA CORDEIRO**  
Universidade Aberta

02



## RESUMO

---

Este trabalho de investigação teve como desafio a identificação e caracterização da natureza da comunicação e da interação de grupos de emigrantes portugueses, através da rede social virtual Facebook. Tendo como metodologia central a análise de redes sociais, aplicada na investigação sociológica, o objeto de estudo da presente investigação foi a comunicação e interação virtual de grupos de emigrantes portugueses na rede social Facebook.

Para a atingir os objetivos propostos, seguimos, ainda que adaptado, o modelo de Knoke & Kuklinski (1982). Para o trabalho de campo, realizado entre abril e maio de 2018, foi utilizada a observação não participante para registo de interações e, posteriormente, recorremos à análise de conteúdo categorial temática para a construção das grelhas de observação e à construção de matrizes para mapeamento das interações da rede. As interações da rede foram estudadas através do Ucinet/Netdraw.

**PALAVRAS-CHAVE:** redes sociais; redes sociais virtuais; emigração e usos da rede.

## ABSTRACT

---

This research had as a challenge the identification and characterization of the nature of the communication and the interaction of groups of Portuguese emigrants through the virtual social network Facebook. The main objective of this study was the communication and virtual interaction of groups of Portuguese emigrants in the social network Facebook.

In order to reach the proposed objectives, we follow the Knoke & Kuklinski model (1982), although adapted. For the fieldwork, carried out between April and May 2018, non-participant observation was used to register interactions and, later, we used the analysis of thematic content for the construction of observation grids and the construction of matrices for mapping of network interactions. The network interactions were studied through Ucinet / Netdraw.

**KEYWORDS:** social networks; virtual social networks; emigration and uses of the network.

## 1. COMPREENDENDO AS REDES SOCIAIS. UMA BREVE NOTA INTRODUTÓRIA

---

Por influência do pensamento sistémico, as redes sociais dão origem a novos valores, novas formas de pensar e conseqüentemente a novos comportamentos e atitudes. O conceito de rede surgiu a partir do estudo dos sistemas vivos. A forma de operar das redes sociais traduz princípios semelhantes aos que regem os sistemas vivos. Hoje, falar em redes sociais remete-nos para uma imensidão de ângulos de análise dos fenómenos sociais e das interações que deles decorrem, sejam eles virtuais ou não.

Nos últimos vinte anos a descodificação destas interações sociais tem beneficiado de progressos na interpretação das redes sociais, a atual emergência de novos valores e novas formas de pensar está intimamente associada ao desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, às inovações e novas descobertas do pensamento científico, á globalização, á evolução da cidadania, às novas formas de organização social, bem como á evolução do conhecimento científico (Fialho, 2008, p. 8).

Todos os seres vivos compõem ecossistemas dinâmicos, que integram numa determinada paisagem. Nesse ambiente, as suas vidas entrelaçam-se numa teia de relações caracterizadas por cooperação, competição, predação, simbiose ou parasitismo. Esse sistema interligado e delicadamente equilibrado, fornece alimento e abrigo, regulação de energia e reprodução. Cada membro da comunidade tem um papel essencial para manter essa rede em equilíbrio. Na natureza, não existem hierarquias, somente redes dentro de redes; não existem partes independentes, mas uma teia inseparável de relações. A capacidade de operar sem hierarquia

parece ser, assim, uma das mais importantes propriedades distintivas da rede.

Ao contrário do que se passa na natureza, as pirâmides são um desenho institucional bastante comum, e a hierarquia, desde sempre, parece ser o “modo” da organização dos relacionamentos humanos. Porém, quando se estuda o funcionamento das redes sociais, em particular aquelas de caráter estritamente informal e não-institucional, passamos a ver também a emergência de fenômenos organizativos não-verticais, isto é, não-hierárquicos, que funcionam, produtivamente na sociedade (Martinho, 2003).

Podemos também sublinhar que as redes sociais são também redes de comunicação que envolvem uma linguagem simbólica, limites culturais e relações de poder. Segundo Fialho (2008) as redes sociais surgiram nos últimos anos como um novo padrão organizacional, através da sua arquitetura de relações expressam, ideias políticas e económicas de carácter inovador, com a missão de ajudar a resolver alguns problemas atuais.

A distinção das redes sociais das redes espontâneas e naturais reside nos objetivos comuns estabelecidos entre os atores que interagem nessa rede e a intencionalidade dos relacionamentos. Hoje, o conceito de rede social apresenta uma enorme polissémia, pelo que importa clarificar o seu sentido.

As redes sociais são:

Um conjunto de nós que se encontram em interligação regular e que estimulam uma dinâmica e evolução da rede muito própria. Uma rede social é um conjunto de pessoas, grupos, organizações, etc. (atores) que se encontram ligados (nós) por relacionamentos sociais, imbuídos, por exemplo, por lógicas de cooperação, partilha, amizade (tipo de laços) e, através destas interações, desenvolvem e dinamizam uma estrutura social com uma identidade relacional muito própria, formando um ecossistema da rede (Fialho, Saragoça, Baltazar & Santos, 2018, p.20).

Como é sabido, o homem é um ser gregário, desde os tempos mais remotos que sente necessidade de se agrupar, de trabalhar e viver em conjunto e,

portanto, de viver em relação. As redes são, maneiras de apresentar ou visualizar e, investigar, relações entre esses indivíduos. Alega-se que as redes sociais são modos de representação de estruturas sociais, esse conceito só passa a ser inteligível se admitirmos que a “estrutura” é conhecida pelas configurações recorrentes das relações entre os indivíduos. A ideia de que os atores sociais determinam o comportamento da sociedade quando se agrupam de uma determinada maneira, decorre de uma incompreensão da rede; ou seja, de uma incompreensão de que o “Actor” é produzido pela tal estrutura social, isto é, pela rede. É importante referir que os indivíduos não são atores se não interagirem e quando interagem já são rede.

Quando se agrupam, não o fazem somente a partir de supostas escolhas individuais, baseadas nas suas características distintivas, visto que já estão sob o influxo da dinâmica de rede. Os seres humanos são seres sociais, exibem as suas qualidades intrínsecas num encruzilhado de fluxos, identidades que se formam a partir da interação com outros indivíduos. A pessoa como continuum de experiências e, relacionamentos comporta-se como ato por estar imersa num ambiente interativo, são a interação que “produzem” o ator.

No contexto atual, perante as rápidas mudanças sociais, em especial com a transformação qualitativa nas formas de relação, o estudo das redes adquire importância central na compreensão das dinâmicas de interação, sobretudo ao nível das dinâmicas que decorrem do uso dos média sociais como, por exemplo, o Facebook.

## **2. OPÇÃO METODOLÓGICA**

Face à insuficiência de trabalhos científicos que abordem a temática das migrações portuguesas e o uso das redes sociais virtuais como plataformas facilitadoras da interação entre migrantes, a equipa de investigação optou pela realização de um trabalho exploratório que prosseguiu os seguintes objetivos:

- a. Identificar e caracterizar a natureza da comunicação e da interação de grupos de emigrantes portugueses no Facebook;
- b. Conhecer o papel que o Facebook desempenha na integração dos emigrantes portugueses nas sociedades de acolhimento e na manutenção da sua ligação ao país de origem;
- c. Analisar a importância do Facebook na constituição de comunidades virtuais enquanto espaços sociais transnacionais.

No intuito de alcançar esses objetivos foram selecionados dois grupos virtuais fechados, maioritariamente constituídos por emigrantes portugueses e seus descendentes, radicados no país a que a sua nomenclatura faz alusão. Um desses grupos designa-se “Portugueses no Luxemburgo” (<https://www.facebook.com/groups/portuguesesluxemburgo>) e integrava à data da realização do trabalho de campo 25.767 membros. O outro intitula-se “Portugueses Emigrantes no Reino Unido” (<https://www.facebook.com/groups/378564318977052>) e era composto nessa altura por 16.031 membros.

A seleção destes dois grupos foi intencional atendendo a que se encontram associados a fluxos migratórios muito diferenciados, tanto no que diz respeito à dimensão das comunidades de migrantes e ao tempo da sua permanência nos países receptores, como no que se refere ao perfil sócio demográfico da maioria dos migrantes que as integram. O facto de a emigração portuguesa para o Luxemburgo ocorrer desde os anos 60 e ter sido protagonizada, maioritariamente, por cidadãos portadores de baixas qualificações, em contraposição à emigração de portugueses para o Reino Unido, que apenas ganhou expressão significativa no presente século e é composta principalmente por cidadãos qualificados, pressupõe dinâmicas e tipologias de comunicação e interação diferentes, que importa conhecer.

Em termos operativos a equipa de investigação confrontou-se com a inexistência de um modelo de análise que fosse integralmente aplicável à pesquisa que se propôs realizar, adaptando, por essa razão, o modelo de Knoke & Kuklinski (1982), cuja versão validou e aplicou no mapeamento das redes.

Essa versão contempla uma matriz que traduz uma tipologia de relações estruturada com base em cinco pilares: (1) Relações instrumentais (que engloba duas categorias – bens e serviços), (2) Relações sentimentais (que integra também duas categorias – país de origem e país de acolhimento), (3) Relações de pertença, (4) Relações lúdicas e, (5) Relações informativas.

O trabalho de campo foi realizado em abril e maio de 2018, com recurso à observação não participante e à análise de conteúdo categorial temática. Nessa sequência, foram construídas grelhas de observação para registo dos diferentes tipos de interação estabelecida no interior de cada grupo, as quais deram lugar à elaboração de representações gráficas das interações de cada rede. As interações da rede foram estudadas através do Ucinet/Netdraw<sup>1</sup>.

## 3. PRINCIPAIS RESULTADOS

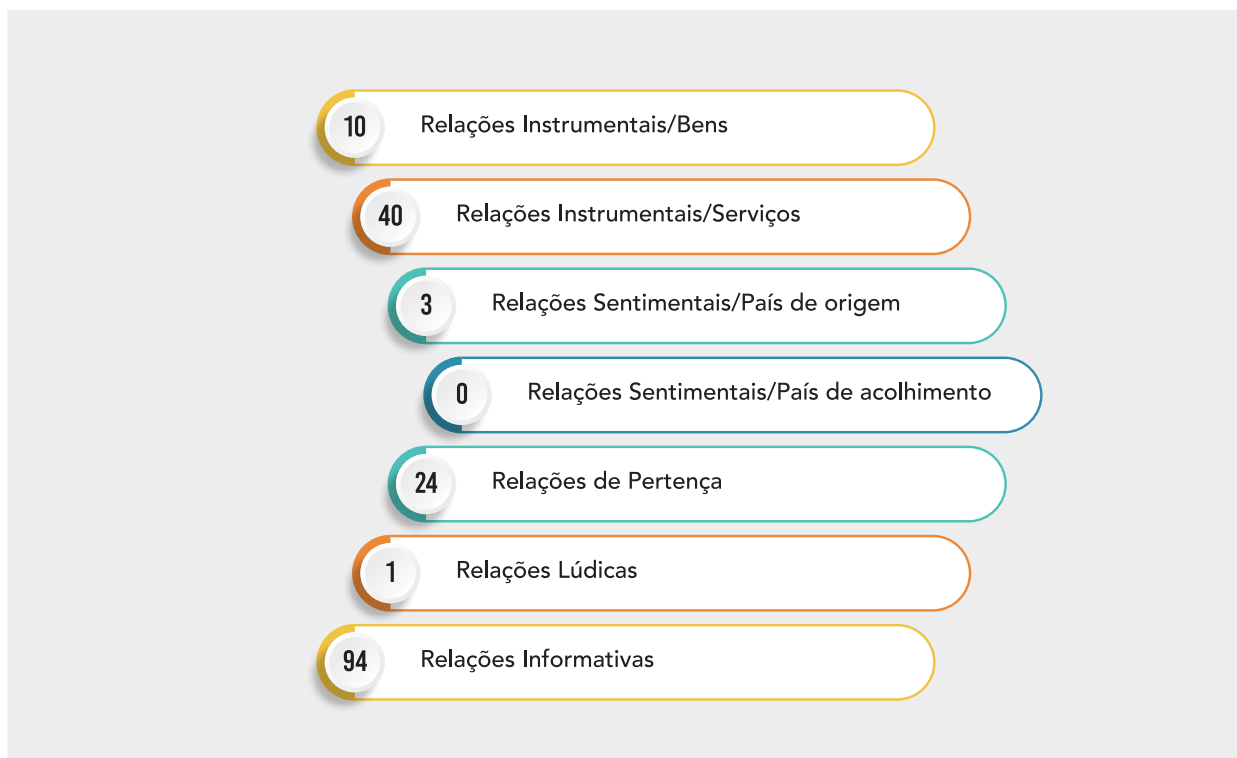
O uso do Facebook pelos grupos em estudo é manifestamente diferenciado, quer em termos quantitativos, quer qualitativos. Todavia, é possível identificar alguns traços comuns nos processos e práticas comunicacionais dos dois grupos de emigrantes, e também nas lógicas que lhe estão subjacentes, como teremos oportunidade de analisar seguidamente.

### 3.1 “PORTUGUESES NO LUXEMBURGO”

A dinâmica deste grupo de migrantes no Luxemburgo apresenta uma interação marcada, fundamentalmente, por relações de natureza informativa, no âmbito das quais assumem particular destaque a partilha e o pedido de informações (94 posts), como se pode observar na Figura 1.

1. Programa de análise de redes sociais (Ucinet) e de representação de redes (Netdraw).

FIGURA 1  
LUXEMBURGO: NÚMERO DE POSTS AGREGADOS ÀS CATEGORIAS DA MATRIZ DE ANÁLISE



A divulgação de artigos informativos sobre uma enorme variedade de assuntos e os pedidos de informação sobre onde e a quem comprar determinados produtos e serviços, tanto no país de acolhimento, como no país de origem, são as categorias onde se inscrevem a maioria dos posts emitidos pelos elementos deste agregado virtual.

No quadro da interação desta comunidade, as relações de tipo instrumental denotam também uma expressão digna de nota (50 posts), embora tal se deva, em larga medida, à subcategoria relativa aos serviços (40 posts). No domínio desta, as subcategorias relacionadas com a oferta/procura individual de trabalho (14 posts) e a oferta/procura empresarial de trabalho (13 posts) têm especial proeminência. A promoção de um conjunto de serviços em áreas tão diversas como a saúde, desporto, educação, lazer e transportes, entre outros, marca também presença nesta unidade categorial.

No que se refere às Relações Instrumentais cujo foco são bens ou produtos, marcam presença, embora discreta, a procura de quarto ou casa para alu-

gar no país de acolhimento (4 posts), a oferta de casas para arrendar ou vender no país de origem (2 posts) e a promoção ou oferta de produtos (2 posts cada).

As Relações de Pertença ocupam a terceira posição no ranking das categorias que agregam um maior número de posts (24). As subcategorias que dentro dela têm maior expressão são a promoção da música e de artistas portugueses (8 posts), a promoção de eventos relacionados com o país e a cultura de origem (7 posts) e a divulgação de vídeos, imagens e mensagens promocionais de Portugal (6 posts). A promoção de associações e livros de portugueses e da língua portuguesa estão também representadas (1 post cada subcategoria), embora de forma pouco expressiva.

As Relações Sentimentais com o país de acolhimento não foram assinaladas e embora o tenham sido com o país de origem, parece tratar-se de uma alusão circunstancial já que se refere às comemorações da Revolução de abril (3 posts).

FIGURA 2

REINO UNIDO: NÚMERO DE POSTS AGREGADOS ÀS CATEGORIAS DA MATRIZ DE ANÁLISE



As Relações Lúdicas apresentam na interação virtual deste grupo um caráter meramente pontual contando apenas com 1 post alusivo a um vídeo humorístico.

### 3.2 A EMIGRAÇÃO NO REINO UNIDO

O grupo dos emigrantes portugueses no Reino Unido apresenta uma grande dinâmica interativa, ostentando uma intensa atividade na troca de mensagens por parte dos elementos que o compõem, bem ilustrada pelos 1008 posts contabilizados no período em que decorreu o trabalho de campo. As “Relações Informativas” assumem também no seio deste grupo de emigrantes, lugar de destaque no universo das mensagens trocadas entre os respetivos membros, agregando esta categoria um total de 417 posts, como podemos observar na Figura 3.

No âmbito desta categoria 313 posts são dedicados à divulgação de artigos informativos sobre

temáticas muito diversas, como sejam economia, política, história, lazer, meteorologia, entre outras, relativas quer ao país de origem, quer ao país de acolhimento. Registaram-se também 24 posts cujo objetivo residia na partilha de artigos jornalísticos ou crónicas e 22 na divulgação de vídeos de natureza informativa. Pedidos de informação sobre onde e a quem comprar determinados produtos ou serviços no Reino Unido ocuparam 25 posts. A divulgação de sessões de esclarecimento para emigrantes portugueses e os pedidos de informação sobre assuntos relacionados com a situação migratória estão presentes, respetivamente, em 10 e 14 posts. Pedidos de informação sobre questões fiscais deram lugar a 4 posts e os que se referiam a sites de diferentes entidades a 5.

Como se pode verificar na Figura 2, a segunda posição no ranking das grandes categorias de análise utilizadas nesta investigação exploratória pertence às Relações Instrumentais, com um quantitativo de posts subdividido numa ordem de grandeza muito aproximada entre bens (160) e serviços (162).

A subcategoria alusiva a bens regista grande atividade relacionada com o aluguer ou venda de imóveis sediados em ambos os países envolvidos no processo migratório. Efetivamente 33 posts faziam referência à oferta de casas ou quartos para arrendar no Reino Unido e 4 à procura de quarto para alugar também nesse país. No que diz respeito a Portugal, foram apresentados 76 posts com oferta de casas para arrendar ou vender, 2 referentes à oferta de espaços comerciais igualmente para arrendar ou vender e 1 com oferta de terrenos para vender. Nesta subcategoria ocupa também importância significativa a promoção de diversos produtos, contabilizando-se 44 posts com esta finalidade.

A promoção de um vasto leque de serviços específicos por parte de empresas ou de indivíduos assume particular relevância na categoria Relações Instrumentais associadas a serviços, designadamente nos seguintes ramos de atividade: transportes (18 posts), estética e bem-estar (17 posts), saúde e desporto (16 posts), notariado (7 posts), turismo (5 posts), contabilidade (5 posts), educação/línguas (4 posts), banca (4 posts), lazer (4 posts), imobiliária (3 posts), outros (12 posts).

As subcategorias referentes à procura de trabalhos do setor terciário por parte de empresas (29 posts) e à oferta de trabalho por parte de migrantes que nele laboram (6 posts) são também dignas de nota neste quadro. A apresentação/promoção genérica de empresas de serviços deu lugar à criação de uma subcategoria atendendo ao assinalável quantitativo de posts que nela se integravam (32).

As Relações de Pertença tiveram neste grupo de migrantes manifestações de natureza bastante variada. A promoção de eventos relacionados com Portugal e a cultura portuguesa foi a subcategoria que despoletou a emissão de mais mensagens (55 posts), a divulgação da música e de músicos portugueses, bem como a divulgação de vídeos, imagens e mensagens promocionais da Pátria mãe reuniram, individualmente, quase metade desse quantitativo (25 posts). A promoção de jornais, rádios e programas portugueses, bem como a divulgação de receitas culinárias típicas do nosso país, reuniram, cada uma, 19 posts, e mensagens e vídeos de ca-

riz religioso 9. Os restantes posts disseminaram-se por um conjunto de subcategorias pouco relevantes do ponto de vista quantitativo, mas bastante significativas no quadro da comunicação e interação em contexto migratório, como sejam: manifestação de vontade de encontrar portugueses residentes na mesma área geográfica (4), partilha da experiência migratória (2), promoção de livros de autores portugueses (2), promoção de associações de portugueses (1).

As Relações Lúdicas geram grande comunicação entre os participantes desta comunidade virtual, contribuindo com 76 posts para a dinâmica identificada nesta categoria. As mensagens e imagens humorísticas estão presentes em 43 posts e os vídeos do mesmo teor em 25. Advinhas e anedotas constituem o corpo de 5 e 3 mensagens, respetivamente.

As Relações Sentimentais são as menos representadas na interação deste grupo, observando-se, contudo, uma disparidade digna de registo entre a subcategoria relativa ao Reino Unido e a Portugal. Das escassas mensagens de índole sentimental alusivas ao país recetor - 6 na totalidade - 2 expressam sentimentos de solidão e ausência de conexão com a sociedade de acolhimento. As restantes 4 expressam interesse e incitam ao envolvimento na ação política local. Os posts relativos ao país de origem são bastante mais numerosos manifestando, quase todos eles, sentimentos negativos, muitas vezes em forma de crítica. Em primeiro lugar surgem mensagens de repúdio face ao sistema e à classe política (5) e imediatamente a seguir as que traduzem revolta e descontentamento com a política pró-imigração vigente em Portugal (4). A falta de dinamismo económico e a ausência de oportunidades de trabalho em Portugal são mencionadas também em 4 mensagens e a falta de investimento, reconhecimento e valorização das pessoas em 3. O estado de atraso e estagnação do país, sentimento de desilusão, descrédito e falta de esperança na respetiva capacidade de mudança e a insatisfação com o sistema de saúde, são objeto de um post em cada uma destas subcategorias.



## NOTAS FINAIS

---

Em ambos os grupos a categoria mais residual do modelo de análise são as “relações sentimentais sobre o país de acolhimento”. Por outro lado, a categoria central das interações é diferente nos dois grupos. Em ambos os países as relações informativas são o principal motor da rede.

O papel/função desempenhada pelas redes sociais virtuais, designadamente pelo Facebook assume-se como uma forma de socialização e interação (novas formas) dos migrantes entre si e também de ligação ao país e à comunidade de origem dos migrantes e, simultaneamente, manutenção da cultura de origem.

O uso das redes sociais virtuais para as comunidades emigrantes pode ser considerado um poderoso meio de comunicação que permite “reencontrar” o país de origem, estabelecer laços com compatriotas emigrados e funcionar como forma de ultrapassar insegurança e solidão – desenvolvimento de redes de apoio virtuais. Igualmente, as redes sociais virtuais permitem redefinição da identidade cultural e desenvolvimento de novas identidades em rede em consequência de processos de aculturação e de hibridismo cultural.

Na nossa perspetiva, o trabalho exploratório que desenvolvemos permite-nos sustentar a tese de que as redes de relações virtuais funcionam como suporte a proximidade física e à partilha de interesses comuns. São, em nosso entender, novas

formas de comunicar e sociabilizar – interatividade e abrangência – intervenientes simultaneamente emissores e recetores.

Uma outra nota que importa destacar reside no facto do uso das redes sociais virtuais poder funcionar como mecanismo para atenuar o isolamento dos emigrantes e, simultaneamente, funcionar como plataforma de facilitação da integração social, cultural e profissional no país de acolhimento.

Em suma, o Facebook desempenha um papel relevante na integração dos emigrantes portugueses nas sociedades de acolhimento e na manutenção da sua ligação ao país de origem e promove a emergência de comunidades virtuais que se assumem como unidades sociais transnacionais.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

Boissevain, J. (1974). *Friends of friends: Networks, manipulators and coalitions*. Oxford: Basil Blackwell.

Fialho, J. (2008). *Redes de Cooperação Interorganizacional. O caso das entidades formadoras do Alentejo Central*. Tese de Doutoramento em sociologia. Évora: Universidade de Évora.

Fialho, J., Saragoça, J., Baltazar, S. & Santos, M. (2018). *Redes sociais. Para uma compreensão multidisciplinar da sociedade*. Lisboa: Edições Sílabo.

Martinho, C. (2003). *Redes – Uma introdução da conectividade e da auto-organização*. 1ª ed. WWF, Edição Rebeca Kritsch. Brasil.

Knoke, J., Kuklinski, J. (1982). *Network analysis, Quantitative applications in the social sciences*. Newsbury: Sage Publications.

---

---

## Fatores facilitadores para o desenvolvimento das relações em rede no terceiro setor

---

CARLA COSTA

JOÃO PROENÇA

TERESA PROENÇA

03



## RESUMO

---

Este artigo discute os fatores que contribuem para o desenvolvimento de redes entre as instituições públicas e instituições sociais. A investigação baseia-se num estudo de caso: a Rede Social de Matosinhos, um programa de política social de combate à pobreza e exclusão social e promoção do desenvolvimento social local. Considerando a natureza do estudo optou-se pela metodologia qualitativa e recorreu-se à literatura do *Industrial Marketing Purchasing Group* (IMP) para discutir como atores, atividades e recursos estão interrelacionados para gerar uma ação cooperativa na prestação de serviços sociais à população.

A investigação mostra que: (i) o intercâmbio social contínuo através da implementação de atividades coletivas leva à construção de laços e estabilidade de relações que contribuem para a mobilização de *stakeholders*; (ii) a informalidade das interações facilita o relacionamento entre as partes interessadas, na medida em que facilita a coordenação e cooperação na rede, reforçando a confiança dos relacionamentos; (iii) a realização de atividades coletivas requer que os atores interajam, compartilhem recursos, adaptem as suas estruturas internas e desenvolvam interdependências entre atores, recursos e atividades, levando à percepção de valor da rede.

**PALAVRAS CHAVE:** rede social, terceiro setor, interações, relacionamentos.

## ABSTRACT

---

This paper discusses the main factors contributing to the development of networks between public, nonprofit and private organizations providing social services. The research is based on a case study: the Matosinhos Social Network, a social policy program to combat poverty / social exclusion and promote local social development.

Industrial marketing and purchasing literature was mobilized to analyze those networks, and a case study research was used to discuss how actors, activities and resources are interrelated to produce a collective and cooperative action to provide social services to population. The research contributions are (i) the ongoing interaction and exchange, through the implementation of collective activities leads to building ties and stable relationships that contribute to the mobilization of stakeholders; (ii) the informality of interactions facilitates relationship building among stakeholders insofar as it facilitates the coordination and cooperation in the network, reinforcing trust relationships; (iii) performing collective activity requires that the actors interact, share resources, adapt their internal structures and develop interdependencies between actors, resources and activities, leading to the development of the perceived network value.

**KEYWORDS:** networks, third sector, interaction, relationships.

## INTRODUÇÃO

A Ação Social, em contexto europeu, é a área das políticas sociais com maior manifestação local colocada sob o encargo dos municípios (Guerra, 2008). Esta atribuição está relacionada com a vantagem das políticas de proximidade, nomeadamente a oportunidade de aproximação das decisões aos problemas, a capacidade de mobilização e gestão de recursos e a melhoria da qualidade dos serviços prestados às populações de forma mais eficiente<sup>1</sup>. Os serviços locais têm vindo a assumir mais responsabilidades, mais respostas e a ganhar mais autonomia, muitas vezes com os mesmos recursos disponíveis, favorecendo o aparecimento de redes de articulação e cooperação. Verifica-se, portanto, a necessidade de coordenação de esforços de atores, recursos, ações e a integração de estratégias de planeamento baseadas na adesão livre das entidades públicas e privadas sem fins lucrativos (Guerra, 2008).

O objetivo deste estudo foi explorar, analisar e discutir os fatores facilitadores da construção e desenvolvimento de relacionamentos fortes entre instituições públicas e instituições sociais no trabalho efetuado em rede através de um programa de política social, as Redes Sociais. As Redes Sociais são “um programa que incentiva os organismos do setor público (serviços desconcentrados e autarquias locais), instituições solidárias e outras entidades que trabalham na área da ação social a conjugarem os seus esforços para prevenir, atenuar ou erradicar situações de pobreza e exclusão e promover o desenvolvimento social local através de um trabalho em parceria.”<sup>2</sup>

A literatura designada de *business networks* (Hakasson 1982, Axelsson e Easton 1992, Hakasson e Snehota 1995, Brito 1999; Hakasson e Ford, 2002; Hakasson e Snehota 2006) desenvolvida para ambientes sistémicos em meio industrial ajudará a

entender como se estabelecem os relacionamentos de longo prazo e como se processa a interação entre os diferentes atores, considerando os relacionamentos como condição sine qua non para uma maior participação, concertação de esforços entre os atores sociais e aumento da eficácia dos programas da Rede Social.

## REVISÃO DA LITERATURA

A abordagem de interação e das redes industriais desenvolvida pelo *Industrial Marketing Purchasing Group (IMP Group)* investigou a natureza relacional, inter-organizacional, descreveu e conceptualizou as relações de negócio como parte de um todo maior. As relações não são vistas de forma isolada entre as duas partes, mas antes integradas num sistema em que cada uma influencia a outra e o seu todo, formando uma rede de interdependências (Hakasson e Snehota, 2006; Hakansson e Waluszewski, 2002). A interdependência da rede subsiste em relação a três elementos fundamentais: atores, atividades e recursos, segundo o modelo ARA (Hakasson e Snehota, 2006).

As organizações para prestarem os seus serviços e desenvolverem a sua atividade necessitam de se relacionar com uma multiplicidade de atores, criando uma interdependência entre eles. Estas relações construídas ao longo do tempo, que envolvem recursos e compromissos, podem dar origem a relações estáveis de cooperação e/ou conflito e a mobilização de mútuos interesses institucionais. Quando os atores percecionam e partilham questões ou problemas comuns, uma das formas de resolução pode ser através da agregação de recursos e criação de redes de cooperação de atividades. A realização de atividades em rede implica a mobilização de atores, e para isso, são necessários laços entre os mesmos. (Axelsson e Easton 1992, Brito 1999; Hakasson e Ford, 2002; Hakasson e Snehota 2006). A mobilização acontece quando os atores adquirem uma visão e objetivos comuns e têm um forte compromisso entre si (Brito 2001; Ritvala e Salmi 2008).

1. Decreto-lei n.º 30/2015 de 12 de fevereiro de 2015

2. seg-social.pt/rede-social, consultado a 10 de Janeiro de 2015

## DISCUSSÃO

A Rede Social de Matosinhos (RSM) está organizada em dois níveis territoriais (concelho e freguesias), de acordo com as seguintes estruturas formais: o Conselho Local de Ação Social (CLAS), o Núcleo Executivo (NE) e as Comissões Sociais de Freguesia (CSF).

As interações frequentes entre as várias organizações estabelecem-se pelas estruturas mais operacionais (NE e CSF), pela área territorial, pela realização de atividades e por grupos temáticos criados (ex: grupo para debater as questões do envelhecimento).

Após análise do processo de interação e dinâmica das relações da RSM concluiu-se que as relações de confiança são em grande parte construídas pela substância das atividades e recursos trocados entre as numerosas interações dos atores ao longo do tempo. Quanto mais longos forem esses episódios de interação, mais institucionalizados se tornarão

os relacionamentos, assumindo padrões de rotina e de comportamento (Håkansson & Johanson, 1992; Håkansson e Snehota, 2006). A interação contínua motivada pelo desenvolvimento de atividades coletivas e a transação de serviços complementares contribui para uma maior interação e construção de confiança entre os atores, permitindo o conhecimento de quem são os atores, as instituições e os recursos existentes na comunidade local. Assim, o intercâmbio social contínuo revela-se fundamental na criação de laços e redução das incertezas, fomentando o trabalho entre os atores com base na confiança e cooperação (Håkansson e Snehota 2006; Håkansson e Ford 2002). A confiança emerge pelas interações frequentes, pela cooperação das atividades coletivas ao longo do tempo, que se traduz num aumento de cooperação e de perceção do interesse coletivo no trabalho em rede. Verifica-se ainda que a cooperação, desenvolve um papel importante no desenvolvimento das relações de confiança, mas também é uma consequência das relações de confiança e proximidade.

FIGURA 1  
REPRESENTAÇÃO DAS ESTRUTURAS FORMAIS DA RSM E SUAS FUNÇÕES

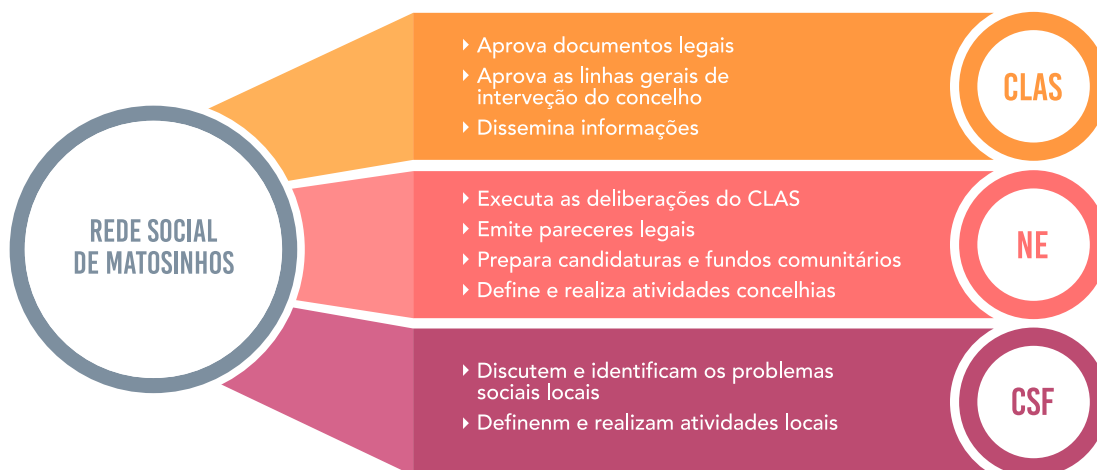


FIGURA 2  
CONSTRUÇÃO DA CONFIANÇA NAS RELAÇÕES E SEUS EFEITOS

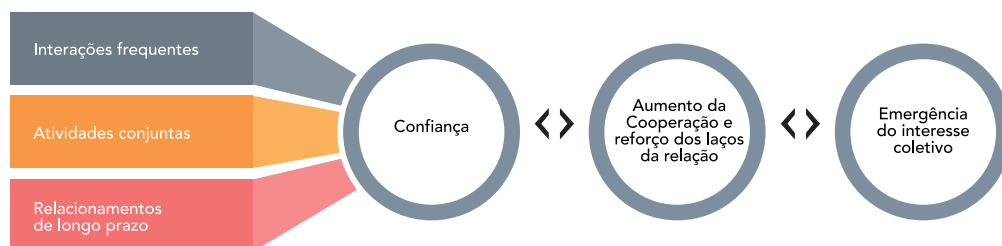
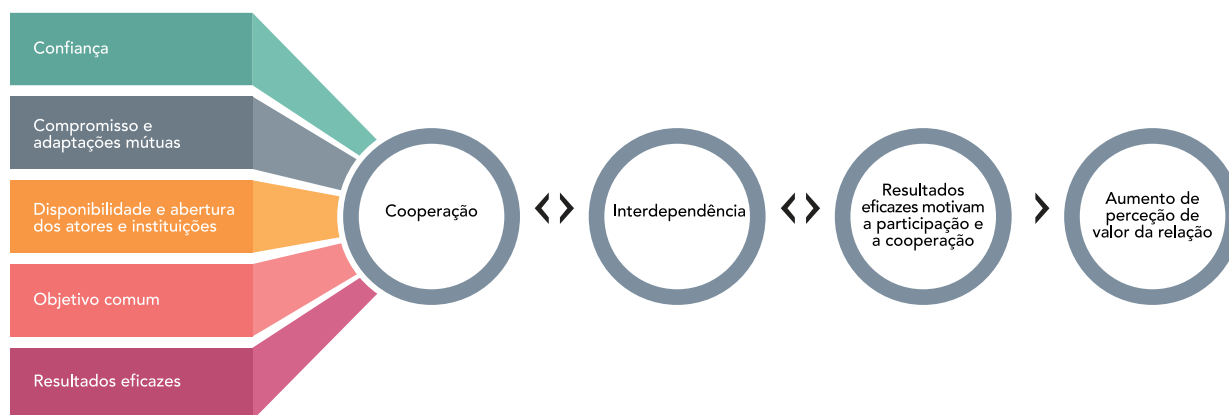


FIGURA 3  
EMERGÊNCIA DA COOPERAÇÃO E PERCEÇÃO DE VALOR DA RELAÇÃO



A cooperação e a concretização de atividades coletivas parece ser facilitada pela definição de objetivos comuns e pelo alinhamento dos atores com esses objetivos. O alcance de objetivos comuns têm um impacto positivo na percepção dos atores em relação ao valor do relacionamento e ao poder do trabalho em rede, levando os atores a considerar o trabalho em rede como um recurso em si. Portanto, as relações entre os atores é solidificada pela interdependência das atividades e resultados da rede, levando à percepção do valor da rede. O fato de os atores considerarem as relações de rede como sendo um valor e perceberem vantagens na combinação de esforços tende a aumentar a cooperação, a confiança e a mobilização de atores para o trabalho em rede.

Cada organização opera dentro de uma textura de interdependências, pois nenhum ator detém todos os recursos necessários ao desenvolvimento do seu serviço. Há a necessidade de criar ligações com outros serviços complementares e estabelecer redes de recursos e de atividades (Hakansson e Johanson, 1992; Hakansson e Ford, 2002). A combinação de recursos e a criação de novas respostas reforçam o objetivo comum entre os atores, o compromisso mútuo e a interdependência das relações. Se um ator falha com o seu compromisso afetará as outras organizações e comprometerá os resultados coletivos.

O trabalho em rede e a necessidade de realização de atividades coletivas influenciam a identidade da organização pela necessidade de coordenação e adaptação das estruturas internas com os outros atores da rede e vice-versa (Hakansson e Snehota, 2006). O estudo de caso revelou que características organizacionais e individuais podem influenciar o desenvolvimento e sucesso da rede. A formalidade, a hierarquização, a centralização de poder e decisão são características que dificultam a tomada de decisões célere, o trabalho em rede e a percepção de valor do relacionamento. Pelo contrário, a abertura, a disponibilidade, a flexibilidade, a autonomia e o poder de decisão facilitam o trabalho em rede, a cooperação e a percepção de valor. As características individuais, como a postura com que o ator assume o papel na rede, as experiências passadas e as competências profes-

sionais também podem influenciar a dinâmica e o trabalho em rede. A pesquisa mostra que as competências interpessoais e a capacidade de trabalhar em equipa, geralmente conhecidas como *soft skills*, são fundamentais para o desenvolvimento da cooperação e confiança na rede, pois permitem uma comunicação mais fácil e o desenvolvimento de relacionamentos mais fortes.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa forneceu dados empíricos sobre a natureza das relações inter-organizacionais envolvidas em programas de intervenção social. Os resultados sugerem que a eficácia da rede está relacionada com: (1) a interação contínua dos seus membros, através da realização de atividades coletivas e da entrega do serviço (diário) de cada organização, o que leva à construção de laços e relações estáveis que contribuem para a mobilização dos *stakeholders*. (2) O carácter informal das interações facilita a construção de relacionamentos entre os atores sociais, a coordenação das atividades e a cooperação na rede entre as organizações, reforçando a confiança e o valor da rede. (3) A realização de atividades coletivas exige que os atores interajam, compartilhem recursos, adaptem as suas estruturas internas e desenvolvam interdependências entre os atores, os recursos e as atividades, levando ao desenvolvimento do valor percebido da rede. (4) Padrões "autoritários" de *stakeholders* organizacionais podem dificultar as decisões e os relacionamentos em rede e a percepção de valor dos mesmos. (5) Competências individuais são mais importantes na dinâmica de rede do que competências profissionais ou técnicas, na medida em que facilitam a comunicação e a cooperação.

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

- Andreotti A., Mingione E. and Polizzi E. (2012) *"Local Welfare Systems: A Challenge for Social Cohesion"*, Urban Studies Journal Limited.
- Bourdieu, P. (1985). *The forms of capital. In J. G. Richardson (Ed.), Handbook of theory and research for the sociology of education* (pp. 241–258). New York, NY: Greenwood.
- Coleman, J. S. (1988). *Social capital in the creation of human capital. American Journal of Sociology*, 94, S95–S120. Retirado <http://www.jstor.org/stable/2780243>
- Brito C. M. (1999), *Issue-based nets: a methodological approach to the sampling issue in industrial networks research, Qualitative Market Research: An International Journal*, Vol. 2, No 2, pp. 92-102.
- Brito C. 2001. *"Towards an institutional theory of the dynamics of industrial networks."* *Journal of Business & Industrial Marketing*, 16 (3): 150-166.
- Guerra P. (2008) *As Reformas na Administração Pública e o Impacto na Intervenção Social, III Jornadas de Serviço Social "Os novos desafios à formação, cultura e organização profissional"* FLUP - Artigo em Livro de Atas de Conferência Nacional
- Hakansson H., e Ford, D. 2002, *"How Should Companies Interact in Business Networks?"* *Journal of Business Research*, Vol. 55(2), pp. 133-139.
- Hakansson H., & Johanson, J. (1992). *"A model for industrial networks."* *In B. Axelsson, & G. Easton (Eds.), Industrial networks: a new view of reality* (pp. 28–34) London and New York: Routledge.
- Hakansson H., & Snehota, I. (2006). *"No business is an island: The network concept of business strategy"*. *Scandinavian Journal of Management*, 5(3), 187–200.
- Ritvala T., Salmi A. (2008) *"Actor mobilization and institutional change around a common issue: the case of fighting heart disease in Finland"*, 24th IMP Conference.

04

SERVIÇO SOCIAL  
E CUIDADOS DE SAÚDE

---

## Reabilitação Psicossocial e Qualidade de Vida

---

Contributos dos Programas desenvolvidos por uma organização comunitária, para a qualidade de vida de pessoas com doença mental

---

CARLA SANTOS

SANDRA PEDROSA

01



## RESUMO

---

A investigação centrou-se na reabilitação psicossocial e qualidade de vida (QDV), numa Organização Comunitária, tendo participado 47 utilizadores dos seus programas: Unidades Residenciais e Fóruns Sócio-Ocupacionais (FSO).

Teve como objetivos identificar os principais contributos destes programas na QDV de pessoas com doença mental, utilizando-se como instrumentos: Escala WHOQOL-BREF, entrevista semi-estruturada e análise documental.

Na escala os utilizadores que frequentavam duas respostas sociais apresentaram melhores resultados de QDV, sendo mais significativos nos utilizadores da Unidade de Vida Autónoma e FSO. Destacam-se como melhores resultados da escala: relações pessoais e apoio social, auto-estima e imagem corporal/aparência, ambiente do lar e transportes; e como piores resultados: dependência da medicação ou tratamentos, recursos económicos e sentimentos negativos.

Em relação à idade e género não existiram correlações significativas com a QDV dos utilizadores e nas habilitações literárias verificou-se uma correlação significativa inversa.

Nas entrevistas identificaram-se as dificuldades da doença mental, fatores que contribuíram para a QDV e significado das respostas para a reabilitação.

A participação em atividades, socialização, desenvolvimento de competências e suporte dos profissionais foram aspetos mais mencionados.

Em suma, identificaram-se vantagens dos programas de suporte comunitário: ocupacionais e residenciais, e o impacto positivo nas relações interpessoais, bem-estar e QDV.

## ABSTRACT

---

The research focused on psychosocial rehabilitation and quality of life (QOL), in a community organization,

having participated 47 users of its programs: residential units and socio-occupational forums (FSO).

The objective was to identify the main contributions of these programs in the QOL of people with mental illness, using as instruments: WHOQOL-BREF scale, semi-structured interview and documentary analysis.

In the scale, users who attended two social responses presented better results of QOL, being more significant in the users of the autonomous Life Unit and FSO. We highlight the best results of the scale: personal relationships and social support, self-esteem and body image/appearance, home environment and transportation; and as worse results: dependence on medication or treatments, economic resources and negative feelings.

Regarding age and gender, there were no significant correlations with QOL users and in literary qualifications there was a significant inverse correlation.

The interviews identified the difficulties of mental illness, factors that contributed to the QOL and the meaning of the responses to rehabilitation. Participation in activities, socialization, skills development and professional support were the most mentioned aspects.

In short, the advantages of community support programs were identified: occupational and residential, and the positive impact on interpersonal relationships, well-being and QOL.

## INTRODUÇÃO

---

A investigação teve como questão de partida clarificar os principais contributos da reabilitação psicossocial na qualidade de vida (QDV) de pessoas com doença mental, foi desenvolvida numa Organização Comunitária, da cidade de Lisboa, com os utilizadores de programas residenciais e sócio-ocupacionais.

A amostra da investigação foi constituída por 47 utilizadores, com doença mental, a frequentar os programas mencionados.

O desenho da investigação baseou-se num estudo de natureza explicativa, procurando determinar a relação entre a frequência dos programas de reabilitação e a QDV dos utilizadores; e de natureza mista, utilizando abordagens quantitativas e qualitativas, embora a inquirição de natureza qualitativa vise ajudar a compreender os resultados quantitativos.

As técnicas de investigação utilizadas foram: a aplicação da Escala WHOQOL-BREF e entrevista semi-estruturada a utilizadores.

A evolução sobre a forma de conceber a doença mental foi-se traduzindo na criação de instituições e na prestação de cuidados, adequados a essas conceções.

O grande salto qualitativo deu-se na década de 60, do século XX, com a descoberta de psicofármacos capazes de controlar com maior eficácia os sintomas mais graves das doenças mentais. Este facto, em interação com as correntes de pensamento que procuravam abalar os fundamentos do encarceramento psiquiátrico deram origem ao movimento de desinstitucionalização, levando ao encerramento dos grandes hospitais psiquiátricos e à sua substituição por serviços de proximidade que deveriam prestar cuidados na comunidade.

Portugal seguiu com algum atraso as orientações internacionais, promulgando leis, nem sempre aplicadas integralmente e perdendo-se, nas diversas transições, com avanços e recuos sucessivos.

A Lei da Saúde Mental – Lei n.º 36/98, de 24 de Julho, vem reconhecer a necessidade de criação de uma rede de respostas articuladas entre si, pela colaboração interministerial e com organizações sociais comunitárias. O Despacho Conjunto n.º 407/98, dos Ministérios da Saúde e do Trabalho e Solidariedade, tornou possível a implementação de programas de reabilitação psicossocial, nomeadamente: fóruns sócio-ocupacionais, residências de diferentes níveis de apoio/autonomia e programas de emprego protegido e formação profissional.

Da literatura consultada depreende-se uma relação entre QDV e o nível de integração social conseguido pela pessoa com doença mental, em determi-

nado momento do seu ciclo de vida e do percurso da doença.

A Reabilitação Psicossocial de pessoas com doença mental é entendida como um conjunto de meios e atividades desenvolvidas, para que as pessoas possam atingir o seu nível potencial de funcionamento e ter uma melhor QDV.

A reabilitação psicossocial e o recovery (dois processos interdependentes e complementares) envolvem três eixos: o ter onde viver, o participar em redes sociais e a inserção em trabalho socialmente útil (Saraceno, 1999, em Anastácio e Furtado, 2012; OMS, 2001) e exigem o esforço da pessoa e da sociedade para que disponibilize os recursos necessários. Por isso, a qualidade de vida deve ser avaliada na sua tripla dimensão: subjetiva, multidimensional e considerando dimensões negativas e positivas (Fleck et al., 1999, em Guterres, 2002:97).

A avaliação da QDV surge, assim, ligada ao movimento de desinstitucionalização e à prestação de serviços de suporte na comunidade, procurando demonstrar em que medida estes serviços contribuem para reduzir a sintomatologia, os dias de hospitalização, a redução de custos e o nível de integração psicossocial (em Guterres, 2002). Por outro lado, os resultados da avaliação da QDV deverão ser utilizados para priorizar a implementação de programas que correspondam às expectativas e necessidades dos utentes.

Nesta investigação, que se realiza no contexto da desinstitucionalização e da sua filosofia, procurou-se avaliar em que medida os suportes da comunidade, nomeadamente a frequência dos programas de reabilitação, contribuem para a QDV dos seus utilizadores. Desenvolveu-se numa organização comunitária, nas suas respostas sociais: 1 Unidade de Vida Autónoma (UVAU), 3 Unidades de Vida Protegida (UPRO) e 2 Fóruns Sócio-ocupacionais (FSO), participando 47 utilizadores (27 frequentam exclusivamente o FSO e 20 utilizam em simultâneo o FSO e Unidade de Vida).

Teve como considerações éticas: consentimento informado, respeito pela vontade dos utilizadores e aplicação das escalas e entrevistas realizada por um profissional estranho à instituição.

Da caracterização sociodemográfica dos 47 utilizadores verificou-se que são maioritariamente homens (70%), com prevalência de esquizofrenia (74%), o grau de escolaridade em 57% é superior ao 3º ciclo; 45% têm um rendimento inferior a 250,00€ mensais. A média de idades nos fóruns são 48 anos e nas residências 51 anos. Nos fóruns 74% dos utilizadores têm os pais como principal cuidador/pessoa significativa, e nas residências são os irmãos (40%) que assumem este papel.

Da aplicação da Escala WHOQOL-BREF aos 47 utilizadores, onde se avaliaram 4 domínios: físico, psicológico, relações sociais, ambiente e a faceta geral, as médias das questões mais elevadas foram: transporte, apoio social, ambiente no lar, relações pessoais e auto-estima. Na faceta geral, a avaliação da QDV e da satisfação com a saúde assumiram também grande expressão. Nas médias mais baixas, destacaram-se: recursos económicos, sentimentos negativos e dependência de medicação ou tratamentos.

Correlacionando a média das respostas do WHOQOL-BREF dos utilizadores de FSO e a média dos utilizadores das duas respostas sociais (FSO e Programa Residencial), verifica-se que as médias destes últimos são sempre mais elevadas, à exceção da dependência de medicação ou tratamentos.

Constatámos ainda que existem níveis superiores de QDV (nos diferentes domínios), nos utilizadores que frequentavam simultaneamente o FSO e uma UPRO ou UVAU, com diferenças significativas na UVAU.

Confirma-se, assim, a primeira hipótese do estudo de que os utilizadores dos programas residenciais e FSO em simultâneo, apresentam resultados mais elevados de QDV, do que os que frequentam apenas os FSO.

Na segunda hipótese verifica-se que não existem correlações significativas entre as características sócio-demográficas como: a idade e o género e a QDV nos diferentes domínios. O mesmo não se verifica com o nível de habilitações, em que existe uma correlação significativa inversa nalguns domínios.

Foram ainda realizadas entrevistas semi-estruturadas a quatro utilizadores, tendo como critérios de seleção: bons resultados, no conjunto dos domínios do WHOQOL-BREF; capacidade de resposta; diferentes variáveis sociodemográficas (idade, escolaridade, sexo, diagnóstico) e programas frequentados.

Da análise verificou-se bastante homogeneidade no tipo de fatores que contribuíram para a sua reabilitação/qualidade de vida, nomeadamente, apoio dos pares, ter trabalho/ocupação, suporte emocional dos profissionais, e integração nos programas de reabilitação.

Essa homogeneidade já não se verificou em relação ao tipo de dificuldades como: natureza da doença e suporte familiar (dividindo-se os que têm suporte familiar e os que tiveram de cortar as relações familiares para poder recuperar). Relativamente ao suporte (ou falta de suporte) de amigos verifica-se uma homogeneidade no discurso, referindo-se ao estigma e à solidão/isolamento, mais sentidos antes da participação nos programas.

Os entrevistados que falaram abertamente sobre o seu diagnóstico, consideraram também a importância da medicação para poderem viver com maior equilíbrio, participar em atividades e partilhar com os pares as informações que vão adquirindo, mencionaram também o estigma que ainda está associado à doença mental.

A partir das representações das expectativas de futuro os entrevistados continuam a ter sonhos diversificados, mas também consciência da dificuldade em concretizá-los plenamente, atendendo à idade e sintomas da doença, às baixas reformas, à falta de oportunidades no mercado de trabalho. Quando questionados sobre a importância da sua integração em programas de reabilitação ficou patente pelo discurso e pela própria postura apresentados, um antes: de hospitalização, reclusão familiar e isolamento; e um depois: de acompanhamento médico, integração e inserção em atividades na comunidade.

## CONCLUSÃO

A evolução das políticas de saúde mental, em Portugal, foi evoluindo de uma forma gradual, mas incompleta. Por outro lado, a forma de encarar e tratar a doença mental foi-se alterando desde os tempos de exclusão, estigmatização e encarceração em hospitais psiquiátricos e asilos; à abordagem comunitária, no sentido da individualização, autonomia e reabilitação das pessoas com doença mental.

Nesta investigação foi possível identificar as vantagens dos programas de suporte comunitário: ocupacionais e residenciais e o impacto positivo nas relações interpessoais, contribuindo, assim, para o bem-estar e melhor QDV dos utilizadores.

Trata-se de respostas mais ajustadas ao seu meio ambiente e integradas na comunidade, contrariamente às respostas de tipo hospitalar/asilar, permitindo aumentar as suas capacidades e competências e desenvolver rotinas e atividades de vida diária, contribuindo para o cumprimento de papéis sociais e o exercício de uma cidadania mais plena.

Para além disso, as respostas na comunidade permitem um olhar humanista sobre a doença mental, de forma a pôr fim à estigmatização e exclusão social.

A reabilitação psicossocial influencia não só o relacionamento entre as pessoas e o seu ambiente,

como procura eliminar as barreiras externas, tais como: a discriminação, os preconceitos e o isolamento social.

A existência deste tipo de respostas sociais na comunidade é também mais eficaz em relação ao custo, permitindo reduzir o consumo de recursos. Por outro lado, respeita os direitos humanos e a dignidade da pessoa com experiência de doença mental, centrando-se na pessoa numa perspectiva holística e não apenas na doença.

Face ao exposto, consideramos imprescindível a existência destas respostas sociais, inseridas na comunidade, permitindo às pessoas com doença mental o suporte necessário à satisfação das suas necessidades básicas e a promoção da sua autonomia, bem como a sua integração social e qualidade de vida.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anastácio, C. e Furtado, J. (2012). «*Reabilitação Psicossocial e Recovery: conceitos e influências nos serviços oferecidos pelo sistema de saúde mental*», in Cadernos Brasileiros de Saúde Mental. Florianópolis, v.4, n.9, 72-83.

Guterres, M. (2002). *Suporte Social e qualidade de vida em pessoas com perturbações mentais crónicas apoiadas por serviços comunitários*. Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

---

---

# Espiritualidade em Cuidados Paliativos

---

O olhar do Serviço Social sobre a Família

---

MARIA COLIMÃO  
CRISTINA DUARTE

02

## RESUMO

Nos últimos 25 anos é crescente o corpo de pesquisa em espiritualidade e sobre o lugar da espiritualidade na pessoa e nos cuidados paliativos. O olhar holístico dos Cuidados Paliativos sobre a pessoa, considerando-a nas suas variadas dimensões física, psicológica, social e espiritual fazem destes uma resposta diferenciada.

Neste sentido, a investigação sobre **“Espiritualidade em Cuidados Paliativos: estados da família após a perda do seu ente querido”**, surge da necessidade do Serviço Social desenvolver uma prática reflexiva sobre os espaços da sua intervenção e procurar mais e melhores respostas no seu campo de acção, em específico em Cuidados Paliativos tendo como objectivos caracterizar os estados espirituais do cuidador familiar, após a morte do ente querido e aferir das necessidades espirituais dos sujeitos familiares em contexto de luto.

O estudo reflexivo apresenta uma revisão bibliográfica e análise de textos. No estudo empírico desenvolvido adoptou-se uma metodologia qualitativa, tendo por base a realização de entrevistas, a análise de conteúdo e a análise fenomenológica. Foi aplicada uma escala de avaliação de necessidades espirituais e de uma entrevista semiestruturada, que ajudasse a identificar os estados e necessidades da família.

**Palavras-chave:** Serviço Social; Espiritualidade; Cuidados Paliativos; Família

## ABSTRACT

Spirituality is commonly associated with the search for meaning and truth, meeting with transcendence and sacred. This concept involves observable practices, but it focuses on an experiential level associated with immaterial aspects, such as love, health and peace. Thus, the concept of spirituality is hard to define because it involves aspects of reality that transcend words and measurement, however this feature is not sufficient to justify that spirituality not undergo investigation. The study on spirituality, after the loss of a loved one, is closely related to a context and loss event of a significant reference - spouse, parental figure or affiliate within the family dynamics -, whose balance against the inexorable event of death is usually too shaken. This experience awakens feelings of ambivalence associated with the loss of a person of reference and simultaneously the need for their presence even if another form of existence. Different feelings are experienced: intentions of pain and spiritual suffering, but also of acceptance and rebirth after the experience of total pain and spiritual suffering that translate into feelings of anxiety, loneliness, uncertainty, contributing to the reflection and experience of the meaning of spirituality and personal relationship with it. This dynamic energy of opposites may lead us to different search paths of meaning that ultimately lead us to transcendence and deepening spirituality as well as development in the relationship with us and with the world. In this complex process the Social Worker due to the specification of his role, has at the same time as clients the patients and their families, with specific training you can see envisaged a new career path, supporting family spiritual needs. The methodology used in **Spirituality in Palliative Care: Spiritual stages of the family after the loss of a beloved** is qualitative based on the interviews, content analysis and the phenomenological analysis. Further in qualitative analysis, there was no evidence of a clear sense of spirituality among the study participants, nor evidence of a clear representation of what is spiritual, or the identification of professionals who present them. The family remains, in essence, to rely on their family to support themselves spiritually.

In this context the research Spirituality in Palliative Care: Spiritual stages of the family after the loss of a beloved: Perspectives for Social Work emerges from Social Work need to develop a reflexive practice re their intervention spaces and look into to better approaches in its own field namely in Palliative Care having as aim to characterize the the spiritual stages of the carer after the death of their beloved one and get to know more about the spiritual needs of the carers in grief context.

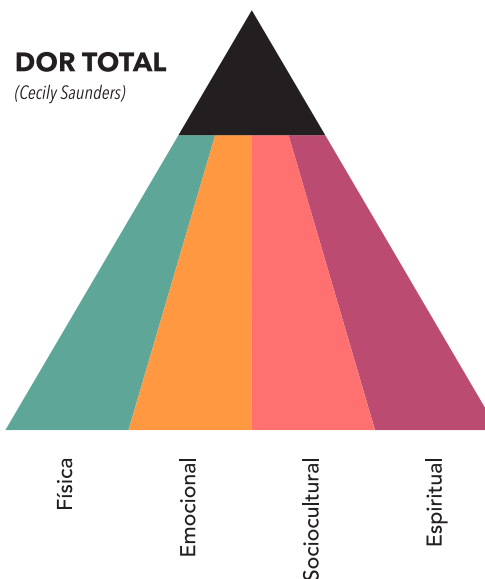
**KEYWORDS:** Social Work; Spirituality; Palliative Care; Family

## 1. CONTEXTO E OBJETIVOS

A espiritualidade é comumente associada à procura de sentido e verdade, encontro com a transcendência e o sagrado. Este conceito envolve práticas observáveis, mas foca-se num nível experiencial relacionado com aspectos imateriais como o amor, o bem-estar e paz.

Uma definição recente de espiritualidade segundo Martin, J. (2016): "So perhaps we should approach spirituality from another place, the uncompromising and ubiquitous space in which everyone must face their own meaning; the place and time where reconciliation, transcendence, what has and might have been, beliefs about continuity and other personal truths all reside. It is in this space that spirituality, if it has any utility, must surely have something useful to contribute".

A espiritualidade envolve aspectos que transcendem as palavras e a medição. Tema essencial, embora a ausência de dados seja reflectida pelos investigadores internacionais e nacionais, como uma lacuna, pois como afirma Hodge (2006) "traditionally, minimal research has been conducted on spirituality". Nos últimos 25 anos é crescente o corpo de pesquisa em espiritualidade e sobre o lugar da espiritualidade na pessoa e nos cuidados paliativos. Segundo Lloyd-Williams (2003), os aspectos psicológicos, sociais e espirituais dos Cuidados Pa-



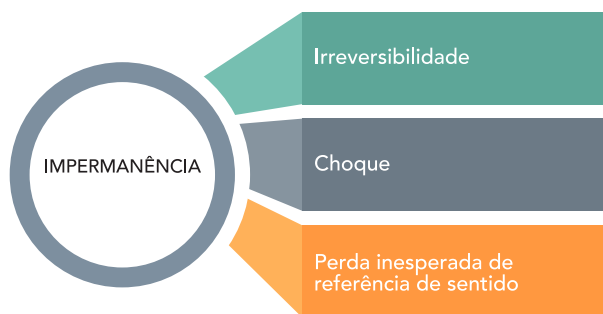
liativos são características que fazem destes uma resposta diferenciada.

A dor total é um conceito clínico e conceptual muito pertinente. Emergiu da experiência única de Cicely Saunders, alguém com uma plataforma multidisciplinar pessoal única pois, foi enfermeira, Assistente Social e por fim médica. Este conceito é também o reflexo da sua vontade de conhecer o sofrimento espiritual e de conhecer a sua relação com os problemas físicos.

Este conceito está ligado a uma necessidade de obter dos doentes uma narrativa e biografia, enfatizando a importância de ouvir a história do paciente e de entender a experiência do sofrimento de uma forma holística.

A inseparabilidade da dor física dos processos mentais é referida por Cicely Saunders, já nas suas primeiras publicações. O contexto específico desta concepção é aquele momento em que todas as medidas curativas e paliativas foram esgotadas. O momento em que a medicina tradicional diz que "não há mais nada a ser feito". Aqui começa uma medicina de cuidados de fim de vida, na qual o en-





tendimento multifacetado da dor é central, e para a qual o sentido da dor é uma preocupação.

Assim, a investigação sobre “Espiritualidade em Cuidados Paliativos: estados da família após a perda do seu ente querido”, surge da necessidade do Serviço Social desenvolver uma prática reflexiva sobre os espaços da sua intervenção e procurar mais e melhores respostas no seu campo de ação, em específico em Cuidados Paliativos tendo como objectivos caracterizar os estados espirituais do cuidador familiar, após a morte do ente querido e aferir das necessidades espirituais dos sujeitos familiares em contexto de luto.

## 2. METODOLOGIA

O estudo reflexivo apresenta uma revisão bibliográfica e análise de textos. No estudo empírico desenvolvido adoptou-se uma metodologia qualitativa, tendo por base a realização de entrevistas, a análise de conteúdo e a análise fenomenológica. Foi aplicada uma escala de avaliação de necessidades espirituais e de uma entrevista semiestruturada, que ajudasse a identificar os estados e necessidades da família. Como instrumentos de recolha de dados optou-se pela Escala de Avaliação da Espiritualidade, desenvolvida por Pinto e Pais-Ribeiro (2007) uma vez que fornece informações que enriquecem a análise de dados fornecida pela análise de conteúdo da entrevista. A escolha da entrevista neste tipo de estudo é justificada por Canda e Furmam (2010) quando sustentam que, quer o investigador aceite ou não ideias metafísicas numa perspetiva espiritual, este pode estudar os seus conteúdos e efeitos através de entrevistas e da análise de símbolos, narrativas, poesia, música, cerimónias e rituais, nos quais são usados e comunicar o que observou.

## 3. RESULTADOS

Da análise de conteúdo das cinco entrevistas semiestruturadas obteve-se os seguintes resultados: nenhum dos entrevistados identifica um profissional



que o tenha ajudado nas suas necessidades espirituais, à exceção de S3 que teve uma pequena clínica montada em casa e identifica a médica particular que assumiu o tratamento do seu cônjuge durante esse tempo (Célia, 54 anos, perda de cônjuge, u.s.39, E1) como esse profissional, antes do seu familiar ingressar na unidade de cuidados paliativos. Dos restantes entrevistados, oriundos de duas unidades de cuidados paliativos, ambas com aconselhamento espiritual, nenhum identifica um profissional que o tenha ajudado nas necessidades espirituais, nem tem ideia de quem o poderia apoiar. É de notar que estes entrevistados chegaram através de duas equipas de cuidados paliativos com Assistente Espiritual.

Com o pedido ***“Por favor, descreva-nos como a vivência da perda do seu ente querido o ajudou a vivenciar a dimensão espiritual”***, recorrendo à abordagem fenomenológica, como metodologia, a estrutura geral de significado transversal aos participantes foi conseguida, através dos constituintes essenciais daquela e respectivas variações empíricas: reconhecimento de irreversibilidade, sofrimento espiritual, procura de sentido, aceitação, crescimento espiritual, mudança de perspectiva na relação com o mundo e com os outros. Os primeiros três estados estão relacionados com os contextos da família perante a perda do seu ente querido, enquanto os três últimos remetem para o significado que e construído quando a perda é ultrapassada.

Este estudo teve como critério a eleição de uma vivência transversal a todos os participantes do estudo a saber, terem vivido o choque após a perda de um ente querido.

Este ponto de partida conduzir-nos-á aos diversos significados invariantes, comuns aos três participantes, o primeiro dos quais o reconhecimento da irreversibilidade.

## 1. RECONHECIMENTO DA IRREVERSIBILIDADE

A irreversibilidade da doença conduz à consciência da transitoriedade da vida. Este constituinte surge nos três entrevistados face a um diagnóstico de doença irreversível do seu ente querido.

Para Descamps *“de um modo geral a espiritualidade que não é preparada e enquadrada por uma via tradicional, manifesta-se face a uma urgência e por vezes face a uma crise”*(Descamps 2004:p.89),o que nos remete para a entrevista do Prof. Daniel Serrão (Colimão, Maria do Carmo, 2014, Apêndice II p.3) quando sustenta que *“a vida espiritual ou espiritualidade em cada pessoa depende da sua capacidade de intuir ou de aceitar a existência da alma que está para além de nós, fora de nós, fora do nosso tempo, fora do espaço que não é matéria.”*

## 2. IMPERMANÊNCIA

Este constituinte remete para Schopenhauer que refere que *“nós podemos objetivamente perceber a nossa mão como um objeto externo, como um cirurgião durante uma intervenção cirúrgica, e podemos também subjetivamente estar conscientes da nossa mão como algo que não habitamos, como algo que livremente movemos, e da qual podemos sentir os movimentos internos dos nossos músculos”* (Malpas, J. Davidson, D. 2012)

## 3. SOFRIMENTO ESPIRITUAL

Descamps afirma: *“Nós sofremos terrivelmente por não compreender o sentido das coisas, de não saber de onde vimos, porque estamos cá e no que nos tornaremos, porque estamos lá e o que faremos”* (Descamps2004, p.90).

## 4. PROCURA DE SENTIDO

Da visão da morte é preciso encontrar uma razão de viver, ou como defendeu Leibniz *“um pedaço de mosaico que é visível para nós feio, no seu todo pode ter uma grande beleza”*(Malpas, J. Davidson, D. 2012) e foi o que cada um dos entrevistados acabou por fazer a seu tempo no seu processo de perda.

Observa-se nos três sujeitos uma necessidade de aumentar a consciência face ao que estão a viver através da procura de sentido, única para cada um.

O ponto de mudança na procura de sentido de S3 foi entender que a consciência de que o marido em

estado vegetativo era mais que uma carcaça, através do apoio da médica domiciliária, aproximou-se mais do significado de quem era o marido antes de entrar naquele estado *"e pode crer que essas palavras me ajudaram a desencadear esse processo todo na minha cabeça"* (S3, u.s.4, E1).

S4, na sua procura de sentido, é levado à necessidade de perdoar o seu ente querido sem o verbalizar, disponibilizando a sua presença e esperando que o seu ente querido lhe pedisse perdão. (S4, u.s.3, E1).

S5 na sua procura de sentido, distingue teoria da prática no que respeita a espiritualidade e afirma a perda do seu ente querido como uma oportunidade de pôr em prática o que já sabia *"(...) a partir dessa data, eu comecei a ter uma sensibilidade, e a estar mais atenta a tudo o que fez pôr à prova...os ensinamentos que tinha adquirido até aqui...ah e portanto é mais sentirmos na pele ah...tudo aquilo que já tinha conhecimento, mas é diferente o conhecimento do vivenciar"* (S5, u.s.1, E2).

## 5. ACEITAÇÃO

Após o desabamento familiar por perda de ente querido, a perda é integrada na vida, conforme referem os entrevistados: *"passa-se por outra fase e depois à fase seguinte, é a aceitação de todo o caso e de tentar...viver, aprender e entender..."* S3, u.s.1, E1); *"Mas tem de aceitar, não há outra alternativa senão aceitar essa situação"* S4, u.s.5, E1); *"Numa aceitação que eu pensei que não seria tão forte, mas acabei por aceitar ..."* (S5, u.s.2, E2).

## 6. CRESCIMENTO ESPIRITUAL

Os três entrevistados demonstraram-se capazes de interpretar a perda, como desafio e oportunidade através do sentido e transcendência (cf. Canda e Furmam, 2010).

Observamos S3 que disse: *"Vai sempre buscar um conforto na nossa fé, na nossa espiritualidade...cada um acredita no que quer...e isso conforta-nos...a mim confortou-me e despertou-me para certas coisas"* (S3, u.s.2, E2). S4 mostra que *"Isso obrigou-me a encarar a vida...com outro modo de apreciação: nós*

*temos todos de nos perdoar uns aos outros"* (S4, u.s.3, E2). S5 considera que *"Veio aumentar a minha espiritualidade, veio aumentar o meu nível de espiritualidade"* (S5, u.s.2, E1).

## 7. MUDANÇA DE PERSPETIVA NA RELAÇÃO COM O MUNDO E COM OS OUTROS

Podemos entrar em contacto com o espiritual, através da beleza do mundo natural, das nossas relações com outros, das práticas religiosas, da pintura, da música, ou de outras formas de arte, conforme preconizou Schopenhauer (Malpas, J. Davidson, D. 2012). Porém existe um sentimento de terror ou de solidão. Podemos ter fé e podemos também procurar e questionar... *"através de todas estas vivências uma energia dinâmica conduz-nos pelos nossos diferentes caminhos."* (Twycross, 1999).

S3 sintetiza a sua mudança: *"passei a estar mais atenta às pessoas de idade, mais próxima daqueles que me são queridos...tenho mais paciência e sou mais tolerante."*(S3, u.s.2, E2).

Já S4 declara: *"a natureza é fantástica tem uma força colossal; E também me sinto bem."* (S4, u.s.16, E2).

S5 salienta que *"a pessoa fica mais pacífica, relativiza muito mais as coisas, mais sensível, à natureza, às coisas belas"* (S5, u.s.11, E2)

## 4. CONCLUSÃO

Neste estudo não foi encontrada evidência de uma noção clara de espiritualidade entre os seus participantes. A primeira entrevistada confunde-a com a sua concepção de vida, enquanto a segunda tem uma concepção influenciada pelo catolicismo. Os restantes participantes levam-nos a inferir concepções de espiritualidade, menos influenciadas pela religião.

Para todos os sujeitos não há uma representação clara do que são necessidades espirituais e muito menos do profissional a quem poderiam apresentá-las.

Através das contribuições dos participantes, constatamos que nesta pequena amostra portuguesa, a família continua a contar com a família para apoiar. O primeiro entrevistado teve de facto o apoio incondicional da família, enquanto, o segundo, notoriamente, gostaria de ter tido esse apoio dos filhos.

Estes resultados remetem-nos para a reflexão da realidade do e no exercício da prestação de cuidados na dimensão espiritual, de como se cuida o espiritual, no contexto dos cuidados paliativos, em Portugal.

Um dos pilares dos Cuidados Paliativos é o trabalho em equipa, há que considerar quem dentro da equipa tem uma preparação mais holística no conhecimento das necessidades humanas.

O Assistente Social, pela sua formação, por estar mais próximo do cliente e da sua família, sendo na realidade o elo de ligação, e muitas vezes o mediador entre a equipa de saúde e a família pode ser esse elemento. Como preconizado por Kubler-Ross (2008) quando descreveu em que dimensões o conselheiro pode ajudar os familiares. Com o treino necessário, o Assistente Social pode de forma geral atender às necessidades espirituais da família e cliente, tendo para isso de se especializar em história comparada das religiões, tendo muito presente a fronteira do que são as suas crenças e as dos clientes, jamais ultrapassando a mesma, conforme Canda e Furman (2010).

Assim, estamos perante uma nova via e melhor resposta de intervenção do Serviço Social nos Cuidados Paliativos. No processo de perda, muitas pessoas não querem histórias contadas por um representante reconhecido de qualquer religião, apenas alguém com capacidade para estar presente na busca do fio condutor, da procura de sentido na sua história pessoal.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- CANDA, E. R. e FURMAN, L. D. (2010), *Spiritual Diversity in Social Work Practice*, Oxford: Oxford University Press.
- CARVALHO, M.I. (2003), *Reflexões sobre a profissão do Serviço Social em contexto Hospitalar*, *Intervenção Social*, 28, 29-55.
- COLIMÃO, DE SANDES DE OLIVEIRA, MARIA DO CARMO (2014). *Espiritualidade em Cuidados Paliativos: Estados Espirituais da Família após a perda de um ente querido – Perspectivas para o Serviço Social*. Repositório da Faculdade de Medicina, da Universidade de Lisboa
- DESCAMPS, MARC- ALAIN (2004). *La Psychanalyse Spiritualiste*. La Rochelle: Desclée Brouwer.
- GIORGI, A. & GIORGI, B. (2003). *The descriptive phenomenological psychological method*. In P. M. Camic, J. E. Rhodes & Vardley (Eds.) *Qualitative Research in psychology: expanding perspectives in methodology design* (pp 243-273). Washington DC: American Psychological Association.
- FRANKL, VIKTOR E. (2012), *O Homem em busca de um sentido*, Alfragide, Lua de Papel.
- HODGE, D.R. (2006), *Spirituality and religion in Social Work: Taking stock of what's been accomplished and surveying the landscape ahead*, *Arete*, 30(1) 3-7.
- KUBLER-ROSS, ELISABETH (2008). *Acolher a morte*, 1.ª Edição, Lisboa: Estrela Polar.
- LLOYD Williams, M. (Ed.) (2003), *Psychosocial Issues in Palliative Care*, Oxford: Oxford University Press.
- MALPAS, J., "DAVIDSON, D.", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2012 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/win2012/entries/davidson/>>.
- PESSINI, L.; BERTACHINI, L. (2004), *Humanização e Cuidados Paliativos*, São Paulo, Edições Loyola/Centro Universitário São Camilo, 336 p.
- PAYNE, Malcolm (2011), *Humanistic Social Work, core principles in practice*, Londres, Palgrave Macmillan.
- PINTO, C. e PAIS-RIBEIRO, J.L. (2007), *Construção de uma escala de avaliação de espiritualidade em contextos de saúde*, Lisboa, Arquivos de Medicina.
- TWYCCROSS, Robert (2003). *Cuidados Paliativos*. 1ª Edição. Lisboa: Climepsi Editores.
- BIBLIOGRAFIA ON-LINE
- [endoflifestudies.academicblogs.co.uk/total-pain-the-work-of-cicel..](http://endoflifestudies.academicblogs.co.uk/total-pain-the-work-of-cicel..) acessado em 25 de Dezembro de 2017
- What is the point of spirituality Palliative Medicine - Jonathan Martin ... [journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0269216316631931](http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0269216316631931) acessado a 25 de Dezembro de 2017

---

# Treino e Reforço de Competências em doentes renais crónicos em programa regular de hemodialise

---

## O Projeto Acredita + e Segue — Resultados Preliminares

---

### MARTA FREITAS OLIM

Diretora Nacional do Serviço Social da Diaverum Portugal. Licenciada e Mestre em Serviço Social pela Universidade Católica Portuguesa (UCP Lisboa). Terapeuta Familiar pela Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar

### LUIS CARRASCO

Assistente Social na Diaverum

### JOANA PIMENTA

Assistente Social na Diaverum

### FILIPA SILVA

Assistente Social na Diaverum

### SUSANA TORRES

Assistente Social na Diaverum

### JOANA DANTAS

Assistente Social na Diaverum

# 03

*Este artigo baseia-se no artigo original "Treino e reforço de competências em doentes renais crónicos em hemodiálise – O Programa "Acredita+ e Segue": Resultados preliminares" publicado na Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social RPICS:2017 Vol. 3 (2): 21-31.*

## RESUMO

---

### OBJETIVO

O presente estudo apresenta os resultados preliminares e descreve a estrutura de um projeto de treino e reforço de competências, assente numa metodologia de Serviço Social de grupo, realizado a partir das necessidades de doentes renais crónicos, em tratamento de hemodiálise. O objetivo do projeto é promover a integração da doença e do seu tratamento, de forma positiva e a promoção de hábitos de vida saudável com impacto favorável no projeto de vida dos mesmos, nomeadamente no estado atual da sua ocupação.

### PARTICIPANTES

Participaram no projeto de forma voluntária 30 pessoas: 16 Homens e 14 mulheres, entre os 26 anos e os 77 anos (M = 49,6; DP ± 14,88), sem qualquer tipo de ocupação.

### MÉTODO

Foram realizadas 4 edições em diferentes zonas dos pais. Cada edição contemplou um grupo heterogéneo de 7 participantes no mínimo e 10 no máximo, todos eles doentes renais crónicos a realizar tratamento de hemodiálise em clínicas da Diaverum em Portugal. Cada edição **contemplou 6 sessões**, duas vezes por semana. Nestas foram avaliadas quer o nível de participação no projeto e permanência no mesmo, ao longo das sessões, quer a eficácia na alteração da situação ocupacional pós projeto.

### RESULTADOS

No fim desta fase preliminar do projeto como resultados verificou-se que 50% da amostra tinha alterado a sua situação ocupacional, ou seja: arrau emprego, frequenta uma formação, faz trabalho voluntário ou frequenta de forma formal uma atividade física. Pretendemos com este artigo contribuir com uma metodologia de intervenção inovadora e com impacto a utilizar nesta população.

### PALAVRAS CHAVE

Serviço Social de Grupos; Doença Renal Crónica; Hemodiálise; Ocupação

## ABSTRACT

---

The present study describes the structure of a training and skills development project based on a methodology of the Social Work in groups, developed and implemented focusing on the needs of chronic kidney patients in hemodialysis treatment. It aims to integrate the disease and the related treatment in a positive perspective, and also to promote an healthier lifestyle, having a favorable impact on their lives, such as on the patient's actual occupation status. Deciding in a totally voluntary way, all the participant individuals were chronic kidney disease patients undergoing hemodialysis treatment at the outpatient clinics of Diaverum Portugal, which sum up a total of 30 individuals participants in the project: 16 men and 14 women, aged from 26 to 77, with a mean age of 49,6 years (SD ± 14,88), and were without any type of occupation. There were 4 editions, in different regions of the country. Each edition included an heterogeneous group of with a minimum of 7 participants with a maximum of 10 participants. The project included 6 sessions, twice a week for each group. At the end of this preliminary phase of the project, it was found that 50% of the population had changed their occupational situation: got a job, attends training courses, does community volunteering work or attends a programmed and structured physical activity. The purpose of this article is to contribute with an innovative intervention methodology to be applied in this population.

### KEYWORDS

Social Works with Groups; Chronic Kidney Disease; Hemodialysis; Occupation

## INTRODUÇÃO

---

A prevalência da doença renal crónica no mundo e em Portugal tem aumentando significativamente. Portugal é mesmo o país da Europa com maior taxa de incidência de doentes renais. (SPNefro, 2016)

O processo de doença, e conseqüentemente a indução em hemodiálise, marcam irreversivelmente a

vivência da pessoa dialisada crónica com impactes ao nível físico, psicológico, familiar, laboral e social, obrigando ao seu ajustamento a uma vida com diferentes exigências,

Enquanto determinantes sociais da saúde, diversos fatores sociais têm sido associados à qualidade de vida em doentes renais crónicos (Kao et al., 2009), assim como à adaptação à doença (O'Brien, 1980), sendo igualmente apontados o género, a idade, o suporte social e a ocupação como variáveis preditoras da variação de indicadores fisiológicos ao longo do tratamento (Boyer et al., 1990)

A situação ocupacional constitui um importante fator de reabilitação nestes doentes, o facto de se estar empregado tem influencia positiva na estabilidade económica na autoestima e no sentimento de utilidade dos mesmos. (Mauro et al.; 2012)

Outros fatores como o envolvimento dos próprios nos processos de doença e tratamento, bem como o nível de informação que dispõem em relação quer à doença/tratamento quer em relação ao seu próprio estado de saúde revelaram-se igualmente importantes no prognóstico clínico. (McCarley, 2015)

Todas estas evidências contribuíram para um desenho de um projeto no âmbito do Serviço Social, de natureza sistémica, que contemplasse uma vertente informativa/educativa em relação à doença/tratamento, com enfoque na ocupação, variável esta muito valorizada em diversos estudos por se verificar que doentes com ocupação têm probabilidade de apresentarem uma melhor condição clínica e outcomes mais favoráveis quando comparados com doente sem ocupação e com perfis clínicos semelhantes. (Cruz et al.; 2011)

#### **O PROJETO ACREDITA+ E SEGUE:**

O Projeto "Acredita + e Segue", assenta numa metodologia de Serviço Social de Grupo. Nesta abordagem reforça-se a interdependência entre as pessoas, a ajuda mútua, visando o crescimento e a mudança de todos os implicados.

Este projeto está integrado na lógica do modelo sistémico e aproveita as potencialidades de um contexto de grupo para gerar um clima de partilha,

interajuda e autoajuda. É igualmente um projeto que contempla e complementa os dois tipos de intervenção: individual e grupal. **A intervenção de grupo serve de alavanca a uma intervenção individual que estagnou e a intervenção individual pós projeto é contemporizadora e simultaneamente reforçadora de todo o potencial de uma intervenção de grupo.**

Trata-se de um **projeto de treino e reforço de competências pessoais e sociais, para doentes renais crónicos, em tratamento de hemodiálise** e tem como objetivos a integração da doença/tratamento de forma positiva e a promoção de hábitos de vida saudáveis, **através da ocupação dos mesmos, seja em termos de emprego, formação, voluntariado e/ou prática formal de exercício físico, com impacto favorável no projeto de vida dos mesmos.**

O projeto apresenta **sessões de grupo de caráter informativo/educativo** e de suporte à aquisição ou reforço de competências, pelo que neste trabalho tentou-se apurar **qual a adesão destes doentes, a eficácia na alteração da situação ocupacional e a real aplicabilidade desta ferramenta na intervenção psicossocial nesta população.**

## **SESSÕES E PARTICIPANTES**

Foram realizadas quatro edições do Projeto em tempos e em meios sociais diferentes: as primeiras duas em meios urbanos em Lisboa e as outras duas em meios mais ruralizados, na região Norte e Centro do país.

Cada edição contemplou 6 sessões, duas vezes por semana por cada grupo com a duração de 2h cada. As sessões, embora pré-definidas, são igualmente **dinâmicas e flexíveis**, permitindo o ajustamento de conteúdos, atribuindo novos significados às narrativas que nos são devolvidas, de forma a que,



TABELA 1  
PLANIFICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES

PLANO DAS SESSÕES			
Sessão	Componente	Duração	Objetivo
1	Informativa	2 horas	Apresentar o Projeto: Conteúdo e Objetivos
			Conhecimento recíproco de todos os participantes
			Criar sentimento de grupo
2	Suportiva	2 horas	Explorar o posicionamento face à doença e ao tratamento
			Estimular a auto-percepção e promover a capacidade de identificar as emoções e favorecer a sua aceitação
3	Informativa e Suportiva	2 horas	informar relativamente à doença e tratamento
			Capacitar para uma integração positiva da doença/tratamento
4	Suportiva	2 horas	Perceber a percepção que têm em relação à vivência da doença pela família
			Estimular percepções positivas por parte de cada um em relação à família
			Criar oportunidades de mudança na dinâmica familiar
5	Informativa e Suportiva	2 horas	Estimular a iniciativa e a proatividade em relação à ocupação e hábitos de vida saudável
6	Informativa e Suportiva	2 horas	Treino e reforço de competências pessoais e sociais
			Promover pensamento alternativo
			Potenciar um posicionamento diferente face a novas oportunidades

cada sessão esteja devidamente enquadrada e seja ajustada às necessidades que vão surgindo. O grupo de participantes selecionado tem como característica fundamental a heterogeneidade ou seja: diferentes idades, géneros, etnias, habilitações literárias e diferentes etiologias de doença com antiguidade de tratamento igualmente variável.

**Participaram no projeto de forma voluntária 30 pessoas: 16 Homens e 14 mulheres, entre os 26 anos e os 77 anos com uma média de idades de 49,3 anos, sem qualquer tipo de ocupação.**

## ADESÃO AO PROJETO

Como fator determinante no projeto tivemos a **adesão dos participantes às sessões**, de forma ativa e continuada, não havendo desistências. Os resultados foram significativos e favoráveis tendo em conta o segmento populacional frágil do ponto de vista clínico e social com implicações na própria autonomia. Todos eles se organizaram de forma a serem assíduos e pontuais, apesar da sua condição clínica, muitas vezes imprevisível. Esta adesão e comparência assídua no projeto foi transversal nas diferentes edições, realizadas em épocas sazonais diferentes e em meios igualmente distintos, nomeadamente em meio urbano e rural, não se notando diferenças significativas. Estes resultados são surpreendentes pelo facto desta população, com doença renal crónica, sentir-se em défice pelos múltiplos desafios que a doença e tratamento comportam.

## EFICÁCIA NA ALTERAÇÃO DA SITUAÇÃO OCUPACIONAL.

A taxa de sucesso, até ao momento, foi de 50%, com metade da população que participou no projeto ocupada. Percebe-se pelos dados, que indivíduos totalmente inativos, muitos sem ocupação há muito tempo, aderem pós projeto a uma resposta de ocupação, o que pensamos estar diretamente relacionado com as sessões de carácter informativo e suportivo, pelo facto de desmistificarmos alguns mitos e medos em relação, não só à doença/tratamento mas também ao facto da importância de estarem ocupados e simultaneamente por serem alvo de uma intervenção de grupo, que alavanca um processo de mudança na condição de vida e consequentemente no projeto de vida. A adesão acontece independentemente da etnia ou idade, embora em relação ao meio social onde se inserem, urbano ou rural, ainda não tenhamos resultados conclusivos, que esperamos ter numa próxima fase do estudo.

Em termos de ocupação, a formação é a resposta na qual mais aderem 27% o que está diretamente relacionado com a condição clínica periclitante, em que um trabalho remunerado, surge como uma resposta mais exigente e causadora de stress. Já a formação é vista como um meio facilitador para a transição para o mundo do trabalho. O trabalho ainda é visto por muitos como algo que poderá desestabilizar o seu quadro clínico pelo stress que

acarreta, aliado à frustração de não conseguir responder pelo facto de fazer um tratamento. Em doentes mais idosos a formação e o voluntariado surgem como a opção mais viável o que se compece com a oferta existente na própria comunidade, relacionada com iniciativas promovidas pelas universidades seniores ou outras entidades.

Em termos de resultados verificamos nas primeiras duas edições uma maior adesão à resposta de ocupação, nos primeiros dois trimestres, permanecendo ao longo dos outros trimestres sem interrupções na maior parte das situações, o que acontece, pelo facto de se tratar de formações que se prolongam no tempo. Será interessante perceber numa segunda fase do estudo se estas formações culminam em emprego ou noutra resposta e perceber se acontece igualmente o mesmo investimento nas outras duas edições realizadas em meio rural e se os resultados assumidos pela população se estendem igualmente no tempo.

## CONCLUSÃO

O Acredita + e Segue é um projeto inovador que reinventa a relação existente entre os técnicos e os participantes e vice versa, potenciado pelo facto das sessões de grupo serem lugares reestruturantes, porque permitem atribuir significados diferentes, mais úteis, ao que cada pessoa vivencia, promover mudanças na maneira como percebem as dificuldades e limitações e reforçar competências e estratégias de adaptação mais adequadas.

Este é um projeto que promove a vertente informativa e educativa, quer pela participação da equipa interdisciplinar, quer pelos parceiros da rede formal de suporte, permitindo, deste modo, alargar a rede pessoal de cada participante, tornando-o mais capaz e competente na gestão da sua própria doença/tratamento, bem como, ter conhecimento dos recursos necessários para que possa adotar estratégias de vida mais positivas com impacto direto na qualidade de vida e consequentemente no próprio tratamento. Estas estratégias passam pela ocupação, pela quebra do isolamento social e/ou familiar e por (re)ajustamentos à doença e tratamento mais favoráveis.

O projeto enfatiza a ocupação como fator primordial na reabilitação clínica e reinserção social desta população na sociedade, com benefícios psicossociais claros para os participantes, introduzindo novos desafios à prática do Serviço Social, não só para os doentes, mas igualmente para os técnicos, apresentando uma nova metodologia de trabalho que promove a autonomia, a responsabilização e o envolvimento do doente como sujeito ativo no seu projeto de vida.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

*"Treino e reforço de competências em doentes renais crónicos em hemodiálise – O Programa "Acredita+ e Segue": Resultados preliminares"* publicado na Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social RPICS:2017 Vol. 3 (2): 21-31,

Andrade, G. R.B. e Vaitsman, J. (2002). **Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde.** *Ciência e Saude colectiva*, 7, (4), 925-934

Boyer, CB., Friend R., Chlouverakis G., Kaloyanides G. **Social support and demographic factors influencing compliance of hemodialysis patients.** *Journal of Applied Social Psychology* 1990, 20(22): 1902-1918.

Cruz, M.C; Andrade; C,Urrutia; M; I; Draibe; S Nogueira-Martins; L.A; Cesso; R; **Quality of life in patients with chronic kidney disease,** *Clinical Science* 2011;66(6):991-995

Kao; TW, Lai; MS, Tsai; TJ, Jan C-F, Chie WC, Chen; WY. **Economic, social, and psychological factors associated with health-related quality of life of chronic hemodialysis patients in northern Taiwan: A multicenter study.** *Artificial Organs* 2009; 33(1): 61-68.

McCarley; P **Patient Empowerment and Motivational Interviewing: Engaging Patients To Self-Manage Their Own Care.** *Nephrology Nursing Journal* 2009; July-August 2009 Vol. 36, No. 4:409-413

Mauro, J C., Jesus; M.A, Juan; Sánchez-González; S. (2012) **Employment in the patient with chronic kidney disease related to renal replacement therapy;** Official Publication of the Spanish Nephrology Society 2012;32(4):439-45

O'Brien ME. **Effective Social Environment and Hemodialysis Adaptation: A Panel Analysis.** *Journal of Health and Social Behavior* 1980, 21(4): 360-370.

---



# 05

**SERVIÇO SOCIAL  
A QUALIDADE DE VIDA  
NO ENVELHECIMENTO**

---

## Envelhe(Ser) num Espaço Sénior

---

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades?”

---

**MARGARIDA LOURENÇO**

Licenciada em Serviço Social; Junta de Freguesia Cascais e Estoril

**ISABEL SANTOS**

Licenciada em Serviço Social; Junta de Freguesia Cascais e Estoril

**CARLA RIBEIRINHO**

Licenciada, mestre e doutora em Serviço Social;  
Docente Instituto de Serviço Social da Universidade  
Lusófona de Humanidades e Tecnologias

01

## RESUMO

---

Numa época em que se prevê uma mudança do perfil da população idosa, com cada vez mais consciência dos seus direitos, mais elevados níveis de literacia, maior capacidade económica, com expectativas diversas, com mais força de expressão e com outra forma de perceber o seu projeto de vida, impõem-se que as instituições e respostas sociais reflitam sobre a forma de melhor responder às necessidades e expectativas destes novos públicos. Foi neste sentido que surgiu a presente investigação exploratória, que procurou compreender de que forma os espaços sénior de uma Junta de Freguesia promovem o desenvolvimento e manutenção da qualidade de vida e bem-estar dos utentes, analisando os novos perfis de necessidades e interesses/expectativas. As principais conclusões do estudo indicam que os espaços seniores estudados se constituem como uma mais-valia para os seus utentes e contribuem de diversas formas para o seu bem-estar e qualidade de vida. Não obstante, e tendo em conta o objeto principal desta investigação, os dados deixam antever que existem cada vez mais inquietações e interesses culturais de outro nível, bem como diferentes necessidades, revelando a emergência de novos perfis de utentes/clientes deste tipo de respostas. Assim, quando mudam os tempos, mudam-se efetivamente as vontades, pelo que os profissionais de Serviço Social e as respostas sociais se têm que adaptar a estas novas realidades e exigências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Serviço Social; Envelhecimento; Espaço Sénior; Qualidade de Vida; Bem-estar.

## ABSTRACT

---

Nowadays it is expected that the profiles of the elderly populations will change. It is a population with a growing awareness of their rights, with higher levels of literacy and greater economic capacity which leads to higher expectations when addressing the final part of their life projects. It is the duty of the social institutions and *Envelhe(Ser) num Espaço*

*Sénior: "Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades?"* initiatives to take in account these changes in order address in the best possible way the needs and expectations of this new elderly population.

Taking in account this new scenarios and in order to explore and understand how can the senior spaces managed by the town councils can promote de development and maintenance of the quality of life and well-being of the senior population, we propose to analyse the necessities of the new profiles and their interests and expectations. Our study shows that the senior spaces here addressed are an asset for its users and contribute in multiple ways for an increase in quality of life. Moreover, taking in account the major goal of this work, results show that there are growing concerns and cultural interests of another level, as well as different needs, revealing the emergence of new profiles of users/clients of these spaces.

Thus, when times change, wills do change with it, so that Social Work professionals and social initiatives should adapt to these new realities and demands.

**KEY WORDS:** Social Work, Aging, Senior Spaces, Life Quality, Well-being

## 1. FUNDAMENTAÇÃO

---

A presente comunicação tem por base a intervenção no Serviço Social em contexto autárquico, concretamente na gestão de Espaços Seniores e parte de uma investigação exploratória realizada no âmbito de um estágio académico de Serviço Social.

O Serviço Social é uma profissão com uma ação política, que tem no sujeito o centro da sua ação e como finalidade a promoção de processos de mudança capacitadoras e promotores da cidadania, promovendo a mudança social. Esta posição é determinante na área do envelhecimento, pois os profissionais são desafiados a defender os direitos e a promover a cidadania ativa deste grupo social. E neste sentido, de acordo com Rosa (2012), o envelhecimento pode ser concebido como um

desafio e uma oportunidade para o Serviço Social (Ribeirinho, 2013).

Numa época em que se prevê uma mudança do perfil da população idosa, com cada vez mais consciência dos seus direitos, acréscimo dos seus níveis educacionais, maior capacidade económica, com expectativas diversas, com mais força de expressão e com outra forma de perceber o seu projeto de vida (Rosa, 2012; Ribeirinho, 2012;

Quaresma e Ribeirinho, 2016; Rodrigues, 2018), algumas instituições e serviços encontram-se a refletir sobre a forma de melhor responder às necessidades e expectativas destes novos públicos. Foi nesta linha de reflexão que surgiu a presente investigação exploratória, que procurou compreender de que forma os espaços sénior de uma Junta de Freguesia promovem o desenvolvimento e manutenção da qualidade de vida e bem-estar dos utentes, analisando os novos perfis de necessidades e interesses/expectativas.

Partimos da noção de bem-estar social e de qualidade de vida de Osório e Pinto (2007:196), para quem, *“o termo bem-estar social é utilizado para designar a satisfação global dos indivíduos e da sociedade, no seu conjunto, em relação à existência pessoal e à vida social.”* Para a Organização Mundial de Saúde a qualidade de vida pode ser definida como *“A percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, dentro do contexto dos sistemas de cultura e valores nos quais está inserido e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.”*

Na atualidade tem-se assistido a um maior debate sobre a qualidade de vida na velhice, no entanto, segundo Sequeira (2018), é ainda necessário reduzir os estigmas negativos veiculados por alguns segmentos da sociedade, deixando de associar o envelhecimento unicamente a doença ou incapacidades. É importante abandonar a ideia de associar a velhice a algo negativo em si e passar a considerá-la como um momento privilegiado da vida, de realização pessoal, satisfação e prazer (Cabral e Ferreira, 2014; Quaresma e Ribeirinho, 2016).

## 2. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente investigação decorreu, em dois espaços sénior, tendo um universo de 338 utentes (290 do Espaço Sénior do Bairro A e 48 do Espaço Sénior do Bairro B). A amostra foi de 10% em cada um dos espaços, tendo sido realizados um total de 37 inquéritos por questionário e respetiva análise estatística dos dados recolhidos, tendo sempre por base os princípios éticos do Serviço Social, como o princípio do consentimento informado, o anonimato e o respeito pela vida privada de cada pessoa.

As principais conclusões do estudo apontam que os espaços seniores estudados são uma mais-valia para os seus utentes e contribuem de diversas formas para o seu bemestar e qualidade de vida. Não obstante, e tendo em conta o objeto principal desta investigação, deixam antever que existem cada vez mais inquietações e interesses culturais de outro nível, bem como necessidades diferentes, constatando-se a emergência de novos perfis de utentes/clientes deste tipo de respostas. Assim, quando mudam os tempos, mudam-se efetivamente as vontades, pelo que os profissionais de Serviço Social e as respostas sociais se têm que adaptar a estas novas realidades e exigências.

Foi possível verificar que os Espaços Sêniores da JF contribuem para o bem-estar e qualidade de vida dos seus utentes, proporcionando-lhes momentos e atividades que lhes transmitam esta realização, satisfação e prazer, tentando reduzir significativamente estigmas negativos.

É importante promover esta etapa da vida enquanto período de vivências felizes, em resultado do bem-estar, apesar das limitações funcionais ou circunstanciais que possam existir. Deste modo, na perspetiva de Sequeira (2018:42), pode-se inferir que um envelhecimento bem-sucedido, ou seja, com qualidade de vida e bem-estar, depende de:

*“(..)- Combate ao sedentarismo, através da prática do exercício físico regular;*

- Melhor assistência aos idosos no âmbito das diferentes áreas de acordo com as suas necessidades específicas;

- Criação de programas que promovam a formação do idoso, devendo fomentar-se um maior suporte de conhecimentos, através de programas de responsabilidade de instituições de saúde, em articulação com as instituições de ensino;

- Promoção do envelhecimento ativo, acabando com os estereótipos associados ao idoso;

- Implementação de programas de ajuda aos idosos dependentes e aos idosos que, simultaneamente, também são cuidadores informais.”

Após a análise de todos os dados obtidos nos questionários, da participação em diversas atividades, de toda a observação, da pesquisa bibliográfica efetuada, foi possível refletir e encontrar respostas, não tão conclusivas como se esperava, à pergunta de partida (*de que forma os espaços sénior da JF influenciam no desenvolvimento e manutenção da qualidade de vida e bem-estar dos seus utentes?*).

Por um lado, sente-se que de facto os dados obtidos deram uma resposta clara, mas por outro lado sente-se que são muito genéricos e que seria benéfico serem mais aprofundados, o que poderá ser um dos trabalhos a realizar futuramente.

No entanto foi possível chegar à constatação, que de facto os espaços seniores da Junta de Freguesia são uma mais valia para os seus utentes e contribuem de diversas formas para o seu bem-estar e qualidade de vida. Proporcionam aos utentes um leque variado de atividades, nas quais estes se sentem realizados ao participar, como ginástica geriátrica para que se possa combater o sedentarismo, diversas línguas estrangeiras e alfabetização, para uma promoção da formação dos utentes, como refere Sequeira (2018). É de salientar também a possibilidade de os utentes se expressarem e darem a sua opinião, para que os técnicos consigam diagnosticar quais as suas necessidades e desejos específicos, bem como as suas expectativas e recursos. Têm também a possibilidade de conviver, estarem acompanhados e serem tratados

como Pessoas, tendo em conta as suas diferentes personalidades, biografias e formas de estar na vida. (Ribeirinho, 2013).

Esta investigação, para além da pergunta de partida, tinha no seu título outra interrogação (Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades?). Depois deste percurso de observação, reflexão e contacto direto com os utentes, constatamos que, de facto, quando mudam os tempos, se mudam realmente as vontades, sendo isto visível nos espaços seniores onde foi efetuada a investigação, com a adaptação e reconfiguração permanente das atividades promovidas ao longo dos anos tendo em conta as alterações dos perfis dos públicos alvo. A título de exemplo, podemos destacar o facto de existirem anteriormente as “danças e cantares”, direcionadas para as músicas populares, e atualmente, para além destas, se ter sentido a necessidade de introduzir as “danças em linha”, mais modernas, mais completas e mais exigentes, por solicitação dos próprios utentes. Outro exemplo pode ser constatado quando se verifica que anteriormente muitos dos utentes irem para o espaço somente para jogar às cartas, e mais recentemente ter surgido a necessidade de criar o “Bridge”, uma atividade que consiste num jogo de cartas mais elaborado, mais exigente e que requer mais concentração. Por fim, e ainda a título exemplificativo, a constatação de um acréscimo significativo na capacidade reivindicativa destas pessoas idosas, designadamente na proposição de iniciativas ou na reclamação em relação a aspetos que não correm bem nas atividades ou em relação a formas de funcionamento das instituições. Tal releva um crescente aumento da consciência crítica em relação às respostas que lhes são destinadas.

### 3. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É assim possível afirmar, a partir da análise desta experiência, que à medida que o tempo vai avançando, novos perfis vão surgindo e que as respostas sociais se têm de adaptar às novas exigências

destes cidadãos (Quaresma e Ribeirinho, 2016; Carvalho, 2016).

Com mais consciência dos seus direitos, sendo mais exigentes com os serviços e tendo mais conhecimentos, a sociedade vai ter que sofrer alterações no sentido de reconhecer o idoso como ativo e como essencial na sociedade, tal como afirma Fragoso (2016:323) vai ser necessário “*um novo olhar...um olhar que potencia o outro*”. Potenciar de forma a que este também se possa sentir ativo isto porque, tal como defende o mesmo autor, ser ativo é poder desenvolver o seu projeto existencial de acordo com as condições existentes numa dada ocasião e ir além das suas condicionantes, quer sejam elas de ordem física, psíquica ou social. No entanto é necessário também ter noção que este caminho não se realiza sozinho e isoladamente, este só se realiza no seio de uma relação inter-humana repleta de cuidado.

Neste sentido sugere-se que futuramente se debata e aprofunde mais este tema com o intuito de perceber de forma mais concreta de que maneira as respostas sociais existentes na área do envelhecimento contribuem para o bem-estar e qualidade de vida dos seus utentes e como poderão dar respostas inovadoras e dignas face às novas exigências desta população.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ANTÓNIO, Stella (2013) “*Das Políticas Sociais da Velhice à Política Social de Envelhecimento*” in Serviço Social no Envelhecimento, Lisboa, Pactor, pp. 81- 103
- CABRAL, Manuel Villaverde e FERREIRA, Pedro (2014), *Envelhecimento Activo em Portugal*. Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos
- CARVALHO, Maria Irene (2016), “*Intervenção social no Envelhecimento e com pessoas idosas: Conflito entre os direitos e a gestão burocrática dos recursos sociais*” in Novas Competências para Novas Exigências no Cuidar, Euedito
- FRAGOSO, Vítor (2016), “*Potencial Humano e Velhice*” in Novas Competências para Novas Exigências no Cuidar, Euedito
- QUARESMA, Maria de Lourdes, & RIBEIRINHO, Carla (2016, julho-setembro). *Envelhecimento- Desafios do Séc.XXI*. Revista Kairós Gerontologia, 19 (3), pp. 29-49. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/+UCSP
- RIBEIRINHO, Carla (2012), “*Os Idosos e a prestação de cuidados- A emergência de um nicho de mercado*”, in Cadernos de Economia, 98, Ordem dos Economistas, pp.36-39
- RIBEIRINHO, Carla (2013) “*Serviço Social Gerontológico: Contextos e Práticas Profissionais*” in Serviço Social no Envelhecimento, Lisboa, Pactor, pp. 177-200
- RODRIGUES, Teresa (2018) *Envelhecimento e Políticas de Saúde*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- ROSA, Maria João Valente Rosa (2012), *O envelhecimento da sociedade Portuguesa*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- SEQUEIRA, Carlos (2018), *Cuidar de Idosos com Dependência Física e Mental*, Lisboa, Lidel
-

---

# Uma Intervenção Social e Comunitária com Idosos Isolados em Contexto Rural

---

Estudo de Caso - Projeto Coração de Sicó

---

**RUI DUARTE SANTOS**  
CICS. NOVA. IPLeiria

**CRISTÓVÃO MARGARIDO**  
CICS. NOVA. IPLeiria

02

## RESUMO

Santiago da Guarda é uma freguesia rural situada no concelho de Ansião e integra-se na sub-região do Pinhal Interior Norte do distrito de Leiria. Sendo este um território de baixa densidade populacional, uma das principais necessidades identificadas no Diagnóstico Social de Ansião (CLAS) é o elevado isolamento e solidão da população idosa, associados ao crescente índice de envelhecimento, muito acima do índice de Portugal Continental. Assim, este estudo pretende compreender os modos de atuação do projeto social e comunitário «Coração da Sicó», promovido pelo Centro Social Paroquial de São Tiago da Guarda e financiado pelo *BPI Senior*, que visa através de um conjunto de atividades intergeracionais minimizar os efeitos negativos do isolamento e solidão na velhice.

Para a realização desta intervenção, privilegiou-se uma metodologia de investigação ação participativa, onde as equipas de investigadores, através de uma observação participante direta, acompanharam e participaram no trabalho da equipa do projeto durante um ano.

Os resultados do projeto revelam que, as várias atividades dinamizadas por um grupo de voluntariado (*Dá-te Mais*), apoiadas por diversas parcerias locais, conseguem minimizar os efeitos negativos do isolamento e da solidão nos idosos, promovendo a aproximação entre gerações, a partilha de saberes, a transmissão de valores e a preservação das tradições culturais locais.

**PALAVRAS CHAVE:** Serviço Social; Isolamento Social; Contexto Rural; Intervenção Social e Comunitária.

## ABSTRACT

Santiago da Guarda is a rural parish located in the municipality of Ansião and is part of the Pinhal Interior Norte sub-region of the Leiria district. Being a low population density area, one of the main needs identified in the Social Diagnosis of Ansião (CLAS) is the high isolation and loneliness of the elderly

population, associated to the growing aging index, well above the Continental Portugal index. Thus, this study intends to understand the ways in which this social and community project "Coração da Sicó", promoted by the Social Center of São Tiago da Guarda and financed by the *BPI Senior*, through a set of intergenerational activities, minimize negative effects isolation and loneliness in old age.

In order to carry out this intervention, a participatory action research methodology was favored, where the teams of researchers, through a direct participant observation, followed and participated in the work of the project team during one year.

The results of the project show that the various activities promoted by a volunteer group (*Dá-te Mais*), supported by several local partnerships, can minimize the negative effects of isolation and loneliness in the elderly, promoting intergenerational sharing knowledge, the transmission of values and the preservation of local cultural traditions.

**KEYWORDS:** Social Service; Social isolation; Rural Context; Social and Community Intervention.

## INTRODUÇÃO

O Centro Social Paroquial de São Tiago da Guarda (CSPSTG) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sediada na freguesia de Santiago da Guarda, pertencente ao concelho de Ansião, distrito de Leiria. Estatutariamente a sua principal área de intervenção destina-se, essencialmente, a apoiar pessoas idosas da freguesia e zonas limítrofes, através das diferentes respostas sociais existentes: o Centro de Dia, o Apoio Domiciliário e o Centro de Convívio.

Este projeto de intervenção social em contexto comunitário, promovido pelo CSPSTG, permitiu a criação e desenvolvimento de um conjunto de atividades intergeracionais de combate ao isolamento e solidão na velhice. Sendo esta, uma zona rural bastante envelhecida e com baixa densidade populacional (76,3 hab./km<sup>2</sup>), grande parte dos idosos vivem isolados, estando manifestamente



afastados de outras gerações. Assim, este projeto pretendeu minimizar o isolamento, aproximar gerações, partilhar saberes, transmitir valores e preservar tradições culturais (Delaux, Oliveira & Duarte Santos, 2017). Para a sua concretização foi necessário estabelecer parcerias junto da comunidade local, e principalmente com o Grupo de Voluntariado “Dá-te Mais”.

De acordo com Pimentel (2009, p.243) “a qualidade de vida na velhice, tal como em qualquer outra etapa da nossa trajetória de vida, é fortemente influenciada pela forma como interagimos com os outros e pela percepção que temos do nosso papel nas redes relacionais a que pertencemos ou a que desejaríamos pertencer.” De facto, na velhice, o indivíduo continua a exercer um papel preponderante na sociedade, sendo que para ter um envelhecimento bem-sucedido é necessário que o indivíduo crie laços e estabeleça relações, de modo a sentir-se inserido e útil na sociedade.

Para a realização do estudo de diagnóstico deste projeto (Silva et al, 2016), destaca-se a participação, a avaliação e o trabalho de parceria entre redes locais: as entidades públicas (Junta de freguesia, câmara municipal e escolas), as associações de base local (associação de apoio social e as associações de base recreativa), a Paróquia de Santiago da Guarda e o CSPSTG como entidade promotora do projeto. Para Guerra (2002), o diagnóstico consiste numa análise das necessidades existentes no contexto onde se pretende intervir. Este deve permitir não só identificar os potenciais problemas, suas causas, público-alvo e foco de ação, mas também as potencialidades observadas, que poderão apoiar na implementação do projeto.

O enquadramento do projeto no *diagnóstico de necessidades* elaborado pelo Conselho Local de Ação Social (CLAS) da Rede Social de Ansião, refere que a freguesia de Santiago da Guarda é um território de baixa densidade populacional, com um crescente índice de envelhecimento local (224,5), muito acima do índice de Portugal Continental (130,6), e tendo em conta as elevadas taxas de emigração, identifica como uma das principais problemáticas locais o elevado isolamento e solidão da população idosa.

Os dados relativos ao apoio prestado pelo CSPSTG na freguesia, evidenciaram que há também um conjunto alargado de idosos cujos rendimentos económicos são geralmente muito baixos, provenientes na sua maioria de pensões de reforma do regime rural. Também a “dependência” dos idosos é uma problemática que se vai agravando com o passar dos anos, configurando-se como problemas de saúde mais comuns: a diabetes, a hipertensão, as doenças cardiovasculares, as doenças mentais. Constatou-se também, que grande parte dos familiares estão emigrados e os que permanecem têm de se deslocar para os seus empregos, sendo que a maioria dos idosos vivem sozinhos e isolados, ficando em casa durante grande parte do dia. Estes, não tendo ninguém para conversar e socializar, evidenciam, cada vez mais frequentemente, sintomas de depressão e outras doenças do foro psicológico.

Para fazer face a esta problemática, em 2017 o CPSSTG viu aprovada uma candidatura, pelo *BPI Sénior*, para um projeto social e comunitário de combate à solidão do idoso em meio rural, chamado «Coração da Sicó».

Num primeiro momento procedeu-se à sinalização/diagnóstico dos idosos mais isolados da Freguesia foi realizada com a ajuda de vários elementos da comunidade local (ex. Junta de Freguesia, Paróquia, IPSS, etc.), sendo utilizada uma metodologia de proximidade em que os elementos conhecedores da realidade social deram o seu contributo na identificação de diversas situações que, pelas suas especificidades, poderiam ser alvo de intervenção no âmbito deste projeto.

Para operacionalizar o projeto contou-se com o apoio do grupo de voluntariado “Dá-Te Mais” do CSPSTG, que é atualmente composto por 42 voluntários, dos quais, 17 são jovens entre os 16 e 25 anos e 25 são voluntários com mais de 31 anos. Estes voluntários, depois da formação inicial, tiveram como objetivo dinamizar várias atividades, as quais distinguimos entre:

- *Visitadores de proximidade*, voluntários com idades entre os 40 e os 63, que visitam idosos em suas casas. Estes voluntários visitam semanalmente aos mesmos idosos durante cerca de 1 hora.

- *Visitadores jovens*, voluntários com idades entre os 16 e os 25 anos que, acompanhados por outros dinamizadores realizando visitas mensais a diferentes idosos em suas casas.

- *Encontros seniores*, organizados por voluntários jovens em conjunto com associações locais e outros dinamizadores é dirigido a todos os idosos residentes na área de abrangência da coletividade envolvida.

## METODOLOGIA

Para compreender e avaliar os modos de atuação do projeto, privilegiou-se a metodologia de investigação ação (Guerra, 2002), por ser considerada a mais adequada à realização da avaliação e (re)definição das atividades do projeto. Através de uma observação participante direta, durante os diversos momentos do projeto, os procedimentos adotados foram reajustados mediante as opiniões dos participantes em cada ação, isto é, pelos *visitadores de proximidade*, *visitadores jovens*, dinamizadores, idosos, famílias e equipa técnica do projeto.

## RESULTADOS E SÍNTESE CONCLUSIVA

No que se refere aos *visitadores de proximidade* (voluntários com mais de 25 anos que visitam semanalmente aos mesmos idosos, durante cerca de 1 hora), constatou-se que durante a visita conversam; escutam; passeiam; leem livros, revistas, jornais; rezam; realizam atividades manuais; veem fotografias e contam histórias; acompanham os idosos ao exterior, entre outras atividades. Atualmente o projeto conta com 15 *visitadores* que apoiam continuamente 22 idosos. Estes *visitadores* são acompanhados e monitorizados regularmente pela equipa, através dos contactos presenciais e telefónicos, e das fichas de sumários realizadas e entregues na Instituição. São também promovidas regularmente reuniões de partilha com os *visitadores*, de modo

a avaliar o desenvolvimento das atividades. A partilha de experiências, dúvidas e incertezas sentidas pelos *visitadores*, tem levado o grupo a melhorar o plano de intervenção e os instrumentos a utilizar. Nestas sessões de avaliação intermédia são também sinalizadas/diagnosticadas novas situações de isolamento social que também carecem de intervenção. Paralelamente, são administradas sessões de formação que visam melhorar a intervenção efetuada pelos voluntários. Através das conversas informais e da observação direta, conseguiu-se perceber que os idosos e as famílias demonstram o seu contentamento e satisfação com as visitas domiciliárias por parte dos *visitadores* de proximidade, por terem a possibilidade de ter alguém com quem possam conversar, socializar, desenvolver atividades lúdicas e pedagógicas, e de exterior, porque todas as semanas os idosos estão à espera do dia da visita dos voluntários. Com o acompanhamento e monitorização regular aos *visitadores* e idosos, os técnicos envolvidos têm conseguido compreender as necessidades sentidas e orientar os *visitadores* para melhores e mais adequadas atividades a realizar com os idosos.

Relativamente aos *visitadores jovens* (voluntários com idades entre os 16 e os 25 anos que, acompanhados por outros dinamizadores - acordeonista, animador sociocultural, assistente social, etc., fazem visitas mensais aos idosos mais isolados em suas casas), verificou-se que as visitas duravam cerca de 1 hora por casa e durante esse período conversam, escutam, cantam, rezam e abraçam. O grupo de 17 jovens já visitou 82 idosos. Os *Encontros seniores*, organizados por voluntários jovens em conjunto com associações locais e outros dinamizadores (acordeonista, animador sociocultural, etc.), dirigiram-se a todos os idosos residentes na área de abrangência da coletividade envolvida, onde tiveram a oportunidade conversar, conviver, cantar, dançar, participar em jogos tradicionais. Desde setembro de 2017 foram realizados 4 encontros (cerca de 4 horas em cada um), com uma média de 35 idosos por encontro. O transporte foi assegurado pelo CSPSTG, sendo que as tardes terminaram com o lanche, em que todos os voluntários apoiaram, sendo inteiramente oferecido pelas coletividades e superfícies comerciais locais.

Estes *encontros seniores*, têm sido bem aceites pela comunidade, em geral, integrando normalmente um número significativo de idosos. Os voluntários que participam nestas atividades são pessoas atenciosas, motivadas e preparadas para colaborar no apoio às dinâmicas de grupo, no apoio ao lanche, na participação no baile, em canções, na deslocação dos idosos, assistindo em tudo o que é necessário nestes dias. As associações locais têm mostrado interesse em apoiar este tipo de iniciativas e algumas delas manifestam interesse e disponibilidade em voltar a apoiar num futuro próximo, ficando as atividades de animação à responsabilidade do grupo.

Em suma, parece-nos que os resultados deste projeto revelam que, as várias atividades dinamizadas, contribuem para minimizar os efeitos negativos do isolamento e da solidão nos idosos, promovendo a aproximação entre gerações, a partilha de saberes, a transmissão de valores e a preservação das tradições culturais locais.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

Delaux, F.; Oliveira A. & Duarte Santos, R. (2017). **"Unir Gerações e Partilhar Saberes: Um Projeto de Aprendizagem Comunitária em Contexto Rural."** In Atas do XIV Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Área Temática: Família, Escola e Comunidade. Universidade do Minho, Braga.

Guerra, I. (2002) **Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção – O planeamento em ciências sociais**, 2ª Edição. Cascais: Príncipia.

Pimentel, L. (2009) **Quando a solidão está no meio da multidão: o papel dos assistentes sociais no desenvolvimento de estratégias de articulação entre as famílias e as instituições de acolhimento a pessoas idosas**. *Intervenção Social*, 35, 241-249.

Silva, P.; Margarido, C.; Pimentel, L. e Duarte Santos, R. (2016). **"Mediação e Intervenção: Famílias, Grupos e Comunidades."** In Vieira, R.; Marques, J.; Silva, P.; Vieira, A. e Margarido, C. (Orgs.) *Espaços e Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Leiria. Porto: Afrontamento.

---

06

**SERVIÇO SOCIAL:  
A ARTE E A CULTURA**

---

# Intervenções artísticas como elementos promotores da paz e da inclusão social

---

○ Flashmob enquanto agente de cidadania ativa

---

MARIA DO ROSÁRIO DA SILVA SANTANA  
Instituto Politécnico da Guarda

HELENA MARIA DA SILVA SANTANA  
Universidade de Aveiro

01

## RESUMO

Um *Flashmob* consiste numa aglomeração repentina de pessoas num espaço público com o intuito de atuar de forma artística e interventiva. Dado o crescente interesse por estas ações, é nosso intuito perceber de que forma estas formas de intervenção artística podem fomentar uma educação inclusiva, consciente e interventiva, uma educação que promova o respeito, a cidadania e a paz.

A reflexão sobre os temas da não-violência e inclusão social, expostos em contexto educativo, pode ser realizada através da conceção de projetos onde os temas debatidos sejam a paz, o diálogo e a imigração. O avolumar da violência nas escolas, mas também na sociedade em geral, levou-nos a querer discutir sobre as questões a ela associadas, desenvolvendo a intervenção denominada: *EX-clu-SÃO: N[ão] - [a aceites] ConTigO*. Depois de delineado o projeto, esboçaram-se grupos de trabalho que traçaram o tema mais em concreto e as características da intervenção.

Por fim, depois de materializada a intervenção, procedeu-se a uma reflexão sobre os seus resultados, nomeadamente a alteração comportamental dos seus intervenientes – autores e atores. Conseguimos, pelos dados construídos, fomentar uma atitude de transformação e mudança, potenciando o respeito pelo outro, mormente os migrantes e refugiados.

## ABSTRACT

A Flashmob consists of a sudden agglomeration of people in a public space with the intention of acting in an artistic and interventional way. Given the growing interest in these actions, it is our intention to realize how these forms of artistic intervention can foster an inclusive, conscious and interventional education, an education that promotes respect, citizenship and peace.

The reflection on the themes of non-violence and social inclusion, exposed in an educational

context, can be realized through the design of projects where the themes discussed are peace, dialogue and immigration. The increase of violence in schools, but also in society in general, led us to want to discuss the issues associated with it, developing the intervention called: *EX-clu-SÃO: N [ão] - [a aceites] ConTigO*. After the project was outlined, working groups were outlined that delineated the specific theme and the characteristics of the intervention.

Finally, after the intervention materialized, a reflection was made on its results, namely the behavioral change of its actors - authors and actors. We are able, through built data, to foster an attitude of transformation and change, fostering respect for others, especially migrants and refugees.

## 1. INTRODUÇÃO

Sendo nosso objetivo intervir em contexto educativo, pensamos ser este meio, a realização de um *flashmob*, aquele que melhor serviria os nossos propósitos e intenções criativas e educativas. Estando cientes da necessidade, senão dependência, por parte dos mais jovens, da internet, das redes sociais, e da importância destes, da imagem e da visualidade, bem como da forma como estes se mostram relevantes na sua determinação comportamental, pensamos ser o veículo eficaz e eficiente para chamar a atenção nas questões debatidas. Simultaneamente, seria a maneira de perceber como este movimento artístico e social poderia interferir no espaço da escola, determinando novos espaços de arte e novas formas de intervenção educativa, social e cívica. Por fim, depois de materializado o evento, procedemos a uma reflexão sobre os seus derivados, nomeadamente a alteração comportamental manifesta, tendo sido disponibilizado como registo audiovisual.

## 2. O FLASHMOB, AÇÃO E CONTRIBUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CIDADANIA ATIVA E RESPONSÁVEL

Enquanto texto que se inscreve no espaço da cidade, o *flashmob* é instituído e caracterizado pelo modo de funcionamento social e discursivo das suas estruturas materiais e imateriais (Schieck 2005). Mostra-se ainda meio de mobilização da comunidade na realização de ações de conscientização social, onde predominam, as mais das vezes, ações de conscientização ambientais, culturais, contra o racismo e a exclusão social, etc. É neste sentido que pensamos poder atuar de forma enfática em contexto educativo. Por outro lado, mas de uma forma lúdica, podemos refletir sobre questões fundamentais da vivência humana (Vala & Sobral 2011). Prevemos que nestes eventos, a capacidade de mobilização é diretamente proporcional à capacidade de identificação do indivíduo com o evento. Sendo o convite enviado pela internet, somente os que dela se servem têm acesso à informação. Simultaneamente, um certo fascínio, e a vontade de agir, de fazer a diferença se mostra, pois diante das inúmeras possibilidades de escolha, e na falta de um posicionamento social e político mais robusto, os indivíduos acabam por se satisfazer na realização imediata dos desejos e, em ações, em que o imediato e a transitoriedade prevalecem (Schieck 2005).

## 3. INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS EM ESPAÇOS EDUCATIVOS

Num espaço onde a violência desponta a cada dia, e onde tende a se tornar tolerável, fomos levados a pensar em como poderíamos atuar em contexto educativo, no sentido de promover o diálogo

e a discussão de um assunto tão sensível, e atual, como é o da violência, da exclusão social, dos migrantes e refugiados (Fernandes & Seixas 2012). Sendo nosso objetivo promover a discussão e a reflexão sobre os temas propostos, desenvolver uma consciência mais alargada sobre os assuntos, diversas ações cívicas, fomentando a criatividade e a ação social, desenvolvemos uma ação participativa onde se fomentou todo um conteúdo técnico-performativo que se concluiu na determinação da ação descrita.

### 3.1 PROJETO: EX-CLU-SÃO: N[ÃO] – [A ACEITES] CONTIGO.

Para a concretização do projeto foi lançado o repeto à área das expressões do curso de Licenciatura em Animação Sociocultural, desenvolvendo em contexto educativo uma reflexão fundamentada sobre os temas da não-violência e da inclusão social. Neste sentido, foi delineada uma estratégia de forma a fazer surgir a discussão sobre os temas nas diferentes disciplinas do curso. Assim, e numa primeira fase, foram apresentados os temas da violência e da exclusão social, dos migrantes e refugiados, na área da expressão musical, com recurso a pequenas peças ligadas à cultura de rua, nomeadamente o Rap e a *Streetart*. Em seguida, os mesmos conteúdos foram alvo de reflexão na área da expressão dramática, sendo efetuadas várias ações que incluíram a dramatização de pequenos trechos onde a violência de género, social, racial, religiosa e entre pares foi abordada.

Como o objetivo último era fazer transparecer os conteúdos da ação para o meio, foi pensada a forma de efetivar esse transporte. Desta premissa rapidamente chegamos ao conceito de *flashmob*. Para a criação do espetáculo nas suas diferentes manifestações, espetáculo esse intitulado - *EX-clu-SÃO: N[ão] – [a aceites] ConTigO*, foi delineado um projeto que partiu de uma proposta à qual responderam um conjunto de 9 alunos (7 raparigas e 2 rapazes). Em seguida foram delineadas um conjunto de 10 seções de trabalho onde foram esboçados os componentes do espetáculo que, dadas as suas características, se serviu de um espaço público para se construir enquanto objeto artístico (Mazetti

2006). No conjunto das sessões ficou determinado que a ação iniciaria sempre com uma discussão entre dois elementos do grupo de alunos. Neste caso chamaríamos a atenção para a violência de uma forma geral. O foco da discussão seria distinto para alertar para as problemáticas em discussão. O facto promoveu diferentes respostas na comunidade, alertando para as distintas formas de violência, discriminação e exclusão social.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se numa primeira fase a ação se revelou sem grande impacto, numa segunda, obtivemos resultados marcantes. Sendo o projeto denominado de *EX-clu-SÃO: N[ão] – [a aceites] ConTigO*, o evento proposto assume, não só o papel de evento lúdico, artístico e social, como de educador e formador de consciências, estabelecendo novos tipos de interação e de ocupação dos espaços. Cremos ter conseguido, pelo menos tentámos, discutir questões sensíveis e atuais, levando os alunos a revelarem e refletirem sobre temas que nos permitem, neste momento, estar atentos a sinais aos quais não dávamos a devida importância. Como ação dinamizadora e integradora de espaços, de intenções, de arte, a ação levou a escola a se definir outra, mostrando-a mais rica, mais humana, mais social, incluindo e não excluindo, integrando e humanizando, revelando-se o *flashmob*, um contributo para o desenvolvimento de uma cidadania mais ativa e responsável.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

Albuquerque, Cr. P.; Arcoverde, A. Cr. (2017). *Serviço Social Contemporâneo – Reflexividade e estratégia*. Editora PACTOR.

Bracons, H. (2018). *Interculturalidade, elementos para uma melhor compreensão*. Coleção Manuais Universitários. Edições Universitárias Lusófonas.

Fernandes, L.; Seixas, S. (2012). *Plano Bullying – como apagar o bullying das escolas*. Plátano Editora.

Lemos, A. (2007). *Mídias locativas e territórios informacionais*. In: Lúcia Santaella; Priscila Abrantes (orgs). Estéticas tecnológicas – novos modos de sentir. São Paulo: Editora PUC.

Mazetti, H. (2006) *Intervenção urbana: representação e subjetivação na cidade*. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom.

Schieck, M. (2005). *Flash: da interação em rede à intervenção urbana*. Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. UERJ, 5-9 setembro 2005, pp. 1-15.

Trindade, A.; Figueiredo, E.; Santos, N., Mangan, P.; Constante, R. (2012). *Multiculturalismo Urbano: o fenómeno Flash Mob*. Florianópolis, v.8, n°1, pp. 25-39.

Vala, J.; Sobral, J. M. (2011). *Identidade Nacional, Inclusão e exclusão social*, Imprensa de Ciências Sociais.

---



---

# Estudo de Avaliação do Projeto socio desportivo 'Bola Pr'a Frente E6G' no Bairro Padre Cruz em Lisboa

---

**SALOMÉ MARIVOET**

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL)

**VANDA SOFIA BRAZ RAMALHO**

Associação Nacional de Futebol de Rua

Centro Lusíada de Investigação

em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS)

02

## RESUMO

O Projeto 'Bola pr'a Frente' promovido pela ANFR no Bairro Padre Cruz, visa o empoderamento de crianças e jovens vulneráveis, em particular de minorias étnicas, migrantes, refugiados, raparigas e portadores de deficiência, residentes em zonas urbanas periféricas, tendo em vista o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, sucesso escolar, empregabilidade e cidadania. A intervenção sociodesportiva visa contrariar o círculo vicioso das limitações das condições desfavoráveis de existência, aumentando as oportunidades de inclusão social junto de jovens vulneráveis à exclusão social e discriminação. Neste artigo são apresentadas algumas das conclusões do estudo de autoavaliação do Projeto 'Bola pr'a Frente', que teve por objetivo desenvolver indicadores qualitativos e quantitativos de monitoramento da eficácia dos resultados/metapas preconizados, i.e., do impacto inclusivo do projeto junto da comunidade participante. O estudo fornece contributos para a precisão das metas a atingir, e das estratégias de intervenção sociodesportiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol de Rua, Jovens Vulneráveis; Inclusão social; Empoderamento; Avaliação.

## ABSTRACT

The 'Bola pr'a Frente' Project promoted by the ANFR in the Padre Cruz neighborhood, aims at empowering vulnerable children and young people, in particular ethnic minorities, migrants, refugees, girls and handicapped persons living in outlying urban, by the developing of personal and social skills, school success, employability and citizenship. Social intervention through sport is aimed at countering the vicious circle of limitations of unfavorable conditions of existence, increasing opportunities for social inclusion among young people vulnerable to social exclusion and discrimination. In this article, we present some of the conclusions of the self-assessment study of the 'Bola pr'a Frente' Project, whose objective was to develop qualitative and quantitative indicators to monitor the effectiveness of the results or goals envisaged, i.e., of the inclusive impact in the participating community. The study provides contributions to the precision of the goals to be achieved, and the strategies of social intervention through sport.

**KEY-WORDS:** Street Football, Vulnerable Youth; Social inclusion; Empowerment; Assessment.

1. Veja-se o Final report Mapping of good practices relating to social inclusion of migrants through sport, C. Bertram et al., European Commission, DG for Education and Culture Youth and Sport.

Accessed October 2018, in <https://publications.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/f1174f30-7975-11e6-b076-01aa75ed71a1/language-en>

2. Relatório de Avaliação intercalar do projeto Bola Pr'a Frente 3G E6G – Programa Escolhas, de Ana Paulos, Rui Pinho e Vanda Ramalho da Associação Nacional de Futebol de Rua, 2018.

3. O Futebol de Rua (FR) é uma modalidade não competitiva, intrinsecamente social. A sua sociogénese tem origem em experiências de FR informais e pioneiras, desenvolvidas, desde 1989, por OGN's no Brasil e nos Estados Unidos da América, destinadas a pessoas sem-abrigo, que mais tarde se vieram a consolidar através da fundação, por parte de Mel Young, do Homeless World Cup (<http://homelessworldcup.org>), em 2003, na Escócia (Homeless World Cup Foundation, 2018). Quando destinado a crianças e jovens, de contextos urbanos periféricos, a sua origem encontra-se na América latina (Fútbol Callejero) em diversas experiências no decorrer dos anos 90. Em 1994, a modalidade é implementada na Argentina, durante a crise económica, pelo ex-jogador e treinador de futebol Fábian Ferraro, num bairro socialmente desfavorecido dos arredores de Buenos Aires. Esta corrente deu origem ao atual Movimento Fútbol Callejero (<https://movimientodefutbolcallejero.org>), na luta por um futebol contra-hegemónico, com base em valores como o respeito, a cooperação e a solidariedade (Belmonte & Sousa Junior, 2017). Jürgen Griesbeck, fundador e presidente da rede internacional Streetfootballworld (<http://streetfootballworld.org>), desenvolveu, em 1996, na sequência do assassinato do jogador Andrés Escobar e de episódios de violência no futebol, o projeto 'Fútbol por La Paz', na Colômbia, com ênfase nos valores da igualdade de género, do fair play e da resolução pacífica dos conflitos. Desde então, quer membros da rede Streetfootballworld, quer outras organizações que utilizam o FR como ferramenta de intervenção sociodesportiva, como é o caso da ANFR, têm vindo a adaptar estas regras e princípios aos seus públicos e contextos de intervenção. No seu método o FR respeita 3 tempos interventivos de mediação formalizados, hoje, no método F3 (Streetfootballworld, 2014). A FIFA reconhece o FR como futebol amador, exclusivo para uso social e como potenciador do desenvolvimento humano. Criou o programa Football for Hope e regras específicas, inclusivas e adaptadas que demarcam o FR do futebol competitivo (<http://fifa.com/sustainability/football-for-hope.html>).

## INTRODUÇÃO

A inclusão social através do desporto surgiu nos anos noventa no Reino Unido, inserida nos objetivos estratégicos do designado 'New Labour Third Way'. A conceção assenta no princípio democrático da igualdade de direitos, onde se enfatiza a redistribuição das oportunidades em detrimento da riqueza (Levitas, 2005; Castel, 1998). Estudos sobre a escola e as desigualdades sociais têm concluído, existir diferentes formas de relação com o universo simbólico e organizacional da instituição escolar (Bourdieu & Champagne, 1992). Este tem sido um princípio explicativo para o facto de crianças ou jovens inseridos em famílias desfavorecidas apresentarem maiores dificuldade na permanência na escola, justamente pelo facto das competências requeridas não serem estimuladas no seio familiar. É neste contexto que programas de inclusão social dirigidos a crianças e jovens vulneráveis, tendem a procurar meios alternativos de educação não formal com o objetivo de desenvolver competências. Nesta procura, as manifestações culturais e as tecnologias digitais têm sido exploradas, como são exemplo os projetos de inclusão social pelo desporto, pintura, teatro, informática, etc. Desde a década passada que a valorização da dimensão formativa do desporto tem vindo a ser reforçada no seio das instâncias Governamentais, nomeadamente a partir de 2004, consagrado o *Ano Europeu da Educação pelo Desporto*, a que se seguiu 2005, o Ano Internacional para o Desporto e Educação Física. A aceitação das potencialidades do desporto para alcançar os ODM de 2010 e os ODS da Agenda 2030 da ONU, tem contribuído para a existência de apoios financeiros a projetos de inclusão social pelo desporto. Em Portugal, para além dos financiamentos no âmbito da Responsabilidade Social Corporativa, destaca-se o Programa Escolhas, criado em 2001 por iniciativa governamental, no seio do Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural para as Migrações, que na última década tem vindo a apoiar projetos de inclusão social

pelo desporto, como constitui exemplo o Projeto Bola Pr'a Frente E6G (PPF) promovido pela Associação Nacional do Futebol de Rua (ANFR), em análise no presente estudo. Os projetos de inclusão social pelo desporto, também designados de 'plus sport' ou 'sport for development', constituem meios alternativos de educação não formal de desenvolvimento pessoal e social<sup>1</sup>, tendo em vista o sucesso escolar, a empregabilidade e a cidadania (Nicholson & Hoye, 2008). Porém, como tem sido advertido por vários autores, são necessárias evidências robustas do real impacto inclusivo do desporto, tornando-se para isso necessário criar instrumentos de avaliação e monitoramento dos projetos em curso (Marivoet, 2014; Collins & Kay, 2014; Haudenhuyse, 2017). O estudo realizado no PBF da ANFR, que em 2017 contou com 280 jovens participantes dos 11 aos 30 anos<sup>2</sup>, visa justamente desenvolver uma metodologia de autoavaliação do impacto inclusivo do Projeto junto do seu grupo-alvo (crianças e jovens vulneráveis, em particular de minorias étnicas, migrantes, refugiados, raparigas e portadores de deficiência, residentes em zonas urbanas periféricas). Através do recurso à metodologia de treino sociodesportivo de Futebol de Rua, o PBF visa contribuir para o empoderamento dos jovens vulneráveis à exclusão social e discriminação residentes no Bairro Padre Cruz, em Lisboa. Trata-se do maior bairro municipal da península ibérica e o terceiro maior da Europa, caracterizado pela multiculturalidade dos cerca de 10 mil habitantes, com uma forte presença de residentes em risco ou em situação de pobreza ou exclusão social.

## 1. TREINO SOCIODESPORTIVO DO FUTEBOL DE RUA

A sociogénese do Futebol de Rua<sup>3</sup> enquanto metodologia sociodesportiva, destinada a crian-

4. Para mais informações consultar: Streetfootballworld (2014). Futebol3 Kit: Manual de Futebol3. Como utilizar o futebol para a mudança social. Berlim: Streetfootballworld, <https://streetfootballworld.org/football3>.

ças e jovens de contextos urbanos periféricos, ocorreu na América Latina, em meados dos anos noventa. Em lugar do enfoque competitivo característico do desporto moderno de inspiração anglo-saxónica, o Futebol de Rua (FR) apresenta-se como uma plataforma de educação não formal de transmissão de valores de respeito, cooperação e solidariedade (Belmonte & Gonçalves Junior; 2018). O treino sociodesportivo desenvolvido no FR, procura de forma subtil e cativante transmitir valores e desenvolver competências para a vida. A expectativa é a de que os valores e hábitos de comportamento desenvolvidos durante a sua prática, se venham a refletir nos quotidianos dos participantes. Nos treinos e torneios comunitários promovidos pela ANFR, desenvolve-se a confiança, a comunicação, cooperação, afirmação, autoestima, autoconhecimento, tolerância à frustração, gestão de conflitos, espírito de equipa, igualdade de género, interculturalidade, permitindo aos participantes desenvolver competências para a vida em sociedade potenciadoras de inclusão social. Nos benefícios para a comunidade encontra-se a diminuição da violência, da indisciplina e insucesso escolar, e dos estigmas sociais através do desenvolvimento de lideranças comunitárias e de práticas colaborativas (Ramalho, 2014). Atualmente, o FR tem por base as regras internacionais determinadas pela FIFA, sendo promovido por mais de cem organizações a nível mundial que o utilizam como ferramenta de intervenção social<sup>4</sup>. Nos seus 'três tempos' de treino (reflexão pré-jogo, treino e jogo e reflexão final), são abordados valores, atitudes e comportamentos, colocando em paralelo as situações vivenciadas em campo com a vida social no quotidiano. Assim, a metodologia sociodesportiva do FR alia ao treino físico e motor o treino de competências pessoais e sociais. Jogado em equipas mistas de rapazes e raparigas, as regras são decididas pelos jogadores/as que assumem um papel ativo na gestão do jogo e do comportamento individual e coletivo, sendo a figura do/a treinador/a de mediação, no processo de educação informal para a cidadania.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia do estudo de autoavaliação do impacto inclusivo do Projeto BPF baseou-se na criação de indicadores de medida, por forma a obter-se evidências quantitativas e qualitativas do alcance dos objetivos inclusivos preconizados. Seguindo a nomenclatura do Programa Escolhas, o BPF visa o empoderamento dos participantes através do desenvolvimento transversal de competências (psicossociais e outras) potenciadoras da inclusão social. São três os objetivos estratégicos (OE) preconizados: 1) Educação não formal promotora da progressão e sucesso escolar, da formação e da qualificação profissional; 2) Envolvimento e capacitação para a participação comunitária e a cidadania; 3) Envolvimento e capacitação para a inclusão social digital, potenciadora do sucesso escolar, da qualificação profissional e da cidadania. Na medição dos indicadores em cada um dos três OE, foram recolhidos dados objetivos (e.g. presenças nas ações programadas para cada um dos objetivos, aproveitamento escolar, tempo de participação no Projeto, avaliação técnica de competências básicas e TIC), assim como dados subjetivos, tendo por base a autoavaliação dos participantes com um ou mais anos no Projeto. Para o efeito, construiu-se um inquérito por questionário, complementado com a realização de sessões de focus group. Atendendo à limitação de espaço nesta publicação, houve necessidade de fazer opções na seleção dos resultados a apresentar. Optou-se então por trazer à discussão, apenas alguns dos dados mais relevantes da autoavaliação geral dos jovens participantes, referentes aos indicadores do impacto inclusivo do BPF, tendo em vista alcançar os OE 1 e 2. A informação foi recolhida no segundo trimestre de 2018, através de um questionário digital, preenchido de forma anónima na sala de informática da sede da ANFR/BPF. Durante a fase de implementação e teste do inquérito, recolheu-se uma amostra de 43 inquiridos, em que 53% participam no BPF há mais de 3 anos, 14% há 3, 26% 2, e 7% há 1 ano.

### 3. COMPETÊNCIAS, APRENDIZAGEM E EMPREGABILIDADE

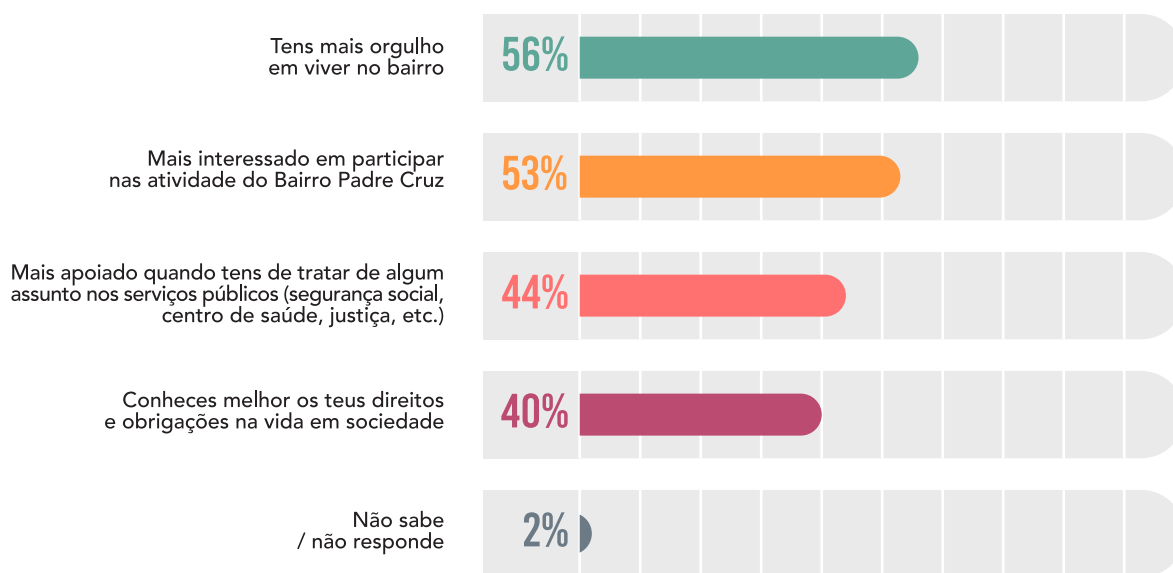
Nas metas traçadas para alcançar o OE1, o BPF propõe-se promover o sucesso e a progressão nos resultados escolares (M1), através do desenvolvimento de competências específicas em cada ano de participação no Projeto (M2), e diminuir a taxa de desocupação dos jovens não estudantes (M3). Na sua maioria, os inquiridos consideram a sua participação no BPF MUITÍSSIMO (63%) ou MUITO IMPORTANTE (35%) para as suas vidas, afirmando que conseguem trabalhar melhor em equipa (57%). A esmagadora maioria dos inquiridos estudantes, considerou que se sente melhor na escola desde que está no BPF (94%).

### 4. COMUNIDADE, PARTICIPAÇÃO E CIDADANIA

Para OE2, o BPF definiu como metas a atingir, o aumento do envolvimento e participação cívica na comunidade (M1), maior acesso aos serviços públicos (M2), e promoção de hábitos e/ou estilos de vida saudáveis (M3). Como elucida a Figura 1, a maioria dos participantes afirmou ter mais orgulho (56%) e estar mais interessado em participar nas atividades do bairro Padre Cruz (53%).

A melhoria da condição física também foi considerada pela maioria dos participantes inquiridos do Projeto BPF (51%).

FIGURA 01  
OPINIÃO DOS PARTICIPANTES DO PROJETO BOLA PR'A FRENTE FACE AO ENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E SOCIAL



Fonte: Inquérito de avaliação dos participantes do Projeto BPF

## APONTAMENTO FINAL

Os resultados obtidos na fase de teste do inquérito de avaliação dos participantes do BPF são reveladores da importância da intervenção socio-desportiva desenvolvida pelo Projeto, junto do seu grupo-alvo constituído por jovens desfavorecidos e sujeitos à exclusão social. Os resultados permitiram também identificar aspetos a aprofundar nas sessões programadas, de modo a melhorar a eficácia do Projeto no alcance dos OE planeados. A introdução destas medidas torna-se facilitada dada a plasticidade da metodologia de treino sociodesportivo do FR, que permite explorar didáticas de desenvolvimento de competências, comportamentos e transmissão de valores e atitudes (Ramalho, 2014; Belmore & Sousa Junior, 2017; Belmonte & Gonçalves Junior; 2018). O estudo de autoavaliação do Projeto BPF em parte agora apresentado, forneceu também evidências de que o aumento da eficácia do Projeto no alcance dos OE almejados, carece de uma ação de monitoramento e investigação-ação por parte dos promotores junto dos jovens participantes, tal como vários autores têm salientado (Marivoet, 2014; Collins & Kay, 2014; Haudenhuyse, 2017).

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Belmonte, M.M. & Gonçalves Junior, L. (2018). *Fútbol callejero: nascido e criado no sul*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 116, 155-178.
- Belmonte, M. M. & Souza Junior, O. M. (2017). *Fútbol Callejero: da sua historicidade à potencialidade para o ser mais*. In Anais do Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: ecomotricidade e bem viver (pp. 553-559). São Carlos: SPQMH.
- Bourdieu, P. & Champagne, P. (1992). *Les exclus de l'intérieur*. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, vol. 91-92, 71-75.
- Castel, R. (1998). *As Metamorfoses da Questão Social (9)*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Collins, M. & Kay, T. (2014). *Sport and Social Exclusion*. New York: Routledge.
- Haudenhuyse, R. (Ed.), et al. (2017). *Sport for Social Inclusion: Questioning Policy, Practice and Research*. *Social Inclusion*, vol. 5(2), 85-254.
- Levitas, R. (2005). *The Inclusive Society? Social Exclusion and New Labour (2nd)*. Basingstoke: Palgrave.
- Marivoet, S. (2014). *Challenge of Sport Towards Social Inclusion and Awareness Raising Against any Discrimination*. *Physical Culture and Sport. Studies and Research*, vol. LXIII, 3-11.
- Nicholson, M. & Hoye, R. (Eds) (2008). *Sport and social capital*. Oxford: Elsevier.
- Ramalho, V. (2014). *Futebol de rua e desenvolvimento de competências sociais em públicos juvenis*. Carvalho, Irene e Pinto, Carla (Coord.), Serviço social. Teorias e práticas, Lisboa. Pactor, pp. 387-410.
-

---

# A mentoria de parceiros na implementação de uma comunidade de práticas sociodesportivas de futebol de rua na Quinta do Cabrinha

---

**VANDA SOFIA BRAZ RAMALHO**

Associação Nacional de Futebol de Rua  
Centro Lusíada de Investigação  
em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS)

**JOANA ISABEL GOUVEIA DA CRUZ DIAS**

Associação Academia Cidadã  
Projeto 'Outros Campeonatos'  
Instituto de Educação – Universidade de Lisboa

03

## RESUMO

Esta comunicação apresenta um processo de mentoria de parceiros e a sua importância na constituição de uma comunidade de práticas, num bairro municipal de Lisboa, a Quinta do Cabrinha, em Alcântara, relevando o potencial da utilização de ferramentas sociodesportivas na intervenção socio-urbanística. É tomado como exemplo o projeto 'Outros Campeonatos' (OC) promovido pela Academia Cidadã (AC) e mentorado, em parceria, pela Associação Nacional de Futebol de Rua (ANFR), no âmbito do programa municipal Bip/Zip – Parcerias Locais. O projeto consistiu num processo coproduzido de intervenção comunitária, que a partir da experiência sociodesportiva detida pela ANFR, pretendeu disseminar a metodologia de futebol de rua (FR) num novo território, capacitando a Academia Cidadã e a população local. A intervenção gerou sinergias nas sociabilidades e participação comunitária, promovendo a educação para a cidadania de crianças e jovens; a abertura do bairro à cidade e a sua maior inclusão no tecido urbano. Pretende-se disseminar práticas inovadoras e colaborar para o debate da importância da constituição de um campo de saber sociodesportivo em serviço social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mentoria, Experiência sociodesportiva, Intervenção comunitária, Intervenção socio-urbanística

## ABSTRACT

This Communication presents a process of mentoring partners and their importance in the constitution of a practices community in Quinta do Cabrinha municipal neighborhood, in Alcântara civil parish, in Lisbon, emphasizing the potential of using socio sportive tools in socio-urban intervention. Is taken as an example the 'Outros Campeonatos' (OC) project promoted by Associação Academia Cidadã (AC), and mentored,

in close partnership, by the Associação Nacional de Futebol de Rua (ANFR) in the context of Bip/Zip - Local Partnerships municipal program. The project had consisted in a participatory and co-produced process. From the socio sportive experience, held by ANFR, intended to contribute to disseminate street soccer methodology in a new territory, enabling the Associação Academia Cidadã and the local population to generate sociability and community participation synergies, promoting children and youth citizenship education, the neighborhood and community opening to the city and its greater inclusion in the capital's urban network. Intends to disseminate innovative practices and contribute to the debate of a field of socio sportive knowledge in social work.

**KEY-WORDS:** Mentoring, Socio sport experience, Community intervention, Socio-urban intervention.

## NOTA INTRODUTÓRIA

Esta comunicação foi proferida no 5.º Congresso de Serviço Social 'Serviço Social e Desenvolvimento Humano', promovido pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto e pela Associação de Profissionais de Serviço Social, a 25 e 26 de Outubro de 2018, em Matosinhos com o objetivo de disseminar práticas inovadoras no campo do serviço social. Apresenta-se o projeto OC, desenvolvido pela AC<sup>6</sup>, mentorado pela ANFR<sup>7</sup> e financiado pelo programa Bip/Zip<sup>8</sup>, entre outubro de 2016 e outubro de 2017. O exemplo releva o potencial da utilização de ferramentas sociodesportivas, na intervenção comunitária, e mostra como, a partir da mentoria de parceiros, foram possíveis formas alternativas de intervir, com base na partilha e replicação de saberes e práticas de FR coproduzidas entre a ANFR e os seus públicos. De forma a contextualizar o processo é importante caracterizar o território onde o projeto decorreu, destacando a sua ligação ao antigo Casal Ventoso.

6. <http://academiacidada.org>

7. <http://futrua.org>

8. O Programa BIP/ZIP – Parcerias Locais foi criado pelo Programa Local de Habitação (PLH) de Lisboa "como instrumento de política pública municipal para dinamizar parcerias e pequenas intervenções locais de melhoria dos 'habitats', através do apoio a projetos levados a cabo por juntas de freguesia, associações locais, coletividades e organizações não governamentais, contribuindo para o reforço da coesão socio-territorial". Estimula a participação das organizações e das populações na resolução dos problemas locais. [Consult. 24.09.2018] em <http://habitacao.cm-lisboa.pt/>.



## 1. A QUINTA DO CABRINHA

Foi há já quase 20 anos que o bairro do Casal Ventoso, em Lisboa, foi demolido, com o realojamento da população no Vale de Alcântara. A Câmara de Lisboa (CML) foi responsável pela construção do edifício na Avenida de Ceuta, entre o qual a Quinta do Cabrinha<sup>9</sup>. Apesar dos anos volvidos, a comunidade do bairro continua a enfrentar fragilidades socioeconómicas, exposta a factores de vulnerabilidade e exclusão social (PLHL, 2010). Observa-se fraca coesão e sentimento de pertença diminuto: - as pessoas continuam a identificar-se com Campo de Ourique (zona do Casal Ventoso). A organização comunitária é escassa, observando-se problemas de vizinhança. Perpetua-se a tendência de fechamento, herdada do Casal Ventoso – para a qual colabora a morfologia arquitetónica do bairro, de enclausura, e a sua localização, afastada de polos de atividade urbana e local de passagem de umas das artérias da cidade, com maior intensidade de trânsito. É fora do comum pessoas exteriores entrarem no bairro, contíguo por uma única via, o que torna a comunidade ainda mais excluída. As lojas são ocupadas por entidades sem fins lucrativos – como é o caso da AC. As duas coletividades presentes providenciariam um serviço desportivo. Contudo, há muitas instituições sem intervenção no bairro. Quanto às coletividades, se uma vai organizando um ou outro evento desportivo, a outra serve como café e local para atividades menos lícitas. Existe um campo polidesportivo e um parque infantil. No entanto, os habitantes queixam-se que faltam mais espaços exteriores e de promoção do desenvolvimento cultural local (Dias, 2017).

## 2. A AC E O PROJETO 'OUTROS CAMPEONATOS'

A AC tem por objetivo impulsionar a cidadania ativa, o desenvolvimento humano e a sustentabilidade social, económica e ambiental, tendo em vista empoderar pessoas e organizações no exercício da democracia. Atividades educativas, comunicacionais e artísticas são as formas de intervenção. A educação informal e a pesquisa participativa e ativa são as suas metodologias (AC, 2013). A AC está sediada no Cabrinha desde 2014, logo pensou-se que seria lógico e necessário trabalhar com a comunidade, através da capacitação, para a organização comunitária e abertura do bairro à cidade, tendo em vista promoção da cidadania ativa. Foram realizados momentos de austerização participativos e observou-se que:

- > Muitos dos habitantes tinham vontade de ser socialmente mais ativos lamentando-se acerca da falta de ferramentas e competências de auto-organização;
- > A maioria dos habitantes reconhecia que os espaços públicos podiam e deviam ser melhorados, para maior usufruto;
- > Uma das principais atividades desenvolvidas era, ainda que de maneira informal, o futebol. Vinda do tempo do Casal Ventoso, existe no Cabrinha uma grande tradição futebolística. O desporto 'rei' é jogado pela maioria dos residentes e extravasa a prática clubística: é jogado nas ruas, pátios, varandas. Através da 'bola', estabelecem-se zonas de partilha e uma sociabilidade que ameniza as tensões que se sentem no quotidiano.

Percebeu-se o subaproveitamento do capital social<sup>10</sup> destas relações comunitárias informais e que

9. Para mais informações sobre a população consultar ' Brito, I et al, 2012, Caracterização sociodemográfica da quinta do Cabrinha. Gebalis – Projeto Alkantra: Lisboa. [Consult. 24.09.2018] em <http://habitacao.cm-lisboa.pt/> e Chaves, Miguel (1999). Casal Ventoso – da Gandaia ao narcotráfico. Celta: Lisboa.

10. Conjunto normas da organização social e fator explicativo das comunidades cívicas. O termo foi utilizado significando as capacidades de participação, mobilização, negociação e poder, socialmente construídas, através das relações de reciprocidade geradas na interação entre os moradores do bairro (Bourdieu; 1986).

a forma de as potenciar poderia ser através do FR. Pensou-se de forma colaborativa, em aliar ao FR algumas saídas turísticas. Ambas as estratégias contribuiriam para o objetivo final: o desenvolvimento da cidadania ativa. Nesse sentido, com o apoio do BIP/ZIP e com as parcerias da ANFR, do *Lisbon Sustainable Tourism*, do grupo de jovens 'Ventos de Mudança' e da Junta de Freguesia de Alcântara, o projeto OC visou promover o fortalecimento social do Cabrinha, a organização comunitária, a capacidade de iniciativa local e maior consciência democrática. Desenvolveu a abertura do bairro e a sua integração na cidade. Eventos de FR atraíram os residentes a intervir na implementação – com a facilitação de processos de participação. As visitas turísticas ajudaram a repensar o bairro, abrindo a comunidade à mobilidade. Foram desenvolvidas sete atividades (1) apresentação do projeto e recrutamento, (2) treinos de FR destinados a crianças e jovens, (3) intercâmbio com equipas de FR provenientes de outros bairros lisboetas – visitando e sendo visitados, (4) torneio de FR, (5) FR na praia, (6) estágio de FR, (7) sustentabilidade do projeto (Dias, 2017). A parceria estabelecida com a ANFR foi essencial para o sucesso do projeto. Enquanto 'especialista' na utilização do FR a associação esteve responsável, em todo o ciclo do projeto, pelas estratégias informais de mentoria, consultadoria e formação, acerca da aplicação da metodologia no Cabrinha por parte da AC.

### 3. A MENTORIA DA ANFR E A COMUNIDADE DE PRÁTICAS DE FUTEBOL DE RUA NO CABRINHA

Em Portugal, o FR surge em 2004 com o projeto 'Vencer em todos os campos' promovido pela CAIS<sup>11</sup>, através da participação no *Homeless World Cup*<sup>12</sup>. No final de 2007 parte dessa equipa funda a ANFR, uma IPSS, para expandir as boas práticas na área da intervenção local e comunitária, e para públicos infantojuvenis, numa perspetiva preventiva de educação informal. Os fundadores da ANFR, entre os quais assistentes sociais, constituem-se, também, como fundadores da modalidade em Portugal, e acumulam know-how acerca da metodologia. A ANFR tem como missão promover o FR<sup>13</sup> enquanto estratégia inovadora de intervenção, para o desenvolvimento humano e inclusão social. Tem, desde 2009, desenvolvido projetos sociodesportivos de intervenção comunitária, em Carnide, mais concretamente, no Bairro Padre Cruz (BPC), em Lisboa, que pretendem capacitar a comunidade para o exercício da cidadania e requalificar o espaço público. Com o projeto Bola P'ra Frente<sup>14</sup> e financiada pelo Programa Escolhas<sup>15</sup>, tem desde 2010 utilizado o FR, como ferramenta interventiva

11. <http://cais.pt/futebol-de-rua/>

12. <https://homelessworldcup.org/>

13. O Futebol de Rua (FR) é uma modalidade não competitiva, intrinsecamente social. A sua sociogénese tem origem em experiências de FR informais e pioneiras, desenvolvidas, desde 1989, por OGN's no Brasil e nos Estados Unidos da América, destinadas a pessoas sem-abrigo, que mais tarde se vieram a consolidar através da fundação, por parte de Mel Young, do Homeless World Cup (<http://homelessworldcup.org/>), em 2003, na Escócia (Homeless World Cup Foundation, 2018). Quando destinado a crianças e jovens, de contextos urbanos periféricos, a sua origem encontra-se na América latina (Fútbol Callejero) em diversas experiências no decorrer dos anos 90. Em 1994, a modalidade é implementada na Argentina, durante a crise económica, pelo ex-jogador e treinador de futebol Fábian Ferraro, num bairro socialmente desfavorecido dos arredores de Buenos Aires. Esta corrente deu origem ao atual Movimento Fútbol Callejero (<https://movimientodefutbolcallejero.org/>), na luta por um futebol contra-hegemónico, com base em valores como o respeito, a cooperação e a solidariedade (Belmonte & Sousa Junior, 2017). Jürgen Griesbeck, fundador e presidente da rede internacional Streetfootballworld (<http://streetfootballworld.org/>), desenvolveu, em 1996, na sequência do assassinato do jogador Andrés Escobar e de episódios de violência no futebol, o projeto 'Fútbol por La Paz', na Colômbia, com ênfase nos valores da igualdade de género, do fair play e da resolução pacífica dos conflitos. Desde então, quer membros da rede Streetfootballworld, quer outras organizações que utilizam o FR como ferramenta de intervenção sociodesportiva, como é o caso da ANFR, têm vindo a adaptar estas regras e princípios aos seus públicos e contextos de intervenção. No seu método o FR respeita 3 tempos interventivos de mediação formalizados, hoje, no método F3 (Streetfootballworld, 2014). A FIFA reconhece o FR como futebol amador, exclusivo para uso social e como potenciador do desenvolvimento humano. Criou o programa Football for Hope e regras específicas, inclusivas e adaptadas que demarcam o FR do futebol competitivo (<http://fifa.com/sustainability/football-for-hope.html>).

14. <https://facebook.com/Projeto-Bola-Pra-Frente-E6G-541364809235168/>

15. <http://programaescolhas.pt/>

na constituição de uma comunidade de práticas sociodesportivas<sup>16</sup>, no BPC, coproduzida com a comunidade, através da mediação social de proximidade e de pares e inovando nas estratégias de educação informal para a cidadania (ANFR, 2018). O FR enquanto lazer desportivo, formaliza-se como instrumento de intervenção, pelas suas características facilitadoras da sociabilidade e do desenvolvimento comunitário. Nos treinos sociodesportivos promovidos pela ANFR<sup>17</sup> são trabalhados tópicos como a confiança, comunicação, cooperação, autoestima, autoconhecimento, tolerância à frustração, gestão de conflitos, espírito de equipa, igualdade de género, interculturalidade, entre outros. Esta metodologia alia, ao treino físico e motor o treino de competências pessoais e sociais. Jogado em equipas mistas, as regras são decididas pelos/as participantes, sendo a figura do/a treinador/a a de mediação de proximidade (Ramalho, 2014). Com efeito, o lazer desportivo pode ser encarado como laboratório das relações sociais reorganizando trajetórias e processos de construção identitária (Parlebas, 2002). É neste quadro que o serviço social encontra 'um espaço educativo, que visa a formação de sujeitos críticos e participativos, em que seja reativado o potencial de racionalidade sobre a relação do ser humano com o mundo, na resolução emancipatória dos problemas sociais' (Ramalho, 2014, p. 394).

A noção de mentoria remete para o estabelecimento de relações de aprendizagem, podendo ser considerada uma ferramenta educativa 'ancestral'<sup>18</sup>. Tem sido uma ferramenta cada vez mais utilizada na intervenção social, revelando-se como processo *win-win* para as partes envolvidas e como suporte à aprendizagem, à partilha e troca de conhecimentos, experiências e/ou inspiração. Implica a partilha voluntária do conhecimento com o/a mentorando/a, que procura ampliar as suas competências numa determinada área (Kram, 1988). No âmbito da parceria com a AC, a ANFR pretendeu disseminar o FR e esteve responsável pelas estratégias informais e horizontais de mentoria. O principal objetivo da ANFR em promover a mentoria, tem por base a missão de disseminação do FR, enquanto ferramenta interventiva. A mentoria permitiu uma atitude confiante na aplicação e adaptação de uma metodologia com a qual, à partida, a AC não se encontrava familiarizada. A ANFR atuou como suporte 'sombra' da AC, num trabalho em 'tandem'<sup>19</sup>, que justifica a denominação de mentoria de parceiros, numa perspetiva de partilha de poderes. Os papéis da ANFR como mentora foram os da consultoria e formação sociodesportiva dos agentes na utilização da metodologia e na implementação de treinos e torneios comunitários, da escuta ativa, feedback, colaboração no desenho do projeto, modelo interventivo, suporte técnico, mas

---

16. O conceito de comunidade de prática proposto por Wenger (1998) define um conjunto informal de pessoas que se agregam, em torno de um interesse para aprender, produzir e gerir um determinado conhecimento, tendo em vista a aplicação prática do mesmo. Define-se pela existência de três características fundamentais: - um domínio de conhecimento; a comunidade de pessoas que se preocupam com esse domínio e a prática partilhada que desenvolvem nessa área de conhecimento. Os membros atribuem individual e coletivamente significado às experiências, gerando conhecimento tácito e capacidade de mudança, através da partilha de recursos e do reconhecimento da comunidade como espaço de transformação, através da mobilização do capital social partilhado (Silva, 2008). A comunidade de práticas referida inclui os moradores do bairro, os jovens com experiência sociodesportiva, os representantes das organizações, as equipas técnicas dos projetos e um conjunto de intervenientes-investigadores na área do serviço social e de outras ciências sociais unidos pelo interesse no campo da intervenção sociodesportiva, tendo em vista promover a mudança e produzir conhecimento a partir da sua experiência coletiva.

17. O treino sociodesportivo de FR consiste no fundamento central de todos os projetos da ANFR. Inspira-se na metodologia Futebol3 e nos 'três tempos' de treino que esta propõe (reflexão pré-jogo, treino e jogo e reflexão final) onde se abordam aspetos do comportamento e se realiza o paralelo das situações vivenciadas em campo com a vida social. Para mais informações consultar: Streetfootballworld (2014). Futebol3 Kit: Manual de Futebol3. Como utilizar o futebol para a mudança social. Berlim: Streetfootballworld, em <https://streetfootballworld.org/football3>.

18. A noção de mentoria é utilizada por alusão à clássica obra grega 'Odisséia'. Nesta, Ulisses, antes de partir para a guerra de Tróia, pede ao amigo Mentor, homem sábio e experiente, que olhe por seu filho Telémaco e colabore no seu desenvolvimento enquanto pessoa.

19. A mentoria de parceiros enquanto pares extravasa a simples consultoria ou um serviço prestado definindo-se como uma relação horizontal, colaborativa e de coprodução de práticas e conhecimento. A analogia a uma bicicleta 'tandem' conduzida por duas ou mais pessoas, como estratégia de trabalho em equipa, resulta num contributo mútuo na produção de novos níveis de tomada de consciência que, por sua vez, possibilitam novas perceções sobre a realidade e a atualização das potencialidades e competências de mentorando/a e mentorado/a, tirando cada um/a o aproveitamento máximo do trabalho conjunto. Ideia que se encontra em linha de conta com os valores UBUNTU (ser com os outros no respeito pela sua diversidade) versados pela ANFR e inspirados na ancestral filosofia africana, disseminada por Nelson Mandela.

também os da empatia, confiança e compromisso nos atos de aconselhar, ouvir, clarificar ideias, fazer escolhas e guiar, tendo em vista os objetivos da AC (Kram, 1988).

Para a ANFR a mentoria representou uma oportunidade construtiva para a aprendizagem e aproximação da teoria à prática e, em simultâneo, de desenvolver empatia entre organizações, possibilitando o reforço mútuo de competências. A ANFR ganhou, por exemplo, com aprendizagens sobre a promoção da cidadania e da cultura democrática e sobre o ativismo levado a cabo pela AC, transferindo o potencial do FR para impulsionar a cidadania no Cabrinha. A experiência permitiu a expansão da utilização do FR, a mobilidade sociogeográfica dos públicos e a efetivação do seu direito à cidade, tal como coproduzir conhecimento a partir da prática e da colaboração entre organizações e a comunidade do Cabrinha, iniciando nesta o, lento e complexo, processo de constituição da comunidade de práticas colaborativa. Para a AC a experiência com a ANFR foi imprescindível para a implementação com sucesso do FR no Vale de Alcântara. Estabeleceram-se laços, entre as equipas de trabalho e entre os jovens do Cabrinha e do BPC, fruto dos momentos partilhados. Não só a equipa do OC beneficiou de um tipo de capacitação que lhe permitiu implementar o projeto de forma mais estruturada e sustentável, como também os beneficiários usufruíram, conhecendo um novo território de Lisboa e criando sinergias positivas, que contribuíram para o desenvolvimento harmonioso dos jovens do Cabrinha, pois interagiram com jovens com percursos semelhantes, mas também de contextos diferentes. Através desse interconhecimento, ambos aprenderam a conhecer a diferença e a construir a sua subjetividade assente na diversidade.

## NOTAS FINAIS

Em tom de conclusão, a deixa para que se possa aprofundar o debate da importância da mentoria de parceiros, na constituição de comunidades de prática e na consolidação do saber sociodesportivo em serviço social. A experiência, lança desígnios

à agenda do serviço social no que concerne ao desenvolvimento humano e ao potencial do lazer desportivo, na sua promoção. Como resultado da experiência colaborativa entre a AC, a ANFR e os públicos do OC foram alcançados impactos positivos:

- > **CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADE:** o incremento do trabalho colaborativo; o debate sobre valores e fragilidades; a criação de visibilidade dos problemas e necessidades – permitiu a capacitação para a auto-organização e coesão social; pessoas e grupos beneficiam de relações mais positivas, tornaram-se mais empoderados para a tomada de decisões e iniciativa local;
- > **VALORIZAÇÃO ESPAÇO PÚBLICO:** a utilização do espaço público; o contacto com ideias para a sua valorização; o desenho e implementação de ações – contribuiu para consciência coletiva sobre a utilização, preservação e valorização do espaço público, com enfoque na higiene urbana; aumentou o sentido de pertença; melhorou a imagem do bairro, interna e externa;
- > **ABERTURA À ENVOLVENTE:** o conhecimento sobre realidades de outros bairros; a troca de experiência intercultural; a reflexão acerca das relações do bairro com a cidade – provocou a abertura do bairro, e a vontade de continuar a contactar com o exterior e de trabalhar em rede; estimulou a economia local; ajudou a apagar estigmas; promoveu a inclusão (Dias, 2017).

Através da aposta na mentoria de parceiros foi possível cimentar as bases de uma pequena comunidade de práticas sociodesportivas na Quinta do Cabrinha. O relatório final de avaliação do projeto refere que foi coproduzida uma consciencialização das responsabilidades e direitos de cidadania, a participação ativa e o fortalecimento da consciência democrática, patentes na missão do serviço social, revelando o potencial da metodologia sociodesportivas, para promover mudanças sociais (Dias, 2017). Da boa relação de mentoria foi possível atender à sustentabilidade das ações, através de um novo projeto. O 'Bola Colorida – Intercultural de Futebol de Rua' promovido pela ANFR em colaboração com a AC e financiado pela Federação Portuguesa de Futebol e pela Freguesia de Carnide, dando continuidade à intervenção no Cabrinha, em

Alcântara, e expandindo-a ao Bairro Horta Nova, em Carnide, promovendo o intercâmbio, formando novos agentes e colaborando na disseminação do FR. Estes resultados devem incitar à reflexão sobre o potencial da mentoria e de uma perspetiva socio-desportiva no campo do serviço social.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- AC (2013). **Manifesto**. Lisboa: Associação Academia Cidadã.
- ANFR (2018). **Declaração de Capacidades**. Lisboa: ANFR.
- Belmonte, M.M. & Gonçalves Junior, L. (2018). **Fútbol callejero: nacido e criado no sul**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 116, 155-178.
- Dias, Joana (2017). **O Cabrinha mapeado – mapeamentos coletivos na Quinta do Cabrinha**. Lisboa: AC.
- Dias, Joana (2017). **Relatório de Avaliação do projeto Outros Campeonatos – Programa Bip Zip** - Parcerias Locais. Lisboa: AC.
- Kram, E. (1988). **Mentoring at work: developmental relationships in organizational life**. Lanham: University Press of America.
- Parlebas, P. (2002) **Reseaux dans les jeunes e les sports**. L'année sociologique, 52. France: Presses Universitaires de France.
- Programa Local de Habitação de Lisboa (2010). **Carta dos BIP/ZIP. Bairros e zonas de intervenção prioritária. Relatório da consulta pública – Anexos**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Ramalho, V. (2014). **Futebol de rua e desenvolvimento de competências sociais em públicos juvenis**. Carvalho, Irene e Pinto, Carla (Coord.), Serviço social. Teorias e práticas. Lisboa: Pactor, pp. 387-410.
- Silva, A. (2008). **Aprendizagem e comunidades de prática**. Portugal: BOCC – Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação.
-

07

SERVIÇO SOCIAL  
ÉTICA E DIREITOS HUMANOS

---

# Serviço Social e Deficiência

---

Uma abordagem de Direitos Humanos

---

ANA LUÍSA ESTEVES D'ALMEIDA GOMES  
ana.luisa.asocial@gmail.com

01

## RESUMO

O Serviço Social tem desde a sua gênese um forte comprometimento com os Direitos Humanos. São estes que guiam a prática e teoria do Serviço Social, fundamentando o sentido de justiça social dos assistentes sociais, a preocupação na resolução dos problemas sociais e impulsionando a serem agentes de mudança. Concerne então, ao Serviço Social e ao Assistente Social o papel de luta pela igualdade, pela promoção do cuidado equitativo e da liberdade das pessoas com deficiência, sendo ainda hoje, pessoas oprimidas nos vários contextos de vida como a educação, a formação, o mercado de trabalho e a vida privada.

É fundamental que o Serviço Social seja a ponte entre as necessidades das pessoas com deficiência, nas mais diferentes matérias, e na concretização de todos os direitos humanos para todas as pessoas com deficiência. Os assistentes sociais juntaram-se desde cedo ao movimento destas pessoas dando força a este grupo excluído para lutarem pelos seus direitos e por melhores condições de vida.

O Serviço Social tem a responsabilidade de trabalhar com as pessoas com deficiência no sentido de facilitar e/ou facultar serviços de apoio numa primeira instância de direitos: habitação, saúde, e alimentação, num segundo contexto de direitos: a educação, emprego, vida familiar e em direitos mais latos como a autodeterminação, liberdade, auto-representação.

Apesar de apresentados sequencialmente estes devem, se possível, ser trabalhados de forma conjunta e com o objetivo último de empoderar todas as pessoas com deficiência, criando dessa forma uma sociedade mais justa onde as pessoas com deficiência podem participar de acordo com as suas vontades e escolhas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deficiência, Direitos Humanos, Serviço Social, Empoderamento.

## ABSTRACT

The Social Work has from the beginning a strong commitment to Human Rights. These are the ones guiding the practice and theory of Social Work, grounding the sense of social justice, concern in solving social problems and impelling them to be agents of change. It concerns Social Work the struggle for equality, the promotion of equal care and the freedom of persons with disabilities. They are still oppressed in the various contexts of life, such as education, training, the market work and privacy.

It is vital that Social Work be the bridge between the needs of people with disabilities in the most different areas, and the realization of all human rights for all people with disabilities. The social workers joined early in the movement of these people giving strength to this excluded group to fight for their rights and for better living conditions.

Social Work has a responsibility to work with people with disabilities to facilitate and / or provide support services in the first instance of rights: housing, health, and food, in a second context of rights: education, employment, family life and in broader rights such as self-determination, freedom, self-advocacy.

Although presented sequentially these should, if possible, be worked together and with the ultimate goal of empowering all people with disabilities, thereby creating a fairer society where people with disabilities can participate in accordance with their wishes and choices .

**KEY WORDS:** Disability, Human Rights, Social Work, Empowerment.



## A INTERVENÇÃO DE DIREITOS DO ASSISTENTE SOCIAL NO CONTEXTO DA DEFICIÊNCIA

Vários estudos e práticas vêm fortalecer a reflexão sobre o trabalho dos assistentes sociais na deficiência intelectual, destacando a importância da prática reflexiva, da criatividade, do conhecimento dos dados, e o planeamento centrado na pessoa. A nova modalidade de intervenção baseada nos pontos fortes e de direitos dá atenção às aspirações do indivíduo, os seus pontos fortes, habilidades e recursos, utilizando o diálogo e a colaboração com uma postura positiva e otimista.

A perspectiva da deficiência em que se assume que estas pessoas são sujeitos ativos e participativos no que lhes diz respeito, vem através do modelo de direitos humanos e cidadania da deficiência, que vem chamar a atenção para o facto dos contextos sociais não estarem definidos de forma inclusiva, não permitindo o acesso igualitário a todos os cidadãos. Com este modelo pretende-se melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência desenvolvendo a autodeterminação dos mesmos. O interesse crescente nesta matéria vem da visão positiva da deficiência, das novas propostas legislativas que acontecem um pouco por todo o mundo, a preocupação com a qualidade de vida e processo de transição para a vida adulta. Os assistentes sociais são uma das poucas profissões que têm um forte interesse na mudança social, e têm potencial para contribuir para uma sociedade mais inclusiva dando oportunidades favorecendo a participação igualitária das pessoas com deficiência, assim como, membros das instituições apoiarem e contribuir para a criação de políticas inclusivas. Ou seja, um verdadeiro modelo de direitos humanos na deficiência.

Tendo a convenção dos direitos das pessoas com deficiência sido ratificada por Portugal em 2006, veio alterar o paradigma da deficiência dando início a uma mudança de atitude e abordagens em relação a essas pessoas, passando a ser vistas como pesso-

as com direitos capazes de os reclamar, de decidir a sua vida livremente e informadas como membros autodeterminados e participativos da sociedade. Falamos de um público que representa nas idades entre os 24 e 65, anos, 11% da população, maioritariamente feminino, com uma maior incidência de casos no norte do país (34%). (ODDH, 2017)

Partindo do pressuposto que o modelo de direitos humanos indica que a deficiência não prejudica a capacidade de direitos não se compreende o desrespeito nesta matéria por parte da sociedade e do estado, cuja ação tem sido a delegação de responsabilidades na família e nas organizações do terceiro sector. Por sua vez, as políticas têm sido insuficientes para responder às necessidades das pessoas com deficiência, porque estas continuam sem poder exercer os seus direitos de cidadania. (Fontes, 2016)

Como refere Luo Brown, 1994 (in Santos, 2006) a grande maioria, vive na total dependência de pais ou outros familiares, ou em lares residenciais não convivendo com pessoas sem deficiência, não tendo trabalho e portanto sem que sejam chamados a opinar sobre os assuntos que lhe dizem respeito. Considera-se que ao contrário das pessoas sem deficiência que ao longo da vida vão-se tornando cada vez mais independentes, as pessoas com deficiência intelectual vão sendo sempre dependentes não conseguindo a sua autonomia, acabando por ser equiparadas a menores de idade quando relacionados com as ações de votar, casar e constituir família, requerer empréstimo ou tomar conta dos seus bens, o que reforça estereótipos da incapacidade de decisão. (ODDH, 2015)

No âmbito da igualdade e não discriminação das pessoas com deficiência, o profissional promove a inclusão social dessas pessoas, independentemente da sua deficiência. Estas devem estar em todos os aspetos da sociedade como na educação, no emprego remunerado, na vida comunitária, na participação política, assim como, ter acesso a atividades culturais e sociais que tenha interesse. (FIAS, 2012) Para isso, é fundamental ter acesso a informação política, campanhas e ao voto, mesmo as pessoas institucionalizadas. Inclusivamente dentro das organizações deve ser promovida a representação e auto-representação dos clientes.

A intervenção ou institucionalização sem o consentimento da pessoa põe em causa a liberdade e autodeterminação da pessoa, pelo que o assistente social deve encontrar estratégias de trabalho adaptados às vontades das pessoas. No caso dos sujeitos que não conseguem, ainda, representar-se, o assistente social tem o dever de denunciar situações que vão contra os direitos das pessoas, assim como, pressionar para que haja sanções e resoluções mediante cada situação.

Como vimos anteriormente, as **MULHERES COM DEFICIÊNCIA** são um subgrupo mais fragilizado, com mais dificuldades em ter acesso à educação e concomitantemente ao trabalho. Cabe ao Assistente Social desenvolver projetos e respostas específicas para essas mulheres de forma a erradicar a discriminação de que são alvo. Também as **CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA**, são um grupo que necessita intervenção e respostas próprias, como é o caso em Portugal, da intervenção precoce em que existem assistentes sociais na equipa para acompanharem crianças e famílias desde o diagnóstico até aos seis anos da criança, trabalhando de forma multidisciplinar no desenvolvimento das competências da criança e da família. As questões de treino da autodeterminação são muito importantes na deficiência, e fundamentais quando falamos em mulheres e crianças com deficiência. A estratégia no trabalho com estas pessoas tem que passar por um forte reconhecimento das suas competências e um trabalho exaustivo em questões como a autonomia e a auto-representação.

A acessibilidade é uma questão fundamental para as pessoas com deficiência, esta permitirá a sua participação plena, nomeadamente em questões mais amplas como a implementação e avaliação de programas, políticas e pesquisa para a deficiência. (FIAS, 2012) Mas também em matéria de autodeterminação em todos os aspetos da sua vida. Dessa forma o profissional, deve contribuir para um estudo rigoroso dos edifícios que ainda não são acessíveis, assim como dos transportes públicos e formas de comunicação, ajudando a dar voz às preocupações das pessoas com quem trabalha.

Para obter a melhor informação sobre o cliente, o assistente social deve adotar estratégias de re-

colha de informação, já que alguns deles podem não ser capazes de expressar as suas necessidades numa resposta, criando oportunidades para que as pessoas com deficiência possam comunicar a sua perspectiva tendo em conta a sua forma de comunicação os seus pontos fortes e fragilidades. A comunicação do assistente social com o cliente é fundamental, devendo o profissional desenvolver essa competência de forma acessível.

A acessibilidade coloca-se a nível físico mas também em questões fundamentais como em criar as melhores respostas para pessoas com deficiência respeitando os seus direitos e fundamentalmente os seus desejos. É necessário perceber no contexto português, que existem poucas respostas que promovam a autonomia como o são as residências autónomas e os programas de vida independente, é importante que as pessoas com deficiência e profissionais desenvolvam estudos e práticas sobre respostas focadas na vida em comunidade, aumentando as possibilidades de escolha para as pessoas com deficiência.

Estas pessoas devem **SER RECONHECIDA DE IGUAL FORMA PERANTE A LEI** tendo que para isso desenvolver a sua advocacy, ou seja, trabalhar a representação do cliente, e a self-advocacy, ou seja, que o cliente se represente e dê a conhecer as suas opiniões e escolhas, defendendo os seus interesses. Quando se fala em advocacy, pretende-se que o assistente social num primeiro momento esteja mais presente e ativo no apoio à tomada de decisão, devendo paulatinamente desenvolver as competências de self-advocacy que é o objetivo final do profissional. Os assistentes sociais, são profissionais de extrema importância para modificar a descrença que os clientes e quem os rodeia têm neles próprios e nas suas capacidades, sendo o profissional responsável por encontrar e divulgar as forças do cliente, trabalhar a capacidade para determinarem a sua vida e a serem eles responsáveis pelo seu destino.

O assistente social deve também procurar formas inovadoras que sejam alternativas à interdição e inabilitação das pessoas com deficiência, são medidas extremas que não podem ser utilizadas apenas para que o jovem ou adulto com deficiência venha

a usufruir da pensão. (ODDH, 2015) A personalidade jurídica da pessoa fica altamente comprometida não podendo exercer os seus deveres cívicos.

Ainda continuando nas questões de **JUSTIÇA, O ACESSO** à mesma é difícil para as pessoas com deficiência, havendo um desconhecimento generalizado nos serviços judiciais das questões da deficiência e das formas de articulação dos processos dessas pessoas. Um dos papéis fundamentais dos assistentes sociais que trabalham com pessoas com deficiência em qualquer contexto, deve ser o de sensibilizar os serviços da comunidade para os direitos de todas as pessoas, encontrando estratégias para a participação.

Não podemos assumir que todas as pessoas com deficiência, em especial as pessoas com deficiência intelectual, desenvolveram durante o seu crescimento competências que facilitem a sua autodeterminação e **LIBERDADE**. Sabemos que muita da intervenção feita, quando a houve, foi numa base assistencialista e de proteção social. Pelo que há ainda um processo de desenvolvimento de competências para a autodeterminação que tem de ser feito, desde o processo de intervenção precoce da criança até à idade adulta.

Como é referido por Santos (2006) e Ribeiro (2014) a autodeterminação está amplamente associada ao conceito de qualidade de vida, quanto mais autodeterminada for a pessoa com deficiência mais qualidade de vida terá. Ribeiro (2014) chama a atenção para uma questão importante que diz que independentemente das dificuldades das pessoas com deficiência (mais leve ou grave) as competências de autodeterminação têm que ser trabalhadas o mais possível, claro que se contará sempre com o apoio das pessoas que lhes são significativas para que possam contribuir para o projeto de vida, no entanto, o foco é compreender como a pessoa sente as suas necessidades e quais são as suas expectativas, ou seja ser autónomo, agindo por si nas atividades de autocuidado quando assim o conseguir se não for esse o caso poder decidir quem e como lhes são prestados os serviços de que necessitam e de que forma se organizam na família e utilizam os recursos da comunidade.

A pessoa com deficiência deve desenvolver a sua autoregulação no sentido de determinar se as suas decisões lhe convém e se está disposto a sofrer as consequências das suas decisões, seguindo os seus objetivos e resolvendo os seus problemas. (Ribeiro, 2014).

Para o desenvolvimento da autodeterminação nas pessoas com deficiência e necessário dar-lhes oportunidade de ser ouvido e valorizado, tendo espaços onde se possam expressar, existirem ambientes para que participem em situações da vida diária sem que as decisões sejam tomados por outros. (Plácio, Nieves, 2009).

O assistente social não pode tomar uma postura de dificultador, deve identificar e aproveitar todos os recursos existentes, e favorecer a colaboração entre todos, aproveitar o máximo de conhecimentos e experiências, articular a sua ação entre políticas sociais e intervenções locais, organizar medidas preventivas e avaliar os seus resultados. Qualquer ação que não seja avaliada não contribui para a melhoria da questão social e do desempenho profissional. A população-alvo são elemento fundamentais da ação, são parceiros e a sua decisão importa. (Guerra, 1991).

Os objetivos, dos assistentes sociais, devem ser no sentido do serviço aos indivíduos, aos grupos, comunidades e sociedade, apoiando-os no seu desenvolvimento e na resolução dos seus conflitos, providenciando o melhor apoio possível a toda e qualquer pessoa que procure a sua ajuda e conselho, sem discriminação, respeitando os direitos humanos, salvaguardando a privacidade, a confidencialidade e uso responsável da informação no seu trabalho profissional, desenvolvendo uma estreita colaboração com os clientes e evitando o recurso à coação judicial, e não utilizando nunca, nem sendo conivente com meios como a **TORTURA OU MEIOS VIOLENTOS**.

Através da autodeterminação, ligada diretamente a pessoas com deficiência, lutar por direitos iguais e de equidade nas sociedades, questão ainda por terminar. As pessoas com deficiência continuam a sofrer de estigma e exclusão, pelo que a informação a possibilidade de tomar decisões sobre a

sua vida põe o foco nas próprias pessoas e no desenvolvimento de competências de representação na sociedade. Nem todos os seres humanos são autodeterminados já que isso implica conhecimentos e oportunidades prévias para o seu desenvolvimento, num ambiente onde a pessoa possa fazer as suas próprias escolhas, onde compreende as regras sociais (recompensas e castigos), a participação e percebe o objetivo da decisão e da ação. (Appel-Silva et all, 2010)

O facto de se ter uma deficiência intelectual não quer dizer que a pessoa não possa decidir a sua própria vida, mesmo que necessite de apoio para algumas questões, não lhe impossibilita a sua autodeterminação. No entanto, e como identificado anteriormente, a autodeterminação “refere-se à capacidade da pessoa para saber o quê e como escolher” (Ribeiro, 2014, pp.2) Tendo a possibilidade de definir os seus objetivos e poder alcançá-los, é inegável a necessidade de um desenvolvimento do autoconhecimento, das suas expectativas, necessidades e potencialidades.

Tendo em conta que a **INTEGRIDADE DA PESSOA** não pode ser posta em causa, é necessário trabalhar com as pessoas no sentido da educação sexual e de gravidezes desejadas, assim como, no casos dos serviços de saúde não proporcionarem uma explicação dos acontecimentos, o assistente social deve agir como interlocutor entre os serviços e o cliente para que este seja informado de todos os processos que lhe dizem respeito. Proporcionando também que as pessoas com deficiência recebam os cuidados de saúde adequados às suas necessidades. (FIAS, 2012)

A pessoa com deficiência, independentemente da deficiência e comprometimento em causa, tem direito a ter uma **FAMÍLIA E DOMICÍLIO**. Esta questão é amplamente discutida pelos profissionais, já que muitos que se encontram na intervenção vêm com bastante reticência a possibilidade dos clientes terem filhos e uma casa própria, principalmente no caso das pessoas com deficiência intelectual. É necessário entender que enquanto é bloqueado o acesso a um sistema de ensino de qualidade e inclusivo, à formação e ao trabalho, há determinadas competências sociais que não são trabalhadas

tornando-os adultos pouco preparados para enfrentar as adversidades de ter uma família e uma casa para cuidar. No entanto, espera-se num futuro próximo que qualquer pessoa, com qualquer deficiência, seja trabalhado para a autodeterminação conseguindo decidir por si se quer constituir família ou não.

A preocupação do técnico em aferir a qualidade de vida das pessoas com deficiência deve ser constante, deve munir-se de todas as estratégias e ferramentas de acordo a tirar conclusões sobre como o cliente ou clientes entendem a sua vida. Apesar de o termo qualidade de vida poder ser considerado individual e subjetivo, há questões que não podem ser deixadas ao acaso e entendidas como convicções pessoais (ex. Gosto pelo banho de água fria) o cliente quando assume uma preferência esta tem que ser fundamentada (ex. Eu já tomei banho de água quente e água fria, e prefiro água fria). Não se pode partir do hábito como evidência de qualidade de vida.

Assim, o assistente social tem a difícil missão de compreender e basear-se tanto quanto possível nas experiências e sugestões dos clientes; esclarecer o conceito e os aspetos da qualidade de vida; usar uma linguagem simples, compreensível e adaptável a cada cliente; e ouvir primeiramente o cliente sem lhe negar à partida as suas opiniões e considerações. (Fleck, Leal, Lousada, Xavier, Vieira, Santos, Pinzon, 1999)

As tentativas têm sido no sentido de se criarem para as pessoas com deficiência condições de vida mais aproximadas das condições “normais”, “gerais” da restante população. No entanto, este sistema implica que as pessoas com deficiência tenham a possibilidade, as capacidades para exercer as funções normais da sociedade de participação, liberdade de estudar, trabalhar e ter atividades de lazer e bem – estar. Segundo o secretariado nacional de reabilitação implica que as necessidades de todos e de cada um tenham igual importância, que essas necessidades sejam a base do planeamento da sociedade e que todos os recursos sejam utilizados de forma a garantir a cada individuo uma igual oportunidade de participação. Quando alguém subjuga outra pessoa à sua vontade sem que este

tenha opção, deve-se ativar de imediato o movimento de empowerment da pessoa ou população a quem está a ser restringida a escolha por forma a alcançar o seu papel na sociedade.

Permite-se avaliar que apesar das mudanças operadas no que se refere às pessoas com deficiência estas continuam a sair da **ESCOLA** sem terem desenvolvido competências fundamentais à sua auto-determinação, dando-nos assim conta que poucas são as opções para a participação das pessoas com deficiência em matérias que lhe dizem respeito. Além do acompanhamento no sistema de ensino que deve ser feito pelo assistente social, cabe também a ele promover a sensibilização de professores, pessoal e estudantes para as questões da deficiência promovendo um ambiente inclusivo.

Nas questões do **EMPREGO**, o assistente social tem um papel fundamental em todo o processo, desde a formação, apoio na escolha do curso que mais corresponde aos desejos e aptidões da pessoa com deficiência, assim como, trabalhar as competências para a procura ativa de emprego. Posteriormente, a ligação entre trabalhadores com deficiência e empresa pode ser feita pelo assistente social se houver necessidade de promoção de um contexto de trabalho inclusivo. É fundamental que os profissionais deem conta das boas práticas existentes nestas matérias.

O assistente social na sua intervenção social pretende assegurar que cada pessoa tem um papel de modo a que sejam valorizadas socialmente. As práticas do profissional são orientadas para que as pessoas com deficiência tenham a oportunidade de participar em atividades valorizadas, mais do que encaminhar para instituições onde ficam segregados. O papel do assistente social é assim a capacitação das pessoas para que possam cumprir os papéis sociais na escola, na formação e no trabalho.

Como já referido, as respostas sociais e os sistemas de proteção social estão estanques, o apoio para respostas inovadoras são poucas, e ao nível dos valores das pensões estas têm valores muito baixos, que não promovem efetivamente a autonomia financeira da pessoa. É fundamental que o

profissional “saia fora da caixa” e encontre formas inovadoras de ação e de resposta aos clientes.

Um dos principais objetivos dos profissionais deve ser a valorização da qualidade de serviços, da humanidade e da mudança positiva, valorizando sempre a privacidade e a diferença (Bigby, Frawley, 2010), passando esses objetivos para a proteção social, instituições onde trabalha, materializando-os em oportunidades de escolarização e formação, férias e lazer e também em experiências profissionais fora das organizações se for esse o desejo dos clientes. Os serviços de apoio domiciliário devem responder às reais necessidades das pessoas com deficiência, estabelecendo os serviços de acordo com os objetivos e compromissos profissionais e pessoais do cliente. (Pinto, 2012)

Em alguns casos as pessoas com algum tipo de deficiência, começam a participar **NA VIDA PÚBLICA E A TER ATIVIDADES DE LAZER, DE DESPORTO E RECREATIVAS** quando ingressam em instituições que disponibilizam transporte e técnicos de acompanhamento para que os clientes possam usufruir dessas atividades. Há, na grande maioria dos casos, um esforço das organizações de apoio a pessoas com deficiência em promover todo o tipo de atividades culturais e desportivas aos seus clientes, no entanto, fora dos contextos institucionais, as pessoas com deficiência dependem dos acessos, transportes e cuidadores para usufruir dessas atividades.

As escolhas podem manifestar-se em todos os aspetos da sua vida inclusivamente questões simples do dia-a-dia como a alimentação, o que vestir etc. De forma a perceber a realidade, tem que se ter em conta o grau de incapacidade de cada pessoa e entender de que forma pode ser ajudado a fazer as suas escolhas, o conhecimento do cliente tem que ser pleno para que se consiga perceber quais as suas opções. Assim sendo, o profissional tem que estar preparado para utilizar diferentes abordagens para a escolha e tomada de decisões dos clientes, assim como assegurar a sua autodeterminação e que as escolhas feitas sejam transparentes.

Mesmo que se tratem de pessoas com deficiência intelectual ligeira ou moderada põe-se a questão

de apesar de conseguirem expressar as suas opções podem não ter tido ainda vivências que lhe permitam de forma consciente fazer escolhas, sendo também responsabilidade do profissional expandir o mais possível as experiências dos clientes.

O serviço social move-se hoje na construção de efetivação de direitos, justiça social, equidade e autodeterminação dos indivíduos, ou seja, na concretização da cidadania, o papel do assistente social é preparar os clientes que se encontram “em empowerment” a lutar pelos seus direitos e pela divisão mais justa dos recursos e defenderem um papel mais válido e ativo na sociedade. Deve também ajudar o cliente a alterar o seu relacionamento com o meio envolvente de forma a maximizar o seu desenvolvimento através do crescimento das capacidades do cliente.

Ao nível político o assistente social tem um papel fundamental no desenvolvimento de legislação e políticas contra a discriminação das pessoas com deficiência e desenho de medidas de apoio que respondam eficazmente às vontades de um determinado grupo-alvo. (FIAS, 2012)

Tendo em conta que numa perspetiva centrada nos direitos não devem ser os profissionais a apoiar a tomada de decisões sobre questões de importância, deve ser alguém independente aos serviços que deve participar no apoio a tomada de decisão, existindo regras específicas para o apoio à tomada de decisão.

Devem, em suma, apoiar-se na declaração internacional dos princípios éticos e nas normas éticas internacionais para os assistentes sociais, de forma a proteger os interesses do utente.

## CONCLUSÕES

O assistente social tem em conta que deve dar tanto ao cliente como o que lhe pede para que a relação seja de confiança, deve analisar com o cliente a situação aferindo as potencialidades e as questões que necessitam de treino ou melhoria, desenvolvendo no cliente capacidades de lideran-

ça e de reconhecimento dos recursos que lhe estão disponíveis.

No entanto, o assistente social, seja qual for o seu campo de atuação poderá sempre encaminhar as suas reflexões e seus resultados no sentido de produção de conhecimento, tendo em vista uma prática que se adequa às necessidades das pessoas e ao seu potencial desenvolvimento. Contribuindo no caso da deficiência para o envolvimento das pessoas com deficiência intelectual nas investigações, dando-lhe voz. (Bigby, Frawley, 2010)

A análise profunda ao que é a intervenção do assistente social e de que forma promove a autodeterminação e advocacy dos seus clientes. Constata-se que muito do apoio prestado é das famílias mas muitas vezes como técnicos questionamos se estão os pais preparados para ver efetivamente os seus filhos e os tratar de acordo com a idade, o género e os seus próprios desejos. Pior será se constatar que invés de famílias repressivas e de certa forma ditatoriais temos técnicos “déspotas” que fazem valer a sua vontade ao invés de perceber os interesses da pessoa a quem devem responder e mesmo “obedecer”.

O assistente social é um profissional que implementa políticas sociais, construindo propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos a partir das necessidades emergentes.

Segundo lamamoto (1999) o profissional deve formular e gerir as políticas sociais, com formação ética, esclarecedor dos direitos sociais atualizar-se no sentido de se adaptar ao mundo. Não se trata por isso de uma ação estratificada e estanque, mas sim, no exercício da profissão é necessário que o assistente social tenha as competências necessárias para propor, para negociar os seus projetos, tornando claro que as suas qualificações e funções não podem ser assumidas por um outro qualquer profissional.

Cumpra ao assistente social analisar de que forma a convenção é seguida e indicar formas de melhoria das condições de vida das pessoas com deficiência, pelo seu compromisso com os mais desfavorecidos lutando contra a pobreza, implementando mecanismos de liberdade e cidadania para a inclusão



das pessoas com deficiência. Considera-se que as pessoas com deficiência enfrentam desigualdades no acesso a serviços de saúde, emprego, educação ou participação política, estão sujeitos à violência, abuso, preconceito e desrespeito. Algumas pessoas com deficiência perdem a sua autonomia quando sujeitas a esterilização involuntária, quando confinadas a instituições contra a sua vontade ou quando são vistas como legalmente incompetentes devido à sua deficiência.

A área da deficiência, como referido por vários autores (Fontes, 2016; Santos, 2006; ODDH, 2015) continua à margem da investigação académica o que não contribui para uma maior coerência dos **DADOS ESTATÍSTICOS**, estes não apresentam questões como o nível de rendimento, género, idade, raça, etnia, estatuto migratório, deficiência, localização geográfica e outras características relevantes, não tendo os dados informações de qualidade, atuais e fidedignas. (UN, 2016) Os profissionais que trabalham na área devem preocupar-se em fazer investigação sobre o tema melhorando o conhecimento nas várias áreas de especialidade e dando a conhecer de uma maneira eficaz o estado dos direitos das pessoas com deficiência em Portugal, desenvolvendo assim material para a comparação e **COOPERAÇÃO** internacional. (ODDH, 2015)

Várias medidas têm que ser tomadas para que os direitos das pessoas com deficiência sejam assegurados, tendo o assistente social das organizações de pessoas com deficiência, das escolas, das empresas, dos hospitais e de todos os contextos, um papel fundamental na melhoria da qualidade de vida destas pessoas, muitas das suas necessidades estão ainda por satisfazer. Continuam impossibilitadas de exercer os seus direitos de cidadania e de aceder a uma vida autónoma como qualquer outra pessoa. (Fontes, 2016) Sendo considerada autonomia o direito básico que concede a todos a possibilidade de escolher livremente em questões que lhe dizem respeito, contrariando o pensamento impregnado na sociedade de que as pessoas com deficiência não sabem, não podem ou não querem tomar decisões. (Pinto, 2012)

É importante referir que as pessoas com deficiência têm algo a dizer sobre como querem ver os seus

direitos respeitados, sendo necessário, como a qualquer ser humano, capacitá-lo para a escolha, sensibilizar a família e o meio para a salvaguarda dos direitos da pessoa e reivindicação dos mesmos no caso de estes serem desrespeitados. A pessoa com deficiência tem a sua própria individualidade e liberdade para fazer as suas próprias escolhas.

Utilizando o mote do ano internacional da pessoa com deficiência em 2003: Nada para nós, sem nós, reforço que as pessoas e as organizações que os representam têm que ser ouvidos em todas as decisões que lhes dizem respeito.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

Appel –Silva, Marli; Welter Wendt, Guilherme; Argimon, Ipacema de Lima; 2010; **A teoria da autodeterminação e as influências socioculturais sobre a identidade**; *Psicol. Rev.* (Belo Horizonte), Vol. 16 nº 2, pp. 351-369.

APROSS- [www.apross.pt/proficao/defini](http://www.apross.pt/proficao/defini)

BIGBY, Chistine; Frawley, Patsie; 2010; **Social Work practice and intellectual disability**; BASW; Palgrave Macmillan.

CARVALHO, Maria Irene; PINTO, Carla; **Serviço Social teorias e práticas**, 2014, Factor.

Dos Santos, Maria Emília Ribeiro (2006) **Serviço social e deficiência mental: a perspetiva subjetiva da qualidade de vida**, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.

Guerra, Isabel; 1991; **Estratégias e metodologias de inovação em Ação social: contributos para uma reflexão**, 1ª jornadas Manuais de apoio social, Braga 6,7, e 8 de Novembro Braga DGAS

Iamamoto, Matilda (1999) **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**, São Paulo, Ed. Cortez.

FIAS; 2010; **People with disabilities**.

Fleck, Marcelo Pio Almeida; Leal, Ondina Fachel; Louzada, Sérgio; Xavier, Marta; Chachamovich, Eduardo; Vieira, Guilherme; Santos, Lyssandra; Pinzon, Vanessa; 1999; **Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100)**, *Rev. Bras Psiquiatr* 21 (1).

FONTES, Fernando; 2016; **Pessoas com Deficiência em Portugal**; Ensaio da Fundação Francisco Manuel dos Santos.

ODDH; 2015; **Relatório paralelo sobre a monitorização dos direitos das pessoas com deficiência**.

ODDH; 2017; **Pessoas com deficiência – indicadores de direitos humanos**; ISCSP.

Pinto, Paula Campos; 2012; **DRPI – Portugal relatório final; Disability Rights promotion international Portugal**; ISCSP.

Ribeiro, Alice; 2014; **passaporte básico para a autodeterminação de pessoas com deficiência intelectual**, [psicologia.pt](http://psicologia.pt).

---



---

## **Espiritualidade, inteligência emocional e inteligência espiritual**

---

Olhar a formação e a prática do assistente social

---

CRISTINA DUARTE

02

## RESUMO

---

O tema da espiritualidade, inteligência espiritual e inteligência emocional no Serviço Social aqui colocado no âmbito da investigação num processo de pesquisa e de Doutoramento, procura aprofundar a presença de uma dimensão holística da intervenção do Serviço Social, seja com indivíduos, grupos e/ou comunidades e entender de que forma este modelo de desenvolvimento pessoal contribui para a reafirmação dos valores da categoria profissional.

Entendemos que a dimensão holística (do grego *holos* – total) dá ao Serviço Social no plano geográfico, político, socioeconómico, cultural, psicológico e espiritual uma possibilidade de análise coerente da pessoa e das situações, ao mesmo tempo possibilita ao profissional desenvolver competências de empatia e de responsabilidade para com o outro e para com a humanidade, nos processos de relação de ajuda que desenvolve com os sujeitos históricos.

Em termos metodológicos aplicamos um questionário junto de 141 alunos de Serviço Social em quatro Universidades do país, para *aferir o valor atribuído pelos estudantes ao conceito de espiritualidade, inteligência emocional e inteligência espiritual no Serviço Social.*

**PALAVRA-CHAVE:** Serviço Social; Espiritualidade; Inteligência emocional; Inteligência espiritual.

## ABSTRACT

---

The theme of spirituality, spiritual intelligence and emotional intelligence in Social Work, which is placed here within the scope of research in a research and PhD process, seeks to deepen the presence of a holistic dimension of Social Work intervention, whether with individuals, groups and / or communities and understand how this model of personal development contributes to the reaffirmation of the values of the professional category.

We understand that the holistic dimension (from the Greek *holos* - total) gives Social Work at the

geographical, political, socioeconomic, cultural, psychological and spiritual levels a possibility of coherent analysis of the person and the situations, while allowing the professional to develop empathy skills. and of responsibility towards the other and towards humanity, in the processes of helping relationships that develops with the historical subjects.

In methodological terms we applied a questionnaire to 141 Social Work students in four Universities of the country, to assess the value attributed by students to the concept of spirituality, emotional intelligence and spiritual intelligence in Social Work and to understand what students' perceptions about the associated values to these skills in social worker practice.

We conclude that the students surveyed have a different approach and understanding of the concepts either by the association spirituality-religion, spirituality-human values, spirituality-meaning of life; recognize as structuring dimensions of social work such as empathy, motivation, positive relationships, self-knowledge and creativity; They identify values that constitute the framework of emotional and spiritual intelligence in Social Work and emphasize the need to deepen the conceptual framework in a context of research as teaching, in the training of future social workers.

**Key-words:** Social work, spirituality; Emotional intelligence; Spiritual intelligence; Formation

## INTRODUÇÃO

---

A dimensão da espiritualidade, comumente associada à dimensão religiosa, tem sido, nos últimos tempos, investigada e aprofundada por várias áreas científicas, entre elas a psicologia, a enfermagem, a medicina, a gestão e também o serviço social. Sendo uma dimensão da pessoa que nos leva para um campo da subjectividade, é necessária prudência mas também a capacidade de risco de a aprofundar com a mesma disponibilidade que manifestamos noutros temas relevantes para a ciência e para o mundo.

O ser humano busca um sentido e respostas para esse sentido e, é nessa linha de pensamento que a dimensão espiritual pode colaborar, quando integrada nos processos de formação de profissionais ligados às ciências sociais, pois a busca de sentido é de todos os tempos.

Conceitos mais recentes são os da inteligência emocional e o da inteligência espiritual que vieram, com o contributo das neurociências, trazer novas descobertas sobre o cérebro humano e uma melhor compreensão do ser emocional e espiritual que habita em cada pessoa.

Neste sentido, o estudo exploratório aqui apresentado tem como objectivos (1) identificar as percepções que os estudantes de Serviço Social têm sobre o valor da espiritualidade, inteligência emocional e inteligência espiritual, no Serviço Social; (2) aprofundar a presença da dimensão holística na intervenção do Serviço Social; (3) entender de que forma o modelo de desenvolvimento pessoal contribui para a reafirmação dos valores da categoria profissional.

O itinerário da apresentação deste estudo iniciará com a referência ao quadro conceptual, seguida da metodologia e resultados obtidos e as conclusões e linhas de orientação que este nos apresenta.

É importante referir que o estudo exploratório em causa se enquadrou no âmbito de uma pesquisa mais alargada de doutoramento, em que se procurou compreender os contributos da inteligência emocional e inteligência espiritual nos processos de humanização do Serviço Social.

## **1. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS**

A dimensão holística: do grego *holos* – total, dá ao Serviço Social no plano geográfico, político, socio-económico, cultural, psicológico e espiritual uma possibilidade de análise contextualizada coerente da pessoa e das situações; ao mesmo tempo possibilita, ao profissional desenvolver competências de

empatia e de responsabilidade para com o outro e para com a humanidade, nos processos de ajuda que desenvolve. Nesse sentido, é essencial que o profissional (re)descubra a dimensão espiritual como parte integrante da vida e da intervenção social.

Edward Canda, primeiro diretor da *Society for Spirituality and Social Work*, no Canadá, define a espiritualidade como a tendência para buscar significado para a vida, para além do tangível. Entende a espiritualidade como um processo de desenvolvimento da vida humana (cf. Canda, 2009). A espiritualidade no ser humano nasce e cresce da necessidade de se transcender que é, em todos os tempos, a procura de respostas a grandes dilemas da vida, a busca de sentido para a vida. Esta necessidade de se transcender é parte de um desenvolvimento pessoal num processo de auto-realização que passa não somente pela dimensão biológica, social, psíquica, mas também pela busca de profundidade para a pessoa se entender e entender o mundo " porque é pessoa espiritual, o homem destaca-se e distingue-se de todos os seres vivos, nomeadamente dos animais. Aqui vai residir a sua unicidade como pessoa" (Machado, 2008:191).

O conceito de inteligência emocional é um conceito mais recente e é entendido como a capacidade de, face ao conhecimento e domínio das emoções do próprio e dos outros, sermos capazes de reajustar o comportamento e compreender os comportamentos e emoções dos outros (cf. Goleman, 1997; Howe, 2008).

Por sua vez, a inteligência espiritual é um conceito muito recente e associado à investigação ligada ao domínio das neurociências. Os autores definem-na como a capacidade para lidar e resolver problemas de sentido e valor, encaixando a vida e as ações num contexto mais amplo (cf. Zohar e Marshall, 2004).

No campo da intervenção do Serviço Social é exigido ao profissional competências como a autonomia, a solidariedade, a resiliência, o que exige o desenvolvimento de várias inteligências (cf. Gardner, 1994). A autorregulação, o autodomínio, a empatia, podem vir pelo investimento na intelligen-

cia emocional (cf. Gardner 1994;Goleman, 1997), assim como competências como a flexibilidade, a consciência, a motivação, a superação do sofrimento, o pensamento holístico e sistêmico, podem vir pelo desenvolvimento da inteligência espiritual (cf. Zohar e Marshall, 2004). Todas estas competências colaboram para que o assistentes social reconheça as próprias emoções para tomar decisões adequadas, controle as próprias emoções para facilitar o desempenho, reconheça as emoções de outros mantendo a sua identidade, mobilize recursos para se superar, esteja capacitado para se saber globalmente situado, agir inspirado por visões e valores, seja capaz de se adaptar e enfrentar diferentes situações (cf. Goleman, 1997; Zohar e Marshall, 2004, Howe, 2008).

As competências associadas à espiritualidade, inteligência emocional e inteligência espiritual possibilitam ao profissional saber-se localmente e globalmente situado e daí a necessidade em introduzir a reflexão e a prática destas competências a partir dos contextos de formação dos profissionais.

## 2. METODOLOGIA

O estudo exploratório aqui apresentado, teve como objectivo geral aferir o valor atribuído pelos estudantes *ao conceito de espiritualidade, inteligência emocional e inteligência espiritual, no Serviço Social*. Nesse sentido, foi aplicado um questionário a 141 alunos do 1º ano da licenciatura em Serviço Social, em quatro universidades do país. O questionário obedeceu aos princípios éticos e deontológicos da confidencialidade e protecção de dados e o levantamento dos dados foi realizado presencialmente. Para a apresentação de dados obtidos, recorreu-se á análise de conteúdo e à utilização do Exel.

### 2.1. RESULTADOS OBTIDOS

Relativamente ao resultado das perguntas abertas, um dos critérios foi agrupar as respostas pela semelhança de significados. Assim, da posição dos alunos relativamente á pergunta "o que entende

por espiritualidade", 27 alunos associaram esta ao "modo de viver do crente, acreditar em algo, religião, fé, crenças", enquanto 18 dos alunos entendem a espiritualidade como o "conjunto de princípios e valores éticos e morais e religiosos, ideais". Do total dos inquiridos, 16 consideram-na como "tranquilidade, força, paz interior, atitude positiva, confiança mútua". Os demais posicionam-se na interpretação de ser uma "procura pelo significado da vida", "ter a ver com energias", "é um tema tabu", "não é tangível, nem física", é um "guião de modos de vida, autoconhecimento".

Quando questionados sobre 6 características de um Assistente Social que exerce a prática com sentido espiritual os alunos situaram-se na empatia, compreensão, respeito, controle emocional, motivação, bom senso, concentração.

Sobre o entendimento do conceito de inteligência emocional, 55 dos alunos situam a sua compreensão do conceito dentro do definido pelos autores, ou seja, veem-na como a "capacidade de identificar, gerir, compreender, controlar e expressar emoções". Dos inquiridos, 9 entendem-na como "capacidade de reconhecer os sentimentos e lidar com eles", 8 como a capacidade de nos "pormos no lugar do outro" e os restantes no "ser capaz de manter a calma, a sensibilidade", "ter as emoções separadas do dever", "ajustar as emoções em função do contexto". Quando confrontados com a pergunta sobre a escolha de cinco características que estejam presentes num profissional com inteligência emocional destacam o controle emocional (18%), a empatia (17%) e a automotivação (14%).

À pergunta sobre o entendimento do conceito de inteligência espiritual é de realçar que obtivemos apenas 74 respostas do total dos 141 inquiridos e que 9 dos inquiridos situam o entendimento do conceito na "qualidade, ideais, valores, princípios", 6 dos inquiridos no "contacto com a fé, força divina" e os restantes em "ter uma vida espiritual resolvida", "maneira como lida com a sua espiritualidade", "ter uma vida espiritual resolvida", "contacto com a essência". Das características que escolheram como estando mais presentes no profissional com inteligência espiritual destacam-se o autoconhecimento (27%), a determinação (24%) e a

profundidade no olhar (12%).

Por último, questionados sobre a forma como gostariam de desenvolver estas competências no exercício da profissão elegeram a formação, a integração num grupo de partilha e auto-ajuda, a leitura sobre o tema, a supervisão profissional, a inserção do tema no programa de uma unidade curricular, como espaços onde este desenvolvimento poderia acontecer.

## CONCLUSÕES

Do estudo apresentando, podemos concluir que os estudantes inquiridos têm uma abordagem e compreensão diferenciada dos conceitos quer pela associação espiritualidade-religião, espiritualidade-valores humanos, espiritualidade-sentido de vida. Referem igualmente a importância destas dimensões na profissão. Constatamos que 99% dos alunos responderam afirmativamente à pergunta sobre se o desenvolvimento destas dimensões colaboram na prática do assistente social.

Há um conhecimento conceptual da inteligência emocional e atribuem-lhe valor prático. Na inteligência espiritual, não há uma percepção rigorosa do conceito mas identificam valores práticos.

Reconhecem como dimensões estruturantes do

Serviço Social competências como a empatia, motivação, relações positivas, autoconhecimento e a criatividade e identificam valores que constituem o quadro referencial da inteligência emocional e espiritual no Serviço Social.

Por último, salientam a necessidade de aprofundar o quadro conceptual num contexto de investigação como a de ensino, na formação dos futuros assistentes sociais.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Canda, Edward (2009), *Sensibilidade Espiritual no Serviço Social: uma revisão das tendências Norte Americanas e Internacionais*, apresentação proferida na Conferência em Serviço Social e Counseling, Universidade de Hong Kong, China.
- Dalai Lama (2000). *Ética para o Novo Milénio*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Duarte, Cristina (2017). *"Espiritualidade e Ciências Sociais: um olhar do Serviço Social"*, Fluxos e Riscos- Revista de Estudos Sociais, Vol.II nº 2 (2017), pp. 117-130.
- Gardner, Howard (1994). *Estruturas da mente: a Teoria das Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Goleman, Daniel, (1997), *Inteligência emocional*, Lisboa, Temas e Debates
- Howe, David (2008). *The Emotionally Intelligent Social Worker*. UK: Palgrave Macmillan
- Machado, António José Gomes (2008). *Edith Stein pedagoga e mística*. Braga: Ed. A.O.
- Zohar, Danah e Marshall, Ian (2004). *Inteligência Espiritual*. Lisboa: Sinais de Fogo.
-

---

# **Desafios éticos do serviço social no contexto atual de mudanças sociais e das políticas sociais**

---

BERTA GRANJA

03

## RESUMO

O núcleo central do texto apresenta uma reflexão sobre os desafios éticos na prática e na formação do Serviço Social.

O exercício profissional dos assistentes sociais representa a face visível das políticas ou da ausência delas e confronta-se no quotidiano:

- > Com a redução dos recursos para as políticas sociais face a necessidades emergentes de provisão de recursos básicos, com prazos e objetivos que colocam em risco as dinâmicas intrínsecas ao serviço social, bem como a investigação e flexibilidade;
- > Com a redução e precarização das ofertas de trabalho para o grupo profissional;
- > Com uma “sociedade líquida”, destituída de laços e solidariedades, que individualiza os problemas sociais.

Perante estes e outros desafios, podem refugiar-se no trabalho burocrático administrativo de forma acrítica ou podem assumir-se como profissionais críticos e reflexivos que compreendem que o que “o social faz, o social pode desfazer” (Bourdieu: 1993). Os assistentes sociais podem assumir disposições para enfrentar o pensamento neoliberal dominante que, como afirma Arendt, “banaliza” e transforma o mal em inevitável e desejável como o crescimento das desigualdades, o empobrecimento, a destruição da natureza, a guerra e a corrupção.

## ABSTRACT

The central core of the text reflects on the ethical challenges in the practice and formation of Social Work.

The professional practice of social workers represents the visible face of policies or their absence and is confronted in daily life:

- > With the reduction of resources for social policies facing emerging needs for the provision of basic resources, with deadlines and objectives that put at risk the dynamics intrinsic to social

service, as well as research and reflexivity;

- > With the reduction and precariousness of job offers for the professional group;
- > With a “liquid society”, devoid of ties and solidarity (Bauman), which individualizes social problems.

Faced with these and other challenges, social workers can, or take refuge in administrative bureaucratic work in an uncritical way, either assume themselves as critical and reflective professionals who understand that what “the social does, the social can undo” (Bourdieu: 1993). They can create provisions to face the dominant neoliberal thought which, as Arendt claims, “trivializes” evil and makes the growth of inequalities, impoverishment and destruction of nature, war and corruption become inevitable and desirable.

## INTRODUÇÃO:

Os desafios e dilemas apresentados vão centrar-se apenas em 4 dos valores fundamentais que orientam a ação profissional, definidos pela IFSW em Julho de 2008 e pela Associação de Profissionais de Serviço Social de Portugal em 2018:

- 1 – Promover a justiça social e o acesso a recursos equitativos perante os fenómenos de crescimento das desigualdades, da pobreza e da exclusão.
- 2 – Respeitar os direitos humanos, a dignidade e a autodeterminação e estimular a sua capacidade intrínseca de pensar e refletir.
- 3 – Construir a solidariedade, a formação de laços sociais e de atores coletivos.
- 4 – Desafiar as políticas e práticas injustas baseadas na ativação económica e na individualização dos problemas sociais.

Conclui-se com os desafios a enfrentar para desenvolver a sensibilidade social e capacidade reflexiva dos Assistentes Sociais necessárias ao conhecimento e à formação de atitudes eticamente consistentes e coerentes.



## 1 - A PROMOÇÃO DA JUSTIÇA SOCIAL E DO ACESSO A RECURSOS EQUITATIVOS PERANTE OS FENÓMENOS DE CRESCIMENTO DAS DESIGUALDADES, DA POBREZA E DA EXCLUSÃO.

Assistimos ao “horror do económico” como bem caracterizou Forrester (1997). O neoliberalismo engendrou uma injustiça massiva de ordem global com base na exploração e exclusão banalizadas como se não pudesse ser de outra maneira. Como afirma Arendt (2013) o maior mal é o que é perpetrado por “ninguém”, porque não há a quem pedir responsabilidades ou fazer acusações.

O grupo profissional dos assistentes sociais não pode por si só, resolver ao nível comunitário, grupal ou individual os problemas estruturais da pobreza e exclusão. Mas tem o dever ético de identificar a origem social dos problemas, recolocar as explicações que individualizam os problemas, para ser possível “socializar o sofrimento” que aflige as vítimas da pobreza como propõe Byung Chul Han (2018). Como afirma este autor a estratégia do neoliberalismo é privatizar o sofrimento, ocultar o medo, impedindo a sua socialização e politização, dissolvendo o público no privado.

Para ser possível este imperativo ético é necessário contribuir para organização do grupo profissional como ator coletivo, que desenvolva uma intervenção no espaço público, sustentada numa sólida formação científica, com auto estima profissional propositiva para contrariar as correntes que transformam a política social num assunto de justiça penal e criminal com dispositivos escritos de controlo social, entre os “bons e “maus” pobres.

## 2 - A PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, RESPEITO PELA DIGNIDADE DO SER HUMANO E SUA AUTODETERMINAÇÃO:

É necessário um exercício de lucidez para respeitar os valores éticos da profissão, numa sociedade onde se destacam-se três fenómenos que tem grande implicação na vida das populações mais vulneráveis:

- > O “individualismo negativo” tal como o define Castel (1995). A individualização destrói a essência de toda a moral, que é o impulso de nos sentirmos solidários com os mais débeis e em sofrimento (Arendt:2013). Perceber que o que afeta qualquer ser humano direta ou indiretamente, afeta toda a sociedade é a base da sensibilidade social, fundamental para a vida coletiva e crucial para os Assistentes Sociais.
- > A pressão da sociedade de consumo conduz e organiza a nossa vida, as expectativas, e decisões de cada um, mas destrói subjetivamente quem não tem recursos para nela participar. Bauman (2005) afirma que os mais pobres perante caprichosos modelos de consumo postos ante os seus olhos, ficam com um sentimento subjetivo de insuficiência, de humilhação a que se associa a dor do estigma da diferença. Deixam de existir para os outros e para si mesmos, num duplo “exílio” interno e social e por isso vivem dinâmicas de auto e hétero que resultam em hétero e auto agressividade e destruição, incluindo a doença mental.
- > O bloqueio generalizado da capacidade reflexiva afeta-nos a todos, mas mais ainda a quem têm menos recursos sociais, culturais, de conhecimento e alternativas de escolha. Arendt (2007) constata que pensar é uma faculdade de todos seres humanos, mas bloqueada esta capacidade para a reflexão por falta de recursos simbólicos, muitos adotam precipitada e acriticamente valores e prescrições sociais, mesmo contra os seus interesses.

Para responder a estes desafios, os Assistentes Sociais no exercício da sua atividade podem garantir:

- A provisão de recursos diversos, com a convicção profunda que se trata de assegurar direitos a quem de diversas formas e através dos tempos, às vezes atravessando gerações, foi deles excluído ou mesmo espoliado;
- > Criar oportunidades, alternativas, espaços de liberdade para quem vive no exílio de si mesmo e em exílio social;
- > Assegurar a escuta numa relação empática e sensível, como um objetivo ético estruturante da intervenção profissional. Escutar o outro, é uma ação de participação ativa na existência do outro e dos seus sentimentos. Esta disponibilidade representa a ética da escuta proposta por Byung Chul Han<sup>1</sup> (2018). A escuta pode permitir restaurar a capacidade reflexiva, reconstruir identidades, identificar interesses e descobrir caminhos e alternativas, tem por isso, uma dimensão política.

Desenvolver a sensibilidade social, combater o individualismo negativo, proporcionar alternativas aos “exílios” internos e sociais, capacitar para a reflexão, implica a criação de laços sociais e solidariedades coletivas.

1. Byung Chul Han (2018) afirma que no futuro haverá uma profissão “ou-vinte”, mas desde o início da profissão que os Assistentes Sociais asseguram essa função junto das pessoas afetados pelos problemas sociais.

2. De acordo com lei e numa perspetiva individual, o Assistente Social, pode atribuir um rendimento, prover refeições e dormida a um indivíduo sem abrigo. Mas pode ainda, em simultâneo estimular, a criação de um grupo, de uma associação, contribuir para a formação de um movimento social.

### 3 - NUMA SOCIEDADE ONDE SE INDIVIDUALIZAM OS PROBLEMAS E AS RESPOSTAS SOCIAIS É NECESSÁRIO CONSTRUIR SOLIDARIEDADES E LAÇOS SOCIAIS E FORMAR ATORES COLETIVOS

Ninguém, por muito forte que seja, pode realizar seja o que for sem o auxílio de outros, e a individualização atual, promove a competição total, substitui a cooperação, a entreatajuda e solidariedade. A declaração de princípios da IFSW atribui aos Assistentes Sociais o dever ético de promover a solidariedade e a participação. O código deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal afirma como competência dos profissionais a consciencialização de pessoas e grupos para a defesa dos seus interesses, a promoção de relações de respeito, confiança e cooperação numa perspetiva de empoderamento das pessoas, articulando as dimensões individuais e coletivas

O medo que as pessoas sentem quando abandonadas aos seus próprios recursos dolorosamente escassos e manifestamente insuficientes, inibem a sua capacidade de ação individual e coletiva. O “exílio social” significa uma rutura de redes de interações, trocas e o desaparecimento de pontos de apoio, que geram incapacidade para se projetar no futuro e agir. (Byung Chul Han:2018).

Os cinco desafios profissionais para construir solidariedades e promover a participação são os seguintes:

- > Enfrentar o desafio de estabelecer mediações entre as dimensões individuais e coletivas, ultrapassar regras e normas legislativas que individualizam as políticas sociais. Este deve ser um princípio orientador da ação profissional, não implica desrespeitar a lei<sup>2</sup>, mas ir mais além dentro da lei.
- > Enfrentar o “medo” de sair da relação individu-

alizada e institucionalizada, onde o Assistente Social tem um poder instituído. Impõe-se sair do gabinete e enfrentar os conflitos do contato direto com as populações, famílias, grupos e associações locais. Recusar esta competência, pode pôr em causa a utilidade social da profissão, no contexto da divisão social do trabalho.

- > Os Assistentes Sociais, pelo seu conhecimento de proximidade, não podem partir para a relação profissional com respostas e planos de intervenção estandardizados e administrativos, com estereótipos que generalizam as diferentes categorias de vulneráveis.
- > Identificar experiências, estratégias individuais e coletivas de sobrevivência, capacidades de resiliência às adversidades e infortúnio, porque a falta de perspectivas e de condições de esperança e de possibilidade anulam a ação coletiva.
- > É necessário não perder a relação com o conflito, estar preparado para o enfrentar, negociar interesses e mediar articulações porque o trabalho coletivo cria paradoxos, dilemas e conflitos sempre presente nos grupos e nas relações.

## **4 – ENFRENTAR AS POLÍTICAS E PRÁTICAS INJUSTAS BASEADAS NA ATIVAÇÃO ECONÓMICA E INDIVIDUALIZAÇÃO DAS RESPOSTAS SOCIAIS.**

Neste ponto interessa refletir sobre a questão da ética do trabalho que está na base de todas as políticas sociais relacionadas com a provisão de recursos nas situações de vulnerabilidade económica e social.

De acordo com Bauman (2005) a ética do trabalho foi utilizada para induzir nos pobres a

afeição para o trabalho industrial, quando na indústria nascente as condições de trabalho eram miseráveis. Foi o suporte ideológico subjetivo para enquadrar a famigerada lei dos pobres, asilos e prisões que “converteram” as pessoas ao trabalho assalariado.

Atualmente não trabalhar, mesmo involuntariamente devido ao desemprego estrutural e à robotização, alimenta a indiferença da sociedade perante a pobreza e a exclusão.

Mas a ética do trabalho molda a atitude de todos nós. Sem pôr em causa o direito e o dever de cada um a participar na produção de bens e serviços, os Assistentes Sociais precisam de questionar a utilização da ética do trabalho como elemento estruturante de todas as políticas sociais de provisão de recursos e garantir na sua intervenção quatro princípios fundamentais:

- > Que os mais vulneráveis, não têm que provar o seu apego e vontade de trabalhar para terem o direito a receber empatia e solidariedade dos Assistentes Sociais;
- > Que a pobreza sem emprego assalariado não faz da pobreza um delito e que as pessoas sem emprego e com dificuldade de inserção no mercado de trabalho são cidadãos de pleno direito;
- > Que a “falta” de ética do trabalho nos cidadãos, não desresponsabiliza os Assistentes Sociais de intervenção necessária a outros níveis, mesmo que a lei os afaste da possibilidade de receber recursos;
- > Que as leis são construções sociais e devem ser objeto de questionamento e crítica.

É necessário ampliar o debate a conceção do emprego assalariado como única e legítima fonte de rendimento, valorizar o trabalho não assalariado, as desigualdades na redistribuição da riqueza e dos recursos do planeta, entre outros temas da maior atualidade.

## CONCLUSÃO – DESAFIOS PARA DESENVOLVER E CONSOLIDAR A SENSIBILIDADE SOCIAL E A CAPACIDADE REFLEXIVA DOS ASSISTENTES SOCIAIS

BANCS e NOHR (2008) afirmam que os Assistentes Sociais atuam no seio das contradições do estado de bem-estar e por isso estão sempre entre polos contraditórios: as regularidades sociais e as singularidades, o controlo social e a autonomia, as necessidades e os recursos, e os cidadãos e as políticas. Assumir esta bipolaridade inerente à profissão implica competência ética para enfrentar as políticas, as instituições, as prescrições e as dimensões meramente técnicas.

A competência ética significa capacidade para pensar, julgar, decidir e agir em conformidade, mas decisões éticas utilizam uma *racionalidade prudencial* segundo Albuquerque (2017), necessária para deliberar sobre problemas singulares, complexos e caracterizados pela incerteza. Mobiliza um conhecimento profundo sobre as situações, experiência acumulada, fidelização à intenção ética original, capacidade criadora, ponderação das capacidades da ação e envolve emoções e valores.

O funcionamento intelectual que suporta a competência ética dos Assistentes Sociais é fundamental para não se acomodarem às desigualdades ou ce-

derem às explicações do senso comum, que naturalizam e individualizam os problemas sociais, banalizam o mal e paralisam a ação.

A capacidade reflexiva exige ainda conhecimento teórico para se confrontar criticamente com as situações problemáticas, incertas, intrigantes, complexas e contraditórias e ainda capacidade para aceitar o debate e as perspetivas plurais. Mas a capacidade reflexiva, a autoestima profissional só se desenvolvem com uma identidade forte que precisa ter início na formação universitária e consolidar-se nas dinâmicas do exercício profissional, sempre numa articulação permanente entre a teoria, a realidade social e a prática profissional

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALBUQUERQUE, C. P. (2017). *A reflexividade no quotidiano profissional dos assistentes sociais*. In Albuquerque, C.; ARCOVERDE, C. (org), Serviço social contemporâneo: reflexividade e estratégia (p. 28-46). Lisboa: Pactor.
- ARENDT, H (2007) *Responsabilidade e juízo*. Lisboa: D. Quixote
- ARENDT, H. (2013). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BANKS, S.; NOHR K. (2008). *ÉTICA PRÁTICA PARA AS PROFISSÕES DO TRABALHO SOCIAL*: Porto: Porto Editora.
- BAUMAN, Z. (2005). *Work, consumerism and the new poor*. Berkshire: Open University Press
- BOURDIEU, P. (Dir.) (1993). *La misère du monde*. Paris. Seuil.
- CASTEL, R. (1995). *Les métamorphoses de la question: une chronique du salariat*. Paris Fayard.
- FORRESTER, V. (1997). *O horror económico*. Lisboa: Terramar.
- GRANJA, B. (2008). *Eléments de construction Identitaire professionnelle des assistants de service social*. Travail-Emploi-Formation, n° 8, pp. 21-38.
- HAN, Byung-Chul (2018). *A expulsão do "outro" : sociedade, percepção e comunicação hoje*. Lisboa : Relógio d'Água.
-

08

SERVIÇO SOCIAL  
COESÃO TERRITORIAL

---

# Contributo para avaliação do impacto social, económico e ambiental dos Circuitos curtos agroalimentares (CCA) no desenvolvimento sustentável das comunidades da Beira Interior

---

## O papel do Serviço Social no Projeto STAI.Bin

---

### REGINA FERREIRA VIEIRA

Assistente Social, Mestre e Doutora em Serviço Social, Professora Adjunta e coordenadora da licenciatura em Serviço Social da ESECB, Instituto Politécnico de Castelo Branco; Investigadora responsável do Projeto STAI.Bin CENTRO-01-0145-FEDER- 023825 – Programa 02/SAICT/2016; Investigadora integrada da Unidade de Investigação Age.Comm; Email: regina.vieira@ipcb.pt

### MARCO DOMINGUES

Assistente Social, Mestre em Economia Social, Professor Adjunto convidado na Licenciatura em Serviço Social da ESECB, Instituto Politécnico de Castelo Branco; investigador no Projeto STAI.Bin; investigador na Unidade de Investigação Age.Comm; Email: mdomingues@ipcb.pt

### ALEXANDRE FONTE

(adf@ipcb.pt)  
Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB)

### ANA CRUZ

(anacruz@ipcb.pt)  
Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB)

### JOÃO LEITÃO

(jleitao@ipg.pt)  
Instituto Politécnico da Guarda (IPG)

### CARLOS BRIGAS

(brigas@ipg.pt)  
Instituto Politécnico da Guarda (IPG)

### DEOLINDA ALBERTO

(deolinda@ipcb.pt)  
Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB)

### PAULO GOMES

(paulogomes@ipcb.pt)  
Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB)

01

## RESUMO

---

O sistema alimentar é hoje exemplo paradigmático das intrincadas relações entre as necessidades humanas e a gestão dos recursos naturais, quer considerando o acesso quer os seus impactos sobre as comunidades humanas e sobre a biodiversidade. O projecto IC&DT “STAI.Bin - SISTEMA TECNOLÓGICO DE APOIO À PROMOÇÃO E AVALIAÇÃO DO IMPACTO SOCIAL, ECONÓMICO E AMBIENTAL DO CIRCUITO CURTO SMARTFARMER.PT NA BEIRA INTERIOR”, explora estas relações, numa perspectiva multi e interdisciplinar, entre os quais o Serviço Social. Partindo do exemplo do portal eletrónico *SmartFarmer* da Beira Interior, enquanto Circuito Curto Agroalimentares (CCA) digital, analisa-se as potencialidades de operacionalização e promoção destes processos, enquanto oportunidade de desenvolvimento humano sustentável do território da Beira Interior. O trabalho de investigação entretanto realizado evidencia o potencial das organizações da economia social com estatuto de IPSS do concelho da Guarda e de Castelo Branco enquanto consumidores coletivos, considerando o elevado número de refeições diárias confeccionadas. Os objetivos do STAI.Bin estão em linha com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015) e com os compromissos lançados pela Agenda Global para o Serviço Social (2012-2016) e nas referências do Serviço Social “Verde” (Dominelli, 2012), definidos pela matriz teórica da sustentabilidade, integrando ações holísticas e respeitadoras dos saberes locais e das experiências dos grupos e organizações envolvidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Circuitos curtos agroalimentares, desenvolvimento sustentável, Serviço Social, *SmartFarmer*, STAI.Bin

## ABSTRACT

---

Today, food system is a paradigmatic example of the intricate relationships between human needs and the management of natural resources, whether considering access or its impacts on human communities and on biodiversity. The IC&DT

project “STAI.Bin - TECHNOLOGICAL SYSTEM SUPPORTING THE PROMOTION AND EVALUATION OF THE SOCIAL, ECONOMIC AND ENVIRONMENTAL IMPACT OF THE SHORT CIRCUIT SMARTFARMER.PT AT BEIRA INTERIOR”, explores these relationships, in a multi and interdisciplinary perspective, Social Work integrated. Based in the example of the electronic portal *SmartFarmer* of Beira Interior, as a short supply food chain (CCA), the potential of operationalization and promotion of these processes is analyzed, as an opportunity for sustainable human development in the territory of Beira Interior. The STAI.Bin research work carried out in the meantime highlights the potential of social economy organizations with IPSS status in the municipality of Guarda and Castelo Branco as collective consumers, considering the high number of daily meals made. The objectives of STAI.Bin are in line with the Sustainable Development Goals (UN, 2015) and with the commitments launched by the Global Agenda for Social Work (2012-2016) and in the references of Green Social Work (Dominelli, 2012), defined by sustainability theoretical matrix, integrating holistic actions that respect local knowledge and the experiences of the groups and organizations involved.

**KEY WORDS:** Short supply food chain, sustainable development, Social Work, *SmartFarmer*, STAI.Bin

## INTRODUÇÃO

---

O envolvimento de assistentes sociais no projeto de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico (IC&DT) designado STAI.Bin, é expressão do compromisso de serviço público do Serviço Social<sup>1</sup> face aos desafios do desenvolvimento sustentável, explorando o potencial dos Circuitos Curtos Agroalimentares (CCA) no território da Beira Interior, marcado pela baixa intensidade e pelo enve-

---

1. Definição global de Serviço Social, aprovada pela Assembleia Geral da International Federation of Social Work (IFSW) e pela International Association of Schools of Social Work (IASSW) em julho de 2014. Consultar documento em [http://cdn.ifsw.org/assets/ifsw\\_102510-8.pdf](http://cdn.ifsw.org/assets/ifsw_102510-8.pdf), a partir da página <http://ifsw.org/get-involved/global-definition-of-social-work/>



lhecimento da população. Em linha com a Agenda Global para o Serviço Social (2012-2016), explora o trabalho para a sustentabilidade ambiental, na resposta aos problemas sociais inerentes ao processo de desenvolvimento humano e estilo de vida das sociedades consideradas civilizadas, marcado pela existência de um sistema económico regido por “intocáveis forças de mercado”, de acessibilidades injustas em diferentes partes do mundo, geradoras de pobreza e desigualdade no acesso ao bem-estar social e fragilizando tomadas de decisão livre e auto-determinada sobre ambientes cada vez mais fustigados por mudança de clima, poluição, desastres naturais e violência e por respostas internacionais desadequadas (cf. Agenda Global, 2012, p.1). No conceito de sustentabilidade é patente a preocupação com a (in)segurança alimentar, incluindo o tipo de alimentação, o acesso e a qualidade nutricional e o desperdício nutricional (IFSW, 2012, p. 4) mas inclui o envolvimento e mobilização de comunidades e outros parceiros no fortalecimento da capacidade dessas mesmas comunidades responderem aos desafios da competitividade em prol do Bem Comum (Felber, 2017; Tirole, 2018), assente na justiça social, nos direitos humanos e o desenvolvimento sustentável, em sintonia com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis definidos pela ONU em 2015. A abordagem teórica aos Circuitos Curtos Agroalimentares (CCA) assenta nesta conceção de sustentabilidade, articulando os domínios social, económico e ambiental e orienta o diagnóstico do projeto de investigação STAI.Bin. É realizado numa perspetiva participativa e próxima dos consumidores coletivos e produtores do território da Beira Interior, conscientizadora sobre os CCA, tendo por base o exemplo do mercado eletrónico *SmartFarmer.pt*, desenvolvido pela OIKOS. Foca-se nas entidades da economia social com estatuto de IPSS dos distritos de Castelo Branco e Guarda considerando o seu potencial de dinamização dos CCA, enquanto atores sociais promotoras de desenvolvimento da região da Beira Interior face a: nº de entidades, empregabilidade e apoio na fixação de pessoas aos territórios e os serviços sociais diretos e indiretos prestados à população numa lógica de proximidade e promoção de relações comerciais nomeadamente na aquisição de bens agroalimentares.

O STAI.Bin decorre da candidatura, em 2017-06-29, ao Programa 02/SAICT/ 2016, nº 23825, da Comissão Diretiva do Programa Operacional Regional do Centro, componente FEDER, financiado num total € 127.451,42, pelos Fundos Europeus Estruturais e de Desenvolvimento e Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P. Promovido pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB), tem como parceiros o Instituto Politécnico da Guarda (IPG), a Associação EcoGerminar e a Rede Europeia Anti-Pobreza (EAPN). Previsto para 18 meses, iniciou em 29-9-2017, com uma equipa multidisciplinar, liderada por uma assistente social. Integra outros três assistentes sociais, sendo dois contratados pela EAPN e pela EcoGerminar com fundos do projeto; seis investigadores são das áreas da sociologia, engenharia agrónoma, engenharia informática, sistemas multimédia e contabilidade e administração financeira. Com abordagem interdisciplinar, recorre a uma metodologia mista, construída estrategicamente nas possibilidades de relação com produtores e consumidores coletivos (IPSS) e outros agentes de desenvolvimento local dos distritos da Guarda e de Castelo Branco, da Beira Interior, território centro interior de Portugal continental. Promove: a) ações de informação e sensibilização sobre os CCA (workshops), em seis concelhos com diferentes características (rural, urbana e mista), divulgando a plataforma de mercado eletrónico *SmartFarmer.pt* Beira Interior<sup>2</sup>; b) Elaboração de um diagnóstico sobre as condições, hábitos e expectativas de produção e consumo coletivo de produtos agroalimentares no território e potencialidade de adesão a CCA; c) Definição de uma matriz teórica de sustentabilidade para avaliação integrada dos impactos económicos, sociais e ambientais dos CCA; d) Criação de um sistema eletrónico de análise e avaliação, baseado no sistema *Business Intelligence* (BI) a aplicar a CCA, baseado na experiência de operacionalização do mercado eletrónico *SmartFarmer* da Beira interior.

2. [www.smartfarmer.pt](http://www.smartfarmer.pt) (versão 1.0). Portal eletrónico de CCA desenvolvido pela entidade sem fins lucrativos Oikos (Cooperação e Desenvolvimento) e dinamizada no território da Beira Interior pelo consórcio da ADES (Associação Empresarial Sabugal) e APPIM (Associação de Agricultores para Produção Integrada de Frutos de Montanha).

## O POTENCIAL DO CONSUMO COLETIVO DAS IPSS PARA OS CIRCUITOS CURTOS AGROALIMENTARES NA BEIRA INTERIOR

Na perspetiva de MAMAOT (2013), os CCA representam um novo paradigma para a produção, comercialização e consumo alimentar, valorizando benefícios de caráter social, cultural, económico e ambiental. Na dimensão social, contribui para a diminuição da desertificação social devida a processos de migração, resultante da falta a oportunidade de trabalho e do isolamento social; gera coesão social através da acessibilidade dos consumidores a produtos frescos e mais saudáveis, com rastreabilidade, viabilizando maior satisfação ao comer e melhor qualidade da saúde das pessoas. Na dimensão cultural, contribui para uma maior diversidade da oferta de produtos tradicionais e autóctones, preservando a identidade de sistemas de produção e variedade das espécies. Na dimensão económica, acrescenta valor às produções locais, aumentando e diversificando a oferta de produtos a comercializar e associando outros produtos e serviços, nomeadamente do turismo; melhores condições de escoamento dos produtos, diminuindo problemas associados à sazonalidade e melhora a gestão do investimento de capital. Na esfera ambiental: processos de produção agrícola menos poluidores recorrendo a sistemas menos intensivos e com menores meios de conservação (acondicionamento, refrigeração), transporte com menor distância na distribuição e menor utilização de combustíveis fósseis (Tibério, Baptista e Cristovão, s.d., p. 6).

Num inquérito STAI.Bin (novembro e Janeiro de 2018), sobre uma amostra de 35% de um universo de 402 entidades de economia social com estatuto de IPSS dos concelhos de Castelo Branco e Guarda, identificou o elevado potencial de consumo de produtos agroalimentares destas entidades, responsáveis pela confeção diária de um total de

17.807 refeições. Dos alimentos mais adquiridos para consumo nas IPSS destacam-se na sua maioria os legumes/hortícolas, seguindo-se de frutícolas, tubérculos e cereais e seus derivados. A maioria das entidades (56,9%) recorre a grossistas/armazenistas para a aquisição dos produtos que utilizam na confeção das refeições, com destaque para as IPSS do distrito de Castelo Branco. 33,3% recorre quer a grossistas, quer de produtores locais, destacando-se as IPSS do distrito da Guarda; apenas 4,2% indica o recurso apenas a produtores locais, sendo a sua maioria (4 em 6 IPSS) do distrito de Castelo Branco. A maioria das IPSS consultadas (52,1%) indicou não ter conhecimento sobre o que são CCA e 45,8% das entidades respondentes referem que conhecem o conceito embora não integrem cadeias curtas. Apenas 10,4% (15) IPSS referiram que utilizam ou já utilizaram CCA, sobretudo para a aquisição de produtos agroalimentares. As IPSS inquiridas consideram que a utilização de CCA apresenta benefícios, sobretudo ao nível da garantia de maior qualidade dos alimentos, menor custo dos alimentos e valorização do que é local. Atribuem uma valoração positiva sobre a maior e/ou melhor "qualidade dos alimentos": "mais frescos", "saudáveis", "biológicos"; a possibilidade de serem mais acessíveis em termos de preço, representando uma oportunidade de redução encargos económicos da instituição com a alimentação. Associam uma relação positiva "qualidade-preço" e a proximidade aparece associada também ao benefício da "rastreabilidade" dos alimentos. Assim os CCA surgem associados a um conjunto de benefícios para o desenvolvimento da economia e da comunidade localis, em particular, na "ajuda à organização" e ao "crescimento" dos produtores locais, assim como à promoção do "envelhecimento ativo", dado que a maioria das organizações tem respostas sociais para idosos. Ainda que com menor expressão face ao destaque para a dimensão económica, surgem evidenciadas as dimensões da saúde e do bem-estar, assim como a relação com a proteção do ambiente. No reverso da medalha, identifica-se um conjunto de fatores que são indicados como desvantajosos em relação à aquisição de alimentos junto de produtores locais: "produtos mais caros" e "sem garantia de qualidade", destacando a desconfiança face ao não cumprimento

das “normas formais” que são exigidas às IPSS na aquisição dos produtos e de se registar uma “má organização dos produtores”.

## CONCLUSÃO

Aos Assistentes Sociais cumpre trabalharem em estreita colaboração com as populações nos seus territórios, organizações e outros profissionais, em prol do desenvolvimento de fortes comunidades locais, capazes de interagirem com os seus governos e contribuírem para o desenvolvimento social e económico, no respeito pela diversidade cultural e responsabilizando-se, hoje e no futuro, pelas gerações humanas e destas, com as naturais (cf. Pinto, 2015, p. 151). A experiência de investigação do STAI.Bin envolve a planificação estratégica e acompanhamento de proximidade, criando espaços e instrumentos de investigação que fundamentem posturas propositivas de mudança social. Pretende-se associar a implementação de processos e tecnologias que contribuam para o valorização dos CCA. Os resultados obtidos numa base de avaliação ongoing do STAI.Bin, pretendem influenciar a configuração do portal eletrónico *SmartFarmer* da Beira Interior da OIKOS, propondo adequação às necessidades e expectativas dos atores sociais daquele território. Fomenta-se o conhecimento sobre os CCA, contribuindo para o desenvolvimento de mais e melhores relações de proximidade entre produtores e consumidores coletivos, e envolvendo outros agentes sociais do território da Beira Interior. Pretende-se ainda a identificação de um conjunto de recomendações de políticas públicas, promotoras de desenvolvimento de sistemas alimentares sustentáveis e de investimento no desenvolvimento humano do território da Beira Interior.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

Dominelli, L. 2012, *Green social work: from environmental crises to environmental justice*. Cambridge: Policy Press.

Felber, C., 2017, *A Economia do Bem Comum*, Barcarena: Editorial Presença.

IFSW, IASSW, ICSW, 2012, *THE GLOBAL AGENDA - FOR SOCIAL WORK AND SOCIAL DEVELOPMENT COMMITMENT TO ACTION*, <https://www.ifsw.org/wp-content/uploads/ifsw-cdn/assets/globalagenda2012.pdf>, acessado a 19-10-2018

MAMAOT, 2013. “Estratégia para a Valorização da Produção Agrícola Local”. Relatório Final do Grupo de Trabalho GEVPAL. Lisboa: Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território.

Pinto, C. (2014), *Serviço Social e Desenvolvimento Sustentável: Missões Entrecruzadas*, Pinto, C. e Carvalho, M., Serviço Social – teorias e práticas, Pactor, Lisboa, pp143-162

STAI.Bin, 2018, *Relatório do processo de inquérito por questionário dirigido às entidades de “Economia Social – Consumo Coletivo” no âmbito do processo de diagnóstico do projeto STAI.Bin*. Castelo Branco: IPCB. (documento não publicado)

Tibério, L.; Baptista, A.; Cristóvão, A. (s.d.), *Sistemas Agroalimentares Locais e Comercialização em Circuitos Curtos de Proximidade*, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro Departamento de Economia Sociologia e Gestão Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, in [http://www.rederural.gov.pt/images/FolhasInformativas/SistemasAgroalimentaresLocais\\_ComercializacaoCCA\\_1.pdf](http://www.rederural.gov.pt/images/FolhasInformativas/SistemasAgroalimentaresLocais_ComercializacaoCCA_1.pdf) acessado em em 23-10-2018

Tirole, J, 2017, *Economia do Bem Comum*, Lisboa: Guerra e Paz.

---

---

# Desenvolvimento Local

---

## A Economia Social e Solidária na promoção da inovação Social

---

### MARCO DOMINGUES

Prof. Adjunto Convidado - Especialista em Serviço Social  
Investigador Integrado da Age.Comm - Unidade de Investigação  
Interdisciplinar - Comunidades Envelhecidas Funcionais ESE. IPCB  
- Instituto Politécnico de Castelo Branco. Licenciado em Serviço  
Social (ISSSL), Mestre em Economia Social e Solidária (IUL-ISCTE) e  
Doutorando em Sociologia (UBI)  
mdomingues@ipcb.pt

02

## RESUMO

Este artigo surge no âmbito da tese de doutoramento do autor, que propõe a construção de uma matriz de indicadores para a avaliação do desenvolvimento local (DL) enquanto mecanismo de diagnóstico que poderá ser impulsionado pelos assistentes sociais. É na década de 60 do século passado na ação das ONGs internacionais e a sua intervenção nos países em desenvolvimento que o desenvolvimento comunitário surge como um processo ou um movimento que determina o envolvimento da comunidade na procura de soluções para os seus problemas (Holdcroft, 1978). Em Portugal, autores como Melo (1998) e Amaro (2004), retomaram o modelo de intervenção comunitária, propondo o conceito de desenvolvimento local, como aquele que através da promoção de uma cidadania ativa e participativa, da capacitação e autonomização dos agentes locais, se torna capaz de se mobilizar em dinâmicas de solidariedade ativa e horizontal, as comunidades para a resolução de problemas locais. O autor através de entrevistas a especialistas do desenvolvimento local e comunitário, e na procura da realização da matriz de avaliação do DL, enfatiza a importância dos assistentes sociais no desenvolvimento comunitário (McDonough, 2001; Esgaio, A. [et. Al], 2014) e na promoção da inovação social, através do reforço da dimensão política e pedagógica que a intervenção deve assumir junto das comunidades.

**PALAVRAS CHAVE:** DESENVOLVIMENTO LOCAL, ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA, INOVAÇÃO SOCIAL

## ABSTRACT

LOCAL DEVELOPMENT, THE SOCIAL AND SOLIDARITY ECONOMY IN THE PROMOTION OF SOCIAL INNOVATION

This article appears in the scope of the author's doctoral thesis, which proposes the construction of a matrix of indicators for the evaluation of local development (DL) as a diagnostic mechanism that

can be driven by social workers. It is in the 60s of the last century in the action of international NGOs and their intervention in developing countries that community development emerges as a process or a movement that determines the involvement of the community in the search for solutions to their problems (Holdcroft, 1978). In Portugal, authors such as Melo (1998) and Amaro (2004), resumed the community intervention model, proposing the concept of local development, such as that through the promotion of active and participatory citizenship, the training and autonomy of local agents, it becomes capable of mobilizing communities in the dynamics of active and horizontal solidarity to solve local problems. The author, through interviews with specialists in local and community development, and in the search for the realization of the DL evaluation matrix, emphasizes the importance of social workers in community development (McDonough, 2001; Esgaio, A. [et. Al], 2014) and in the promotion of social innovation, through the reinforcement of the political and pedagogical dimension that the intervention must assume with the communities.

**KEYWORDS :** LOCAL DEVELOPMENT, SOCIAL AND SOLIDARY ECONOMY, SOCIAL INNOVATION

## INTRODUÇÃO

Este artigo surge no âmbito do aprofundamento teórico da tese de doutoramento do autor, a partir dos conceitos de economia social, economia solidária, desenvolvimento local e inovação social, procurando a conceção de uma matriz de análise do Desenvolvimento Local (DL) traduzida em dimensões e indicadores que permitam a sua análise e avaliação territorial. É na década de 60 do século XX, na ação das ONGs nos países à época, designados de "terceiro mundo", com o apoio das Nações Unidas (ONU), que o desenvolvimento comunitário surge como um "processo" encarado enquanto movimento que propõe o envolvimento da comunidade na procura de soluções para os seus problemas (Holdcroft, 1978). Em Portugal, autores como Melo (1998) e Amaro (2004), recuperam

a proposta de intervenção comunitária, sugerindo o conceito de desenvolvimento local, como aquele que através da promoção de uma cidadania ativa e participativa, da capacitação e autonomização dos agentes locais, se torna capaz de mobilizar em dinâmicas de solidariedade ativa e horizontal para a resolução de problemas locais. É com base na análise da diversidade de organizações do Desenvolvimento Local em Portugal, nomeadamente, aquelas que se encontram na Associação Animar – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local, que o universo da pesquisa se desenvolve, através da realização de entrevistas a especialistas do setor da economia social e solidária e enquanto intervenientes no movimento do Desenvolvimento Local.

## DESENVOLVIMENTO

Numa primeira análise às entrevistas, encontra-se a valorização de um setor em Portugal, cada vez mais distinguido pela resiliência e capacidade de contribuir para a coesão social e promoção do bem-estar das comunidades. A Comunidade Europeia tem vindo a reconhecer desde 2009 o setor, particularmente, através da Resolução do Parlamento Europeu, de 19 de Fevereiro do referido ano, destacando a relevância do setor da Economia Social, por este, aliar “a rentabilidade e solidariedade, desempenhando um papel essencial na economia europeia, criando empregos de elevada qualidade, reforçando a coesão social, económica e regional, gerando capital social, promovendo a cidadania ativa, a solidariedade e uma economia com valores democráticos que coloca as pessoas em primeiro lugar, para além de apoiar o desenvolvimento sustentável, a inovação social, ambiental e tecnológica”. Em Portugal, este setor e respetivas instituições, onde se encontram muito dos assistentes sociais em funções, encontram-se normativamente reconhecidas na Lei de Bases da Economia Social (Lei n.º 30/2013, de 8 de maio, artigo 4.º alínea).

A importância e utilidade da implementação da matriz de avaliação de Desenvolvimento Local, enquanto mecanismo de diagnóstico social participado, permite e contribuiu para a necessidade de

auscultação das “comunidades” e respetivas populações, gerando condições no seio da profissão de serviço social para o reforço da inovação social e societal enquanto espaço de ação e de investigação.

O conceito de inovação social com base no estudo de Bignetti (2011), explora o conceito com referência a vários autores, ora, entendido nas formas aperfeiçoadas de ação e novas invenções sociais (Taylor, 1970), enquanto nova resposta que procura o bem-estar dos indivíduos e/ou comunidades (Cloutier, 2003), ou na aplicação de novas ou melhoradas atividades, iniciativas, serviços, processos ou produtos delineados para superar os desafios sociais e económicos, enfatiza a dimensão transformadora e política do conceito. A inovação social deriva principalmente da procura da satisfação de necessidades humanas básicas através do aumento da participação política de grupos marginalizados (Goldenberg, 2004), focada na satisfação de necessidades humanas e de empoderamento, através da inovação nas relações no seio da vizinhança e da governança comunitária (Moulaert et al., 2007). Por outro lado, e segundo Howaldt e Schwarz (2010), defende-se a inovação social enquanto uma nova combinação e/ou uma nova configuração de práticas sociais, e também, ao admitir-se que a inovação social visa e gera mudança social contribuindo para a alteração das relações de poder (Abreu, 2006).

Os assistentes sociais, apresentam uma responsabilidade acrescida, pela exigência de inovação social que a prática do serviço social deve de assumir enquanto fundamento da melhoria da ação e na procura da mudança social. O debate em torno das questões da mudança e processos transformacionais de natureza societal e social, segundo Freitas e Estevens (2012), recolocam na agenda velhas necessidades e desafios ou novas configurações e questionamentos, reacendem debates em torno das estruturas paradigmáticas existentes e incentivam a novas formulações sobre os sentidos e as agências dessa mudança, nomeadamente nas relações de poder, procurando instrumentos promotores da inovação social, criatividade e resiliência face à necessária procura de harmonização dos sistemas. Sendo o “serviço social uma profissão de intervenção e uma disciplina académica que promove



o desenvolvimento e a mudança social, a coesão social, o empowerment e a promoção da pessoa, dos princípios de justiça social, dos direitos humanos, da responsabilidade coletiva e do respeito pela diversidade são centrais ao serviço social" (IFSW, 2014), a inovação social deve ser promovida no seio das práticas profissionais dos assistentes sociais, onde o desenvolvimento local é um espaço privilegiado de ação pelas características que apresenta.

## CONCLUSÃO

O autor no âmbito da investigação em curso, ao analisar o papel dos assistentes sociais com recurso à revisão da literatura no âmbito do desenvolvimento comunitário (McDonough, 2001; Esgaio, A. et. al, 2014) e na resposta ao desafio da inovação social no seio da profissão, reforça a exigência do papel crítico e construtivo da profissão na promoção da mudança nas comunidades e na construção de políticas públicas, através de novos mecanismos de democracia participativa, como poderá ser a matriz de avaliação em construção na pesquisa, contestando o conformismo burocrático e tecnocrata de parte da ação atual dos profissionais, fundamental para a inversão da representação social mais passiva da profissão.

Questionar os modelos de atuação institucionais que acentuam lógicas rotineiras de ação, exigem o desenvolvimento de novas competências associadas à criatividade e inovação dos profissionais de serviço social. A crescente e necessária aposta na atuação para o desenvolvimento local, reforça as dinâmicas de intervenção comunitária e de colaboração entre setores de ação. Por outro lado, retomar a dimensão pedagógica e política da intervenção, de mudança consciente, de empoderamento das pessoas e comunidades, valorizando processos de participação e o envolvimento das pessoas na construção das respostas aos problemas sociais e também ambientais, afigura-se como preponderante. Ao fortalecer a cidadania participativa, a missão dos assistentes sociais, pode e deve assumir uma maior relevância social, num contexto de persistentes desafios, que exigem novas respostas, novas competências e abordagens transformadoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- André, I; Abreu, A. (2007), *Dimensões e espaços da inovação social*. Finisterra: Revista portuguesa de geografia, v. 41, n. 81, p. 121-141;
- Amaro, R., (1997), *O desenvolvimento local em Portugal: as lições do passado e as Exigências do Futuro*", in www.in-loco.pt consultado em 25 de junho de 2017;
- Amaro, . [ et. al] (2004).- *A Animar nos Caminhos e Desafios do Desenvolvimento Local em Portugal*. Animar. Vialonga. p 80-81;
- Bignetti, P. (2011) . - *As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa*. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 47, N. 1, p. 3-14;
- Domingues, M. (2016) - *Prova de Especialista em Serviço Social – Guia de intervenção social e comunitária do projeto "Há Festa no Campo. Castelo Branco"*;
- Esgaio, A. [ et. al] (2014) -*Serviço Social : Teorias e Práticas. A Intervenção Comunitária na Prática do Serviço Social: Um imperativo na Conjuntura Socioeconómica Atual?* Pactor. Lisboa pp. 205-222.
- Freitas, M.; Estevens, A., (2012) *Territórios Resilientes, Criativos e Socialmente Inovadores* - Conference Paper .
- Holdcroft, L. (1978). *The Rise and Fall of Community Development in Developing Countries, 1950-65: A Critical Analysis and an Annotated Bibliography*. MSU Rural Development, Paper No. 2. East Lansing, Michigan: Michigan State University.
- Laville, J. (2007), *L' Économie Solidaire – Une perperspective internationale*, Hachette Littératures
- McDonough J. (2001). *Comunidades e potencialidades da Intervenção. Intervenção Social – Atas do Seminário : Serviço Social a Ação e Saberes*, nº 23/24 ISSSL, pp. 351-358.
- Melo, A.. (1998). *Ditos e Reditos em Torno do Desenvolvimento Local*. A Rede. Novembro, p. 5-8.
- Moreno, L, (2013) *Governança nas Políticas de Desenvolvimento Local e Inovação Institucional*. Serviços e Equipamentos Gráficos, LDA.

## DOCUMENTOS CONSULTADOS

- Resolução do Parlamento Europeu, de 19 de Fevereiro de 2009, sobre a economia social
- Lei de Bases da Economia Social - Lei n.º 30/2013 de 8 de maio
- CÓDIGO DEONTOLÓGICO DOS ASSISTENTES SOCIAIS EM PORTUGAL - Aprovado na Assembleia Geral da APSS em 25 de outubro de 2018



---

# A intervenção do AS na atribuição de prestações sociais com recurso a plataformas eletrónicas

---

DANIEL BORGES

ELSA JUSTINO

03

## RESUMO

A ação social no ensino superior português é empreendida através dos serviços de ação social das instituições de ensino superior públicas.

A candidatura, estudo dos processos e a atribuição de bolsas aos estudantes candidatos a esta prestação social, é integralmente realizada numa plataforma eletrónica de gestão centralizada, cujos resultados podem ser dados para alguns processos sem intervenção humana. Perante esta nova realidade, pretende-se aferir em que situações há intervenção do Assistente Social para retificação dos dados inseridos nos processos, e qual o impacto dessa intervenção no resultado e no valor final da prestação social atribuída.

O estudo exploratório, foi realizado com recurso aos dados de caracterização do ano letivo 2015/2016, tendo como base as declarações prestadas pelos estudantes candidatos a bolsa de estudo na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

Os casos recolhidos da plataforma, foram tratados através do programa SPSS (Statistics 23), ordenados por número de candidatura, de onde foi extraída, aleatoriamente a amostra, de 5 em 5 casos, num total de 581 casos (20,45%), de entre 2841 candidaturas.

Da análise dos dados estatísticos foram identificados os vários motivos que levaram à alteração do resultado após a intervenção do Assistente Social, nomeadamente, o pedido adicional de documentos para retificação da origem e do detalhe sobre os rendimentos familiares. A intervenção do Assistente Social alterou os resultados dos processos em 36% dos casos analisados.

## ABSTRACT

Social action in Portuguese higher education is undertaken through the social action services of public higher education institutions.

The application, study of the processes and the

allocation of scholarships to the students applying for this social benefit, is integrally carried out in an electronic platform of centralized management, whose results can be given for some processes without human intervention. In view of this new reality, it is intended to assess in which situations the Social Worker's intervention to rectify the data inserted in the processes, and what the impact of this intervention on the result and the final value of the social benefit attributed.

The exploratory study was carried out using the characterization data of the 2015/2016 school year, based on the statements made by students applying for a scholarship at the University of Trás-os-Montes and Alto Douro (UTAD).

The cases collected from the platform were treated by the SPSS program (Statistics 23), sorted by application number, from which the sample was randomly extracted every 5 cases, in a total of 581 cases (20.45%), out of 2841 applications.

From the analysis of the statistical data were identified the various reasons that led to the change in the result after the intervention of the Social Worker, namely, the additional request for documents to rectify the origin and detail on family income. The intervention of the Social Worker changed the results of the processes in 36% of the analyzed cases.

## INTRODUÇÃO

Os apoios<sup>1</sup> disponibilizados aos estudantes do ensino superior configuram-se em apoios diretos, as bolsas de estudo e os auxílios de emergência, e apoios indiretos, através do acesso à alimentação e ao alojamento, acesso a serviços de saúde, apoio a atividades culturais e desportivas, e acesso a outros apoios educativos, nomeadamente o acesso, por parte dos estudantes a informação, reprografia, apoio bibliográfico e material escolar, em condições favoráveis de preço.

<sup>1</sup> Lei n.º 113/1997, de 16 de setembro, define as bases do financiamento do ensino superior público.

No âmbito da responsabilidade social, a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) disponibiliza ainda o Fundo de Apoio Social<sup>2</sup>, programa que visa apoiar os estudantes com necessidades económicas e pretende contribuir para o combate ao abandono e insucesso escolares, assim como, a aquisição e desenvolvimento de competências transversais promotoras da empregabilidade e sucesso profissional. Este programa apoia os estudantes através de duas modalidades, o subsídio de emergência, que é uma prestação pecuniária até ao valor da propina, e a bolsa de colaboração, que é um apoio económico, que varia em função do número de horas de colaboração do estudante, nas atividades, projetos e ações da UTAD.

Atualmente, em 2017/2018, os SASUTAD prestam apoio a cerca de 6.862 estudantes, nomeadamente com a atribuição de 2.345 bolsas de estudo, 24 subsídios de emergência, mais de 200 bolsas de colaboração, alojamento em 532 camas das residências universitárias, cerca de 181.801 refeições, 2394 consultas anuais de ginecologia, clínica geral, psicologia, enfermagem e nutrição, várias modalidades desportivas e vários eventos de cariz cultural, entre outros serviços e apoios.

As bolsas de estudo<sup>3</sup> são um apoio pecuniário para participação nos encargos com a frequência de um curso, atribuída pelo Estado, a fundo perdido, sempre que o agregado familiar em que o estudante se integra não disponha de um nível mínimo adequado de recursos financeiros<sup>4</sup>.

As candidaturas a estes apoios são efetuadas numa plataforma nacional, SICABE<sup>5</sup>, que funciona na íntegra on-line, gerida pela DGES e é utilizada, desde 2011, por todas as instituições de ensino superior incluindo as privadas. Faz interoperabilidade de dados com a Segurança Social, com a Autoridade Tributária e Aduaneira e com os Serviços Académicos das Instituições de Ensino Superior, e tem sofrido

de constantes alterações e inovações ao longo dos anos. No ano letivo de 2017/2018<sup>6</sup> candidataram-se a bolsa de estudo 96.998 estudantes e foram atribuídas 73.210 bolsas de estudo (DGES, 2018).

Assim, este estudo, tendo em consideração a informatização integral de todo o processo de atribuição da bolsa de estudo, desde a candidatura, instrução do processo, análise por parte do técnico, atribuição e pagamento da bolsa de estudo, pretende-se aferir em que situações há intervenção do Assistente Social para retificação dos dados inseridos nos processos, e qual o impacto dessa intervenção no resultado e no valor final da prestação social atribuída.

## MÉTODO

Este estudo foi efetuado no ano letivo 2015/2016, aos estudantes candidatos à bolsa de estudo da UTAD, onde frequentavam cerca de 6.894 estudantes dos quais 2.907 concorreram à bolsa de estudo, tendo sido atribuídas 2.287 bolsas (SASUTAD, 2016).

A amostra é composta, na maioria, por estudantes do sexo feminino (68%), em média têm 24 anos de idade, frequentam sobretudo o 1.º ano (44%), de cursos pertencentes à escola de ciências humanas e sociais (42%).

De referir ainda que na esmagadora maioria destes casos os estudantes são bolseiros (78%), beneficiam, em média, de uma bolsa no valor de €1.987, dos quais 64 (14%) estão alojados nas residências universitárias dos SASUTAD, 24 (5%) beneficiam de um complemento de alojamento para ajudar a custear as despesas com o quarto privado, porque não conseguiram vaga nas residências, e 7 (2%) dos estudantes bolseiros frequentaram o programa de mobilidade Erasmus+.

2 Regulamento n.º 27/2014, de 23 de janeiro.

3 Despacho n.º 5404/2017, de 21 de junho, regulamento de atribuição de bolsas de estudo a estudantes do ensino superior.

4 Fórmula:  $16 \times \text{IAS} + \text{Propina Máxima} = \text{€}7.804,59$  (montante em vigor no ano letivo de 2017/2018).

5 SICABE: Suporte Informático ao Concurso de Atribuição de Bolsas de Estudo do Ensino Superior.

6 Dados obtidos do portal da DGES, em "Informação Estatística - Bolsas de Estudo para Estudantes do Ensino Superior".

A origem dos rendimentos das famílias destes estudantes provem, em grande parte, do trabalho dependente (75%), no entanto também provem do trabalho empresarial (18%) e, uma pequena minoria provem de rendimentos com origem em trabalho não declarado em sede de IRS (7%).

## INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Os casos relativos à amostra foram recolhidos a 31 de março de 2016, da plataforma de atribuição de bolsas de estudo, SICABE. As várias variáveis foram reclassificadas no Excel, extrapoladas para o IBM-SPSS<sup>7</sup>, ordenadas por número de candidatura, de onde foi extraída, aleatoriamente a amostra, de 5 em 5 casos, num total de 581 casos (20,45%), de entre 2841<sup>8</sup> candidaturas.

Todos estes casos que constituem a amostra viram a sua candidatura à bolsa de estudo reavaliada manualmente, para se apurar a origem dos rendimentos das famílias destes estudantes, assim como, se apurar qual seria o resultado da candidatura à bolsa de estudo sem a intervenção do Assistente Social.

Na identificação das várias tipologias de rendimen-

tos, apenas se associava um tipo de origem de rendimentos, mesmo que essa família obtivesse rendimentos de mais que uma tipologia, nestes casos, considerava-se a tipologia com rendimentos mais elevados, e foram classificados em apenas 3 tipologias, nomeadamente em rendimentos provenientes do trabalho dependente (Dependente<sup>9</sup>), rendimentos empresariais (Empresarial<sup>10</sup>) e rendimentos não declarados em sede de IRS (Não Declarado<sup>11</sup>). Foram ainda identificados os vários motivos que levaram à alteração do resultado após a intervenção do Assistente Social.

## RESULTADOS

Como se pode observar no quadro 1, no global, verificou-se que os Assistentes Sociais intervêm em 36% das candidaturas, ou seja, significa que o resultado da bolsa de estudo foi alterado após a avaliação da candidatura pelo Assistente Social e, conseqüentemente, em 64% das candidaturas o resultado mantém-se o mesmo, não têm qualquer intervenção, apesar da avaliação individual de cada candidatura.

Importa agora saber, em que situações esta intervenção ocorre mais vezes e em que situações tem

**Quadro 1**  
Percentagem e número de casos cujas candidaturas à bolsa sofreram alteração do resultado após a intervenção do Assistente Social, por origem de rendimentos.

Origem dos Rendimentos		Alteração do Resultado		Total
		Não	Sim	
Válido	Dependente	76,1% (331)	23,9% (104)	100%
	Empresarial	31,1% (32)	68,9% (71)	100%
	Não Declarado	23,3% (10)	76,7% (33)	100%
Total		64,2% (373)	35,8% (208)	100%

7 International Business Machines - Statistical Package for the Social Sciences (IBM SPSS Statistics 23).

8 Os prazos de candidatura decorrem de 25 de junho a 30 de setembro, mas encerram definitivamente apenas em 30 de abril, com penalização no valor da bolsa (apenas a partir do mês seguinte ao da submissão da candidatura). Nesse ano letivo foram submetidas 2907 candidaturas.

9 Trabalho por conta de outrem, subsídios e pensões (IRS, Anexo A).

10 Atividades empresariais, em nome individual (IRS, Anexos B e C) ou coletivo (IRC).

11 Rendimentos provenientes do trabalho que não estão declarados em sede de IRS, como por exemplo, o serviço doméstico, o trabalho à jorna, ajudas provenientes de terceiros, entre outros rendimentos.

mais impacto. Como podemos ver, a alteração do resultado, na sequência da avaliação das candidaturas pelo Assistente Social, ocorre mais, e como era espetável, nas famílias com rendimentos não declarados (77%), o que não era espetável, é o número elevado de alterações nas famílias com rendimentos empresariais (69%), visto que são atividades cujos rendimentos se encontram declarados em sede de IRS ou IRC.

Posto isto, é importante perceber qual o impacto da intervenção do Assistente Social no valor da bolsa de estudo. Olhando para o quadro 2, percebe-

se que este impacto é consideravelmente menor nas famílias com rendimentos dependentes, apesar de em maior número, por serem 75% dos casos, a bolsa seria cerca de 13% mais alta, enquanto nos casos das famílias com rendimentos empresariais seria 66% mais elevada e nos casos das famílias com rendimentos não declarados seria 68% mais elevada.

No global, significa que o impacto no valor da bolsa de estudo é muito significativo, pois a bolsa de estudo seria 64% mais elevada, ou seja, nestes casos, a bolsa média passaria de €1.986 para €3.249.

### Quadro 2

**Bolsa média por origem de rendimentos antes e depois da avaliação dos processos pelo Assistente Social.**

Origem dos Rendimentos		Bolsa Média	
		Depois da Avaliação	Antes da Avaliação
Válido	Dependente	€1.798,21	€2.023,58 (+12,5%)
	Empresarial	€1.641,03	€2.716,05 (+65,5%)
	Não Declarado	€2.530,23	€4.246,00 (+67,8%)
	Total	€1.985,60	€3.248,77 (+63,6%)

Relativamente aos motivos que levaram à alteração dos resultados, analisando o quadro 3, podemos observar, no que diz respeito às famílias com rendimentos empresariais, o principal motivo são precisamente os seus próprios rendimentos (86%), a alteração do resultado deve-se, quase na íntegra, aos rendimentos empresariais, seguido de indeferimento por "Instrução incompleta" (6%). Já no

que diz respeito às famílias com rendimentos dependentes, o principal fator que leva à alteração dos resultados são as pensões de alimentos (29%) seguido do serviço doméstico (27%), enquanto nas famílias com rendimentos não declarados são os trabalhos esporádicos (58%) seguido de outros rendimentos (15%) e com a mesma percentagem (9%), o serviço doméstico, pensões de alimentos e instrução incompleta.

### Quadro 3

**Fator que motivou a alteração do resultado após avaliação do Assistente Social.**

Origem dos Rendimentos	Rendimentos Empresariais	Fator que motivou a alteração do resultado					Total
		Outros	Instrução Incompleta	Pensão de Alimentos	Trabalhos Esporádicos	Serviço Doméstico	
Dependente	2,9%	Rendimentos	11,5%	28,8%	11,5%	26,9%	100%
Empresarial	85,9%	1,4%	5,6%	0%	4,2%	2,8%	100%
Não Declarado	0%	15,2%	9,1%	9,1%	57,6%	9,1%	100%
Total	30,8%	12,0%	9,1%	15,9%	16,3%	15,9%	100%

## CONCLUSÃO

A atribuição de bolsas de estudo, no ensino superior, tem sofrido alterações constantes ao longo dos anos, o que não privilegia a sua estabilidade e retira confiança aos futuros estudantes que vão ingressar no ensino superior. O que foi possível constatar com a realização deste estudo, e que em parte poderá ser extrapolado para a realidade nacional, visto que não será muito diferente, no que diz respeito à avaliação dos processos de candidatura à bolsa de estudo, os Assistentes Sociais intervem diretamente em cerca de 36% dos resultados, os restantes 64% podem ser de publicação automática sem qualquer intervenção técnica ou mesmo humana. Esta automatização das candidaturas é positiva porque liberta o Assistente Social, para aquilo que são as suas competências, nomeadamente, na sinalização de casos sociais e acompanhamento destes mesmos casos, incluindo as suas famílias, entre outras funções.

Também se pôde constatar que grande parte dos estudantes que concorrem à bolsa de estudo são provenientes de famílias cujos seus rendimentos têm origem no trabalho por conta de outrem, (66%), as restantes famílias possuem rendimentos com origem empresarial (18%) e entre outros rendimentos não declarados em sede de IRS (16%). No entanto, é nestas últimas famílias, com rendimentos empresariais e não declarados, onde a nossa intervenção é mais notória, pois a bolsa média baixa cerca de 66% nas primeiras e cerca 68% nas segundas, enquanto nas famílias do trabalho dependente apenas intervimos em cerca de 13%, implicando uma diminuição da bolsa média de €3.249 para €1.986.

Posto isto, pode-se concluir que a automatização deste apoio é importante para libertar o Assistente Social do trabalho administrativo, mas o seu trabalho é ainda relevante na avaliação das candidaturas à bolsa de estudo. Apesar do sistema de atribuição de bolsas de estudo estar muito informatizado e automatizado, a intervenção do Assistente Social é ainda muito importante, sobretudo nas famílias com rendimentos empresariais e não declarados, contribuindo para a equidade na atribuição deste apoio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaro, I. (2008). *Os campos paradigmáticos do serviço social: proposta para uma categorização das teorias em presença*. *Locus SOCI@L*, (1), 65–80.
- Banks, S. (2004). *Ethics, Accountability and the Social Professions*. Palgrave Macmillan.
- Barrias, P. (2015). *A ação social e a democratização da frequência do ensino superior*. In M. de L. Rodrigues & M. Heitor (Eds.), *40 anos de políticas de ciência e de ensino superior* (p. 1187). Coimbra: Almedina.
- Branco, F., & Amaro, I. (2011). *As práticas do “Serviço Social activo” no âmbito das novas tendências da política social: uma perspectiva portuguesa*. *Serviço Social & Sociedade*, (108), 656–679.
- DGES (2018). *Informação Estatística - Bolsas de Estudo para Estudantes do Ensino Superior: Síntese por instituição de ensino superior*. Disponível em: <http://www.dges.gov.pt/pagina/informacao-estatistica-bolsas-de-estudo-para-estudantes-do-ensino-superior?plid=373>
- Ferreira, J., & Pena, M. J. (2014). *Research in Social Work: Education, Process and Practice in Portugal*. In *Social Work Research Across Europe: Methodological Positions and Research Practice* (pp. 83–98). Ostrava: University of Ostrava.
- Justino, E., (2015). *Trajektorias Escolares Improváveis. O Sucesso dos Estudantes de Meios Socialmente Desfavorecidos no Ensino Superior*. Tese de Doutoramento. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa.
- Martins, S. C., Mauritti, R., & Costa, a F. (2005). *Condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal*. *Temas e Estudos de Acção Social*, n. o 5. Lisboa.
- Ribeiro, F. B., Cravino, J. P., Sacramento, O., Escola, J., Justino, E., (2014). *Abandono escolar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Estudo exploratório*. Vila Real. Rodrigues, M. de L. (Ed.). (2014). *40 anos de políticas de educação em Portugal*. Coimbra: Almedina.
- SASUTAD (2016) *Relatório de Atividades e Contas: 2016*. Disponível em: <http://www.sas.utad.pt/institucional/Documents/RelAtividades2016.pdf>

09

DESAFIO PARA A FORMAÇÃO EM  
SERVIÇO SOCIAL



---

## Contributos e desafios das Neurociências para o serviço Social em Portugal

---

M<sup>a</sup> JOÃO SACADURA  
HELENA NEVES DE ALMEIDA

01

## RESUMO

---

### CONTRIBUTOS E DESAFIOS DAS NEUROCIÊNCIAS PARA O SERVIÇO SOCIAL EM PORTUGAL

O Serviço Social é uma das múltiplas disciplinas científicas que reconhece a evidência científica de que o conhecimento dos mecanismos cerebrais e do sistema nervoso potenciam uma maior compreensão dos problemas sociais e uma prática mais comprometida e ética. Segundo Farmer (2009), se por um lado a perspectiva psicossocial da prática do serviço social tem sido objeto de ensino, investigação e reflexão em muitas instituições de formação em serviço social, por outro lado, as componentes biológicas desta perspectiva tripartida têm sido pouco desenvolvidas, ainda que este conhecimento base possa ser aproveitado pelo serviço social para informar a prática e reforçar a função de advocacia em múltiplas áreas. Apesar destes pressupostos teóricos, em Portugal o Serviço Social não tem integrado, na sua formação e nas suas práticas, conhecimentos científicos provenientes das neurociências. Torna-se, pois, relevante explicitar e analisar alguns desses contributos, propondo-se com a presente comunicação, apresentar uma reflexão sobre o que tem vindo a ser produzido neste domínio por assistentes sociais investigadores/as, no sentido de fornecer maior visibilidade e compreensão sobre perspectivas atuais e alguns dos desafios que se colocam ao serviço social no século XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neurociências, Serviço Social; Teorias do Serviço Social; Formação em Serviço Social; Investigação em Serviço Social.

## ABSTRACT

---

### CONTRIBUTIONS AND CHALLENGES FROM THE NEUROSCIENCE FIELD TO SOCIAL WORK IN PORTUGAL

Social Work is one of the several scientific disciplines that recognizes the scientific view that the knowledge concerning brain and nervous system can enhance a better comprehension of behaviors

and social problems that social workers face daily and a social practice more compromised and ethical. Farmer (2009) refers that the psychosocial perspective in the social work practice has been apply for teaching, research and reflection in many schools of Social Work, but the biological components from this tripartite composition has been less developed, even though this base of knowledge can be used to inform practice and increase advocacy in many areas. Although these theoretical assumptions, in Portugal, the Social Work hasn't been incorporating in his training plans and on his practices knowledges from the neuroscience field. It becomes relevant to explicit and analyses some of these contributions, suggesting with this communication a reflection about what has been produced in this domain by social workers researchers, to provide visibility and comprehension concerning current perspectives and analyze some challenges to Social Work in the XXI century.

**KEYWORDS:** Neuroscience, Social Work, Social Work Theories, Social Work training, Social Work research.

## CONTRIBUTOS E DESAFIOS DAS NEUROCIÊNCIAS PARA O SERVIÇO SOCIAL EM PORTUGAL – LINHAS ORIENTADORAS DA APRESENTAÇÃO ORAL

---

### INTRODUÇÃO

No passado dia 14 de outubro (2018) terminou em Portugal uma exposição inédita chamada – ANIMAL INSIDE OUT – que nos levava através de um safari a visualizar os órgãos que estão por debaixo da nossa pele, incluindo o corpo humano.

Fui com os meus filhos e a determinada parte da exposição deparamo-nos com uma vitrina com vários cérebros: porco, girafa, gato.

As crianças naturalmente curiosas ficaram a olhar para os cérebros e o pensamento foi de dúvida e questionamento: este é o cérebro do gato? E outras questões.

Eu própria ao ver ali um cérebro, pensar que é o nosso órgão pensante que nos faz sonhar, formar memórias, tomar decisões... que pesa cerca de 1.400 gramas, que gera cerca de 70 000 pensamentos por dia, que movimenta informação mais rápido do que carro de formula 1 – 418 Km/h.

#### **MAS PORQUE VOS ESTOU A CONTAR ISTO?**

Porque estou sensível à exploração científica da relação entre neurociências e Serviço Social.

#### **COMO PODEMOS LIGAR O BIOLÓGICO COM O SOCIAL, COM A NOSSA ÁREA?**

O cérebro necessita do social, do meio envolvente para se desenvolver e o social muda o cérebro; e os/as Assistentes Sociais lidam com a dimensão social da vida das pessoas e em vários contextos, as suas preocupações e vulnerabilidades.

Os neurocientistas dizem-nos:

Que não é possível separar as influências biológicas e culturais, uma vez que o meio envolvente molda a forma como o nosso cérebro funciona.

Como refere Eagleman (2015), todas as experiências da nossa vida, das simples conversas à nossa cultura em geral, moldam os detalhes microscópicos do nosso cérebro. Em termos neurais o que somos depende por onde andamos.

As nossas experiências são únicas e por isso também são únicos os nossos padrões das nossas redes neurais.

#### **DIFÍCIL DE ACREDITAR NÃO É?**

O Serviço Social é uma área de conhecimento onde a interdisciplinaridade enfatiza a relação pessoa-meio e que incorpora nos seus fundamentos teóricos outras áreas disciplinares como seja o direito, a psicologia, a sociologia, a economia, entre outras.

Também as neurociências são uma área multidisciplinar e outras áreas têm incorporado e desenvolvido conhecimento para os seus corpos teóricos e criado sub-áreas: neuroengenharia, neuro química, neurofilosofia. Por exemplo, a economia, área não clínica, alinou-se com a neurociência – criando a área da neuroeconomia e já ganhou prémios Nobel. O último foi o economista Richard Thaler em 2017, relacionada com as tomadas de decisão e racionalidade.

#### **COMO LIGAR ESTAS DUAS ÁREAS?**

Que importância poderá ter, para o Serviço Social, compreender os mecanismos das emoções e dos comportamentos que se encontram associados a problemas sociais com que lidamos diariamente, como por exemplo, situações de saúde mental, adições?

O que nos oferece a área das neurociências?

Houve uma revolução neurocientífica e foram realizadas descobertas que vieram:

- 1 Clarificar as funções e o papel do cérebro em particular as suas desordens (doenças);
- 2 Potenciar a compreensão geral do comportamento humano e dos sentimentos;
- 3 Proporcionar uma base científica de como o biológico se relaciona com o bem-estar humano.

As neurociências vieram revolucionar o que pensávamos sobre nós mesmos e sobre a interação com os outros, e vieram permitir, pela primeira vez no mundo, observar os mecanismos cerebrais em cérebros vivos, pois as investigações eram realizadas pós morte.

E o que é a área social senão uma área de relações humanas e de promoção da pessoa?

Vou elencar dois contributos que considero relevantes para a nossa área: - Área da empatia – neurónios espelho, e a plasticidade do cérebro

#### **1 – EMPATIA**

A empatia é o ato de experienciar, compreender o estado emocional e as intenções do outro, e a capacidade para a empatia é uma ferramenta importante para a sobrevivência humana.

#### **QUAL O PROCESSO NEUROLÓGICO QUE ESTÁ**

## SUBJACENTE A ESTA EXPERIÊNCIA?

A nossa experiência da empatia é moldada pela nossa história de vida (desenvolvimento na infância e ambiente cultural); Para as neurociências é uma grande matriz de estruturas cerebrais que ativamos e outros sistemas que regulam os estados do corpo, emoção e reatividade. Por exemplo, numa situação de atendimento social estamos perante um utente que se encontra ansioso...

## O QUE NOS ACONTECE?

Enquanto ouvimos e escutamos essa pessoa, comandos neurais automaticamente viajam através do nosso cérebro, através de ligações entre os neurónios, nos caminhos corticais e subcorticais. Em resposta o nosso sistema endócrino (interage com o sistema nervoso na regulação de funções corporais), os nossos músculos e órgãos e libertam elementos químicos para a nossa rede sanguínea. O nosso sistema nervoso deteta estes sinais químicos e automaticamente ajusta o bater do coração, a circulação do sangue e a dilatação da pupila. E quase instantaneamente, de forma subjetiva, sente-se uma espécie de eco, partilha pela compreensão da ansiedade do utente.

Estamos a experienciar a empatia. O que vos relato em dois minutos acontece em microssegundos.

- > Sentimos que o outro está a sentir – empatia afectiva.
- > Cognitivamente avaliamos os sentimentos do outro – empatia cognitiva

Estes contributos fornecem-nos uma base científica do comportamento humano, a melhorar esta competência em nós e uma ferramenta para melhorar a nossa intervenção no acompanhamento social.

Também no que concerne a Advocacia, a retroalimentação – no atendimento o olhar, a transmissão de informação – se compreende e dá feedback. Compreender as interdependências entre o cérebro – comportamento – ambiente – podem trazer novas oportunidades enquanto agentes de mudança.

## 2 – PLASTICIDADE

Para a nossa área é relevante compreendermos o alcance deste contributo, aplicável em várias áreas de trabalho: saúde mental, crianças e jovens, adições

Plasticidade traduz-se na capacidade de se adaptar às experiências da vida e modificar ao longo dos anos a sua estrutura e funcionamento. Por exemplo, na protecção de menores advoga-se que olhando para a adaptabilidade do cérebro da criança, se podem realizar iniciativas políticas – já aconteceu em Austrália e Reino Unido.

Segundo Castro Caldas (2016) cada vez compreendemos melhor que o meio ambiente em que crescemos e vivemos tem uma importância muito grande na modulação das funções cerebrais.

As neurociências oferecem-nos explicações que nos podem ajudar a responder a algumas questões que de outra forma nunca iríamos ter. Dão-nos uma base científica que nos ajuda a olhar o comportamento humano e nos poderá talvez ajudar na prática na compreensão das situações sociais.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Caldas, C. (2016). *A Vida do Cérebro – da Geração à idade avançada*. Verso de Kapa: Lisboa.
- Combs-Orme, Wilson, Cain, Page, & Kirby, (2003). *Early Brain Development for Social Work Practice: Integrating Neuroscience with Piaget's Theory of Cognitive Development*. Journal of Human Behavior in the Social Environment. Vol. 23, pp 640–647.
- DiPietro, J. A. (2000). *Baby and the brain: Advances in child development*. Annual Review of Public Health, 21, 455–471.
- Egan, M.; Combs-Orme, T.; Neely-Barnes, S.L. (2011). *Integrating neuroscience knowledge into social work education: A case-based approach*. Journal of Social Work Education, Vol. 47, nº 2, pp.269-282.
- Eagleman, D. (2015). *O Cérebro – À Descoberta de quem somos*. Lua de Papel: Lisboa.
- Ito, T.A., & Cacioppo, J.T. (2001). *Affect and attitudes: A social neuroscience approach*. In J.P. Foyas (Ed.), Handbook of affect and social cognition (pp.50-74). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum
- Matto, H.C.; Strolin-Goltzman, J.; Ballan, M.S. (2014). *Neuroscience for Social Work. Current Research and Practice*. New York: Springer.
- Negash, S., & Petersen, R. (2006). *Societal influences that affect cognitive functioning in old age*. In K. Warner Schaie & L. L. Cartensen (Eds.), Social structures, aging, and self- regulation in the elderly (pp. 1–31). New York, NY: Springer
-

---

# A investigação na formação em Serviço Social

---

## Estratégias de ensino adotadas

---

**DANIELA MONTEIRO**

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais - Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga // Autor responsável pela comunicação.

**FRANCISCO BRANCO**

Faculdade de Ciências Humanas – Universidade Católica Portuguesa

02

## RESUMO

---

A presente comunicação enquadra-se no tópico - Profissão - do V Congresso Nacional de Serviço Social. Esta resulta de uma investigação empírica realizada através de um estudo de caso múltiplo abrangendo três cursos de 1º Ciclo em Serviço Social em Portugal.

A formação de ensino superior tem a função de formar profissionais competentes. Dentro das várias dimensões da formação, a investigação e a preparação para esta, constitui um fundamental elemento dessa competência e da identidade profissional. Desta forma, é importante compreender como formamos neste domínio (i.e. que estratégias de ensino adotamos) e qual o perfil de profissionais que pretendemos formar. Pudemos identificar, entre as Instituições de Ensino Superior estudadas (com diferentes desenhos na sua estrutura curricular) estratégias de ensino da investigação que passam pelo estímulo e criação de oportunidades de investigação em contextos de prática. Neste sentido, as oportunidades criadas têm como objetivo desencadear o conhecimento dos processos de investigação e da reflexão sobre: porquê fazer, o que fazer e como fazer. Discute-se, desta forma, como providenciar aos estudantes o acesso a todas as etapas de um projeto de investigação tornando-a menos intimidante, mais estimulante, e compreendida, pelos estudantes, como relevante/fundamental para a prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Serviço Social, formação graduada, investigação

This communication falls under the topic - Profession - of the V National Congress of Social Work. This results from an empirical investigation conducted through a multiple case study covering three courses of 1st Cycle in Social Work in Portugal.

Higher education training has the function of training competent professionals. Within the various dimensions of training, research and preparation for it, is a fundamental element of this competence and professional identity. In this way, it is important to understand how we form in this field (i.e. what teaching strategies we adopt) and what the profile of professionals we intend to form. We have been able to identify, among the Higher Education Institutions studied (with different designs in their curricular structure) strategies of teaching of the investigation

that pass through the stimulus and creation of research opportunities in contexts of practice. In this sense, the opportunities created aim to trigger the knowledge of research processes and reflection on: why to do, what to do and how to do. It is discussed how to provide students with access to all stages of a research project making it less intimidating, more stimulating, and understood by students as relevant / fundamental to practice.

**KEYWORDS:** Social Work, undergraduate training, research.

## ABSTRACT

---

A formação tem a função de preparar profissionais, sendo importante compreender como formamos e para o que formamos (qual o perfil de profissionais que pretendemos formar). Neste sentido, a formação que é ministrada aos estudantes e futuros profissionais, deve ser refletida de forma crítica e transparente, e deve ser avaliada, de forma a garantir a qualidade dos modelos educacionais, pois são estes que em primeira linha transmitem diversos conhecimentos, competências e valores fundamentais aos estudantes de licenciatura (Gambrill, 2007). Pese embora reconheçamos que os espaços de formação são múltiplos e variados, sendo eles formais e informais, que se fazem ao longo do percurso profissional, e são absolutamente centrais na constante aprendizagem e construção identitária dos profissionais (Eraut, 1994; Passarinho, 2009) a formação inicial em Serviço Social encerra uma relevância fundamental no processo de socialização dos estudantes com os mais diversos domínios entre os quais se destacam a investigação.

A literatura aponta para a crescente preocupação com a "indiferença" dos estudantes de Serviço Social relativamente à investigação (Macke & Tapp, 2012), a sua falta de confiança em investigar (Adam, Zosky, & Unrau, 2004; Maschi et al., 2013) e mesmo a sua relutância em fazê-lo (Bolin et al., 2012), particularmente, quando pensamos na importância da mesma para a qualidade da prática, para a afirmação da profissão e para a construção de conhecimento na área. Importa, assim, que a investigação não represente o elo mais fraco da nossa identidade ou, indo mais longe, como refere Guzmán (2009) o seu

elo perdido, por ser muitas vezes negligenciado na prática. Uma vez que, dispensar na prática do profissional o domínio da investigação e da reflexividade reduz a intervenção do assistente social ao pragmatismo (Amaro, 2009) o que representa e constitui uma ameaça ao desempenho profissional e aos seus fins.

Segundo Moore e Avant (2008: 231) a investigação, ao nível do 1º ciclo, é fundamental para os estudantes uma vez que: i) desenvolve fortes habilidades (skills) para a resolução de problemas; ii) desenvolve uma maior capacidade de aplicação de conceitos académicos a situações da prática, seja nos estágios, seja no domínio profissional; iii) desenvolve o pensamento crítico; iv) desenvolve a compreensão e aplicação de métodos de investigação; v) capacita para a leitura crítica da literatura; vi) desenvolve a compreensão da relação entre a teoria e a prática; vii) desenvolve habilidades de comunicação; viii) desenvolve a capacidade de trabalhar de forma independente; vi) expande a capacidade de inovação e criatividade; ix) desenvolve a capacidade para o uso de tecnologia, incluindo programas específicos de computador para a investigação; x) e desenvolve a capacidade de trabalhar, com sucesso, com diversas pessoas.

Na formação importa, ainda, o desenvolvimento de estratégias de estímulo à investigação passam pela criação de oportunidades de investigação em contextos de prática e do reconhecimento, pelos próprios estudantes, da sua importância e da diferença que esta pode trazer para a intervenção (Bolin et al., 2012; Moore & Avant, 2008). Neste sentido, as oportunidades criadas podem desencadear o conhecimento (por dentro) dos processos de: porquê fazer, o que fazer e como fazer. Moore e Avant (2008: 234) referem que providenciar aos estudantes o acesso a todas as etapas de um projeto de investigação torna-a menos intimidante e mais estimulante, e mais relevante para a prática, assim, para os autores as estratégias que podem contribuir, em contexto formativo, para este envolvimento são por exemplo: 1) desenvolver projetos de investigação no estágio (no entanto, os conteúdos de conhecimento da investigação devem ser introduzidos mais cedo no curriculum de forma a permitir aos estudantes uma integração prévia, isto é,

uma base para a sua aplicação); 2) os docentes publicarem com alunos de licenciatura; 3) encorajar os estudantes de licenciatura a apresentar os seus trabalhos, não só no contexto das aulas, mas também, em fóruns, seminários etc. (o que implica um suporte e apoio dos docentes neste processo).

## METODOLOGIA

A investigação empírica realizada baseia-se num estudo de casos múltiplos de natureza qualitativa, cujas unidades de análise são três cursos de 1º Ciclo em Serviço Social em Portugal. A escolha dos cursos seguiu uma lógica de replicação teórica dos casos em que cada um deles representa um tipo ideal relativo à conceção sobre o ensino da investigação em Serviço Social na formação inicial: i) o Caso A representa um modelo organizado em torno de UC de Base de investigação; ii) o Caso B representa um modelo organizado em torno de UC de Base de investigação e Seminário(s) de Investigação; iii) o Caso C representa um modelo organizado em torno de UC de Base de investigação e Seminários de Investigação e Intervenção. Enquanto fontes de evidências foram realizadas entrevistas semiestruturadas aos coordenadores e professores das UC referidas e analisadas diversas fontes documentais.

## RESULTADOS

Independentemente das opções formativas, existe um visão amplamente partilhada pelas IES estudadas de que o carácter complexo, dinâmico e mutável da realidade social exige assistentes sociais cientificamente informados, com elevada capacidade crítica e reflexividade. Assim, por relação à investigação, é possível identificar nos discursos da maior parte dos participantes das diferentes IES a ideia da existência de dois patamares diferentes, mas complementares: o 1º visando formar profissionais reflexivos; o 2º pretendendo potenciar um perfil profissional que integra a investigação na prática profissional. Entende-se nos depoimentos a necessidade de garantir o primeiro patamar, base



indispensável e fundamental, esperando-se que os profissionais possam ir mais longe e atingir o “patamar da investigação”.

Embora se identifiquem caminhos diferentes, a importância da investigação na formação em Serviço Social é destacada, também como fundamental na formação dos estudantes de 1º ciclo, apontando-se como patamar mínimo que os estudantes se tornem consumidores informados de investigação. No entanto, as estratégias formativas adotadas seguem uma orientação que explora junto dos estudantes a utilidade da investigação na prática constituindo o contexto e experiência dos estágios instâncias fundamentais nesse processo formativo.

Regista-se nos discursos dos professores uma perspectiva que podemos designar de “ampla” que transcende, em certa medida, o domínio da formação para a investigação científica, na qual as competências adquiridas constituirão em qualquer circunstância ferramentas na prática profissional, mesmo que o assistente social não desenvolva investigações estruturadas, uma vez que os métodos e técnicas aprendidas podem e devem ser utilizados como forma de estudo e pesquisa das situações problemas, de forma a fundamentar a prática, como por exemplo da fase de diagnóstico. Ou dito de outro modo, as ferramentas, as lógicas e o espírito investigativo são fundamentais para todo o profissional mesmo quando este não desenvolva projetos estruturados de investigação científica. Esta visão, estando presente nos docentes das UC de Métodos e Técnicas de Investigação em Ciências Sociais, é particularmente enfatizada pelos UC de Estatística ou Métodos Quantitativos, procurando todos os docentes demonstrar a abrangência e importância das UC, para além do domínio da investigação enquanto ferramenta de leitura e elaboração de relatórios e ao permitirem posicionar o profissional nos processos de tomada de decisões.

No que respeita aos modelos de ensino-aprendizagem da investigação na formação inicial em Serviço Social observa-se, na generalidade das UC, independentemente dos casos em estudo, uma referência clara a metodologias de ensino-apren-

dizagem centradas nos estudantes. Valorizando-se, no caso dos UC de base de MTICS (incluindo a estatística), aulas teórico-práticas, com uma parte dedicada à exposição teórica e outra essencialmente focada em esbater o domínio de abstração associado aos conteúdos programáticos exposto, através de aulas práticas onde se recorre a casos práticos e exemplos da área do Serviço Social, e sempre que possível e a estrutura curricular o permite, a exemplos dos estágios dos próprios estudantes. Os trabalhos de avaliação nestas UC de base não implicam em nenhuma das IES o desenvolvimento de pesquisa de campo. No entanto, todas as IES reconhecem a importância de aplicação e treino da investigação no terreno para uma melhor incorporação dos conhecimentos. Desta forma, o Caso A e C fá-lo no relatório de estágio, enquanto o Caso B o desenvolve no âmbito da UC de Seminário de Investigação.

## CONCLUSÃO

Em todos os casos estudados o estágio desempenha um importante e fundamental papel para a aprendizagem da investigação, embora com duas dinâmicas distintas: i) é no estágio que se operacionaliza a investigação (constante no relatório de estágio - Caso A e Caso B); ii) é a partir do estágio enquanto campo empírico que o Seminário de Investigação desenvolve e treina as várias etapas de investigação (Caso C).

Estes resultados ajudam-nos a refletir sobre como formamos cuja partilha com a comunidade académica configura-se como uma oportunidade de melhorar a formação que prestamos. Isto não significa dizer que procuramos uma uniformização “cinzenta” da formação. Se por um lado devem existir Global Standards incontornáveis, e pelos quais nos devemos guiar, por outro lado existe espaço para que, de acordo com o contexto histórico das escolas, porventura territoriais, orientações gerais da IES, entre outros, se sigam determinadas orientações que lhes confira diferenças que, existindo, respeitam o ethos e os valores da profissão.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Adam, Najma, Zosky, Diane L., & Unrau, Yvonne A. (2004). *Improving the Research Climate in Social Work Curricula: Clarifying Learning Expectations Across BSW and MSW Research Courses*. Journal of Teaching in Social Work, 24(3-4), 1-18. doi: 10.1300/J067v24n03\_01.
- Amaro, Maria Inês. (2009). *Identidades, incertezas e tarefas do Serviço Social* *Locus Soci@l(2)*, 26-46.
- Bolin, Brien L., Lee, Kyoung Hag, GlenMaye, Linnea F., & Yoon, Dong Pil. (2012). *Impact of Research Orientation on Attitudes Toward Research of Social Work Students*. Journal of Social Work Education, 48(2), 223-243. doi: 10.5175/JSWE.2012.200900120.
- Eraut, Michael. (1994). *Developing Professional Knowledge and Competence*. London: Falmer Press.
- Gambrill, Eileen. (2007). *Transparency as the Route to Evidence-Informed Professional Education*. *Research on Social Work Practice*, 17(5), 553-560. doi: 10.1177/1049731507300149.
- Guzmán, María Ximena Méndez. (2009). *La identidad profesional... ¿una cuestión no resuelta en el Trabajo Social?*. In V. R. Yáñez (Ed.), Ensayos. En torno al trabajo social Buenos Aires Espacio Editora.
- Passarinho, Isabel. (2009). *A importância dos percursos profissionais na formação contínua e nas construções identitárias dos assistentes sociais*. *Intervenção Social(35)*, 367-388.
- Macke, Caroline, & Tapp, Karen. (2012). *Teaching Research to MSW Students: Effectiveness of the Team-based Learning Pedagogy*. Journal of Teaching in Social Work, 32(2), 148-160. doi: 10.1080/08841233.2012.668161
- Maschi, Tina, Wells, Melissa, Slater, Greta Yoder, MacMillan, Thalia, & Ristow, Jennifer. (2013). *Social Work Students' Research-Related Anxiety and Self-Efficacy: Research Instructors' Perceptions and Teaching Innovations*. *Social Work Education: The International Journal*, 32(6), 800-817. doi: 10.1080/02615479.2012.695343
- Moore, Linda S., & Avant, Freddie. (2008). *Strengthening Undergraduate Social Work Research: Models and Strategies* *Social Work Research*, 32(4), 231-235 doi: 10.1093/swr/32.4.231
-

# 10

**SERVIÇO SOCIAL, EMPREGABILIDADE,  
CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS  
ASSISTENTES SOCIAIS**

---

# A Empregabilidade no Serviço Social Português

---

**RUI DUARTE SANTOS**

CICS.NOVA. IPLeiria

**MARIA INÊS AMARO**

CIES.IUL

**CRISTÓVÃO MARGARIDO**

CICS.NOVA.I

01

## RESUMO

---

Atualmente, em Portugal, a contratação de assistentes sociais tem sido fortemente afetada pelas sucessivas reformas na administração pública e pelas medidas de austeridade face à crise financeira. As crescentes taxas de desemprego na profissão são cada vez mais referenciadas e muitos dos dados estatísticos apresentados aparentam uma crescente precarização da profissão. Assim, esta pesquisa pretende compreender a inserção profissional dos recém-diplomados em serviço social, bem como apontar futuras orientações para potenciar a sua inserção no mercado de trabalho.

Na parte empírica, este estudo procura abranger diversas instituições de ensino que ministram a licenciatura em serviço social em Portugal. Foi-lhes solicitado que articulassem com os estudantes que concluíram a licenciatura em serviço social nos anos de 2015, 2016 e 2017, facultando-lhes um *link* para resposta a um questionário *online* com variáveis sociodemográficas e relacionadas com a inserção profissional, tais como: género; idade; situação profissional durante e após a conclusão do curso; formações académicas após o curso; iniciativas de empreendedorismo; e articulação efetuada durante a formação com as entidades empregadoras.

Os resultados deste trabalho permitem compreender diversos processos de inserção profissional dos recém-diplomados em serviço social e fornece elementos relevantes para a tomada de decisões relativamente à empregabilidade no serviço social português.

**PALAVRAS-CHAVE:** Serviço Social; Inserção profissional; Recém-diplomados; Empregabilidade.

## ABSTRACT

---

Currently, in Portugal, the hiring of social workers has been strongly affected by successive reforms in public administration and austerity measures in the face of the financial crisis. The increasing unemployment rates in the profession are increasingly referenced and many of the statistical data

presented appear to be a growing precariousness of the profession. Thus, this research intends to understand the professional insertion of the recent graduates in social service, as well as to indicate future orientations to promote their insertion in the labor market.

In the empirical part, this study tries to cover several educational institutions that teach the degree in social work in Portugal. They were asked to articulate with students who completed their degree in social work in the years 2015, 2016 and 2017, providing them with a link to answer an online questionnaire with socio-demographic variables and related to professional insertion, such as gender; age; professional situation during and after the conclusion of the course; academic training after the course; entrepreneurship initiatives; and articulation made during the training with employers.

The results of this study allow us to understand several processes of professional integration of recent graduates in social service and provide relevant elements for decision making regarding employability in the Portuguese social work.

**KEYWORDS:** Social work; Professional insertion; Newly graduates; Employability.

## INTRODUÇÃO

---

Este trabalho faz parte de um estudo para obtenção do grau de Doutor em Serviço Social no ISCTE-IUL, onde o autor apresenta uma pesquisa sobre a formação e a empregabilidade no serviço social português. Os resultados aqui apresentados, no que concerne às questões relacionadas com a inserção diplomados no mercado de trabalho, incidem na Licenciatura em Serviço Social, lecionada na Escola Superior de Educação (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL).

Em Portugal, a formação em serviço social inicia-se em 1935, com a criação das primeiras escolas de serviço social e dos serviços sociais públicos. Limitada ao ensino superior privado até ao ano 2000, a formação em serviço social sofreu grandes altera-

ções, face às mudanças na conjuntura política, social e económica em Portugal. Branco e Fernandes (2005) assinalam algumas etapas importantes no serviço social em Portugal: em 1978 é estabelecida a Associação de Profissionais de Serviço Social e em 1989, é reconhecida a licenciatura no ensino superior privado. Em 2000, surge a licenciatura em serviço social na Universidade dos Açores, a primeira instituição de ensino universitário pública a ministrar este grau de formação.

Segundo Margarido (2012), a oferta formativa em serviço social teve um crescimento muito acentuado nas últimas décadas, aumentando, entre 1996 e 2011, de 5 para 27 formações<sup>1</sup> de licenciatura, em serviço social, distribuídas por 22 estabelecimentos de ensino superior. Para além deste aumento da oferta formativa, as transformações originadas pelo acordo de Bolonha vieram reduzir os tempos de formação dos cursos em serviço social, traduzindo-se, segundo Martins, Tomé e Carrara (2015) numa minimização dos conteúdos teórico-metodológicos e acentuação das competências técnico-operativas, que se tentam adequar ao mercado de trabalho em transformação.

As alterações descritas anteriormente, influenciaram também o aumento do número de diplomados em serviço social em Portugal (Martins, Tomé e Carrara, 2015). No entanto, resultado da crise política e financeira, em 2008 foram intensificadas as medidas de austeridade, levando ao empobrecimento da população portuguesa e, por conseguinte, os Assistentes Sociais não ficaram indiferentes à realidade social, sofrendo com elevada taxa de desemprego, alcançando em 2012 os 894 desempregados (Martins, Tomé e Carrara, 2015). Por conseguinte, em resultado da crise, começou a evidenciar-se o aumento das desigualdades sociais tanto ao nível da profissão como da formação, dificultando a inserção ou manutenção dos estudantes no ensino superior. Por conseguinte, em 2016, a oferta formativa reduziu para 17 cursos de ensino superior (Santos & Martins, 2016).

Considerando que o emprego é um dos principais mecanismos de integração social nas sociedades contemporâneas, as instituições de ensino superior têm manifestado cada vez mais interesse em acompanhar o percurso dos seus diplomados (Sarrico, et al. 2014). O conhecimento sobre a empregabilidade dos diplomados funciona, cada vez mais, como elemento de motivação para os alunos, que orientam as suas escolhas em função dos ciclos de estudos de ensino superior que mais empregabilidade conseguem gerar (Cardoso, et. al., 2012). É neste âmbito, que surge em 2014, o Projeto Formação e Empregabilidade Social na ESECS-IPLeiria com o objetivo de aproximar a formação académica dos estudantes às práticas profissionais do trabalho social e procurando aprofundar o conhecimento sobre a inserção no mercado de trabalho.

## **METODOLOGIA**

A recolha de dados aqui evidenciada são resultado da análise de um pré-teste com 46 diplomados da licenciatura em serviço social, que concluíram o seu curso durante os anos de 2013 e 2014 (138 diplomados do regime diurno e pós-laboral concluíram o curso nesses anos). Através da articulação com o “Projeto de Formação e Empregabilidade Social” da ESECS-IPL, foi possível adaptar um questionário de recolha de dados, já utilizado pelos investigadores Unidade de Investigação do CICS.NOVA. IPLeiria, que analisa vários domínios, tais como: situação laboral durante o curso; situação profissional um ano após a conclusão do curso; formações académicas após o curso; e iniciativas de empreendedorismo.

Os diplomados foram contactados por e-mail para responderem a um questionário *online*, preparado através do programa Google Forms.

Nos e-mails enviados esclareceu-se que os dados recolhidos serviam somente para a realização da investigação e que seriam totalmente confidenciais. As técnicas de tratamento de dados enquadraram-se na utilização dos programas informáticos – *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* e *Microsoft Office Excel*.

1. Destas 27 formações, 21 são no regime diurno e 6 em pós-laboral.

## RESULTADOS

Numa primeira dimensão procurámos analisar as atividades profissionais que os ex-alunos possam ter desenvolvido durante a licenciatura. Nesta dimensão foi-lhes pedido para não considerarem os estágios curriculares, e questionado se durante o curso, desenvolveram algum trabalho, mesmo que pontual, ganhando com isso dinheiro.

GRÁFICO 1  
DURANTE O CURSO, DESENVOLVEU ALGUM TRABALHO, MESMO QUE PONTUAL, GANHANDO COM ISSO DINHEIRO?



**39,2% SIM**  
**60,8% NÃO**

Os dados reportados no gráfico 1, mostram que 39,2% dos diplomados em Serviço Social, trabalharam durante a licenciatura. Este resultado é fortemente influenciado pelos ex-alunos do regime pós-laboral, que na sua maioria tinham uma atividade profissional remunerada.

GRÁFICO 2  
UM ANO APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO, DESENVOLVIA ALGUM TRABALHO, MESMO QUE PONTUAL, GANHANDO COM ISSO DINHEIRO?



**21,7% SIM**  
**78,3% NÃO**

Na segunda dimensão de análise (situação profissional um ano após a conclusão do curso) verificou-se que 78,3% destes diplomados em Serviço Social, estavam inseridos no mercado de trabalho.

GRÁFICO 3  
TRABALHO NA ÁREA DO SERVIÇO SOCIAL.



**42% SIM**  
**58% NÃO**

Por sua vez, o gráfico 4, permite-nos compreender que 58% dos diplomados em Serviço Social estavam a trabalhar na área do ciclo de estudos, o que revela uma elevada percentagem de empregabilidade em outras áreas, diferentes da formação académica.

GRÁFICO 4  
TIPO DE EMPRESA OU ORGANIZAÇÃO EM QUE TRABALHA-VA (ÁREA DO SERVIÇO SOCIAL)



**5%** Administração Pública  
(ex. Segurança Social, Hospitais)

**6%** Empresas Público-privadas  
(com capitais públicos)

**35%** Empresas privadas  
com fins lucrativos

**54%** Instituições Privadas de  
Solidariedade Social  
(ex. IPSS, Misericórdias)



As organizações de solidariedade social (ex. IPSS, Misericórdias, Fundações) são quem mais emprega os diplomados em Serviço Social deste pré-teste. Estas empresas privadas representam essencialmente o setor dos serviços (ex. comércio, transportes e comunicações). O setor público manifesta um claro constrangimento à contratação.

GRÁFICO 5  
ORDENADO MENSAL LÍQUIDO. (ÁREA DO SERVIÇO SOCIAL)



**50%** De 311 a menos de 600 Euros

**24%** De 601 a menos de 900 Euros

**13%** De 901 a menos de 1200 Euros

**13%** De 1201 a menos de 1800 Euros

O ordenado mensal líquido dos diplomados, um ano após a conclusão do curso, para 50% dos sujeitos, variava entre os 311 e os 600 euros por mês.

GRÁFICO 6  
FORMAÇÃO ACADÉMICA APÓS A FINALIZAÇÃO DO CURSO



**67% SIM**

**33% NÃO**

Relativamente à terceira dimensão de análise (formações académicas após a conclusão do curso) constatou-se que apenas 33% dos diplomados em Serviço Social, realizaram uma formação académica posteriormente.

GRÁFICO 7  
TIPO DE FORMAÇÃO ACADÉMICA REALIZADA



**71%** Mestrado

**26%** Pós-Graduação

**3%** Licenciatura

Destes 32% de diplomados que realizaram uma formação académica após a finalização do curso, 71% realizou mestrado, 26% pós-graduação e 3% outra licenciatura.

GRÁFICO 8  
ENVOLVIMENTO NA CRIAÇÃO DE EMPRESAS, PROJETOS  
OU INICIATIVAS AFINS



**37% SIM**

**63% NÃO**

Na última dimensão (iniciativas de empreendedorismo) verificou-se que 37% dos diplomados se envolveram em iniciativas de criação de empresas, projetos ou afins.

#### GRÁFICO 9

AMBIÇÃO FUTURA PARA PARTICIPAR NA CRIAÇÃO DE EMPRESAS, PROJETOS OU INICIATIVAS AFINS



87% SIM

13% NÃO

Quando questionados sobre a ambição de no futuro participar na criação de empresas, projetos ou iniciativas afins, 87% dos ex-alunos inquiridos responderam que sim.

## SÍNTESE CONCLUSIVA

Os resultados deste trabalho permitem compreender que os números de empregabilidade um ano após a conclusão do curso, quase duplica quando comparado com o de inquiridos que trabalhava durante o curso (39%). Estes dados parecem apontar que a conclusão da licenciatura é um fator preponderante para uma maior empregabilidade.

Por sua vez, os dados permitem-nos também perceber que dos 78% dos diplomados em Serviço Social, que estavam empregados um ano após a conclusão da licenciatura, apenas cerca de metade estavam a trabalhar na área do seu ciclo de estudos. De acordo com Costa (2001), estar empregado significa, para além da fonte de rendimento, uma ligação à sociedade e à rede de relações interpessoais. É também importante referir que, embora muitos diplomados consigam participar na vida económica do país, o sentimento de realização profissional nem sempre é alcançado, (ou pleno) visto que grande parte consegue emprego fora da área profissional do Serviço Social.

Relativamente às formações académicas após a conclusão do curso, constatou-se que um terço dos diplomados em Serviço Social, que concluíram nos anos letivos selecionados, realizaram uma formação académica posteriormente, sobretudo mestrados e pós-graduações.

Na conjuntura atual de desemprego o empreendedorismo é tido como uma medida recorrente das políticas ativas de emprego. Os dados recolhidos revelam que 37% diplomados em Serviço Social se envolveram em iniciativas de empreendedorismo. E quando questionados sobre a ambição de no futuro participar na criação de empresas, projetos ou iniciativas afins, 87% dos inquiridos responderam que sim. Neste sentido, parece-nos importante reforçar a aposta numa formação voltada para a atitude empreendedora capaz de reconhecer oportunidades e aceder a incentivos financeiros que possam aumentar futuramente a empregabilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, F. & FERNANDES, E. (2005). *O Serviço Social em Portugal: Trajetória e Encruzilhada*, Lisboa (original: Branco, Francisco e Fernandes, Ernesto *Le service social au Portugal: trajectoire et enjeu*, in Jean-Pierre Deslauriers e Yves Hurtubise (dir.), *Le travail social international. Éléments de Comparaison*, Canadá, Les Presses de l'Université Laval, 2005, p.165-186).

CARDOSO, J.; (coord); Varanda, M.; Madrugá, P.; Escária, V. e Ferreira, V. (2012). *Empregabilidade e Ensino Superior em Portugal*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), CIRIUS e ISEG-UTL.

COSTA, A. (2001). *Exclusões sociais*. Lisboa: Gradiva.

MARGARIDO, C. (2012). *Trajectórias Pessoais e Identidades Profissionais de Assistentes Sociais*. Tese de Doutoramento em Serviço Social. Universidade Católica Portuguesa, Portugal.

MARTINS, A.; TOMÉ, R. & CARRARA, V. (2015). A emigração dos assistentes sociais portugueses: faces do trabalho e do desemprego em tempos de crise e austeridade. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 121, p. 95-124.

MARTINS, A. (2010). *Formação e mercado de trabalho em Serviço Social, nos últimos 20 anos em Portugal*. In: CONGRESSO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2., Almada.

SANTOS, C.M.; MARTINS, A.M.C. (2016). *A formação do assistente social em Portugal: tendências críticas em questão*. Florianópolis: R. Katál, v. 19, n. 3, p. 324-332

SARRICO, C.; ROSA, M.; TEIXEIRA, P.; MACHADO, I. & BISCAIA, R. (2014). *A Eficiência Formativa e a Empregabilidade no Ensino Superior Português*, N.º 8, Lisboa: A3ES.

# 11

SERVIÇO SOCIAL E METODOLOGIAS  
DE INTERVENÇÃO

---

# O que é o caso social?

---

INÊS GUERRA

01

## RESUMO

---

A área da saúde é historicamente um dos principais campos de intervenção do Serviço Social. A prática profissional dos assistentes sociais na área da saúde tem vindo a desenvolver-se com o objetivo de responder a preocupações de promoção e atenção à saúde, as quais se tornaram centrais nas atuais conceções de saúde, reconhecendo que o processo saúde-doença é determinado socialmente.

A construção do caso social requer uma reflexão sobre o contexto institucional e o desempenho dos diferentes membros da equipa interdisciplinar. Considera-se que o caso social pode surgir de diferentes formas, influenciado tanto pelas orientações institucionais, como pela intervenção dos diferentes profissionais.

O estudo permitiu concluir que o caso social é um conceito transversal às várias áreas de intervenção presentes dentro de um Hospital, mas com sentidos e enfoques diferentes de acordo com os serviços de especialidade e com os atores profissionais.

Podemos definir caso social como a descrição de uma determinada situação da vida real. Esta descrição corresponde ao ponto de vista de um ou vários profissionais, portanto, admitimos que o caso social, a partir de uma perspetiva globalizada, é a expressão de uma série de perceções existentes sobre a realidade. Estas perceções estão condicionadas por experiências prévias (tanto pessoais como profissionais), valores e sentimentos, de modo que cada um dos envolvidos no caso interpreta a situação de acordo com a sua carga pessoal.

## ABSTRACT

---

The health sector has been one of the main areas of Social Work intervention. The professional practice of social workers within health has evolved in order to meet promotion and health care concerns, which have become central in the current concepts of health, recognizing that the health-disease process is socially determined.

The social case's construction requires a reflection about the institutional context and the performance of different members from the interdisciplinary team. It's considered that the social case can arise in different ways, influenced both by institutional guidelines, such as the different professionals' intervention.

We can define social case as the description of a particular real life situation. This corresponds to the view of one or more professionals, therefore, we assume that the social case, from a global perspective, it's the expression of several existing perceptions about reality. These perceptions are conditioned by previous experiences (both personal and professional), values and feelings, so that everyone involved in the case interprets the situation according to its personal background.

## O QUE É O CASO SOCIAL?

---

A comunicação apresentada resulta da investigação realizada para a tese de doutoramento em Serviço Social, a qual pretendeu refletir sobre a construção do «caso social» na área da saúde, especificamente em contexto hospitalar.

Pretendeu-se estudar como é que se constrói um caso social na prática profissional dos assistentes sociais, designadamente, identificar que critérios ou parâmetros estão subjacentes a esta definição. Escolhemos como campo empírico da saúde, porque para o Serviço Social a saúde tem sido um dos principais campos de atividade profissional e pode mesmo dizer-se que constitui uma das grandes áreas de fundação do Serviço Social como profissão, não só em Portugal como a nível internacional. Por outro lado, pretendeu-se compreender como é que a equipa interdisciplinar presente na área da saúde participa, ou não, na construção de um caso social e como é que o Serviço Social se relaciona nesta construção com os restantes profissionais presentes na equipa.

Pretendeu-se perceber como se constrói um caso social na área da saúde, a partir dos próprios con-

textos onde os profissionais de saúde estão inseridos, havendo por parte da investigadora uma atitude de abertura e receptividade face às questões que ressaltavam do campo empírico e da leitura dos próprios profissionais.

A estratégia metodológica adotada no estudo efetuado enquadra-se na perspetiva de uma investigação qualitativa, tendo-se utilizado como procedimento fundamental, o estudo de caso. O trabalho empírico foi desenvolvido no Hospital de Santa Maria, especificamente em 5 serviços de especialidade. Em cada serviço foram entrevistados 3 profissionais: assistente social, médico e enfermeiro, num total de 15 entrevistas. Foi igualmente realizado um período de observação, durante o qual a investigadora acompanhou o quotidiano profissional dos assistentes sociais, o que permitiu adquirir uma melhor perceção do vocabulário, da prática profissional e das especificidades de cada serviço.

O estudo referido permitiu concluir que o caso social é um conceito transversal às várias áreas de intervenção presentes no Hospital, assumindo sentidos e enfoques diferentes de acordo com os fatores identificados por cada serviço de especialidade cruzados com a leitura dos diversos profissionais. Deste modo, admitimos que o caso social adota uma perspetiva globalizada e traduz a expressão de uma série de perceções existentes sobre a saúde, a pessoa e a sua realidade existencial. Atualmente, a intervenção em Serviço Social é construída, na relação entre profissional e pessoa, enquadrados por uma organização, em interação com as redes sociais mais amplas, para equacionar respostas para um dado problema, contextualizado.

A construção do caso social requer uma reflexão sobre o contexto institucional e o desempenho dos diferentes membros da equipa interdisciplinar. Considera-se que o caso social pode surgir de diferentes formas, influenciado tanto pelas orientações institucionais, como pela intervenção dos diferentes profissionais.

O «caso social» refere «a pessoa-em-situação» e o seu estado de saúde, integrando as condições pessoais, sociais e ambientais numa abordagem holística que considera tanto as pessoas como as suas redes de relação e os seus contextos existenciais.

Os dados revelaram-nos que as respostas sociais e redes de articulação existentes devem ser valorizadas, e reformuladas no sentido da diversificação dos serviços prestados, respondendo para além das necessidades básicas, permitindo a multidisciplinariedade das respostas na própria comunidade, por forma a manter e reforçar as redes sociais da pessoa, no seu contexto social.

No contato com o campo empírico percebemos que o caso social se constrói na conjugação de dois sistemas: o que integra Assistente Social/Pessoa/Equipa Clínica, sistema interno. É através desta relação que o caso social se constrói e que também se decide quais são os moldes ou formas como o problema colocado vai ser intervencionado pelo Serviço Social. Nesta relação face-a-face, construída em contexto hospitalar, existem elementos fundamentais para a continuidade dos cuidados de saúde. Na preparação da alta clínica/alta social, a Família (quando existe), ou a rede primária, podem ser elementos preponderantes, no sentido em que são fatores fundamentais no apoio, suporte e gestão da doença que afeta determinada pessoa. E o sistema externo, que integra a organização – hospital - o contexto social – a comunidade e as políticas sociais – contexto societário.

Considera-se que a construção do caso social é mais complexa do que inicialmente se previa, existem elementos que não se equacionavam anteriormente e que aparecem como elementos fundamentais para esta construção de caso social, nomeadamente: as competências da pessoa doente para lidar com a sua situação, os recursos sociais e o suporte familiar, a par do fator Tempo.

A definição de «caso social» depende não só dos fatores definidos pelo serviço de especialidade, mas também, da capacidade de resposta dos recursos da família e da comunidade. Isto é, quando a rede local consegue responder aos pedidos colocados pelo Assistente Social, surge como um elemento facilitador do bem-estar do doente/pessoa agilizando o seu regresso ao domicílio ou a uma resposta especializada. Quando, pelo contrário, esta resposta da comunidade não se encontra disponível dentro do tempo do hospital, podemos dizer que surge um elemento bloqueador, pois é necessário protelar a alta clínica por não haver condições para declara uma “alta social”.

O Tempo surge também como recurso; pois o tempo do hospital/ serviço de especialidade/ equipa médica calcula-se pelo tempo necessário à estabilização da parte clínica do doente e consequentemente à declaração da alta clínica. Daí a necessidade de o Serviço Social preparar a alta social para esta, sempre que possível, coincidir com a alta clínica, pois o tempo da família coloca-se na condição de haver uma conciliação da vida conjugal e familiar com a prestação de cuidados no domicílio e a vida laboral. Muitas vezes a família não pode cuidar dos seus “doentes” porque não tem capacidade para conciliar todas estas obrigações.

Entende-se que o processo de construção de um caso social consiste numa série de operações e ações tendentes a acompanhar uma pessoa e resolver a sua situação-problema, sendo vivido no âmbito de uma relação interpessoal de cariz profissional. Assim, o caso social surge de qualquer necessidade concreta a que a pessoa não pode responder, pelos seus meios, ou de obstáculos externos ou internos a realizações consideradas necessárias para uma vida equilibrada, ou de uma acumulação de frustrações ou desajustamentos e, por vezes, de um conjunto de tudo isto, que ataca ou ameaça o equilíbrio da pessoa na sua “situação” social ou a sua capacidade para se mover satisfatoriamente nela.

Pode-se admitir que o caso social, a partir de uma perspetiva globalizada é a expressão de uma série de perceções da realidade. Estas perceções podem ser condicionadas por experiências anteriores, pré-juízos, valores e sentimentos de quem descreve o ou os atos, portanto cada um dos envolvidos no caso social interpreta a situação em concordância com a sua carga pessoal. O caso social não se determina nem pelo tipo de cliente, nem de problema, mas pela conjugação dos determinantes para o bem-estar biopsicossocial e ambiental do sujeito utente face à doença e aos recursos e competências que este consegue mobilizar para garantir a continuidade dos cuidados e tratamentos.

A análise empírica realizada revelou-nos existirem duas perspetivas para definir o caso social:

> Perspetiva funcionalista ou objetiva: nesta, o caso social só é definido em termos de conteú-

dos funcionais do serviço prestado: só há caso social quando, deixando de haver prestação clínica, a pessoa não pode ser liberta e continua a necessitar da prestação de um serviço (social). Isto é, uma definição focalizada sobre os recursos e a relação do utente com o sistema de recursos, centrada na acessibilidade.

> Perspetiva diagnóstica ou substantiva: nesta, considera-se caso social toda a situação que necessita de uma intervenção de cariz social, independentemente da evolução da sua situação clínica sendo uma perspetiva mais interativa e multidimensional da análise das situações. A situação é avaliada, não consoante a situação no serviço (ou é clínica ou é social), mas consoante os reais contornos da situação (a forma como a pessoa sente e vive a situação e a sua condição social). Isto é, focalizada sobre a história do utente e sua família, suas capacidades e competências para a continuidade dos cuidados, centrada na relacionalidade da pessoa com os seus grupos de pertença e a comunidade.

Conclui-se, assim, que existe um incipiente debate científico e institucional sobre este tema; uma análise crítica sobre as duas perspetivas permitira perceber que elas não são contrárias e excludentes, mas sim diferentes e complementares.

Considera-se que esta tese deixa alguns desafios para futuras investigações em Serviço Social, pois encaramos este percurso como o início de um longo caminho que se pode desbravar neste campo do Serviço Social.

Ainda que conscientes de que abordar este tema é polémico, ou mesmo desconfortável para o Serviço Social, e que por este motivo implicou cuidados especiais na abordagem ao tema, considera-se que deve existir um espírito de abertura para assuntos pouco desvendados mas essenciais a um Serviço Social mais esclarecido. Repensar a intervenção é uma questão central para o Serviço Social contemporâneo, o que requer criatividade e inovação, a fim de melhorar as próprias práticas institucionais, sendo que isso só é possível através da construção de uma identidade profissional articulada com um projeto profissional coletivo.



---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BECKETT, Chris (2006), *Essential Theory for Social Work Practice*, London: Sage Publications.
- BEDER, Joan (2006), *Hospital Social Work: the interface of medicine and caring*, London: Routledge
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas (2004), *A Construção Social da Realidade: Um Livro sobre a Sociologia do Conhecimento*, Lisboa: Dinalivro.
- BISCAIA, André et al, (2005), *Cuidados de Saúde Primários em Portugal: Reformar para novos sucessos*, Lisboa: Padrões Culturais Editora
- CABRAL, M. Villaverde, et al, (2002), *Saúde e doença em Portugal*, Lisboa Imprensa de Ciências Sociais
- CARAPINHEIRO, Graça (2005), *Saberes e Poderes no Hospital*, Porto, Edições Afrontamento, 4ª edição
- COWLES, L. A. F (2003), *Social work in the health field- a care perspective*, New York: the Haworth Social Work Practice Press.
- GUERRA, M. Inês Lisboa (2009) *O Serviço Social e o Agir Profissional: O Caso dos Centros de Saúde*, tese de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, documento policopiado.
- GUERRA, Inês (2019) *O que é o Caso Social? Estudo sobre a construção do caso social em contexto hospitalar*. Lisboa: UCEditora
-

---

# Planear a Intervenção Social em Rede

---

Preplexidades no planeamento  
inter e intra organizacional

---

**JOAQUIM FIALHO**  
Universidade de Évora / CICS.NOVA

**JOSÉ SARAGOÇA**  
Universidade de Évora / CICS.NOVA

02

## RESUMO

---

A vida em sociedade sustenta-se na arte de planejar. Planeamos a nossa organização da vida familiar e profissional, planeamos a nossa carreira enquanto profissionais dos mais variados setores, estruturamos a educação dos nossos filhos, pensamos as nossas férias ou as nossas atividades de lazer, organizamos encontros com os amigos, até aos mais inimagináveis passos da nossa vida quotidiana. Ou seja, esta lógica simplista ajuda-nos a perceber que o planeamento está presente em todas as faces da nossa vida em sociedade. Num outro reverso, e no quadro de uma maior complexidade e sistematização da ação, fazer planeamento é estruturar uma determinada intervenção para que sejam atingidos objetivos de um determinado projeto, ideia ou estratégia. Planear é introduzir um rumo provocado num determinado processo, sem o qual, esta nossa intervenção não chegava ao seu destino.

Ao falarmos em planeamento, estamos a colocar o nosso foco no futuro. Estamos a alterar o rumo de um determinado problema social ou até mesmo, de uma situação social. Esta rutura com o foco no futuro é a base desta comunicação onde são apresentados registos dos autores sobre as práticas de planeamento da intervenção social resultantes de duas décadas de coordenação de trabalhos de planeamento da intervenção social.

## ABSTRACT

---

Life in society is sustained in the art of planning. We plan our organization of family and professional life, plan our career as professionals of different sectors, structure our children's education, think about our holidays or our leisure activities, organize meetings with friends, even the most unimaginable steps of our daily lives. That is, this simplistic logic helps us to realize that planning is present in all faces of our life in society. On the other hand, and in the context of a greater complexity and systematization of the action, planning is to structure a certain intervention in order to achieve the objectives of a given project, idea or strategy. To plan is to introduce a

course provoked in a certain process, without which, this our intervention did not reach its destination.

When we talk about planning, we are putting our focus on the future. We are changing the course of a certain social problem or even of a social situation. This break with a focus on the future is the basis of this communication where the authors' records are presented on the social intervention planning practices resulting from two decades of coordination of social intervention planning works.

## INTRODUÇÃO

---

Este capítulo tem como ambição teórico-metodológica demonstrar as potencialidades da análise de redes sociais enquanto metodologia de passível utilização na elaboração de diagnósticos sociais. Contruir "um diagnóstico social é conceber uma radiografia sobre o social, num determinado momento, e face a um contexto delimitado. Um diagnóstico é um processo apuradamente complexo de descrição do sentido da realidade sobre um problema social, uma dada situação de um grupo, comunidade, território, etc. Fazer um diagnóstico é desmontar a complexidade do social" (Fialho et al, 2015, p.16). Na construção desta radiografia do social, a análise de redes sociais surge como um elemento complementar de descodificação das interações sociais entre os vários atores, tornando visíveis lógicas e estratégias de ação dos vários atores sociais.

A análise de redes sociais, enquanto teoria e metodologia, estuda as relações entre vários elementos, designadamente, pessoas, grupos, organizações, etc., sendo que, com cada tipo de relação se pode construir uma rede diferente. Uma das principais diferenças das análises sociológicas tradicionais que explicam a conduta dos atores em função, por exemplo, da classe social ou profissão, é que a análise de redes sociais se centra fundamentalmente nas relações e atributos desses elementos. Quer isto dizer que a matriz que suporta a análise de redes sociais é a estrutura das relações que assumem um carácter explicativo mais significativo que os atributos pessoais dos elementos que compõem um determinado sistema.

Recentemente, a análise de redes sociais tem vindo a consolidar-se, fruto dum enorme desenvolvimento das técnicas de análise de matrizes e grafos, nomeadamente beneficiando do impulso desenvolvimento de ferramentas informáticas. Associado a este contributo tem estado a estatística e a matemática que, por influência das suas técnicas, tem permitido à sociologia objetivar muitas das análises de redes sociais.

Particularmente, a sociologia e a teoria dos grafos pretendem analisar a dinâmica do grupo em função das relações que os seus membros estabelecem. Esta análise estrutural fornece indicadores que permitem identificar algumas propriedades do grupo ou até mesmo caracterizar a influência que cada indivíduo ocupa no grupo.

Verifica-se ainda alguma perturbação relativamente ao significado atribuído à análise de redes sociais. Estas indefinições resultam de determinadas disciplinas e correntes dentro das mesmas disciplinas transmitirem vários significados e formas. Por outro lado, a nível bibliográfico, encontramos muita produção a nível internacional, ao invés do quadro nacional onde escasseiam ou quase não existem sinais de produção bibliográfica na área.

Mesmo assim, apesar destes avanços, a análise de redes sociais continua a estar associada a uma elite de cientistas sociais que dominam uma linguagem muito particular e que, em certa medida, pode funcionar como um obstáculo para os cientistas sociais mais familiarizados com a lógica dos atributos nas suas análises dos fenómenos sociais.

Dentro desta linguagem muito particular, as matrizes e os grafos têm-se constituído como a principal ferramenta para traçar e apresentar as interações entre indivíduos, grupos e organizações.

Por conseguinte, tal como referem Alejandro e Norman (2005), as características particulares da análise de redes sociais fazem com que as ferramentas estatísticas de uso corrente no seu todo não sejam adequadas para a análise das redes.

É por esta razão que, um pouco por todo o mundo, vários investigadores têm desenvolvido instrumentos matemáticos/informáticos específicos para a análise de redes sociais, nomeadamente ao nível

de ferramentas que permitem criar e analisar indicadores que explicam a estrutura individual e coletiva duma determinada rede.

## **1. A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS NO DIAGNÓSTICO INDIVIDUAL E ORGANIZACIONAL**

As redes sociais são um campo de estudo que foca o padrão ou estrutura das relações entre um número de atores. Por exemplo, ao passo que, as explicações tradicionais sobre o sucesso de carreira profissional se focam no treino e educação do indivíduo, uma perspetiva de rede social focará a relação do indivíduo com os restantes atores nessa organização (Krackhardt, 1992).

Para compreender como uma análise de rede social é diferente das perspetivas dos fenómenos sociais, é útil compreender a diferença entre unidades de análise e nível de análise.

Começando pela unidade de análise, Krackhardt (1992) afirma que esta se refere ao agregado de pessoas nas unidades de interesse primário como atores principais do sistema.

Já o nível de análise pode corresponder a três níveis: à díade, indivíduo, grupos.

Assim, o nível mais simples de análise é a díade, um par de atores. Numa rede díade é estudada a importância de uma variável, a relação entre dois atores sociais, laços (amizade, parentes, patrão e subordinados) e a força da relação.

Por sua vez, o segundo nível de análise é a rede de um ator individual, o qual se refere à rede ego ou rede egocêntrica. Dimensão, centralidade, densidade, constrangimento e alcance são propriedades da rede utilizadas frequentemente em estudos de redes egocêntricas (Krackhardt, 1992).

Por último, o terceiro nível de análise, analisa o grupo como um todo, um agregado de redes ego-cêntricas: um sistema de N atores valoriza um observador para analisar a rede. Neste nível agregado de análise, o foco está nas características da rede como um todo, como é o exemplo do estudo da densidade (Krackardt, 1992).

Cada nível de análise decompõe diferentes aspectos caracterizantes da rede.

- > Díade: A díade é um par no qual a individualidade de cada indivíduo é eliminada em detrimento da unidade desse par no seio da qual se organizam certos tipos de ligações, estudando o aspeto da estrutura no qual as relações estão focadas, com a questão central “De onde veem os laços?” Entre os diversos e inúmeros estudos realizados sobre redes sociais, uma linha de trabalho salta à vista a de que os laços na rede tendem a existir entre pessoas similares (Homofilia). A homofilia refere-se a relações de amizade que são formadas entre pessoas do mesmo sexo, raça, idade, ocupações, entre outros exemplos (Krackardt, 1992).

De forma a compreender o porquê de certos tipos de laços se constituírem, existem outros estudos que consideram os efeitos particulares de certos tipos de laços ou conteúdos relacionais. Exemplos destes estudos que aprofundaram de forma cuidada o conteúdo das relações em díade, incluem-se Douthit's (2000) que estudou o facto, da subordinação estar relacionada com as qualidades do padrão numa determinada organização e também o estudo de Reagan's (2000) que estudou o facto da similaridade social entre colegas influenciar ou não o seu grau de performance (Krackardt, 1992).

Porque escolhemos especificamente outros para serem nossos amigos?

São diversos os fatores que podem ajudar a responder a esta questão. As pessoas preferem interagir com outros que são idênticos e tendem também a associar-se com outros que partilhem as mesmas crenças, ideias, valores, etc. Um outro fator predominante e que influencia a formação e retenção de laços numa rede prende-se com a distância física. Sendo o terceiro fator, o afeto já que,

as pessoas têm tendência a interagir com outros pelos quais nutrem afeto (Krackardt, 1992).

Segundo Wellman (1997), a análise de redes sociais assenta fundamentalmente em duas perspetivas analíticas que se complementam:

- > A egocêntrica em que o tipo de análise está direcionado para um determinado (nó/ator) (ego) e outros (nós/atores) da rede com os quais o nó egóico mantém relações. O número, a magnitude e a diversidade das conexões estabelecidas direta ou indiretamente com o ego determina os restantes nós da rede.
- > A rede sociocêntrica (completa), na qual a informação sobre o padrão de laços entre todos os nós de atores na rede é utilizada, de um modo geral, para identificar os subgrupos reticulares com um maior nível de coesão interna.

A nível egocêntrico ou rede individual, a análise é focada na forma como as características dos indivíduos na rede afeta os resultados, por exemplo, os comportamentos.

A influência de opiniões e crenças de outros influenciam e afetam o funcionamento de uma organização como é ilustrado por Krackhardt e Porter (1985), olhando para uma rede conteúdo - laços de amizade – para prever satisfação no trabalho. Ambos referem no seu estudo que quando colaboradores de uma organização que são fontes de informações negativistas influenciam e partilham o seu negativismo com os atores que lhes estão mais próximos. No entanto, referem que aquando da saída destes elementos, os atores distantes, mantinham a sua performance já que se encontravam de certa forma isolados ao passo que, os atores mais próximos daqueles que saíram da organização, aumentavam a sua performance e motivação já que não estavam sujeitos ao seu negativismo (Krackhardt, 1992).

Por sua vez, a partir da perspetiva de rede completa é fundamental identificar os papéis e posições sociais que se manifestam pelo padrão das relações observadas entre os atores da rede. Para ilustrar estudos sobre os grupos de redes intra-organizacionais que realcem o conteúdo relacional, importa realçar a pesquisa de Krackhardt em

1993, a qual foca um grupo de sindicalistas que tentam criar um grupo de informação tecnológica. Estes utilizaram uma rede de autoridade formal à imagem do organograma da empresa e escolheram um colaborador (Hal) devido à sua posição na rede formal para representar o sindicato num processo de certificação e para liderar encontros onde a formação do sindicato seria discutida. Trata-se de um colaborador que embora possua essa posição formal, tenha uma boa capacidade de expressão e seja enfático, apresenta pouca influência através dos seus laços na rede. No final deste processo, o sindicato acabou por perder a certificação, com uma derrota clara, embora a afluência de pessoas inscritas fosse superior a 70 %. Krackardt no seu estudo recolheu informações sobre as redes informais da empresa verificando que no centro da rede de amizades se encontrava outro colaborador (Chris), que não era somente um líder informal entre os seus colegas, mas mantinha também laços fortes com colaboradores fora do seu grupo local de colegas, enquanto, Hal se encontrava na periferia desta rede de amizade. Chris que tinha um poder natural de liderar e que ocupava uma posição central na rede de amizades foi ignorado pelo sindicato e guardou para si os seus próprios pensamentos ao invés de os utilizar na campanha para o sindicato. Constata-se com este estudo que o sindicato falhou em reconhecer o apoio e a posição do colaborador Chris, tendo apenas presente, uma rede formal e escolhendo, portanto, Hall (Krackhardt, 1992).

O campo de redes sociais proporciona uma perspectiva no fenómeno social que foca as relações entre indivíduos como o núcleo duro de um grupo. Diferentes níveis de análise emergem desta perspectiva proporcionando cada nível, visões de como os indivíduos operam dentro dos grupos e de como interagem. O nível de análise pode dar informações e conhecimento único sobre o quanto complexo as situações sociais são, tornando-se, portanto, de extrema importância e dando um enorme contributo, aos líderes das organizações, melhorando as suas estratégias junto dos seus colaboradores.

## **2. AS REDES SOCIAIS COMO CAPITAL SOCIAL**

Segundo Portugal (2007), o conceito de capital social apresenta bastantes semelhanças com o conceito de rede. Ambos ultrapassaram as fronteiras das comunidades académicas, sendo discutidas em inúmeros campos de conhecimento.

Sendo as redes sociais um conceito baseado na análise de relações sociais faz todo o sentido criar algum paralelo entre capital social e rede social. Várias pesquisas na área de capital social tendem a focar-se na estrutura formal dos laços ou relações que formam uma rede social, isto é, as fontes de capital social seriam estruturais ou relacionais. O conteúdo das relações interpessoais explicaria as motivações e as habilidades necessárias para a formação de capital social (Lazzarini, 2000).

Naturalmente que para qualquer indivíduo é importante que exista um equilíbrio entre laços fortes e fracos.

Importa ainda ter em conta que, se por um lado, os laços fortes unem pessoas próximas e semelhantes, gerando um capital social exclusivo, por outro lado, os laços fracos podem ser convertidos em capital social, do tipo inclusivo.

O conceito de capital social tem-se demonstrado bastante relevante para os mais diversos campos de aplicação, permitindo assim um melhor entendimento das relações entre indivíduos ou empresas e os seus efeitos no desempenho económico (Lazzarini, 2000).

Na nossa vida quotidiana, os indivíduos estabelecem várias relações interpessoais. Cada um de nós faz parte de uma família, de um grupo de amigos, de uma cultura, religião, que exerce a sua profissão num determinado contexto profissional, sendo todas estas relações, redes sociais, as quais são um elemento importantíssimo no capital social, como foi possível constatar nas páginas que se antecederam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir um diagnóstico social não é uma mera compilação de indicadores sociais ou uma simples ordenação de estatísticas sociais. Fazer um diagnóstico social pressupõe um trabalho de descodificação de zonas ocultas, cujas estatísticas sociais nem sempre colocam à superfície da dinâmica social.

A análise de redes fornece uma explicação consistente sobre o comportamento social, baseada em modelos de interação entre os atores sociais, em vez de estudar os efeitos independentes de atributos individuais ou relações. Esta explicação é, em nosso entender, um caminho para descodificação do quadro de interações entre os vários atores sociais e, simultaneamente, uma garantia de uma radiografia fidedigna do palco onde ocorre a ação. Por outro lado, a possibilidade da visualização das interações, através dos grafos ou sociogramas, traduz-se noutra enorme potencialidade da análise de redes sociais ao serviço do diagnóstico social.

O modo como os indivíduos são condicionados pelo tecido social que os envolve, mas, também, o modo como eles o usam e modificam consoante os seus interesses, poderá ser compreendido/diagnosticado através da análise da rede, a qual permi-

tirá evidenciar a estruturação do comportamento individual, sem perder de vista a sua inserção nas estruturas sociais.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alejandro, V.; Norman, A. (2005). *Manual introductorio al análisis de redes sociales*. Disponível em: [www.redes-sociales.net](http://www.redes-sociales.net), consulta em 01/09/2005.

Fialho, J. (2008). *Redes de cooperação interorganizacional: o caso das entidades formadoras do Alentejo central. Dissertação de doutoramento em sociologia*. Universidade de Évora: Évora.

Fialho, J.; Silva, C.A.; Saragoça, J. (2015). *Diagnóstico social. Teoria, metodologia e casos práticos*. Lisboa: Edições sílabo.

Krackhardt, D.; Porter, L. W. (1985). "When friends leave: a structural analysis of relationship between turnover and stayer's attitudes". *Administrative science quarterly*, 30: pp. 242-261.

Krackhardt, D. (1992). *The strength of strong ties: the importance of philos in organizations*. In Nohria, N; Eccles. R. (eds.). *Networks and organizations: structure, form and action*. 216-239. Cambridge: Harvard business school press.

Lazzarini, S.; Chaddad, F.; Neves, M. (2000). *O conceito de capital social e aplicações para o desenvolvimento e estratégia sustentável*. Disponível em: <http://www.capitalsocial.cbj.net>, consulta em 18 de maio de 2003.

Portugal, S. (2007). *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. Coimbra: oficina do ces, n.º 271. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>, consulta em 27/07/2008.

---



---

## **Redes, parcerias e outras estratégias de (in)ação colectiva na intervenção social**

---

**JOAQUIM FIALHO**  
Universidade de Évora / CICS.NOVA

**JOSÉ SARAGOÇA**  
Universidade de Évora / CICS.NOVA

**03**

## RESUMO

---

Este artigo resulta de um trabalho de diagnóstico social sobre as dinâmicas de interação social de vinte e cinco Misericórdias de um distrito a sul de Portugal. Os resultados aqui apresentados refletem, apenas, a aplicação da metodologia de análise de redes sociais na descodificação das interações sociais.

Para o desenvolvimento do diagnóstico social os autores do estudo conceberam um modelo de análise constituído por seis dimensões. Deste modelo, apenas será aqui apresentada a dimensão de análise de redes sociais.

Entre os principais resultados obtidos, destacamos a fragilidade das interações entre as organizações e o elevado individualismo na ação.

**PALAVRAS-CHAVE:** redes sociais, análise de redes sociais, diagnóstico social, misericórdias

## ABSTRACT

---

This article results from a social diagnostic work on the dynamics of social interaction of twenty - five Mercies of a district to the south of Portugal. The results presented here only reflect the application of the methodology of social networks analysis in the decoding of social interactions.

For the development of the social diagnosis the authors of the study conceived an analysis model consisting of six dimensions. From this model, only the analysis dimension of social networks will be presented here.

Among the main results obtained, we highlight the fragility of the interactions between organizations and the high individualism in action.

**KEYWORDS:** social networks, social networks analysis, social diagnosis, mercies

## CAPÍTULO I REDES E DIAGNÓSTICO SOCIAL

---

### A PROPÓSITO DO CONCEITO DE REDE SOCIAL

A origem do conceito de rede social está ancorada na Antropologia Social e conduz-nos até à análise etnográfica das estruturas elementares de parentesco de Claude Lévi-Strauss, na década de 40. Neste contexto, a ideia de rede social é orientada para a análise e descrição dos processos sociais que envolvem conexões que ultrapassam os limites dos grupos e categorias.

Na década de 50, Radcliffe-Brown introduz o conceito de rede social total para caracterizar a estrutura social enquanto rede de relações institucionalmente controladas ou definidas. Aqui, a rede social é entendida como uma rede na qual todos os membros da sociedade ou parte dela, se encontram envolvidos.

Elizabeth Bott (1971) foi uma das primeiras antropólogas a utilizar o conceito de rede como ferramenta para a análise de relacionamentos entre pessoas e os seus elos pessoais em múltiplos contextos. Nestes estudos o enfoque estava direcionado para as questões do tamanho da rede, o número de unidades de rede e os efeitos da relação entre os seus elementos. Em síntese, os enfoques destes estudos procuraram entender a tipologia de contactos entre um determinado conjunto de indivíduos, o tipo de vínculos que se estabelecem, as relações descontínuas, a importância dos papéis que os indivíduos definem para si nas relações, a sua intensidade, durabilidade e

Nos nossos dias o centro da investigação em análise de redes sociais centra-se em quatro pontos essenciais: a) A utilização de métodos estatísticos possibilita aferir proposições relativas às propriedades da rede em detrimento da simples explicação; b) O avanço no software estatístico que permite a visualização das redes; c) As significativas melhorias

ao nível da recolha de dados, conseguindo-se uma informação mais precisa e válida; d) Melhoria nos métodos de análise de dados longitudinais (Wasserman e Faust, 1994).

Uma das principais diferenças das análises tradicionais que explicam a conduta dos atores em função, por exemplo, da classe social ou profissão, é que a análise de redes sociais se centra nas relações e atributos desses elementos. Quer isto dizer que a matriz que suporta a análise de redes sociais é a estrutura das relações que assumem um carácter explicativo mais significativo que os atributos pessoais dos elementos que compõem um determinado sistema.

A análise de redes sociais tem, nos anos mais recentes, vindo a beneficiar dum enorme desenvolvimento das técnicas de análise de matrizes e grafos, nomeadamente através do desenvolvimento de ferramentas informáticas. Associado a este contributo tem estado a estatística e a matemática que, por influência das suas técnicas, tem permitido objetivar muitas das análises de redes sociais.

A sociologia e a teoria dos grafos pretendem analisar a dinâmica do grupo em função das relações que os seus membros estabelecem. Esta análise estrutural fornece indicadores que permitem identificar algumas propriedades do grupo ou até caracterizar a influência que cada indivíduo ocupa no grupo.

O quadro de teórico sobre as redes sociais parte das relações sociais para definir a estrutura social em rutura com as análises tradicionais das ciências sociais. Aqui o processo de investigação parte da identificação de categorias predefinidas (classes sociais, grupos, departamentos, etc.) seguindo-se um levantamento das unidades independentes entre si, as quais são posteriormente agregadas com a intenção de perceber a consistência no seu comportamento. Um dos constrangimentos deste tipo de análise é que estas relegam toda a informação que resulta do relacionamento entre as entidades sociais. Apesar da grande maioria das teorias sociológicas se debruçar ao nível do relacionamento entre os atores, o contributo mais significativo da análise das redes resulta da introdução de instru-

mentos técnicos que possibilitam avaliar empiricamente os postulados teóricos sobre a natureza das relações e o carácter estrutural das redes. Em síntese, a análise de redes facilita a operacionalização do conceito de estrutura social e abandona a utilização vaga e generalista que não se coadunava com o postulado duma ciência social concebida num quadro de rigor (Varanda, 2000; Fialho, 2008).

Existem alguma perturbação relativamente ao significado atribuído à análise de redes sociais. Estas indefinições resultam de, em determinadas disciplinas e correntes dentro das mesmas disciplinas, transmitirem vários significados e formas. Por outro lado, a multiplicidade de utilizações que são dadas ao conceito de rede em nada abona a sua clarificação.

Apesar dos avanços, a análise de redes sociais continua a estar associada a uma elite de cientistas sociais que dominam uma linguagem muito particular e que, em certa medida, pode funcionar como um obstáculo para os cientistas sociais mais familiarizados com a lógica dos atributos nas suas análises dos fenómenos sociais.

Dentro duma linguagem muito particular, as matrizes e os grafos têm-se constituído como a principal ferramenta para traçar e apresentar as interações entre indivíduos, grupos e organizações.

Tal como referem Alejandro e Norman (2005) as características particulares da análise de redes sociais fazem com que as ferramentas estatísticas de uso corrente no seu todo não sejam adequadas para a análise das redes. É por esta razão que, um pouco por todo o mundo, vários investigadores têm desenvolvido instrumentos matemáticos/informáticos específicos para a análise de redes sociais, nomeadamente ao nível de ferramentas que permitem criar e analisar indicadores que explicam a estrutura individual e coletiva duma determinada rede.

Para a compreensão da estrutura duma rede é fundamental identificar três elementos básicos: a) Nós ou atores; b) Vínculos ou relações; c) Fluxos. Os nós ou atores são as pessoas ou grupos de pessoas que se encontram movidas por um objetivo comum. Na figura a seguir representada, está um grupo de

amigos no qual, cada um deles representa um nó. Regularmente os nós ou atores representam-se por círculos. A soma dos nós representa o tamanho da rede. Os vínculos são os laços que existem e se estabelecem entre dois ou mais nós. Numa rede de amigos, por exemplo, um ator exibe um vínculo direto com outro ator. Os vínculos de relações são representados por linhas. O fluxo indica a direção do vínculo. Estes fluxos podem assumir várias designações: unidirecional ou bidirecional. Quando um ator não tem nenhum tipo de fluxo, o que implica também a inexistência de vínculos, significa que se trata dum nó solto dentro da rede. Os analistas de redes sociais recorrem a ferramentas matemáticas para representar os padrões de relações entre os vários atores. Entre estas formas de representação estão os grafos e as matrizes.

## A PROPÓSITO DO CONCEITO DE DIAGNÓSTICO SOCIAL

O diagnóstico social é uma radiografia sobre uma determinada realidade, o qual se sustenta numa arquitetura metodológica que procura demonstrar dimensões de uma determinada organização, grupo, comunidade ou situação social. Fazer um diagnóstico social não é uma mera compilação ordenada de indicadores. Trata-se de um processo de base científica, realizado principalmente por especialistas nas áreas das ciências sociais e organizacionais, que procuram uma cartografia da situação (objeto do diagnóstico), através da demonstração de evidências que de outra forma não seriam “desocultadas” e, simultaneamente, lançar pistas para a ação futura.

Um diagnóstico não é uma auditoria. Com alguma frequência, ouvimos nos vários discursos esta confusão de conceitos. Uma auditoria remete-nos para o mapeamento de irregularidades e inconformidades num determinado contexto, sobretudo ao nível da violação de dispositivos legais. O diagnóstico está ancorado num compromisso de análise de contexto e de identificação de evidências que podem ser melhoradas, caso a entidade adjudicante o entenda. A auditoria é remete-nos para uma

lógica de sanção, enquanto que o diagnóstico nos remete para a lógica de identificação.

## CAPÍTULO II METODOLOGIA

A presente comunicação é uma parte do diagnóstico das Misericórdias de uma NUT III do sul do país, realizado pelos sociólogos Joaquim Fialho, Carlos Alberto da Silva e José Saragoça, os quais construíram um modelo de análise assente em seis dimensões de análise diagnóstica:

- a) A caracterização institucional, sobretudo ao nível dos recursos humanos que asseguram a atividade regular;
- b) As respostas sociais existentes, designadamente as que estão presentemente ativas e o número de utentes abrangidos. Igualmente, foram identificadas respostas que são procuradas e que não se encontram no rol das oferecidas. Foi, igualmente, criada uma escala de dependência de fontes de financiamento das atividades.
- c) Os problemas sociais a que responde constituem uma dimensão mais abrangente em que se procedeu à relação entre os problemas sociais que são colocados à atividade das Misericórdias e os constrangimentos na ação de intervenção face aos mesmos.
- d) Nas limitações e potencialidades da intervenção é concebido um quadro lógico dos constrangimentos/limitações, potencialidades/pontos fortes, bem como uma inventariação de recursos necessários para melhorar a intervenção.
- e) Na dinâmica da rede das Misericórdias do distrito de Évora foi mapeado, através de logicas sociométricas da social *network analysis*, o quadro de interações interorganizacionais entre as vinte e cinco Misericórdias.
- f) O diagnóstico social prospetivo apresenta cenários sobre o futuro a ação coletiva das vinte e cinco Misericórdias.

Nesta comunicação apenas será discutida a dinâmica da rede, na qual a equipa recorreu à meto-

dologia de análise de redes sociais para a descoberta das dinâmicas interorganizacionais destas instituições do terceiro setor.

Os dados foram tratados no Ucinet e NetDraw.

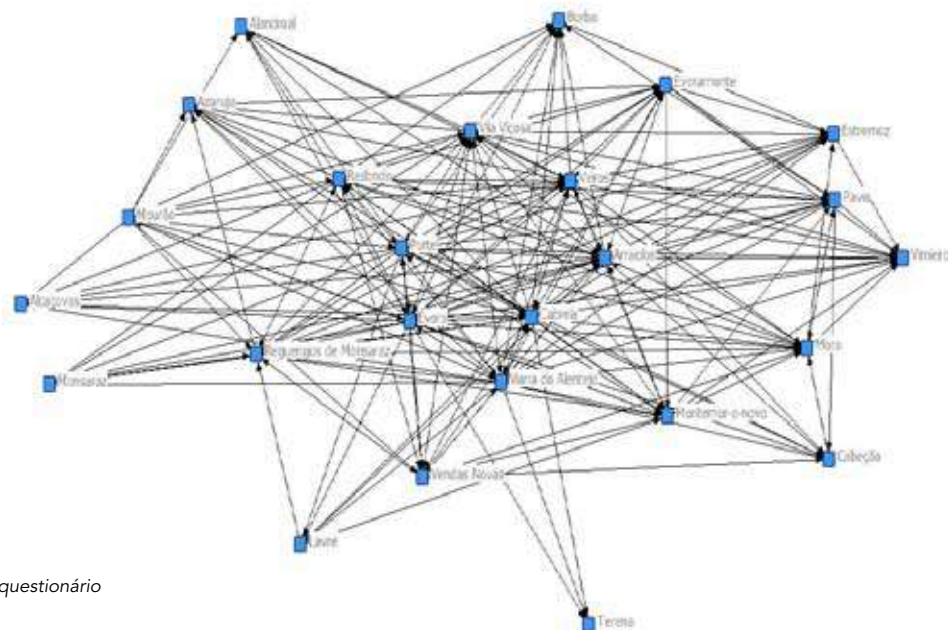
## CAPÍTULO III RESULTADOS

Esta componente do diagnóstico tem como objetivo identificar a dinâmica do funcionamento da rede de misericórdias do distrito de Évora tendo por base a metodologia de Social Network Analysis (análise de redes sociais). Esta perspetiva teórica e metodológica enfatiza o estudo das relações entre entidades e objetos de várias naturezas, contribuindo para a compreensão de problemas complexos, tais como a integração da estrutura social (macro) e a ação individual (micro).

As redes sociais são redes de comunicação que envolvem uma linguagem simbólica, limites culturais e relações de poder. As redes sociais surgiram nos últimos anos como um novo padrão organizacional, através da sua arquitetura de relações expressa, ideias políticas e económicas de carácter inovador, com a missão de ajudar a resolver alguns problemas atuais.

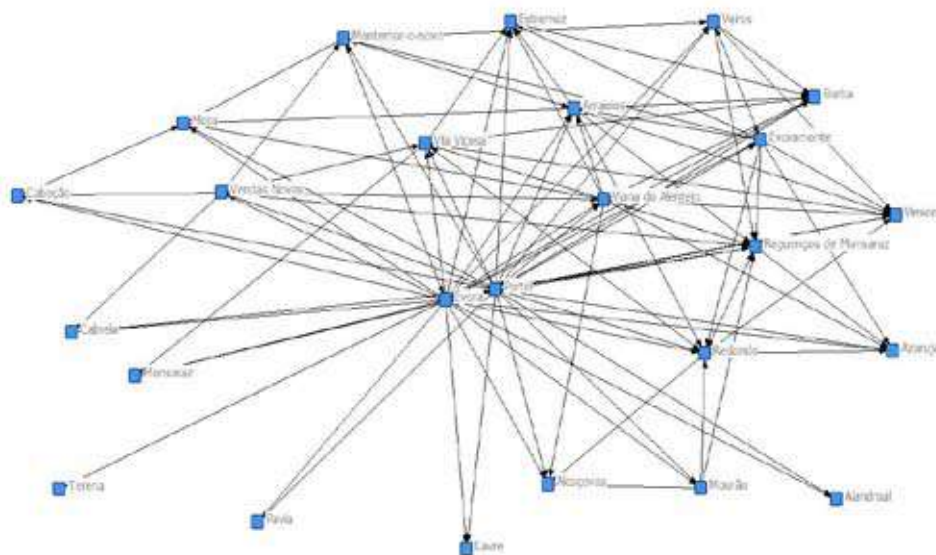
Um dos objetivos da análise de redes sociais é o conhecimento de como as propriedades de natureza estrutural da rede influenciam o comportamento, para além das características atributivas dos indivíduos, assentando a análise de redes sociais no estudo das relações entre atores sociais e os padrões e implicações dessas mesmas relações. Trata-se igualmente de uma ferramenta que possibilita realizar um diagnóstico sobre uma determinada situação, quer seja num contexto micro ou macro. Possibilita, portanto, lançar novas pistas, novas questões e novas soluções.

FIGURA 1  
REDE DE CONTACTOS POUCO REGULARES.



Fonte: Inquérito por questionário

FIGURA 2  
REDE DE CONTACTOS REGULARES



Fonte: Inquérito por questionário

A figura 01 apresenta, através sociograma, a rede das Misericórdias a partir dos contactos “pouco regulares”. Apesar da densidade se situar nos 0.608 (60.80%) permite-nos sustentar a tese de que a matriz de interação entre as Misericórdias se sustenta em lógicas “pouco frequentes” de interação pois, como veremos mais adiante neste capítulo, as redes de “interações regulares” assumem níveis de densidades muito inferiores.

O grau de centralidade é uma medida que reflete a atividade relacional de um ator, obtendo-se através do cálculo do número de ligações adjacentes para cada ator, isto é, mede o número de conexões diretas de cada ator num grafo. Nos dados de relações recíprocas os atores diferem uns dos outros através do número de conexões. Por sua vez, nos dados de relações orientadas é fundamental identificar a centralidade assente nos graus de entrada e centralidade assente nos graus de saída. Assim, se um ator recebe muitos vínculos denomina-se «proeminente» / «prestígio». Os atores que apresentam um elevado grau de saída são atores que têm enormes capacidades para interagir com uma multiplicida-

de de outros atores. Aqueles que apresentam uma centralidade de graus alta são designados como atores influentes.

O “outdegree” representa o nível de interação de saída das Misericórdias, isto é, no quadro da rede, quais os atores que mais procuram os contactos com as restantes congéneres. O “indegree” significa a centralidade dos contactos de entrada os seja, que é mais procurado na dinâmica da rede. Os dados recolhidos destacam as Misericórdias de Évora e Portel como as mais relevantes no quadro da interação de entre as suas congéneres (são que mais estimulam a procura). No lado apostado da centralidade, a Misericórdia de Reguengos de Monsaraz tem o “indegree” mais elevado, o que quer significar que é a instituição que mais é procurada no quadro da rede. Face à análise do grau de centralidade que se apresenta no quadro seguinte, podemos afirmar que as Misericórdias de Évora, Portel e Reguengos de Monsaraz são os elementos mais centrais na dinâmica da rede.

A Figura 2 representa a dinâmica de interações sociais entre as Misericórdias do distrito de Évora. Da



análise da densidade da rede ( $0.1967 = 19.6\%$ ) confirma a ideia que já referimos anteriormente, isto é, o nível de regularidade de interações entre os atores envolvidos na dinâmica é muito reduzido o que, pelos dados apresentados, podemos sustentar que se verifica um individualismo moderado na ação, atendendo ao valor da densidade apresentado, bem como aos indicadores de centralidade e proximidade resultantes da matriz de interações.

Contudo, e tal como é visível na figura seguinte, rede não tem atores isolados (Misericórdias desconectadas) o que, numa lógica integracionista, podemos afirmar que os atores, apesar de conectados, apresentam um nível de interação muito residual o qual, pelo que podemos analisar, nos coloca perante mecanismos de cooperação/interação entre as Misericórdias do distrito de Évora muito ténues.

## NOTAS FINAIS

A intervenção centra-se fundamentalmente nas respostas clássicas direcionadas para a pessoa idosa (Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário) e para as crianças (Creche e Jardim-de-infância).

As medidas de apoio alimentar (cantinas e distribuição alimentar) ocupam uma expressão muito grande no cômputo geral da intervenção das Misericórdias. Contudo, importa referir que a resposta social de Lar de idosos e a distribuição alimentar são os dois principais focos de ação.

As atividades de culto religioso e as romarias estão bem presentes na intervenção junto da comunidade, atividades estas que sustentam e mantêm intacta a função religiosa das Misericórdias.

A redução das transferências sociais do Estado fica bem evidente ao longo de todo o diagnóstico que tem vindo a constranger a atividade das Misericórdias em geral e, em particular, algumas delas estão numa situação financeira delicada. Todavia, não dispomos de dados que nos permitam avaliar sustentadamente a questão financeira. Apenas fica o alerta sobre esta dificuldade registada.

Há uma dependência significativa das transferências sociais do Estado, situação que impõe um

“reinventar” de novas formas de financiamento alternativo.

Para além das respostas decorrentes dos problemas sociais clássicos, resultantes das situações de envelhecimento, há, porém, um problema social significativo inerente às situações familiares frágeis, resultantes do contexto e, pelo que podemos inferir, geram uma procura muito significativa ao nível do apoio alimentar. As famílias em dificuldades económicas são um problema social resultante do contexto socioeconómico. Igualmente, os problemas sociais inerentes a demências constituem uma outra linha de preocupação.

Por outro lado, os idosos sem apoio familiar, em situação de carência económica e em situação de isolamento geográfico constituem-se como uma outra panóplia de problemas sociais associados ao envelhecimento demográfico de território.

O “desemprego” jovem é outro dos problemas sociais identificados no diagnóstico.

No quadro da identificação de constrangimento da ação os “recursos financeiros” são o principal sinal de preocupação apresentado, seguido dos recursos humanos e das carências nas famílias. No quadro das potencialidades, a qualidade dos recursos humanos disponíveis e a qualidade dos recursos humanos são o principal ponto forte identificado.

Para melhorar a intervenção das Misericórdias as Instalações e equipamentos (aquisição e/ou requalificação) e os recursos financeiros/económicos ocupam o lugar central das preocupações.

A rede de interações da Misericórdias é pouco densa o que pressupõe um quadro de um individualismo da ação.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alejandro, V. & Norman, A. (2005). *Manual introductorio al análisis de redes sociales*. Consultado em [www.redes-sociales.net](http://www.redes-sociales.net), em 01/09/2005.

Fialho, J, Silva, C. & Saragoça, J. (2017). Diagnóstico Social. Teoria, metodologia e casos práticos. Lisboa: Edições Sílabo.

Varanda, M. (2000). *A análise de redes sociais e sua aplicação ao estudo das organizações*. Uma introdução. Organizações & Trabalho nº23, Lisboa, APSIOT-Celta.

---



# 12

SERVIÇO SOCIAL E METODOLOGIAS DE  
INTERVENÇÃO EM COMPORTAMENTOS  
ADITIVOS

---

# Intervenção do Assistente Social em comunidade terapêutica

---

**JOSÉ DUQUE VICENTE**  
ESECS - IPLeiria

**CRISTÓVÃO MARGARIDO**  
CiCS.Nova.IPLeiria

01

## RESUMO

Os assistentes sociais, enquanto agentes sociais, privilegiam e combatem as desigualdades sociais, promovem o bem-estar do indivíduo em todas as suas dimensões: física, psicológica e social. Enquanto profissionais, detêm um conjunto de informação e saberes teóricos, metodológicos, éticos e empíricos com os quais desenvolvem as suas práticas profissionais.

O assistente social que desenvolve as suas práticas em comunidade terapêutica participa ativamente em todas as fases do projeto socio terapêutico, e em todas as etapas do tratamento, desde a entrevista de admissão, passando pelas diferentes fases do tratamento, incluindo a reinserção social e profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** assistente social; comunidade terapêutica; toxicodependência, tratamento/ reinserção social.

## ABSTRACT

Social workers, as social agents privilege and combat social inequalities and promote the well-being of the individual in all its dimensions: physical, psychological and social. While professionals hold a set of information and theoretical, methodological, ethical and empirical knowledge with which they develop their professional practices. The social worker who develops practices in a therapeutic community actively participates in all phases of the socio-therapeutic project, and participates actively in all stages of treatment, from admission interview, to the different stages of treatment, including social and professional reinsertion.

**KEYWORDS:** social worker; therapeutic community; drug addiction, treatment / social reintegration.

## INTRODUÇÃO

A dependência química resulta do consumo repetido de substâncias psicoativas e é um tema que merece uma reflexão permanente pelos danos que provoca nos toxicodependentes, nas suas famílias e em todas as dimensões da sua vida. Segundo a Organização Mundial de saúde (2006), a toxicodependência é *“um estado psíquico, e por vezes também físico, resultante da interação entre um organismo vivo e um produto tóxico, caracterizando-se por modificações do comportamento, e por outras reações, que incluem sempre a compulsão para tomar drogas dum modo contínuo ou periódico, a fim de experimentar efeitos específicos ou de evitar o mal-estar da privação”* (OMS, 2006).

A Comunidade terapêutica forma uma sociedade em miniatura em que o residente é o protagonista e responsável para alcançar o crescimento pessoal (Wouter Vanderplasschen, 2014). Desta forma, as comunidades terapêuticas prestam cuidados a toxicodependentes que necessitem de internamento prolongado e em regime residencial. É consensual que o fenómeno da toxicodependência é pluridimensional (Lopes, 1997), como tal é necessário e fundamental que a prevenção, a redução de riscos e minimização de danos e o tratamento sejam realizados e orientados por profissionais quer da área da saúde, quer da área da intervenção social, como médicos, enfermeiros, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais, dirigidos para o assistir e o reintegrar, sendo o objeto comum salvaguardar a saúde física e psíquica dos consumidores e da sociedade em geral.

O tratamento da toxicodependência, em comunidade terapêutica, tem como objetivo primordial ajudar o toxicodependente a reaprender a viver em abstinência de modo a concretizar um percurso pessoal reorganizador da própria vida.

No âmbito do tratamento em comunidade terapêutica os assistentes sociais têm estado, desde o primeiro momento, empenhados, envolvidos e integrados nos contextos profissionais.

O principal objetivo desta investigação é perceber como se operacionaliza a intervenção do assistente

social em comunidade terapêutica. Para desenvolver a presente investigação, adotamos uma abordagem qualitativa com análise indutiva e compreensiva, em que o ator social e os significados que confere à sua ação têm um papel fundamental na inteligência da realidade social pelo investigador (Guerra, 2006)

Foi utilizada como técnica de recolha de dados a entrevista semiestruturada. Foram entrevistados três assistentes Sociais que desempenham as suas práticas profissionais em comunidades terapêuticas da zona centro de Portugal.

## O ESTUDO

O Assistente Social, que trabalha em comunidade terapêutica, tem que ter capacidade para articular em rede, interagindo com os serviços importantes no tratamento e na reinserção social do toxicodependente “o trabalho isolado não é resolutivo, o atendimento em rede apresenta maior efetividade.” (Woerner, 2015, p. 184). Este trabalho reveste-se de enorme proximidade e de contacto diário com o toxicodependente. Tendo em conta a particularidade dessa relação, é necessária uma autovigilância por parte do profissional de forma a não colocar em causa o distanciamento profissional necessário à atuação dos assistentes sociais.

Para os assistentes sociais entrevistados, a relação de proximidade não cria dificuldades no diálogo e na interação com os toxicodependentes. No relato das entrevistadas podemos perceber que o respeito é um valor fulcral:

*“É uma relação de respeito, não temos queixa! Há dias em que os próprios residentes estão melhor ou pior consigo mesmo e isso reflete-se na forma como interagem, mas isso também acontece connosco. Essa proximidade/distância é salvaguardada pela forma como nos posicionamos e pela conduta que temos enquanto profissionais. (AS\_01)*

*“O importante é fazer perceber os residentes que estamos todos a remar no mesmo*

*sentido, que o seu bem-estar é o mais importante para a equipa técnica da CT.[...]. Estamos a trabalhar com pessoas, e temos pelos nossos residentes o maior respeito.” (AS\_02)*

Os valores humanistas são a base do serviço social: “ética profissional, justiça social, dignidade e valor pessoal, importância das relações humanas, integridade e competência” (Lima, 2012, p. 32).

Na análise dos entrevistados, a confiança é um valor que não deve ser quebrado, a perda de confiança entre o assistente social e o toxicodependente em tratamento na C.T., pode ser suficiente para que o toxicodependente ponha o tratamento em causa e o abandone.

*“A principal relação criada no contacto direto com o toxicodependente é a confiança. Fazê-lo sentir que pode confiar é o primeiro passo para uma relação interpessoal, com base na segurança.” (AS\_01)*

*“Todos os dias de trabalho do assistente social na CT, são diferentes. Mas as pessoas são as mesmas durante um longo período (18 meses), contudo para poder dizer “não” num dia e dizer “sim” no dia seguinte, é preciso a pessoa que está do outro lado sentir que pode confiar em nós” (AS\_03)*

Em conjunto com o toxicodependente, o assistente social identifica, planeia e desenvolve ações que orientam na reconstrução do seu projeto de vida, “tornando a reinserção social como uma das metas imprescindíveis e transversais do tratamento” (Ganev & Lima, 2011, p. 116).

Os discursos das assistentes sociais entrevistados confirmam essa formulação.

*“Em todas as fases do tratamento temos de nos focar em utilizar métodos de trabalho coerentes com a nossa formação académica. Nós, os assistentes sociais, temos de ter a consciência e a capacidade para aceitar a diferença, acreditar na mudança, ser flexíveis e recorrer aos diversos modelos de intervenção que existem para desenvolver as nos-*

*sas práticas profissionais. A nossa profissão exige saber diagnosticar, analisar, planejar e executar, a intenção é mudar, transformar. Se não tivermos a capacidade de autocriticarmos será muito difícil intervir de forma correta.” (Entr/AS\_02)*

*“A reinserção social e profissional é uma parte importante do tratamento, ou seja, é a reta final do tratamento, o toxicodependente vive esse momento com elevadas expectativas e nós assistentes sociais temos de estar muito atentos nesta etapa, é necessário articular com todas as instituições e pessoas que podem servir de suporte ao toxicodependente, durante e após terminar o tratamento. Nesta fase, desenvolvemos trabalho muito colaborativo, com os restantes elementos da equipa técnica da CT, e com muitos outros elementos de outras instituições e em especial com a família” (AS\_03)*

Relativamente à família do toxicodependente em tratamento, foi possível aferir junto dos profissionais que a participação e o envolvimento desta no tratamento do seu familiar é muito importante, porém, é necessário compreender as dinâmicas internas da família e para isso é obrigatório fazer ao logo do tratamento uma boa recolha de dados sobre a sua história de vida.

Para desenvolver a autonomia, capacitar e empoderar o toxicodependente em tratamento é fundamental que o assistente social saiba trabalhar em grupo e individualmente, de forma a promover no toxicodependente a responsabilidade, a assertividade, a gratidão e a aceitação, motivar para que este sinta que só mudará o seu percurso de vida, se modificar comportamentos e aceitar as regras sociais.

*“Para mim é sempre melhor que o toxicodependente em tratamento tenha alguém da família que lhe dê apoio, dá-nos vantagens na forma como temos de planejar os fins-de-semana quando começa a visitar a família, nas saídas ao exterior para se ir a consultas na sua área de residência, para voltar a in-*

*tegrar-se no meio familiar se o contexto for positivo e durante a reinserção social e profissional.” (AS\_01)*

*“A família é um elo de ligação muito importante, mas nem sempre ajuda. A falta de amor firme, e a coragem para manter as regras, acaba por muitas vezes dar cabo do trabalho. De qualquer maneira o apoio da família é importante no tratamento do toxicodependente em CT, e uma parte muito fulcral do trabalho do assistente social em comunidade terapêutica” (AS\_03)*

Perante a diversidade e complexidade de consequências geradas pela problemática da toxicodependência nas dimensões familiar, profissional, habitacional, judicial, comunitária, entre outras, é inquestionável que o serviço social constitui “uma profissão insubstituível cuja intervenção tem por objetivo reabilitar laços e as relações sociais que constituem o tecido social; permitindo a cada um, [...] reencontrar um lugar no corpo social, um reconhecimento, um status, uma identidade, que respeite o sentido da sua cidadania.” (Pires, 2000, p. 57)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das entrevistas podemos perceber que prática do assistente social em comunidade terapêutica exige conhecimento teórico e metodológico para que a sua intervenção e as suas ações de compromisso sejam desempenhadas corretamente.

Conclui-se que intervenção participada entre o assistente social e o toxicodependente em tratamento na comunidade terapêutica é uma ferramenta que reforça a ação do profissional, em simultâneo é uma forma de empoderamento e capacitação relevante para ajudar o toxicodependente em tratamento a perceber e sentir que a comunidade terapêutica é um espaço onde tem a oportunidade de reaprender regras de funcionamento individual e grupal.

O assistente social ocupa uma posição estratégica na articulação que desenvolve conjuntamente com todos os atores, na comunidade terapêutica. Como princípio transformativo as relações multiprofissionais, a comunicação, a ética e o trabalho colaborativo são ferramentas primordiais para a construção da intervenção dos assistentes sociais em comunidade terapêutica.

Na análise dos relatos dos assistentes sociais, constatou-se que as competências do assistente social para realizar a sua atividade profissional em comunidade terapêutica obrigam-no a estar constantemente atualizado sobre as medidas de apoio social que existem na área da toxicodependência. Desta forma, pode articular e elaborar planos de ação credíveis que se adequem às reais necessidades do toxicodependente em tratamento.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Ganev, E., & Lima, W. d. (2011). *Reinserção Social : Processo que implica continuidade e Cooperação*. Revista Serviço Social & Saúde. Campinas, x. UNICAMP-Campinas. Obtido em 7 de 10 de 16, de <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/1380/1370>
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. Lisboa: Principia.
- Lima, P. F. (2012). *Criação de uma Comunidade Terapêutica nos Açores - Viabilidade Política, Social e Económica*. Tese de Mestrado Serviço Social: Gestão de Unidades Sociais e de Bem-Estar, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.
- Lopes, E. (1997). *Retrospectiva dos diferentes modelos de intervenção na toxicodependência: possíveis estratégias. "Droga: Situação e novas perspectivas"*. Lisboa: <http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/biblioteca/outros/drogas/indice.html>.
- OMS. (2006). *Neurociência de consumo e dependência a substâncias psicoativas*. p. 261. Obtido em 12 de 08 de 2018, de [http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42666/9788572416665\\_por.pdf;jsessionid=F8BD259D07B49FE6D22BA1C6D067D437?sequence=2](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42666/9788572416665_por.pdf;jsessionid=F8BD259D07B49FE6D22BA1C6D067D437?sequence=2)
- Pires, L. (2000). *A formação dos assistentes sociais da saúde*. Em F. Branco, *Intervenção em Serviço Social\_ Serviço Social & Saúde* (Vol. 21, pp. 53,59). Lisboa: ISSScoop-Cooperativa de Ensino Superior de Intervenção Social, CRL.
- Woerner, C. B. (2015). *Serviço Social e Saúde Mental: atuação do assistente social em comunidade terapêutica*. *Textos & Contextos*, 14, pp. 174 - 185. doi:10.15448/1677-9509.2015.1.18155
- Wouter Vanderplasschen, S. V. (2014). *Therapeutic communities for treating addictions in Europe. Evidence, current practices and future challenges*. Luxembourg: European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (EMCDDA).
-

---

# Comportamentos Aditivos e Dependências em Contexto Recreativo

---

Inquérito ao Público Jovem Presente no  
"Vila 2016" – Festival da Juventude de Lousada

---

## **JORGE BARBOSA**

Assistente Social, Coordenador Técnico do CRI Porto Oriental (ARS Norte, I.P.)  
Professor Especialista Convidado na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (UCP)

## **SÓNIA FARO**

Assistente Social, Técnica Superior da área da prevenção do CRI Porto Oriental (ARS Norte, I.P.)

## **ISABEL VILA NOVA**

Educadora Social, Técnica Superior da área da prevenção do CRI Porto Oriental (ARS Norte, I.P.)

02



## RESUMO

Este artigo apresenta os resultados do estudo Comportamentos Aditivos e Dependências em Contexto Recreativo: Inquérito à População Jovem Presente no VILA 2016 – Festival da Juventude de Lousada.

Sabendo que os contextos preferenciais para o desenvolvimento de intervenções preventivas são os contextos recreativos, os designados “festivais de verão”, porque estão associados a um conjunto de fatores de risco (baixa percepção de risco do consumo de substâncias psicoativas (lícitas e ilícitas), disponibilidade das mesmas e envolvimento de um elevado número de jovens), os profissionais de saúde do CRI Porto Oriental (em colaboração com a autarquia de Lousada), participaram no “VILA 2016 – Festival da Juventude de Lousada”, tendo como objetivo caracterizar os comportamentos aditivos e dependências em adolescentes e jovens adultos presentes nesse festival de verão.

Partindo de uma amostra de 199 jovens, concluímos que os jovens iniciam os consumos de tabaco, álcool e canábis em idades precoces, considerando-as como substâncias de fácil acesso. Utilizam a internet entre 3 a 4 horas diárias, nas salas de chat, para envio de mensagens ou redes sociais. E são os indivíduos do sexo masculino que mais aderem ao jogo online, bem como referem o consumo regular de várias substâncias. Verificamos ainda a necessidade de intervenções preventivas, no âmbito familiar, escolar e comunitário, junto de públicos cada vez mais jovens, através da aplicação de programas de desenvolvimento de competências pessoais e sociais que promovam os fatores de proteção e diminuam os fatores de risco.

**PALAVRAS-CHAVE:** comportamentos aditivos e dependências, jovens e contextos recreativos.

## ABSTRACT

This article presents the results of the study Addictive Behaviors and Dependencies in Recreational Context: Inquiry on the Young Present Population in VILA 2016 – Festival da Juventude de Lousada

Knowing that one of the preferential contexts for the development of preventive interventions are recreational ones, such as “summer festivals”, since they are associated with a number of risk factors (low perceived risk of abuse of psychoactive substances (both legal and illegal), the availability of them and the involvement of a large number of young people), the health professionals of CRI Porto Oriental (in collaboration with the local authority of Lousada) participated in the “VILA 2016 – Festival da Juventude de Lousada”, aiming to characterize addictive behaviors and addictions in adolescents and young adults present at this summer festival.

From a sample of 199 young people, we conclude that young people initiate the consumption of tobacco, alcohol and cannabis at an early age, considering them as easily accessible substances. They use the Internet for 3 to 4 hours a day, in chat rooms, to send messages or social networks. Male individuals are the ones who most adhere to the online gaming and also the ones assume to regularly consume various substances. We also verified the need for preventive interventions at the family, school and community levels, within younger audiences, through the application of personal and social skills development programs that promote protection factors and reduce risk factors.

**KEYWORDS:** addictive behaviors and dependencies, youth and recreational contexts.

## INTRODUÇÃO

A prevenção do consumo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas em locais de diversão e contextos recreativos é um tema relativamente recente na área da saúde. Conheceu o seu início com a ascensão da cultura “House”, quando as drogas começaram a ser usadas em maior escala nos espaços de diversão noturna.

De acordo com o Relatório Europeu Sobre drogas de 2015, os inquéritos a jovens que frequentam eventos recreativos noturnos regularmente indicam maiores níveis de consumo de droga comparativamente à população em geral (EMCDDA, 2015: 45).

Partindo desta constatação, vários organismos na área da saúde, internacionais e nacionais (OMS, SICAD), têm vindo a incrementar orientações para intervir junto dos frequentadores de contextos festivos, assente nos seguintes objetivos: (I) diminuir os comportamentos de risco associados ao consumo (tais como, relações sexuais desprotegidas e/ou sem duplo consentimento) e (II) aumentar o grau de segurança dos frequentadores no que diz respeito aos acidentes de viação e a outros episódios de violência.

Os consumos em contextos recreativos associados a uma baixa perceção dos riscos, bem como, a uma oferta de substâncias, justificam por si só a pertinência de atuação nesta realidade. Por isso, os profissionais de saúde (entre os quais, assistentes sociais integrados em equipas de saúde multidisciplinares) do Centro de Respostas Integradas (CRI) Porto Oriental (Unidade de Intervenção Local em CAD da ARS Norte, I.P.)<sup>(1)</sup>, têm vindo a reforçar o investimento numa abordagem de proximidade, deslocando-se aos espaços onde se realizam os eventos, para informar e apoiar os jovens na gestão dos prazeres e riscos associados ao consumo de substâncias psicoativas e a práticas sexuais.

No âmbito do Plano de Respostas Integradas do concelho de Lousada<sup>(2)</sup>, o CRI Porto Oriental, em parceria com a autarquia local, tem vindo a disponibilizar recursos e meios para o desenvolvimento de ações de intervenção comunitária nas áreas da prevenção e da redução de danos.

Assim, no desenho da intervenção no “VILA 2016” - Festival da Juventude de Lousada, não procuramos apenas i) Identificar comportamentos de risco em jovens que frequentam espaços recreativos ou festivos, associados às dependências com ou sem substância, em simultâneo, também tivemos como preocupação ii) promover estratégias de prevenção e de redução de riscos dos comportamentos aditivos e outras dependências.

Para o efeito adaptamos um questionário (aplicado pelo ACES Porto Oriental junto dos alunos dos Agrupamentos de Escolas localizados na área de abrangência do Porto Oriental)<sup>(3)</sup>, que pretendeu avaliar os comportamentos de risco dos jovens.

Esperamos que a análise dos resultados da aplicação deste instrumento possibilite a melhoria das futuras intervenções em prevenção e redução de danos, no âmbito dos comportamentos aditivos e dependências (CAD).

## 1. METODOLOGIA

O objetivo do questionário foi o de aferir as atitudes e comportamentos dos adolescentes e jovens adultos, que participaram no *Festival da Juventude de Lousada 2016*, em relação ao consumo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas e outros comportamentos aditivos, nomeadamente Gaming Gambling.

Foi constituída uma amostra de conveniência de 199 adolescentes e jovens adultos com idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos, que responderam ao questionário nos dias 16 e 17 de setembro de 2016.

A aplicação do questionário foi voluntária e presencial a todos os jovens que se deslocaram à Unidade Móvel do “*Cuida-te*” (disponibilizada pelo Direção Regional Norte do IPDJ)<sup>(4)</sup>, presente no evento.

O questionário, constituído por 22 questões fechadas, incidiu nos seguintes temas: uso da internet, o jogo, o consumo do álcool, o consumo de tabaco, o consumo de cannabis, o consumo de outras substâncias e comportamentos sexuais de risco. A sua aplicação foi efetuada pelos técnicos do CRI Porto Oriental, que em simultâneo participaram no desenho e na materialização do plano da intervenção de proximidade com os jovens, procurando contribuir para a promoção da saúde e de alternativas para uma diversão saudável, através de várias ações preventivas e de redução de riscos, desde a distribuição de material informativo, conversas informais com os jovens, realização de testes do álcool, até a oferta de bebidas cool, sem álcool.

O interesse por esta temática justifica-se pela persistência de uma carência de trabalhos de inves-

tigação que formulam como objeto de análise os consumos em jovens que frequentam contextos de diversão noturna ou festivais de cultura juvenil e também pelo envolvimento pessoal e pela trajetória profissional dos autores na dinamização de programas de prevenção e redução de riscos em CAD.

A amostra é constituída por uma população jovem, 86% dos inquiridos situam-se na faixa etária dos 15 aos 25 anos, com um peso significativo o grupo dos jovens com 16 anos (32,6%). Do total dos jovens inquiridos, 58% são do sexo masculino e 42 % do sexo feminino.

## 2. RESULTADOS

### 2.1. IDADE E GÉNERO

GRÁFICOS 1 E 2  
IDADE E GÉNERO



**42% FEMININO**  
**58% MASCULINO**



### 2.2. USO DA INTERNET

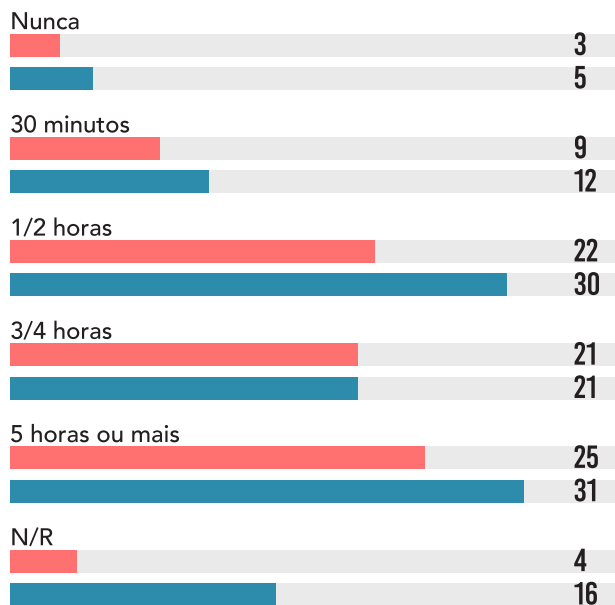
O uso da internet, através dos computadores ou dos dispositivos móveis, pelos jovens, tem sido investigado em Portugal. Um estudo do ISPA junto de 900 jovens e adolescentes, com idades compreendidas entre os 14 e os 25 anos, mostra que quase três quartos apresenta sinais de dependência do mundo digital. Em muitos casos, um tempo excessivo, implicando situações de isolamento e comportamentos violentos, que obriga a tratamento (Silva, 2014). Noutro estudo mais recente do ISPA, numa amostra de três mil jovens, um quarto admitiu que passa mais de seis horas diárias ligado, privilegiando os contatos *online* aos presenciais e não tem atividades de lazer (DN, 2017).

Dados apresentados pelo “*European School Survey Project on Alcohol and other Drugs*” (ESPAD, 2015) e apresentados em Portugal concluem que “*O consumo de serviços fornecidos pela Internet é feito pela maioria dos adolescentes, em especial quanto à utilização de Redes Sociais, Downloads/Streaming e pesquisa de informação, sendo o jogo/gaming maioritariamente associado aos rapazes*”. (Feijão, 2015: 12). O mesmo relatório refere, por exemplo, que a prevalência de uso da internet nos últimos 7 dias variou entre 92% nos jovens com 13 anos e de 98% nos jovens com 18 anos.

GRÁFICOS 3 E 4  
HORAS PASSADAS NA INTERNET EM SALAS DE CHAT, SMS OU REDES SOCIAIS



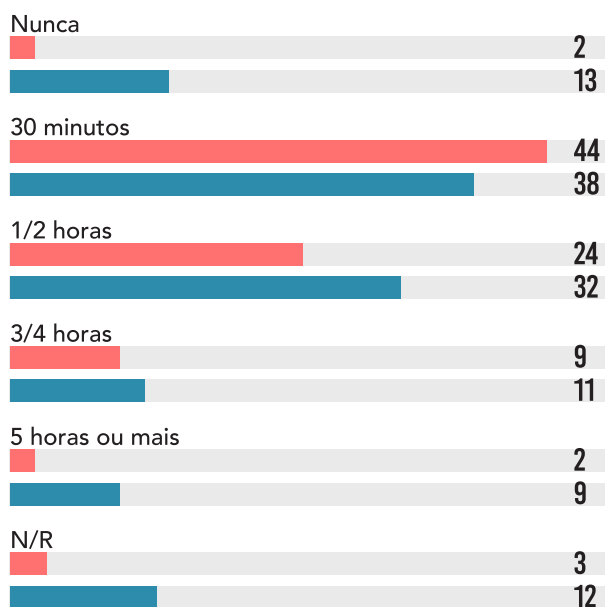
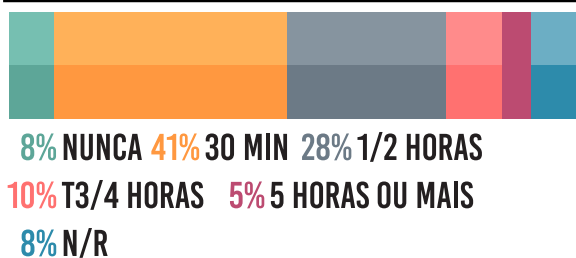
**4% NUNCA** **11% 30 MIN** **26% 1/2 HORAS**  
**21% T3/4 HORAS** **28% 5 HORAS OU MAIS**  
**10% N/R**



● Feminino ● Masculino

Os resultados obtidos no nosso estudo são semelhantes aos dados apresentados pelo ESPAD 2015, assinalando que aproximadamente 49% passam mais de 3/4 horas diárias na internet. Observamos ainda, que 86% dos jovens inquiridos utilizam a internet diariamente em salas de *chat*, envio de mensagens ou redes sociais.

GRÁFICOS 5 E 6  
HORAS PASSADAS NA INTERNET EM LEITURA E BUSCA DE INFORMAÇÃO

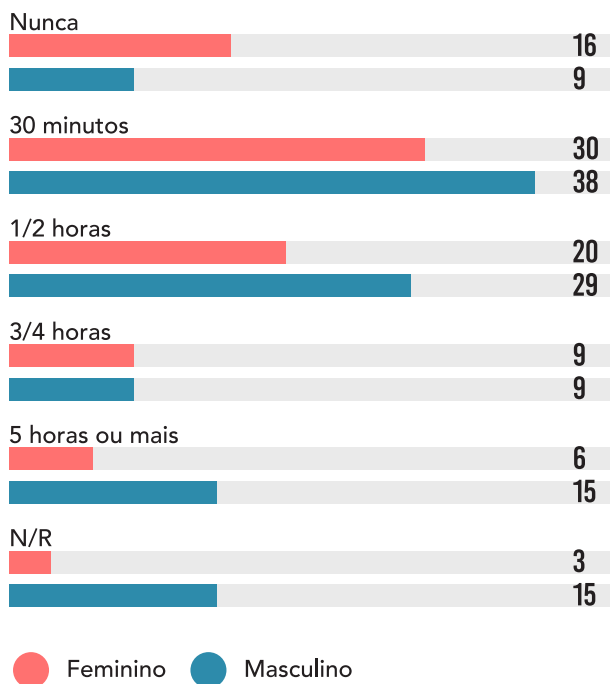


● Feminino ● Masculino

Quando a utilização da internet está associada à procura de informação ou leitura, o tempo de utilização diária da mesma reduz-se consideravelmente. Se, por um lado, 21% dos indivíduos utiliza a internet mais de 4/5 horas diárias em salas de *chat*, envio de mensagens ou redes sociais, por outro, apenas 5% a utiliza com o objetivo de obter informações ou realizar leituras.

GRÁFICOS 7 E 8  
HORAS PASSADAS NA INTERNET EM LEITURA E BUSCA DE INFORMAÇÃO



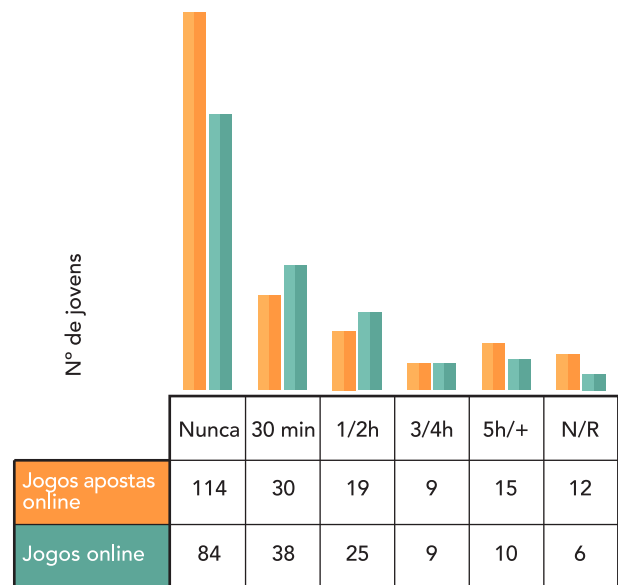


As finalidades de uso da internet apresentam perfis de utilização diversificados. Constatamos que o tempo dedicado a aceder a conteúdos lúdicos (como fazer *download* de filmes, música ou séries de televisão) é semelhante ao utilizado na obtenção de informação ou leituras. Apesar da quantidade de tempo despendido ser semelhante para estas finalidades, leva-nos a considerar a hipótese de que o tempo objetivamente despendido, numa e noutra finalidade, seja diferente, uma vez que os *downloads* não exigem que o utilizador esteja ligado presencialmente.

### 2.3. O JOGO

Na generalidade o jogo é definido como algo que está associado a dimensão do lazer. É transversal a toda sociedade e desde criança que está patente em todas as dimensões do desenvolvimento. A atividade lúdica é expressa quando *“o prazer que se sente com a resolução de uma dificuldade tão propriamente criada e tão arbitrariamente definida, que o facto de a solucionar, tem apenas a vantagem de satisfação íntima de o ter conseguido”* (Caillois, 1990, cit.

in Duarte, 2009: 12). No entanto, a dimensão lúdica e de lazer desaparece quando estamos perante um comportamento aditivo. No seio dos comportamentos aditivos o jogo surge como uma problemática cuja definição é recente. De acordo com o PNRCAD (2013 – 2020), *“o jogo é uma problemática com uma história recente em termos de definição de políticas de saúde a nível europeu, sendo a evidência sobre as suas diversas vertentes esparsa e de alguma forma incoerente, fruto da utilização de delimitações conceptuais distintas”* (PNCAD: 2013: 36). De acordo com a OMS e o CID-10, o jogo patológico é reconhecido como uma perturbação dos hábitos e dos impulsos. No entanto existe um défice de conhecimento em Portugal relativamente aos fenómenos de dependência de jogo a dinheiro, particularmente entre os novos focos de preocupação, como sejam os jovens de 14-18 anos (ou 12-18 anos) e grupos de doentes (Lopes, 2009 cit. in PNRCAD, 2013: 38).



Da análise dos resultados obtidos foi possível constatar que a maioria dos jovens não tem por hábito o jogo online. No entanto, consideramos preocupante que 7,5% dos jovens inquiridos passe mais de 5 horas diárias em jogos de apostas online.

GRÁFICO 10  
JOGOS DE APOSTAS ONLINE POR GÊNERO

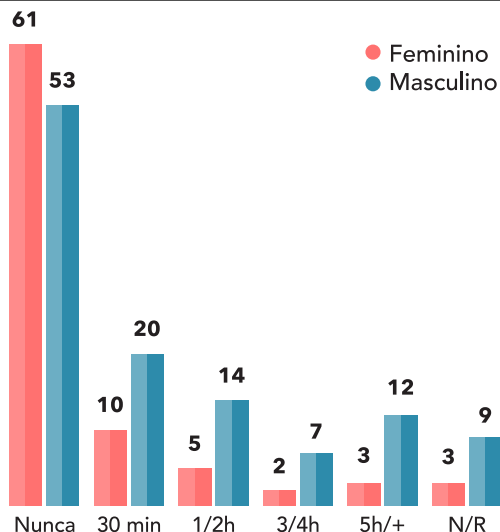
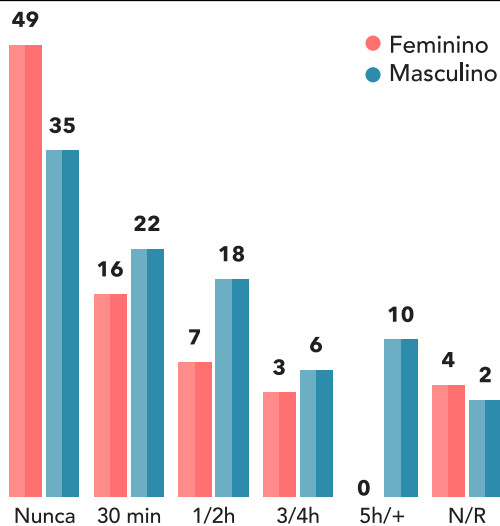


GRÁFICO 11  
JOGOS ONLINE POR GÊNERO



Na nossa pesquisa, as diferenças de gênero corroboram os vários estudos (Lopes, 2009; Balsa, Vital & Urbano, 2013; cit. in PNRCAD 2013), com os jovens do sexo masculino em evidência em relação aos jogos online.

Da revisão da literatura da especialidade constatamos uma alteração do paradigma do jogo infantojuvenil, caracterizado pela inatividade física, longos períodos

de jogo e aumento do grau de isolamento social. (Lopes, 2013, cit. in PNRCAD: 77). E o acesso a jogos *online* logo na primeira infância está a tornar-se uma prática comum, que vem colocar novas questões e desafios no domínio da intervenção em CAD.

O jogo realizado sem dinheiro, mas com mecanismos semelhantes ao jogo a dinheiro prêmio, através de pontuação, repetição de ciclos rápidos de jogo, reforço da autoestima de quem tiver longos períodos de permanência no jogo, sensação de que a longa experiência no jogo desenvolve a perícia, introdução do fator acaso para o desfecho do ciclo de jogo (Lopes, 2013 cit. in PNRCAD 2013: 77), é um fator de predisposição para o desenvolvimento de comportamentos aditivos.

GRÁFICO 12  
JOGOS DE APOSTAS ONLINE POR IDADE

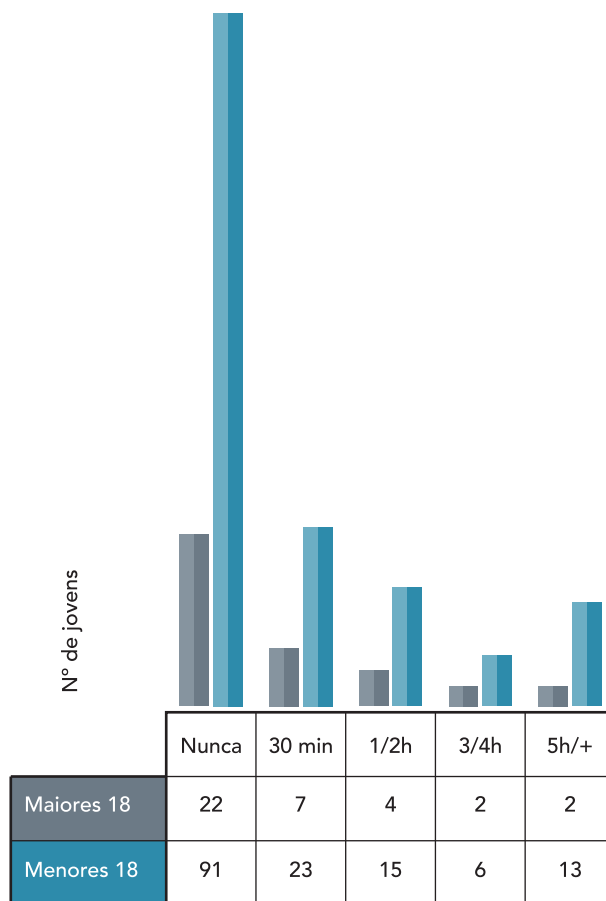
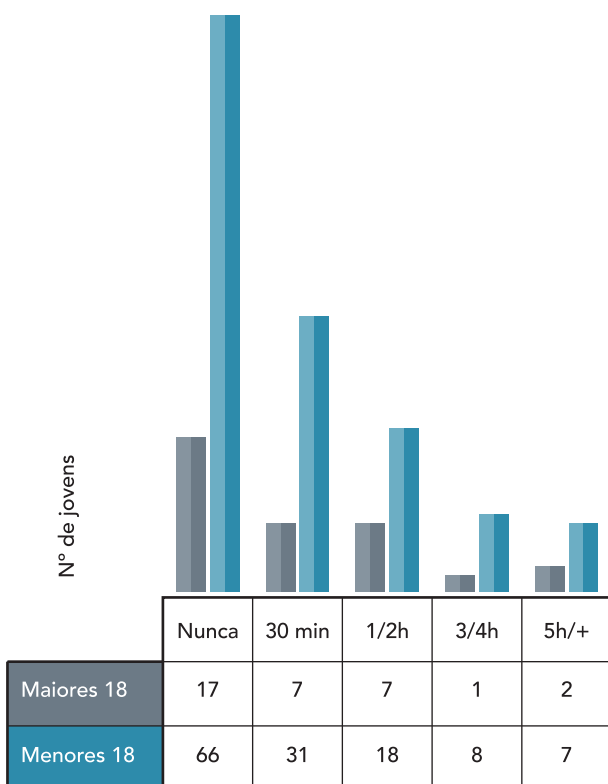


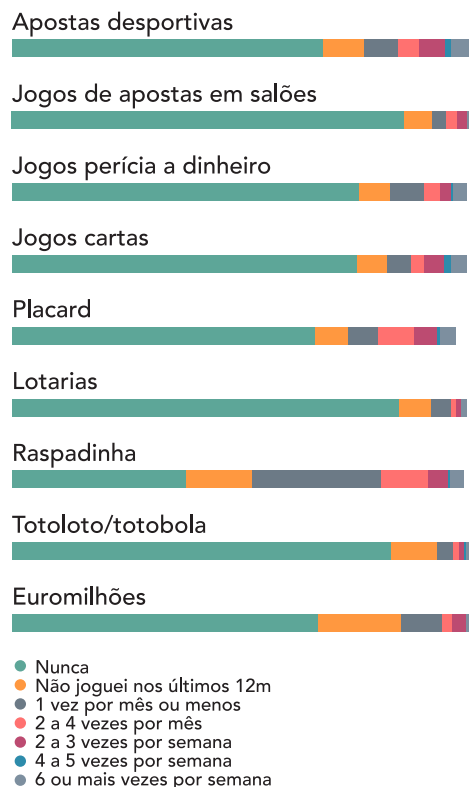
GRÁFICO 13 JOGOS ONLINE POR IDADE



Verificamos também, que são os jovens com menos de 18 anos a jogar *online* mais horas. As razões poderão estar associadas à sensação do *risk taker* (só por si um fator de risco) ou pelo facto de terem tido acesso mais cedo à possibilidade de jogar. Estes resultados reforçam a necessidade de vigilância e monitorização em idades cada vez mais precoces, pelos profissionais de saúde e educação, pois a repetição diária de um comportamento com alto potencial aditivo, poderá facilitar que a dependência surja ainda antes da idade adulta.

Relativamente ao tipo de jogos não *online* a raspadinha reúne a preferência da maioria que joga (49,7%).

GRÁFICO 14 Nº DE VEZES QUE JOGAM EM JOGOS NÃO ONLINE



## 2.4 CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS LÍCITAS

### 2.4.1. ÁLCOOL

Segundo dados publicados no PNRCAD (2013-2020) em Portugal no ano de 2012, cerca de 73% da população portuguesa entre os 15-74 anos já tinha tido pelo menos uma experiência de consumo de bebidas alcoólicas ao longo da vida e 60% tinha consumido nos últimos 12 meses. No entanto, assistiu-se a uma diminuição da prevalência do consumo para quase todos os grupos, o que não invalida a preocupação relativamente a este tipo de consumo nos jovens portugueses (ESPAD, 2015).



GRÁFICOS 15 E 16  
DIFICULDADE NA AQUISIÇÃO DE CERVEJA



7% Muito Difícil 5% Difícil 30% Fácil

53% Muito Fácil 5% Não sei

MENORES 18 A

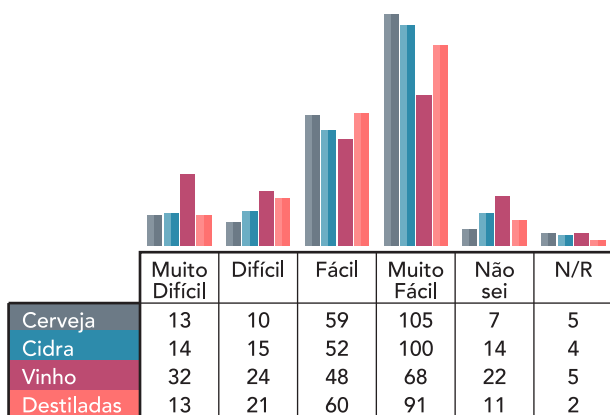


9% Muito Difícil 5% Difícil 25% Fácil

56% Muito Fácil 5% Não sei

Os resultados deste inquérito demonstram que 53% dos jovens refere ser muito fácil e 30% fácil a aquisição de cerveja. E apesar de a legislação proibir a disponibilização, venda e consumo de álcool a menores de 18 anos, isso não impediu que 56% dos respondentes referissem que é muito fácil e 25% fácil a aquisição de cerveja. Dados que não são imunes ao facto de o álcool ser uma substância barata, de fácil acesso e culturalmente aceite.

GRÁFICO 17  
DIFICULDADE NA AQUISIÇÃO DE CERVEJA



A percepção é um pouco diferente quando questionamos a acessibilidade a outro tipo de substâncias alcoólicas. O gráfico 17 ilustra que os jovens consideram o vinho a bebida alcoólica com menor acessibilidade. É nossa interpretação que esta dificuldade poderá estar associada ao valor simbólico atribuído pelos adolescentes ao vinho, que o consideram uma bebida de adultos, “fora de moda”, ou seja, uma percepção que pode ser a tradução de um menor desejo ou interesse por este tipo de bebida.

Estudos recentes no âmbito dos consumos de substâncias e comportamentos aditivos (ESPAD 2015) demonstraram que o álcool continua a ser a substância mais consumida entre os jovens adolescentes. Os resultados demonstraram que 71% dos jovens com idades entre os 13 e os 18 anos consumiram álcool, dos quais 42% mantiveram esses mesmos consumos.

Os dados obtidos no nosso estudo são consonantes com outros estudos a nível nacional e internacional, para estas faixas etárias, com 43% dos respondentes a relatar a sua primeira experiência aos 14/15 anos. Mais de metade (58%) afirmam que ingeriram pelo menos uma bebida nos últimos 30 dias, sendo que 11% o faz pelo menos 3 vezes por semana e 7% todos os dias.

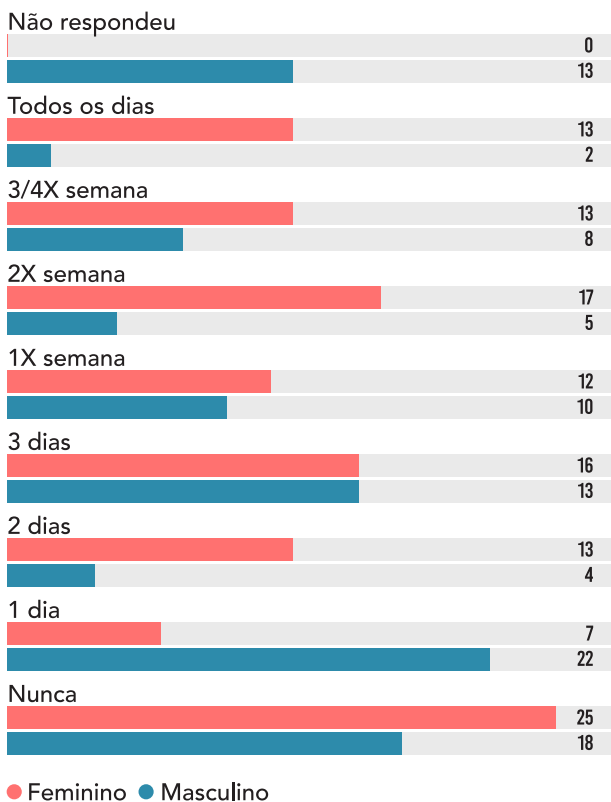
A literatura refere que os consumos de álcool iniciados numa fase precoce da vida aumentam quatro vezes mais a probabilidade de se tornarem adultos dependentes de álcool, bem como, de outras comorbilidades associadas.

GRÁFICO 18  
IDADE DE INÍCIO DO CONSUMO DE ÁLCOOL



8% 10A 7% 11A 8% 12A 15% 13A  
23% 14A 22% 15A 14% 16A 2% 17A

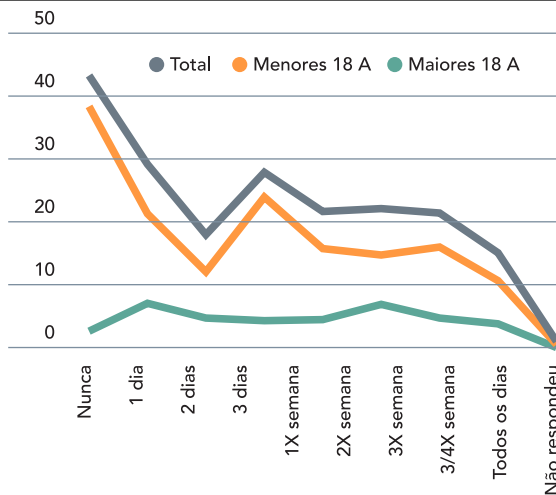
GRÁFICO 19  
CONSUMO DE ÁLCOOL NOS ÚLTIMOS 30 DIAS – POR GÉNERO



Segundo dados do ESPAD 2015, 56% dos rapazes e 50% das raparigas portuguesas referiram consumos de bebidas alcoólicas nos últimos 30 dias anteriores a realização do inquérito. Quando colocada a mesma questão aos jovens que constituíram a nossa amostra, a percentagem de rapazes que consumiram bebidas alcoólicas nos últimos 30 dias sobe para os 61,2%, mas baixa nas raparigas para um valor próximo dos 39%.

É, ainda, importante referir que o consumo nos últimos 30 dias foi superior nos jovens com menos de 18 anos. Este facto aumenta a nossa preocupação e reforça a necessidade de ações concertadas de informação e sensibilização em contextos recreativos associados à cultura juvenil.

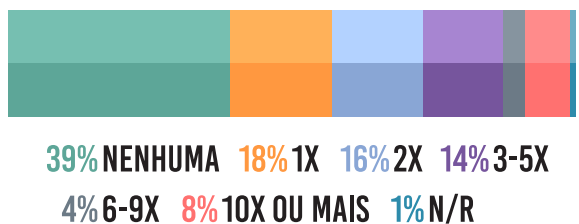
GRÁFICO 20  
CONSUMO DE ÁLCOOL NOS ÚLTIMOS 30 DIAS - IDADE



A tendência em Portugal para o consumo de álcool do tipo binge drinking (consumo de 5 a 7 bebidas numa só ocasião) tem vindo a aumentar, sendo um dos países na Europa que demonstrou maiores prevalências quanto a este padrão de consumo. Esta tendência aponta para a necessidade de reforçar o investimento nas campanhas de prevenção do consumo do álcool, em particular dos consumos intensivos nos jovens.

A análise dos gráficos demonstra que 26% dos jovens inquiridos exibiram este padrão de consumo. A nossa particular preocupação recaiu nos 8% dos jovens que o fizeram mais de 10 vezes nos últimos 30 dias anteriores ao inquérito. E apenas 39% nunca tiveram este tipo de consumo.

GRÁFICO 21  
CONSUMO DE 5 OU MAIS BEBIDAS NUM ESPAÇO DE 2 HORAS



## 2.4.2. TABACO

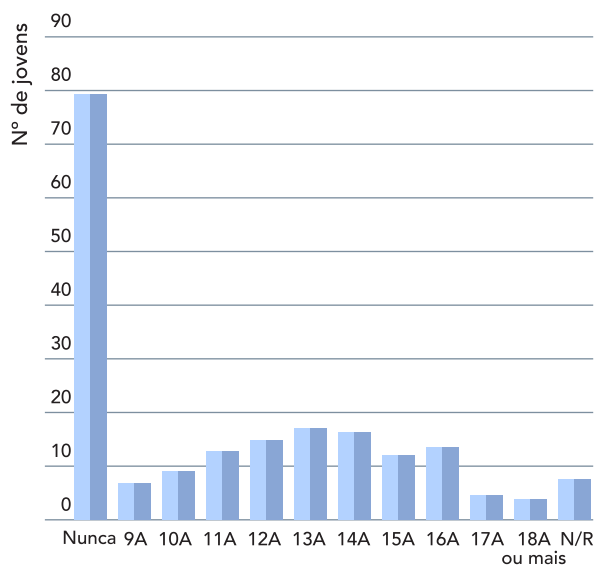
A tendência nacional para o consumo de tabaco tem diminuído, quer para a população geral, quer para a população mais jovem.

Um dos objetivos principais da prevenção é o de evitar ou retardar a iniciação do consumo de substâncias psicoativas, nomeadamente de tabaco, por esta estar identificada como uma das substâncias considerada “*droga de entrada*” e diretamente associada à pré-disponibilidade para o consumo de outras substâncias.

As campanhas antitabágicas reforçam a componente informativa sobre esta substância, no entanto são claramente insuficientes para evitar o consumo, apontando para a necessidade de os programas de prevenção incluírem estratégias para evitar, reduzir ou atenuar os efeitos do consumo do tabaco nos adolescentes.

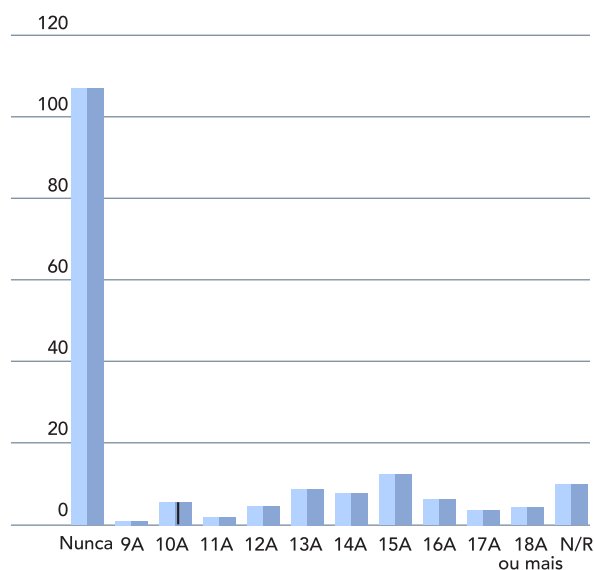
Dos resultados obtidos foi possível aferir que mais de metade dos jovens inquiridos já consumiram tabaco. Sendo que a maioria dos jovens que o fizeram situa-se entre os 13 e os 16 anos.

GRÁFICO 22  
INÍCIO CONSUMO DE TABACO



A análise das respostas à questão - *Desde que idade fumas diariamente?* - permitiu-nos identificar um padrão de uso desta substância em idades muito precoces (9 e os 10 anos respetivamente). A maioria dos jovens que mantém este padrão de uso, situa-se na faixa etária entre 13 e os 14, o que é preocupante, uma vez que este uso tenderá a evoluir para abuso e dependência.

GRÁFICO 23  
IDADE DE INÍCIO DO CONSUMO DIÁRIO DO TABACO

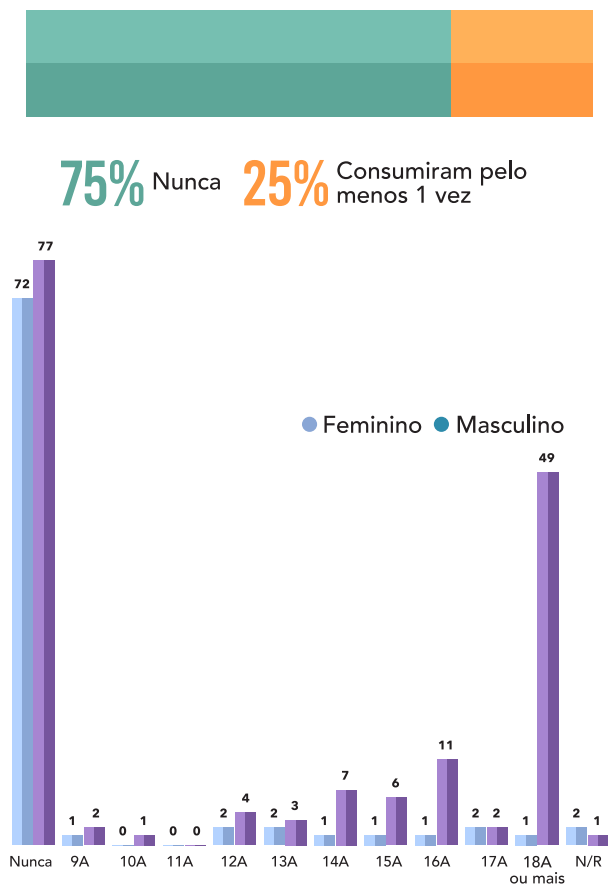


## 2.5. CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS ILÍCITAS

No quadro das substâncias ilícitas, a cannabis destaca-se como a droga mais consumida. Segundo dados publicados no PNACAD (2013: 40) a maioria das apreensões efetuadas em Portugal está relacionada com a cannabis, refletindo a elevada prevalência de consumo na população.

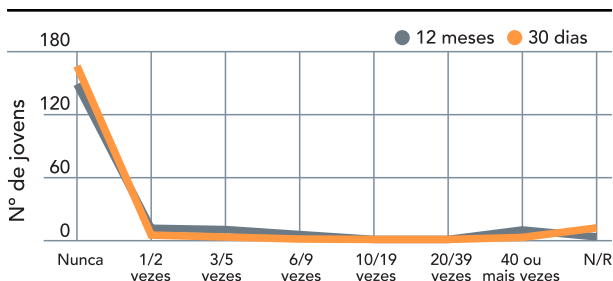
O consumo de cannabis, no nosso estudo, surge mencionado por 25% dos jovens que responderam ao inquérito (com maior expressão no sexo feminino), na faixa etária dos 12 aos 16 anos, coincidindo com a tendência nacional para o consumo desta substância.

GRÁFICOS 24 E 25  
IDADE DE INÍCIO DO CONSUMO DIÁRIO DO TABACO



Contudo, 36% dos jovens mantiveram consumos desta substância nos últimos 30 dias anteriores ao questionário, o que em termos absolutos pode apontar para uma regularidade do consumo ou mesmo indicar um padrão de abuso.

GRÁFICO 26  
CONSUMO CANNABIS NOS ÚLTIMOS 30 DIAS E 12 MESES

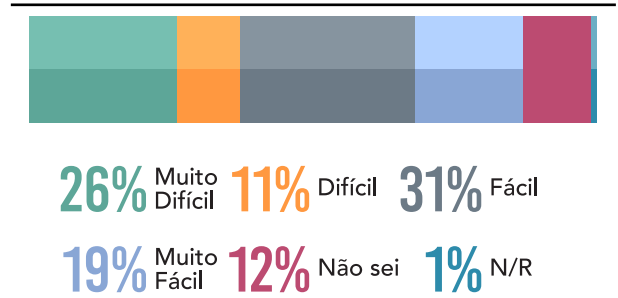


A disponibilidade de agonistas recetores canabínicos sintéticos no mercado ilícito e o aumento das apreensões de planta da cannabis poderão traduzir uma nova dimensão deste mercado (PNA-CAD, 2013).

Os desafios desta nova dinâmica associada a desvalorização social desta substância reforçam por si só a importância da prevenção e de uma monitorização contínua. De facto, o estudo *Flash Eurobarometer – young people and drugs 2014* (SICAD, 2016: 2) refere que os jovens portugueses consideram a cannabis a droga ilícita que oferece menor risco elevado para a saúde.

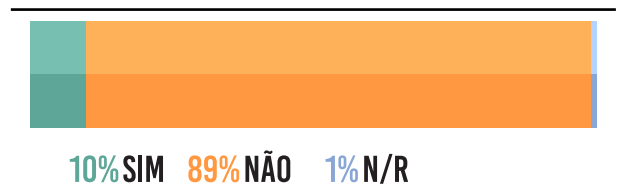
Apesar de se tratar de uma substância ilícita, 50% dos jovens inquiridos tem a percepção de que a sua aquisição é fácil ou muito fácil.

GRÁFICO 27  
PERCEÇÃO DOS JOVENS PARA AQUISIÇÃO DA CANNABIS



Em relação às outras substâncias psicoativas ilícitas consideradas, verificamos que o seu consumo é mencionado por 10% da população jovem inquirida.

GRÁFICO 28  
CONSUMO DE OUTRAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ILÍCITAS (HEROÍNA, COCAÍNA, MDMA)



Também de acordo com o ESPAD 2015, dos adolescentes que alguma vez experimentaram drogas, 19% já consumiram cannabis. As outras substâncias ilícitas têm uma menor expressão (3% dos jovens

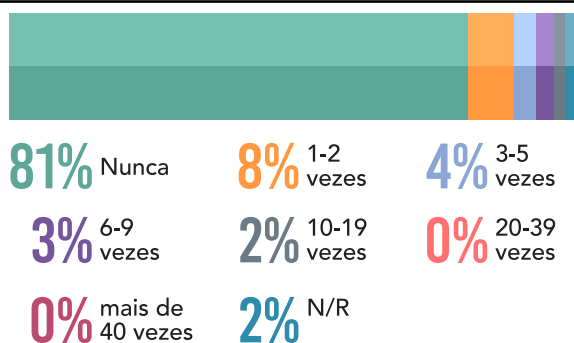
experimentaram ecstasy ou anfetaminas, 2% consumiram alucinogénios ou cocaína e 1% refere o consumo de heroína).

## 2.6. Comportamentos sexuais de risco associado ao consumo de substâncias lícitas e ilícitas

O consumo de substâncias psicoativas facilita o estabelecimento de relações, proporciona euforia, aumenta a intimidade, a desinibição e a dissolução dos medos, acentuando uma certa predisposição inconsequente para experiências sexuais desprotegidas e efémeras.

Na atualidade, existe para além do álcool um conjunto de substâncias associadas ao estabelecimento de relações de maior intimidade e de cariz sexual, até porque o sexo adquiriu um novo significado, sendo encarado por alguns jovens como uma atividade em si mesmo, desvinculada de uma relação romântica e duradoura (Calafat et al., 2004 cit. in Lomba et al., 2008: 32).

GRÁFICO 29  
RELAÇÕES SEXUAIS DE RISCO



Dos inquiridos, 17% diz já ter tido relações sexuais desprotegidas, o que pressupõe a necessidade de uma intervenção dirigida especificamente à saúde sexual.

No estudo realizado por Matos et al. (2006, cit. in Lomba et al., 2008: 32), 35,2% dos jovens que já iniciaram a vida sexual afirmam tê-lo feito sob o efeito do álcool e 22,4% afirmam ter estado sob o efeito de drogas. E de acordo com Hughes e Bellis (2004 cit. in Lomba et al., 2008: 32) os consumidores de álcool e de outras drogas, têm mais relações sexuais quando comparados com os não consumi-

dores, como também têm mais parceiros sexuais, usam menos preservativo e iniciam práticas sexuais mais cedo. Esta associação entre consumo de substâncias psicoativas e comportamentos sexuais de risco reforça a necessidade da promoção de estilos de vida saudáveis junto dos jovens que frequentam os contextos recreativos.

## CONCLUSÃO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano vulnerável à emergência de comportamentos de risco que colocam os jovens em situações de vulnerabilidade. E, quando são analisados no âmbito da saúde (especificamente na área da prevenção do uso e abuso de substâncias e de outros comportamentos aditivos), exigem uma intervenção suportada em programas preventivos adaptados às diferenças etárias da população jovem portuguesa.

Os dados recolhidos pelo nosso questionário são semelhantes a outros estudos (ESPAD 2015 e DICA-D 2016), que confirmam o álcool como sendo a substância mais consumida, seguido pelo tabaco e depois pela cannabis. O ESPAD 2015 aponta para descidas nos consumos de álcool, tabaco e para a estabilização do consumo das outras drogas. O estudo *Comportamentos aditivos nos jovens de 18 anos residentes na região Norte de Portugal* (Abraão et al., 2016), retrata a área do Tâmega e Sousa (que integra o concelho de Lousada) como sendo a região que regista as mais baixas prevalências de tabaco, álcool e haxixe.

De salientar que a maioria dos jovens respondentes nunca experimentou nenhuma substância. No entanto, os que já experimentaram mantêm os consumos de álcool e tabaco, com principal preocupação para os consumos do tipo *Binge Drinking*. E geralmente, são os indivíduos do sexo masculino que referem mais frequentemente o consumo de várias substâncias. No entanto, a análise dos dados recolhidos não reduz a nossa preocupação relativamente à idade de experimentação de tabaco (9-10 anos) e do álcool (que aponta para os 10 anos) e a situações de embriaguez (entre os 12 e 14 anos).

Outra preocupação recai sobre a percepção que os jovens têm sobre a acessibilidade às diferentes substâncias, uma vez que a grande maioria considera o acesso às substâncias (independentemente de serem lícitas e ou ilícitas) fácil ou muito fácil. Com a particularidade de que os jovens menores de 18 anos têm essa percepção aumentada. Tendência que se mantém nos jogos, sendo os menores de 16 anos os que mais jogam e mais tempo despendem nesta atividade.

Na utilização da internet, observamos que a maioria dos jovens, independentemente do gênero, utiliza as redes sociais, permanecendo ligados por mais de 4 horas diárias à semana, aumentando esse tempo durante o fim de semana. Importa aqui referir que os pacotes da internet dirigidos aos jovens oferecem acessos gratuitos às redes sociais, promovendo as ligações contínuas e gerando uma sensação de estar “sempre ligado ou conectado”.

Em relação ao jogo, verificamos que maioria dos jovens não faz apostas *online* e a maior parte dos que o fazem, não excede 1 hora diária nessa atividade. Constatamos diferenças de gênero, sendo mais expressiva a percentagem dos rapazes que adere ao jogo online.

Constatamos ainda, que a cannabis é a substância ilícita protagonista no seio dos jovens (maioritariamente junto das raparigas), devido, em parte, à desvalorização dos seus riscos para a saúde e ao fácil acesso na sua aquisição.

Outros resultados apurados (apesar da sua pouca expressividade) evidenciam comportamentos sexuais desprotegidos, em alguns dos jovens, associados aos consumos de substâncias (lícitas e ilícitas). O que pressupõe alargar a intervenção preventiva ao campo da sexualidade, focalizada em ações de proteção sexual da saúde junto dos jovens frequentadores de ambientes recreativos.

Os dados recolhidos neste estudo reforçam a necessidade da aplicação de programas de prevenção em idades cada vez mais precoces (uma vez que os programas de prevenção são geralmente concebidos para jovens com idades superiores a 12 anos), aliada a uma intervenção a nível familiar e escolar no âmbito do desenvolvimento de com-

petências pessoais e sociais. Colocam em evidência a importância da implementação de programas destinados a adolescentes e jovens adultos, que privilegiem ações de continuidade e reconheçam, particularmente, as especificidades dos problemas emergentes, como a dependência do mundo digital, implicando o desenho de intervenções preventivas que eduquem os jovens para o uso saudável dos dispositivos móveis. Sugerem ainda, que devemos continuar a investir na promoção de parcerias com as estruturas comunitárias, desenvolvendo de forma articulada, integrada, concertada e em rede, ações preventivas flexíveis e adequadas às particularidades da população jovem que frequenta os festivais de verão.

## AGRADECIMENTOS:

Ao Pelouro da Ação Social, Juventude, Atividades Económicas e Turismo da Câmara Municipal de Lousada e aos profissionais de saúde do CRI Porto Oriental que colaboraram no estudo: Ana Isabel Pacheco, Ana Paula Rebelo, Fátima Esteves, Fernanda Ribeiro, Paula Alexandra Ferreira, Paula Dias e Sílvia Magalhães. E principalmente a todos os jovens que tornaram possível aceder a esta informação.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ABRÃO, Inês; COUTINHO, Cátia; MARTINS, Iolanda; MORAIS, Sónia (2016). *Comportamentos aditivos nos jovens de 18 anos residentes na Região Norte de Portugal*, Porto, Divisão de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependência, ARS Norte, I.P., Ministério da Saúde.

CALADO, Vasco; LAVADO, Elsa (2016). *As representações Sociais da Droga e da Toxicodependência – Inquérito ao público jovem presente no Rock in Rio*, Lisboa, Direção de Serviços de Monitorização e Informação Divisão de Estatística e Investigação, SICAD, Ministério da Saúde.

Dário de Notícias (2017), *“Vício da internet já atinge 25% dos jovens”*, 9 de abril. Consultado em outubro de 2018 a partir de: <https://www.dn.pt/sociedade/interior/vicio-da-internet-ja-atinge-25-dos-jovens-5783779.html>

DUARTE, José Adelino (2009). *O jogo e a criança: estudo de caso*, Tese de Mestrado, Lisboa, Escola Superior de Educação João de Deus.

European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction [EMCDDA] (2015). *Relatório Europeu sobre Drogas: Tendências e evoluções*. Disponível em: [http://www.emcdda.europa.eu/attachements.cfm/att\\_239505\\_PT\\_TDAT15001PTN.pdf](http://www.emcdda.europa.eu/attachements.cfm/att_239505_PT_TDAT15001PTN.pdf)

ESPAD Report (2015). *Results from de european school survey project on alcohol and other drugs*, Lisbon, European Monitoring Centre for Drugs na Drug Addiction.

FEIJÃO, Fernanda (2015). *Estudo sobre os consumos de álcool, tabaco, drogas e outros comportamentos aditivos e dependências*. (Available on the SICAD website ([www.sicad.pt](http://www.sicad.pt))).

LOMBA, Lurdes; APÓSTOLO, João; LOUREIRO, Helena, GRAVETO, João, SILVA, Margarida; MENDES, Fernando (2011) *Consumos e comportamentos sexuais de risco na noite de Coimbra*, Toxicodependências, vol. 14, nº 1, pp. 3 – 15.

Plano Nacional Para a Redução dos Comportamentos Aditivos e Dependências 2013 – 2020 (2013), Lisboa, Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências, Ministério da Saúde.

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências (2016). *Relatório Anual 2015 – A situação do país em matéria de drogas e toxicodependências (sumário executivo)*. Consultado em agosto de 2017 a partir de:

[http://www.sicad.pt/BK/Publicacoes/Lists/SICAD\\_PUBLICACOES/Attachments/114/Relatório%20Anual%20Drogas%20e%20Toxicodependências%202015.pdf](http://www.sicad.pt/BK/Publicacoes/Lists/SICAD_PUBLICACOES/Attachments/114/Relatório%20Anual%20Drogas%20e%20Toxicodependências%202015.pdf)

Silva, Samuel (2014). *“Mais de 70% dos jovens portugueses com dependência da internet”*, Educação, Jornal “O Público”, 3 de novembro. Consultado em outubro de 2018 a partir de: <https://www.publico.pt/2014/11/03/sociedade/noticia/quase-tres-quartos-dos-jovens-portugueses-apresentam-sinais-de-dependencia-da-internet-1674907>

---

## NOTAS:

- (1) É uma Unidade de Intervenção Local em Comportamentos Aditivos e Dependências da DICAD da ARS Norte, I.P., que abrange territorialmente os concelhos das plataformas supraconcelhias do Tâmega (Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel) e do Grande Porto (Gondomar, Zona Oriental do concelho do Porto (freguesias do Bonfim, Campanhã e Santo Ildefonso) e Valongo), dispo de equipas técnicas especializadas multidisciplinares para diversas áreas de intervenção dedicadas ao tratamento, prevenção, reinserção social e redução de riscos e minimização de danos.
- (2) O PRI é uma intervenção que integra abordagens e respostas interdisciplinares, de acordo com algumas ou todas as áreas de intervenção (prevenção, tratamento, reinserção social e redução de riscos e minimização de danos) e que decorre dos resultados do diagnóstico de um território identificado como prioritário (art.º 2 da Portaria .27/2013 de 24 de janeiro).
- (3) Estudo liderado pelo Agrupamento de Centros de Saúde Grande Porto VI – Porto Oriental (ACES Porto Oriental), integrado no Acordo de Colaboração com a DICAD (Divisão da Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências) e o Agrupamento de Escolas, no âmbito da prevenção dos comportamentos aditivos e outras dependências.
- (4) O CUIDA-TE é um Programa do Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. com diversas entidades parceiras, do setor público e privado. Tem como principal objetivo trabalhar na área da saúde juvenil e na promoção de estilos de vida saudáveis.



---

## **A redemocratização da rede de apoio às pessoas que usam drogas**

---

A redução de danos no Brasil e em Portugal  
num período de austeridade económica

---

**RITA DE CÁSSIA CAVALCANTE LIMA**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**ADRIANA PEREIRA DA FONSECA**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**MARTA DIAS BAPTISTA DE LEIRIA E BORGES**

Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo

**MARTA R. MATIAS DA LUZ**

Ativista na área das PUD

03

## RESUMO

---

Este trabalho propõe-se a discutir a redução de danos na política de drogas no Brasil e em Portugal, através do Projeto de Investigação "O trabalho profissional do Serviço Social na Saúde no Rio de Janeiro e em Lisboa: o apoio aos PUD". Este projeto está vinculado à Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro em parceria com assistentes sociais da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, do Ministério da Saúde de Portugal e do trabalho de campo em contexto de Drop-in, situado em Lisboa. A pesquisa é qualitativa e foram utilizadas a revisão bibliográfica e a análise documental. Historicamente, as políticas de drogas no Brasil e em Portugal assentam sobre o proibicionismo às drogas. A redemocratização de Portugal, com início em 1974, e do Brasil, em 1985, permitiram mudanças na direção da política de drogas, porém, distintas entre si. Em Portugal, com a descriminalização do consumo de todas as drogas até certa dosagem limitada por lei, houve uma aproximação das pessoas que usam drogas (PUD) ao sistema de saúde, o que ampliou os cenários de intervenção da redução de danos, enquanto que, no Brasil, a redução de danos construiu-se numa ética do cuidado para a política de drogas, promovendo a intervenção punitiva do Estado. Nos dois países periféricos ao capitalismo, os pacotes de austeridade económica fortaleceram a justiça criminal na política de droga, o subfinanciamento da política de saúde e a não integração de novos trabalhadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** drogas; proibicionismo; redução de danos; justiça criminal; austeridade.

## ABSTRACT

---

This paper discusses harm reduction in drug policy in Brazil and Portugal, through the Research Project "The professional work of Social Work in health policy of the Rio de Janeiro and Lisbon: the attention to harmful drug users". This Project is linked to the Social Work School at the Federal University of Rio de Janeiro in partnership with social workers from

the City Health Department of Rio de Janeiro, the Health Ministry of Portugal and the Group of Activists in Treatments. The research is qualitative and were used the bibliographical review and the documental analysis. Historically, drug policies in Brazil and Portugal have been based on drug prohibitionism. The Portugal's democratization process, started in 1974, and Brazil's, started in 1985, allowed changes in the direction of drug policy, however, distinct from each other. In Portugal, with the decriminalization of the consumption of all drugs up to a certain permitted dosage, there was a drug users' approach to the health system and expanded harm reduction intervention scenarios; while, in Brazil, the harm reduction has come to be considered an ethic of care for drug policy and resistance to strengthen punitive State intervention. In both countries on the periphery of capitalism, economic austerity packages have been strengthening criminal justice in drug policy, underfinancing of health policy and non-replenishment of new workers.

**KEY WORDS:** drugs; prohibitionism; harm reduction; criminal justice; austerity.

## 1. INTRODUÇÃO

---

Este trabalho nasce da parceria entre Assistentes Sociais da área da saúde em Portugal e de integrantes da Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSS/UFRJ), no Brasil. Essa relação foi iniciada durante o período de Estágio Pós-Doutoral de docente do PPGSS/UFRJ, entre Fevereiro a Julho de 2015, do qual foi criado o Projeto de Investigação, "O trabalho profissional do Serviço Social na Saúde do Rio de Janeiro e em Lisboa: o apoio às pessoas que usam drogas (PUD)", a partir de 2017.

Este artigo tem como objetivo examinar a relação entre a redemocratização e as políticas de austeridade económica de Portugal e do Brasil para a redução de danos na rede de apoio às PUD. Temos como ponto de partida que os processos de redemocratização contribuíram para uma aproximação dos PUD junto aos serviços de redução de danos na saúde, enquanto que os períodos de austeri-

dade são acompanhados por penalizações dessas pessoas na justiça criminal e no afastamento dos serviços sociais.

## 2. AS POLÍTICAS DE SAÚDE PÚBLICA NO PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO DE PORTUGAL E DO BRASIL

As lutas pela saúde pública inscrevem-se nos processos de redemocratização em ambos os países. Em Portugal, o processo político e económico com início na Revolução dos Cravos, em 1974, último movimento de convulsão nacional do continente europeu no século XX (Varela et al, 2015), permitiu que decisões com impacto na melhoria da saúde, seja através da formação do Serviço Nacional de Saúde, seja pela ampla melhoria de equipamentos coletivos como a ampliação do saneamento e do acesso à água potável, do recolhimento e reciclagem de resíduos, do aumento da escolaridade, do acesso à habitação, entre outros (Ine, 2010).

No Brasil, a influência do movimento latino-americano da reforma sanitária trouxe a centralidade da determinação social no processo saúde-doença, cujo pensamento em finais dos anos de 1970, demonstrou que a produção da saúde dependia mais do modelo económico adotado nos diferentes países do continente, do que de investimento do fundo público num sistema curativo de base hospitalar, cujo saber biomédico centrava-se na doença e no corpo do indivíduo (Laurell, 1982).

Na redemocratização dos dois países, o fim das ditaduras militares em Portugal, em 1974, e no Brasil, em 1985, foi acompanhado pela introdução da saúde na Constituição da República de 1976 e de 1988, respectivamente, como um bem público, de acesso universal, de base não contributiva e garantido pelo Estado (Lima, 2016).

No entanto, a implantação do Serviço Nacional de Saúde português e do Sistema Único de Saúde brasileiro deu-se ao longo dos governos de Margaret Thatcher (1979-1990) e de Ronald Reagan (1981-1989), quando a resposta neoliberal à crise do capital substituiu as políticas keynesianas, demonstrando os três traços do capitalismo contemporâneo, a saber: a erosão dos indicadores sociais, padrão destrutivo de desenvolvimento das forças produtivas e parasitismo no crescente financiamento do capital (Braz, 2016). Nesse contexto em 1990, Portugal com um Governo do Partido Socialista, implantou as taxas moderadoras no Serviço Nacional de Saúde, reduzindo o acesso gratuito. Estas não incidiram sobre os utentes dos serviços de apoio aos PUD, pois foram considerados um “grupo de risco” e “economicamente desfavorecidos”, conforme isenção prevista aos “grupos populacionais sujeitos a maiores riscos e os financeiramente mais desfavorecidos” (Portugal, 2016).

Os sistemas de saúde pública português e brasileiro foram criados em décadas diferentes, respectivamente, no final de 1970 e 1980, em contexto internacional desfavorável e com uma orientação neoliberal. Contudo em cenários nacionais favoráveis, enquadrados na construção de um novo projeto político e económico democrático.

No caso de Portugal, os últimos 30 anos do século passado, foi acompanhado por sucessivas decisões políticas de grande importância, como a democratização e a descolonização; a entrada do País na Comunidade Económica Europeia, em 1985; e a integração na União Monetária Europeia, em 2000, num ambiente de rápida transição de paradigma tecnológico, nomeadamente na área da saúde (Sousa, 2009). A ofensiva neoliberal estava em curso com as políticas de crédito, de emprego, de urbanização e de saúde.

No entanto, o final dos anos 2000 testemunhou a terceira solicitação de resgate da economia portuguesa a *troika* – intervenção económica imposta pela Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional (FMI). As exigências da *troika* foram justificadas para combater o défice público português e tiveram impacto no quotidiano das famílias com medidas de austeridade. Essa

orientação de financiamento do capital integrou uma estratégia global compartilhada por países periféricos do capitalismo, como o Brasil.

Esses planos de ajuste estrutural do FMI e do Banco Mundial, impostos a numerosos países endividados, também são conhecidos pelo nome de “Consenso de Washington”. Privilegiando a premissa estatística sobre a premissa humana, têm tido – e continuam a ter – consequências terríveis para as populações [...]. De fato, o ajuste estrutural só faz sentido quando se tem em conta que o FMI procura favorecer os mercados em primeiro lugar (Millet; Toussaint, 2006: 90-1).

No âmbito das semelhanças e diferenças entre Portugal e Brasil, o desafio de implantar e sustentar políticas sociais universais e com qualidade mantém-se na ordem do dia.

### **3. AS DIFERENÇAS PROIBICIONISTAS DAS POLÍTICAS DE DROGAS PORTUGUESA E BRASILEIRA**

A proibição às drogas consolidou-se no século XX, a partir de justificativas advindas de uma moralidade conservadora, da saúde pública, do direito penal e da segurança pública, constituindo um conjunto de convenções internacionais (Rodrigues, 2012). Apesar da recomendação internacional para sustentar a “opção pela criminalização de condutas relativas a determinadas substâncias [...] qualificadas como ilícitas” (Karam, 2005:155), existem níveis de soberanias nacionais que passaram a explorar diferentes possibilidades para a aplicação de políticas de drogas mais tolerantes com o utilizador de todas as drogas tornadas ilícitas, como o caso português; com a regulamentação da produção, da distribuição e do consumo da cannabis, como o Uruguai; e a brasileira que combina uma articulação tensa entre a saúde pública e a justiça criminal. Essas

experiências não romperam com o proibicionismo transnacional, mas construíram políticas de drogas com diferenças, possibilitando maior ou menor aproximação das PUD à rede de saúde.

A lógica proibicionista fomenta um movimento constante de riscos às PUD e à criminalização dos que trabalham na produção e no comércio dessas mercadorias. Uma das consequências é a aproximação da distribuição e do consumo de drogas à clandestinidade, favorecendo a ausência do controle de qualidade das substâncias comercializadas, aumentando as possibilidades de adulteração, impureza e desconhecimento dos riscos decorrentes (Karam, 2005:158). Além disso, favorece a transmissão de doenças infectocontagiosas, devido principalmente à falta de condições de higiene nos espaços de uso e à partilha dos materiais no consumo.

Nesse conjunto de preocupações, promoveram-se diferentes políticas de drogas em Portugal e no Brasil, onde a redução de danos surge com concepções e práticas distintas.

#### **3.1 A EXPERIÊNCIA PORTUGUESA DA POLÍTICA DE DROGAS: A PARTICIPAÇÃO NA REDUÇÃO DE DANOS**

No final dos anos de 1980, Portugal encontrava-se na luta contra a epidemia do VIH/SIDA. Através do aumento do consumo da heroína e a partilha de material entre PUD surgem os casos de VIH/SIDA. Este grupo passa a sofrer de uma maior estigmatização, por usar drogas, por recorrer ao pequeno delito e por ser identificado como doentes e potenciais transmissores de VIH.

O início dos anos 90 foi marcado pela emergência social dos bairros associados ao consumo e ao tráfico de droga nas principais cidades portuguesas. O Casal Ventoso foi, desde os anos 70, um bairro famoso pela sua atividade ilegal, como tráfico e contrabando, ou pelo trabalho dos homens ligados ao porto de Lisboa e atividades de mar. Também havia aquilo que se chamava “andar à gandaia”, ou seja, a atividade ligada à recolha do papel para poste-

riormente vender, que, em paralelo com o Brasil, talvez seja uma atividade comparada aos catadores de lixo. Em suma, uma cultura associada à extrema pobreza. Com o mercado inundado pela heroína, o bairro rapidamente se tornou um hipermercado de drogas amplamente estudado pelos cientistas sociais (Fernandes, 1998; Chaves, 1999).

Com o aumento da criminalidade associada ao uso de drogas, numa Lisboa e num país que olhava para este fenómeno à luz da justiça criminal, ou seja, tudo o que era associado ao uso e abuso de substâncias se confundia com um mercado negro do tráfico, onde todos os atores destes bairros, permanentes e passageiros, incorriam pelo consumo do qual dependiam, num processo-crime. Apesar da abertura dos primeiros Centros de Apoio a Toxicodependentes (CAT's), exclusivamente geridos pelo Ministério da Saúde, como o Centro das Taipas, em 1987, o facto de o pano de fundo ser o crime em nada contribuía para surgirem novas respostas e novos olhares para o fenómeno.

Esta conceção não permitia às PUD chegar às respostas de saúde, além de, muitas vezes, interpunha-se a necessidade de encontrar formas de conseguir a nova dose de heroína, e nem sequer reconheciam qualquer necessidade de saúde. Perante isto, e apesar da tutela desta área pertencer ao Ministério da Justiça, os técnicos do Serviço Nacional de Saúde sentiram a necessidade de ir ao encontro das pessoas nos "territórios psicotrópicos" (Fernandes, 1998) e o contexto político estava permeável e sedento de respostas que permitissem devolver o bairro à cidade normativa e clean. É neste contexto social e político que começam, incipientes respostas fundadas na redução de danos. Foi introduzido o Programa de Troca de Seringas para a margem do bairro, uma vez que o mesmo estava sob a gestão do mercado das drogas. As respostas começaram inicialmente pelas fronteiras invisíveis dos bairros.

Só anos depois, os profissionais de saúde começaram a ir ao encontro das PUD, que viviam em tendas transformadas em salas de injeção improvisadas, levando informação, curativos e dicas sobre formas de injeção seguras, e posteriormente levando um programa de metadona de baixo limiar de exigên-

cia, reduzindo o consumo de heroína com respostas alternativas aos tratamentos que tivessem como o fim único, a abstinência ou que condicionassem o cuidado à interrupção do uso de drogas.

É neste contexto que começaram a acontecer em Lisboa as primeiras aproximações ao conceito de redução de danos, numa perspectiva muito clínica, levando um pouco do conceito de tratamento para a rua.

Ao longo dos difíceis anos 90 e com o crescimento de pessoas detidas por delitos associados ao tráfico e ao consumo, do aumento de casos de VIH entre as PUD, a política de saúde começou a dirigir-se cada vez mais para a intervenção na rua de forma a dar resposta a estas populações. A pressão social sobre políticos era avassaladora, não só pela preocupação ao nível da saúde pública, mas essencialmente pelo receio e insegurança trazidos para os media de todos os que viviam nos *territórios psicotrópicos*. Uma das questões determinante na mudança de paradigma foi a transversalidade social do consumo, ou seja, não era um problema de uma classe social específica, era um problema de todos. Todos conheciam alguém nas suas relações que tinha "problema com drogas", independentemente do credo, profissão ou partido político, e isso foi determinante nas decisões tomadas.

Em 98, foi criada pelo governo português uma comissão de peritos para reorientar a "luta contra as drogas". Foi elaborado o documento Estratégia Nacional de Luta Contra a Droga, cujos princípios do Humanismo e do Pragmatismo permitiram ao legislador passar a olhar as PUD como casos de saúde. Alterando a tutela nesta matéria para o Ministério da Saúde e criando as Comissões de Dissuasão da Toxicoddependência, segundo a Lei N° 30, de 2000. Nesse contexto, o paradigma da redução de danos que já estava nas ruas, ganhou força como uma das respostas da saúde, tornando-a mais integrada na cidade e contribuindo para transpor a fronteira invisível do estigma. Era preciso regulamentar e reconhecer as respostas formalmente e para isso o legislador criou o dec-lei 183/2000, que não só reconheceu e descreveu pormenorizadamente as intervenções, como as tipificou, permitindo formas de financiamento para garantir que exista uma in-

tervenção de outreach, a fim de fazer a ponte entre as PUD nos territórios com as equipas de tratamento do Ministério da Saúde – Médicos de Família, respostas hospitalares e na rede específica da política de drogas.

Assim sendo, em Portugal, a redefinição da rede de respostas sociais faz parte de uma reforma democrática dessa sociedade, que transformou a política de drogas em curso até ganhar expressão no campo legal com a Lei nº 30, de 2000, referente à descriminalização da PUD com uma tipificação que considera uma quantidade específica para consumo de qualquer droga para até dez dias<sup>1</sup>. Contudo, neste período de política de austeridade económica, o Acórdão do Supremo Tribunal de Justiça nº 8, em 2008, redefiniu a atribuição de crime de tráfico para doses superiores aos dez dias.

Segundo a Portaria Nº 94, de 26 de março de 1996, houve a definição de limites tolerados para uma dose média diária de todas as drogas, que foi utilizada a partir da execução da Lei Nº 30, de 2000. Assim, as quantidades aplicadas para até dez dias foram: 1g heroína, 1g metadona, 2g morfina, 2g de cloridrato de cocaína, 25 g de cannabis (folhas e sumidades floridas ou frutificadas), entre outras drogas.

### **3.2 A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA NA POLÍTICA DE DROGAS: A REDUÇÃO DE DANOS COMO ÉTICA DO CUIDADO**

Tal como em Portugal, o Brasil construiu a sua rede de saúde para os consumidores de álcool e outras drogas através da implementação do seu sistema público de saúde, em grande parte provocado pela epidemia do VIH/SIDA. Aliás no Brasil a criação da sua rede de saúde não especifica quem é a PUD e quem deve exercer a liderança institucional da política de droga – a saúde pública ou a política criminal.

A atual Lei nº 11.343, de 2006 (Brasil, 2006) continua a integrar na sua constituição, premissas de punição e criminalização do consumo e das PUD.

O simples ato do uso de drogas constitui-se como crime, embora não esteja previsto uma pena de detenção para a PUD. Esta combinação tensa entre liderança da saúde pública e da justiça criminal está na base dessa legislação.

Ao contrário, a redução de danos tornou-se uma estratégia de resposta democrática, na medida em que se propõe a potenciar o acesso às políticas sociais. Os trabalhadores da saúde nos serviços de proximidade pretendem aprofundar o conhecimento sobre o contexto sociocultural de consumo das substâncias, sem condicionar o apoio, ou torná-lo em exigência ou meta à abstinência. E nesse sentido, que contribuí para o acesso às outras políticas sociais, tendo “como princípio fundamental o respeito de escolha do indivíduo” (Nardi: Rigoni, 2005: 274).

Embora a redução de danos tenha sua origem numa perspetiva de saneamento, não havia a sua integração entre os serviços de saúde e as PUD, que mantinham muitas dificuldades no acesso aos serviços de saúde de forma continuada. A partir do final de 89, tiveram início os Programas de Trocas de Seringas (PRD), com os Agentes Redutores de Danos, integrando-se a perspetiva de trabalho com pares, sendo essencial para realização da abordagem às PUD.

A partir do início do século XXI, as experiências dos PRD's abriram a discussão sobre as respostas às PUD, e incluíram o problema das drogas enquanto uma questão de saúde pública pelo Ministério da Saúde, contribuindo para a criação da “Política para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas”, em 2003. Nesta política, a redução de danos deixa de ser um programa, para se tornar “[...] base e orientação ético-política da nova política” (Lima; Tavares, 2012:14). O reconhecimento pelo sector da saúde pública, enquanto pilar da política e das respostas sociais, mantém-se como estratégia para o fortalecimento e promoção na área de consumo. Este momento também ficou marcado pela aproximação da redução de danos na área da saúde mental. Até então, o processo de desinstitucionalização da Reforma Psiquiátrica teve como foco, os longos internamentos nos hospitais psiquiátricos, afastando a inclusão do tratamentos dos consumidores de



álcool e outras drogas na agenda da saúde mental (Lima; Tavares, 2012:17). A redução de danos surge como um paradigma ético, clínico e político para a política de drogas, inserida na agenda da política de saúde mental brasileira.

As respostas na redução de danos são decisivas para a criação de direitos e participação das pessoas nos processos decisivos, que preconizam o sujeito como foco e não a substância e/ou a doença associada ao uso (Andrade, 2011).

A redução de danos é uma estratégia de promoção de saúde alternativa à lógica exclusiva de respostas para a abstinência ao incluir a diversidade dos princípios de saúde e sociais dirigida aos PUD. Não há uma definição única para redução de danos no Brasil, mas sim, vários princípios que servem de linhas orientadoras para a sua prática. Através dessa lógica as PUD são entendidos como cidadãos, com direito à proteção social, capazes de agir racionalmente e alterar seu comportamento. O principal objetivo é apoiar as PUD para que evitem práticas que possam agravar os riscos e danos e tornar as informações acessíveis a todos as PUD, de forma a estabelecer metas a curto prazo, contrariando a lógica das grandes metas a longo prazo (Lima; Tavares, 2012:16).

Apesar da forte linha proibicionista, ainda é possível observar uma expansão das práticas e dos espaços de intervenção ligados à prática da redução de danos, quando, por exemplo, não há restrições à utilização de serviços dirigidos a PUD injetáveis, e que incluem também as pessoas que as usam de forma continuada, como crack, álcool, cocaína aspirada, maconha, loló. (Nardi; Rigoni, 2005). Também nas linhas orientadoras da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), é possível constatar a presença da redução de danos dirigidas às intervenções de equipas multidisciplinares de médicos, enfermeiros, agentes comunitários de saúde e técnicos em odontologia.

Todavia, a partir de 2016 com a crise económica e política, o Sistema Único de Saúde tem sofrido alterações. O ciclo económico ao longo dos três primeiros governos do Partido dos Trabalhadores (2003-06, 2007-10, 2011-14) entrou em declínio no

ano de 2015. No âmbito do financiamento público do governo para a política de saúde, Oliveira (2017:11) identificou “[...]que a função Saúde nos últimos 10 anos absorveu do orçamento da União percentual que variou entre 3,5% e 4,0% com tendência crescente até 2014, e decrescente em 2015 e 2016”. O baixo investimento na saúde, mesmo antes da crise económica e política, em 2015, foi dirigida pelos interesses do financiamento do capital – a alocação do fundo público para o pagamento das taxas e juros da dívida pública em contraposição ao investimento no sector da saúde.

Nos governos Lula e Dilma, a prioridade para pagamento da dívida mantém-se representando em todos os anos, uma percentagem acima dos 45% [...]. Em 2015 foram gastos R\$ 571.63 bilhões com juros da dívida, valor correspondente a 6,2 vezes ao investimento do Ministério da Saúde em serviços públicos de saúde no mesmo ano. Esta escolha do governo demonstra a importância dessa rubrica no orçamento de Estado e como este está comprometido com a dívida (Oliveira, 2017:54-5).

Pode verificar-se uma combinação desigual entre as directrizes da redução de danos e a “[...] tradicional ênfase repressiva e proibicionista” (Rodrigues 2012:29), seja nas respostas sociais, seja na prática da intervenção, no investimento público, principalmente quando se analisa as mudanças realizadas na política de saúde mental aprovadas em dezembro de 2017, que aumentam o valor pago pelo SUS aos donos de hospitais psiquiátricos. Por outro lado, o Ministério da Justiça aumentou o financiamento de mais vagas em comunidades terapêuticas. Denota-se, assim, um movimento de “[...] continuidade repressiva” (Rodrigues 2012) nas respostas sociais e na política de drogas brasileira, apesar das fissuras provocadas pela redução de danos ao proibicionismo.

## **4.**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ano de 2015 tornou-se um marco para as orientações políticas e económicas em Portugal e no Bra-



sil. Em Portugal travou-se uma luta contra a política de austeridade, enquanto no Brasil radicalizou-se a orientação neoliberal sobre as políticas económicas e sociais. Para Braz (2016:13), “[...] parece que trocamos de lugar com os portugueses”, mas os desafios para a redução de danos são semelhantes, ainda que em contexto de resposta à crise contemporânea. Em resumo, podemos relacionar estes dois países, nas seguintes preocupações: baixa expectativa de integração dos novos trabalhadores e dos atuais desempregados nos sistemas de saúde, o envelhecimento dos trabalhadores ativos na saúde sem a necessária reposição dos quadros, declínio dos concursos públicos e aumento dos vínculos por contratos provisórios de trabalho, ofensiva contra a gratuidade das universidades públicas brasileiras, emigração dos jovens qualificados portugueses, risco do fortalecimento da justiça criminal na política de drogas e de uma base conservadora ideológica, falta de financiamento na política de saúde com impactos sobre o trabalho da redução de danos, fortalecimento dos serviços orientados exclusivamente para a abstinência às drogas.

Particularmente, Portugal, resultado de uma política de redução de danos iniciada nos anos 90, apresenta agora desafios de inovação, valorização e reconhecimento da rede de redução de danos como o grande bastião do sucesso da lei da descriminalização. Assim, neste momento quando pensamos nas PUD, o desafio está claramente ao nível de medidas de apoio à integração sócio-laboral de pessoas, muitas ainda com baixa escolaridade, e esta dificuldade agravou-se com o fim do Programa Vida Emprego, aquando da crise económica. Este programa destinava-se a apoiar pessoas que usavam drogas na sua reinserção ao mundo do trabalho. O próprio programa necessitava de ser revisto, uma vez que haviam pessoas capazes de integração, mantendo alguns dos seus consumos de drogas, e esta resposta apenas estava ao alcance daqueles que conseguiam estar abstinentes ou integrados em programa de substituição opiácea.

Impõe-se a questão do envelhecimento de uma população, que tendo sido apoiada por medidas de redução de danos e que aumentou a sua esperança média de vida, mas que neste momento se encontra mais doente (complicações de anos de consu-

mo ex. carcinoma do pulmão e fígado) e debilitada, necessitando de respostas ao nível dos cuidados paliativos e continuados e de respostas residenciais de longa duração. As respostas de longa duração não se encontram preparadas para acolher pessoas que usam ou usaram drogas e as comunidades terapêuticas, tal como estão pensadas, não são a solução para este problema.

Nos dois países, as questões de redução de danos essenciais para as PUD, consumo problemático e consumo recreativo, que são de serviços comunitários de testagem (drug testing) de substâncias para podermos reduzir efetivamente os danos associados as substâncias de corte existente nestas substâncias ilícitas. Estes serviços são essenciais para as PUD, mas também para a academia aprofundar o conhecimento das substâncias e fundamentar respostas para as PUD e para a comunidade em geral.

Às dificuldades dos utilizadores acrescem as dificuldades de financiamento das políticas públicas e dos projetos e a capacidade de inovar respostas mantendo as já existentes. O envelhecimento dos funcionários públicos e a não renovação das equipas que dão as respostas na rede de cuidados a esta população, não permite repensar novas respostas de cuidados, inovando também a própria rede de cuidados.

Particularmente, no Brasil, com o agravamento da agenda neoliberal e com o fortalecimento do lobby dos grupos religiosos conservadores, da psiquiatria tradicional e dos grupos económicos ligados ao complexo industrial-militar no Parlamento, ampliam-se as dificuldades para sustentar e alargar as respostas da redução de danos no âmbito do Sistema Único de Saúde. Contudo, uma geração de trabalhadores da saúde passou nas últimas três décadas a produzir práticas, ensinar, pesquisar e publicar as experiências e a orientação da redução de danos no País. Essa produção de conhecimento científico contribuí para articulações ético-políticas na defesa da saúde pública e na orientação de uma redução de danos vinculada com o aprofundamento de uma democracia política e económica, em contraposição ao pacote global de austeridade económica.

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

Andrade, Tarcísio Matos de (2001): **"REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS DE DROGAS NO BRASIL"**. Em: Revista Ciência e Saúde Coletiva. vol. 16, n. 12, pág. 4665-4674 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n12/15.pdf> (15 março 2018).

Brasil. Ministério da Saúde (2003): **"A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral aos Usuários de Drogas"**. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pns\\_alcool\\_drogas.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pns_alcool_drogas.pdf). (15 março 2018).

Brasil (2006): **"Lei nº 11.343, de agosto de 2006"**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm). (15 março 2018).

Braz, Marcelo (2016): **"Para a crítica da crise: diálogos com intelectuais e parlamentares da esquerda em Portugal"**. Curitiba: Ed. Prismas.

Cavaleiro, Diogo (2011): **"População em Portugal diminuiu em primeira vez na última década"**. Em: Negócios.pt. Disponível em: [http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/populaccedilatideo\\_em\\_portugal\\_diminiu\\_em\\_2010\\_pela\\_primeira\\_vez\\_na\\_uacuteltima\\_deacutecada.html](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/populaccedilatideo_em_portugal_diminiu_em_2010_pela_primeira_vez_na_uacuteltima_deacutecada.html). (04 fev. 2015).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017): **"Projeção do Brasil e das Unidades Federativas"**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/16131-ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-para-2017>. (27 abr. 2018).

Chaves, Miguel (1999): **"Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico: Marginalidade Econômica e Dominação Simbólica em Lisboa"**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais – ICS.

Fernandes, Luís (1998): **"O Sítio das Drogas — Etnografia das Drogas Numa Periferia Urbana"**. Lisboa: Editorial Notícias

Karam, Maria Lúcia (2005): **"Legislação Brasileira sobre Drogas: história recente – a criminalização da diferença"**. Em: Acselrad, Gilberta (ed) *Avessos do Prazer: drogas, AIDS e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, pág.155-164.

Instituto Nacional de Estatística, I.P (INE, I.P.) (2010): **"Portugal em Números 2010"**. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=137129486&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=137129486&PUBLICACOESmodo=2) (02 abr 2015).

Laurell, Asa Cristina (1982) [2014]: **"A saúde-doença como processo social"**. Em: Revista Latino Americana Salud, n. 2, pág. 7-25. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/23089490/574657748/name/saudedoenca.pdf>. (02 jan. 2002).

Lima, Rita de Cássia Cavalcante (2016): **"As políticas de saúde e de droga em Portugal e no Brasil em período de austeridade econômica"**. Em: Braz, Marcelo (ed). *Serviço Social Portugal-Brasil: formação e exercício em tempos de crise*. Campinas: Papel Social.

Lima, Rita de Cássia Cavalcante/Tavares, Priscilla (2012): **"Desafios recentes às políticas sociais brasileiras sobre as drogas: enfrentamento ao crack e proibicionismo"**. Em: Revista Argumentum, v. 4, n. 2, pág. 6-23. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/4659/3605> (15 março 2018).

Millet, Damien/Toussaint, Éric (2006): **"50 perguntas 50 respostas: sobre a dívida, o FMI e o Banco Mundial"**. São Paulo: Boitempo.

Nardi, Henrique Caetano/Rigoni, Rafaela de Quadros (2005): **"Marginalidade ou Cidadania? A rede discursiva que configura o trabalho dos redutores de danos"**. Em: Psicologia em Estudo. vol. 10, n. 2, pág. 273-282. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a14.pdf>. (15 março 2018).

Oliveira, Edineia Figueira dos Anjos (2017). **"Gastos da Política de Saúde Mental e os rumos da Reforma Psiquiátrica"**. Vitória: Programa de Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo.

Portugal. Administração Central do Sistema de Saúde (2016): **"Revisão de categorias de isenção e atualização de valores das taxas moderadoras"**. Disponível em: [http://www.acss.min-saude.pt/Portals/0/FAQ\\_taxas%20moderadoras\\_Abril%202016%2005%2005.pdf](http://www.acss.min-saude.pt/Portals/0/FAQ_taxas%20moderadoras_Abril%202016%2005%2005.pdf). (04 jul 2016).

Rodrigues, Thiago (2012): **"Política de drogas e a coragem da luta"**. Em: Revista Argumentum, v. 4, n. 2, pág. 24-33. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/4660/3599> (15 março 2018).

Sampaio, Christiane/Freitas, Deisi Sangoi (2013): **"Redução de Danos e SUS: enlances, contribuições e interfaces"**. Disponível em: <http://www.comunidadessegura.org.br/files/Reducao%20de%20Danos%20e%20SUS.pdf> (15 março 2018).

Sousa, Paulino Artur Ferreira de (2009): **"O sistema de saúde em Portugal: realizações e desafios"**. Em: Acta Paul Enferm, 22, especial – 70 anos, pág. 884-894. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22nspe/09.pdf>. (20 jul. 2015).

Varela, Raquel. (ed.) (2015): **"Autogestão e crise econômica na revolução portuguesa (1974-1975)"**. Em: Sociologia & Antropologia. Rio de Janeiro, v. 05, n. 02, pág. 479-499. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sant/v5n2/2238-3875-sant-05-02-0479.pdf>. (15 março 2018).

---

# 13

CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA  
DO SERVIÇO SOCIAL

---

## O SS e as carreiras profissionais na área da justiça juvenil em Portugal

---

### **MARIA ROSA TOMÉ**

Doutora em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra;  
doutoranda em Serviço Social no ISCTE-IUL.

### **ALCINA MARTINS**

Doutora e pós Doutora em Serviço Social pela PUC-SP.  
Professora Associada do ISMT

### **JORGE FERREIRA**

Doutor em Serviço Social. Diretor Doutoramento em Serviço Social e  
Subdiretor Departamento de Ciência Política  
e Políticas Públicas do ISCTE-IUL.

01

## RESUMO

---

A história do Serviço Social (SS) na justiça juvenil, em Portugal, foi marcada por particularidades/ambiguidades históricas, durante o Estado Novo, que importa elucidar – de um lado, os serviços da justiça eram chamados de serviço social da justiça e, de outro, havia profissionais denominados de assistentes sociais que não tinham a habilitação reconhecida pelo decreto de 1939. Só depois da Revolução de Abril foi devidamente inserida a carreira profissional dos assistentes sociais neste setor, de forma adequada às habilitações literárias.

As protoformas do Serviço Social surgiram em Portugal com os serviços de justiça juvenil, em 1911. A mais conhecida foi a dos delegados de vigilância (DV), mas referenciamos também a dos preceptores. Nos anos 1930 foram contratados assistentes sociais (AS) para diferentes serviços dependentes dos Serviços Jurisdicionais de Menores e nos anos 1950 foi criada a carreira de assistente social (AS) e auxiliar social, regulamentada na Organização Tutelar de Menores (OTM) de 1962. A formação profissional em Serviço Social (SS) para estes profissionais foi reclamada desde 1919, mas apenas foi ensaiada em 1928 e 1934 pelo Instituto de Orientação Profissional (IOP) e, a partir de 1955, foi oferecida pela Escola Prática das Ciências Criminais (EPCC). Sendo já claro que a institucionalização do SS português se deu a partir de 1935, com a criação, primeiro do Instituto de Serviço Social (ISS) de Lisboa e, depois, da Escola Normal Social de Coimbra (ENS C),

Estes diplomados não foram recrutados pelo sistema de justiça da infância até à Revolução de 1974, ficando identificado na investigação até agora desenvolvida que, ao longo de todo o período do Estado Novo, o SS da justiça foi desenvolvido por assistentes sociais com formação profissional adquirida nas instituições acima identificadas. O destino dados a estes profissionais, aquando do reconhecimento da formação académica dos ISSS para a área da justiça, foi com a criação de carreira própria. O Estado social de direito após a Revolução criou a carreira Técnica de Serviço Social para os AS, mas a partir de 1995 extingue-se e os AS integram equipas interdisciplinares.

**PALAVRAS CHAVE:** Serviço Social, justiça, formação académica, formação profissional.

## ABSTRACT

---

The history of Social Work (SS) in juvenile justice, in Portugal, was marked by historical peculiarities / ambiguities, during the Estado Novo, which must be clarified - on the one hand, justice services were called the social service of justice and, on the other hand, there were professionals called social workers who did not have the qualifications recognized by the 1939 decree. Only after the April Revolution was the professional career of social workers in this sector duly clarified, in a manner appropriate to educational qualifications.

In juvenile justice services, protoforms of Social Work appeared in Portugal in 1911. The best known was that of the delegates of surveillance (DV), but we also refer to that of the prefects. In the 1930s, social workers (AS) were hired for different services dependent on the Jurisdictional Services for Minors and in the 1950s, the career of social worker (AS) and social worker was created, regulated by the 1962 Tutelary Organization for Minors (OTM). Professional training in Social Work (SS) for these professionals has been claimed since 1919, but was only rehearsed in 1928 and 1934 by the Institute of Professional Guidance (IOP) and, from 1955, it was offered by the Practical School of Criminal Sciences (EPCC). It is already clear that the institutionalization of the Portuguese SS took place from 1935, with the creation, first of the Lisbon Social Work Institute (ISS) and, later, of the Normal Social School of Coimbra (ENSC), the profession born here did not give access to the SS of the child justice system until 1974, being identified in the research developed so far that, throughout the entire Estado Novo period, the SS of justice was developed by social workers with professional training acquired in the institutions identified above. The fate given to these professionals when recognizing the academic training of the ISSS for the area of justice, was with the creation of their own career. The social state of law after the Revolution created the Technical Career in Social Work for the AS, but as of 1995 it was extinguished and the AS were part of interdisciplinary teams.

**KEYWORDS:** Social Work, justice, academic training, professional qualification.

## INTRODUÇÃO

Para Baptista, o “processo de construção da prática do SS (...) é qualitativamente diferente em cada país, em cada momento (...) [porque se dá numa] estrutura resultante do conjunto das relações e do modo de domínio que se estabelece entre elas, bem como das suas contradições” (2016: 16). A sua complexidade não é interna, mas resultado das práticas sociais mais amplas.

A institucionalização do SS confunde-se com a criação do tribunal de menores de Illinois (Valente, 2009). É com a luta de Addams e suas companheiras da Hull House contra o trabalho infantil, pela defesa da escolaridade obrigatória, pela retirada das crianças das *poorhouse* e outras prisões de adultos, que se institucionaliza o atendimento especializado das crianças imigrantes/estrangeiras infratoras, nas esquadras das polícias americanas, os *probation officers*. Alguns autores sinalizam aqui a origem do SS forense (Stutterheim & Weyers, 1999). O Serviço Social da justiça desenvolveu-se seguidamente com funções de apoio aos tribunais e à execução das penas e medidas judiciais, tanto de liberdade vigiada como de internamento.

Em Portugal, a institucionalização do SS ocorre no Estado Novo, quando já estavam instituídas as lutas em defesa da infância, a imposição da lei dos Códigos, Civil e Penal, apoiadas no conhecimento científico sobre/para a infância, que subsidiou a criação do sistema de justiça juvenil na Primeira República. O sistema e as carreiras profissionais criadas foram “adaptados” depois à ideologia ditatorial e corporativista e marginais à formação reconhecida pelo próprio Estado.

Trazemos um contributo à construção da história do SS no sistema judicial, identificando os principais marcos da inserção e desenvolvimento das carreiras profissionais do chamado serviço social na justiça juvenil, a sua formação profissional, paralela à formação académica regulamentada por decreto de 1939 e o seu destino depois de Abril de 1974. O Estado Social deu lugar de destaque aos AS, clarificando de forma inspiradora face ao contexto atual, a situação do “antigos” assistentes sociais. Posteriormente, o Estado neoliberal trouxe novos enquadramentos ao SS na justiça.

A institucionalização da proteção sociojudicial à infância e o SS em Portugal: As preocupações com a infância tiveram ampla expressão mundial, mobilizando congressos internacionais onde Portugal teve presença e resultaram da desenvoltura de novas disciplinas (médicas, jurídicas, psicológicas, pedagógicas e sociais) e de novas profissões (professor, enfermeiro, assistente social), num período em que os ideais de justiça apontavam para um reformismo dos sistemas penais e policiais de atendimento à pobreza, essencialmente no espaço urbano e, portanto, para novas formas de controlo social dos problemas (Tomé, 2013).

As instituições do sistema de justiça juvenil em Portugal foram criadas em 1911 na dependência da Direção Geral dos Serviços Prisionais, da qual se autonomizaram apenas em 1933, com a criação da Direção Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores. Nos anos 1940 as instituições republicanas da assistência foram substituídas por instituições corporativistas, para controlo e assistência à família, à maternidade e à criança (Pimentel, 1999). As instituições judiciais foram revistas em 1962. Aos refúgios sucederam os Centros de Observação e às casas de correção e reformatórios, os institutos de reeducação, para o cumprimento de medidas judiciais de internamento (OTM 1962). Apresentamos melhor explicitação da trajetória das instituições no quadro n.º 1, em apêndice.

Os DV e os preceptores foram as primeiras profissões dos serviços judiciais que, depois da Revolução de Abril de 1974, foram assumidas por AS. Os Delegados de Vigilância eram um corpo polícia especial, distinto da guarda. Conduziam os menores à tutoria e faziam o inquérito relativo aos jovens e seus pais. Foram as/os assistentes e auxiliares sociais que lhes sucederam e, no geral, esperava-se que informassem a tutoria sobre a condição social e familiar das crianças e jovens, enquanto os preceptores trabalhavam nos internatos, com o objetivo de organizar a vida comunitária e escolar dos jovens institucionalizados.

Entre as primeiras DV contam-se destacadas personalidades feministas, republicanas, sufragistas e maternalistas. Maria Veleda foi a primeira DV (1912-1918). Em 1933 Elina Guimarães era DV voluntária da



Tutoria de Lisboa e AS da FNPI. Não “cabe” neste texto a apresentação do trabalho destas mulheres.

Segundo Santos (1932), os contratados eram poucos para as solicitações que lhes eram dirigidas, e por isso havia também uma vasta lista de voluntários. Ainda assim, não podiam fazer o trabalho necessário, contratando-se os primeiros assistentes sociais para o Refúgio Masculino e Feminino da Tutoria da Infância de Lisboa, para uma intervenção centrada na família dos menores.

Por outro lado, havia serviços de beneficência que colaboravam com os tribunais: lares de patronato, de semiliberdade, casas de trabalho e outros que contavam com AS, algumas das quais “verdadeiras”<sup>1</sup>, quer dizer, com formação nos ISS. A FNPI (1925-2002), Federação de instituições públicas e privadas era um serviço da DGSJM que, entre outras funções, financiava os recursos humanos das instituições que colaborassem com as decisões das tutorias. Estes, os “verdadeiros”, entraram em 1979 no sistema de justiça. O Estado Social enquadrou-os devidamente na carreira técnica de Serviço Social (TSS), mas a extinção da DGSTM e integração dos seus quadros no IRS, conduziu os AS às equipas Técnica Superior de Reinserção Social (TSRS).

A Formação em Serviço Social e as carreiras profissionais: Os DV e os preceptores eram grupos profissionais heterogéneos, recrutados na República preferencialmente entre os professores de liceu e, no Estado Novo, sem qualquer critério académico. Em 1928 e 1934 tiveram a primeira formação de SS no IOP. Em 1955, a EPCC, uma escola de formação da polícia, organizou novos cursos e contou com AS no seu grupo de professores. Aos aprovados era passado um diploma de assistente social vitalício pelo diretor geral (anexo 1). Designamos formação profissional a este quadro formativo, paralelo à formação oferecida pelos ISSL e ENS de Coimbra. A ver:

1. Replicamos esta terminologia, usada pela primeira assistente social que trabalhou na DGSTM em 1974, Cecília Campos, em entrevista cedida em 17 de junho de 2017, no âmbito da pesquisa que temos em curso. Quando entrou no primeiro dia para se apresentar ao trabalho, no Gabinete de Estudos da DGSTM, o Diretor Geral dirigiu-se a ela e perguntou: “A senhora é Assistente Social? Das verdadeiras?”

**TABELA N.º 1**  
FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

FORMAÇÃO PROFISSIONAL	FORMAÇÃO ACADÉMICA
1928 e 1934 – 3 cursos do Instituto de Orientação Profissional	1935 – Instituto de Serviço Social de Lisboa 1937 – Escola Normal Social de Coimbra
A partir de 1955 – cursos da Escola Prática das Ciências Criminais (EPCC)	1956 – Instituto de Serviço Social do Porto 1964 - ISCSPU

Fonte: elaboração própria a partir da literatura de referência sobre a formação académica, da Revista do IOP e da lei da EPCC.

Depois da Revolução de Abril e com a organização, primeiro da carreira Técnico de Serviço Social e, depois de Técnico Superior de Reinserção Social, houve que dar destino aos anteriormente contratados. Em 1979 efetivou-se a separação destes profissionais dos quadros do SS, sendo enquadrados como Orientadores Sociais e, em 1982, como TOES. Os seus lugares extinguiram-se a cada saída.

Assim temos:

**TABELA N.º 2 (A)**  
DE DELEGADOS DE VIGILÂNCIA A TÉCNICOS DE ORIENTAÇÃO ESCOLAR E SOCIAL

ANTES DE 1978	DEPOIS DE 1978
Delegados de Vigilância Agentes de Assistência e Vigilância Social Assistentes Sociais e Auxiliares Sociais	Orientadores Sociais (1979) Técnicos de Orientação Escolar e Social (TOES) (1982)
OTM 1978/IRS 1995	
Assistentes Sociais	Técnicos de Serviço Social (TSS) - 1978 Técnicos Superiores de Reinserção Social

**TABELA N.º 2 (B)**  
DE PRECEPTORES A TÉCNICOS DE ORIENTAÇÃO ESCOLAR E SOCIAL

ANTES DE 1978	DEPOIS DE 1978
- Preceptores - Educadores	Técnicos de Orientação Escolar e Social (TOES)
OTM 1978/ IRS1995	
Assistentes Sociais	Técnicos de Educação (TE) - 1978 Técnicos Superiores de Reinserção Social - 1995



Foi a integração pelo quadro de Adidas de uma AS no Gabinete de Estudos da DGSTM, que finalmente permitiu a profissionalização do SS como TSS e TE. A partir de 1995, a integração da DGSTM no IRS passou os AS para as carreiras interdisciplinares dos TSRS.

**REFLEXÃO FINAL:** A preocupação republicana com a qualificação dos profissionais da infância foi evidenciada pela preferência pelos professores como profissionais de excelência para a regeneração das crianças e suas famílias (Tomé, 2003). Já o Estado Novo acentuou a dimensão policial do controlo social, chamando de AS aos formados pela EPCC, escola das polícias portuguesas.

Com a Revolução de Abril e a consequente descolonização entrou no Gabinete de Estudos da DGSTM uma AS formada em Angola que criou a carreira Técnica de Serviço Social e Técnico de Educação, a recrutar de entre os habilitados com diploma dos ISSS. A solução para os “assistentes sociais” da escola das polícias foi reclamada por estes e reorganizada de forma a garantir o prometido trabalho “vitalício”. Inspirador para os dias de hoje, marcados novamente pela reminiscência de assistentes sociais que integraram os serviços públicos e privados após 2008, com a extinção da carreira dos Técnicos Superiores de Serviço Social, que urge reorganizar.

APÊNDICE

QUADRO N.º 1: INSTITUIÇÕES JUDICIAIS E SOCIAIS PÚBLICAS DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA 1911-1978

PRIMEIRA REPÚBLICA		
	<i>Instituições Judiciais</i>	
1911 (LPI)	Tutoria da Infância Refúgios anexos Federação Nacional dos Amigos e Defensores da Criança (FNADC)	
1915		Instituto de Assistência
1916		Ministério do Trabalho e Segurança Social
1919	Inspeção Geral de Assistência a Menores Desamparados e Delinquentes (1919-1923) Inspeção Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores (1919-1933) Comissões do Patronato	
1925 (Revisão LPI)	Tutorias da Infância Casas de Correção (CC) + Reformatórios Instituições de Proteção à Infância (FNIPI)	
DITADURA		
1931		<i>Direção Geral da Assistência</i>
1933	Direção Geral dos Serviços Tutelares de Menores (DGSTM)	
1935		Organização Nacional para a Defesa da Família
Anos 1940		Instituto de Assistência à Família (IAF) Instituto Maternal (IM) Instituto de Assistência a Menores (IAM)
1962 (OTM)	Tribunal de Menores Centros de Observação (CO) Institutos de Reeducação (IR) FNIPI	

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

Arquivo da Direção Geral da Reinserção e Serviços Prisionais

Arquivo Nacional da Torre do Tombo:

Arquivo do NUDD – Núcleo de Documentação e Divulgação da Direção Geral da Segurança Social do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social do Gabinete de Estratégia e Planeamento

Fontes impressas:

A Mulher e a Criança. Revista mensal. Órgão da Liga Republicana da Mulheres Portuguesas – 1909-1911

Boletim do Instituto de Orientação Profissional “Maria Luísa Barbosa de Carvalho” – 1928-1938

Boletim Oficial do Ministério da Justiça – 1932 a 1979

O Jornal da Mulher – 1911 – 1930

Portugal Feminino, 1933.

Legislação vária

Baptista, Myrian Veras (2001). *A investigação em Serviço Social*. Lisboa e São Paulo, CPIHTS e Veras Editora.

Caeiro, António Miguel (1958). *“A preparação e formação do pessoal dos serviços jurisdicionais de menores, e da polícia judiciária em alguns países da Europa”*. Em Boletim da Administração Penitenciária e dos Institutos de Criminologia, n.º 3, julho, p. 41-125.

Iamamoto, Marilda Vilela (2009). *“Os Espaços sócio-ocupacionais do Serviço Social”*. Em: Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social e Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, p. 341-375.

Pimentel, Irene Flunser (1999) *“A Assistência Social e Familiar no Estado Novo nos Anos 30-40”*. Em Análise Social, vol. XXXIV (151-152), (2.º-3.º).

Santos, Beleza (1932). *“Algumas considerações sobre o Serviço Social”*. Separata do Boletim da Faculdade de Direito. Coimbra, Coimbra Editora, L.da

Stutterheim, E. & Weyers, M.L. (1999). *“Forensic Social Work: with special reference to the Forensic Social Work service of the Saps*. In Social Work/Maatskaplike Werk; 35 (1), pp. 11-21.

Tomé, Maria Rosa (2003). *A criança e a delinquência juvenil na Primeira República*. Lisboa CPIHTS.

Tomé, Maria Rosa (2013). *A justiça e a cidadania infantil em Portugal (1820-1978) e a Tutoria de Coimbra*. Tese doutoramento em Letras, especialidade História Contemporânea. Em [https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/23812/3/Tese\\_RosaTom%C3%A9.pdf](https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/23812/3/Tese_RosaTom%C3%A9.pdf)

Valente, Maria Luíza (2005). *“O Serviço Social e a expansão do judiciário”*. Em: Libertas, Revista da Faculdade de Serviço Social UF/JF, vol. 4 e 5, n.º especial, 43-67. DOI: 10.34019/1980-8518.2004.v4.18132



APSS — ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇO SOCIAL

Rua Alberto Sousa n° 8  
1600- 002 Lisboa PORTUGAL  
Tel 215 807 569 // Tlm 912269893

<https://www.apss.pt/>  
<https://www.facebook.com/APSS.SERVICOSOCIAL>  
[apss.servicosocial@gmail.com](mailto:apss.servicosocial@gmail.com)

ISBN 978-972-95805-6-7



9 789729 580567